

Agradecimentos

Naidea Nunes Nunes

Na realização deste trabalho, tivemos o apoio de algumas pessoas que, pela importância que assumiram, não podemos deixar de agradecer.

Em primeiro lugar, os nossos agradecimentos ao Prof. Dr. Ivo Castro pela preciosa orientação sempre atenta, paciente e amiga que permitiu a execução desta dissertação de Mestrado. Agradecemos também ao Dr. Alberto Vieira, investigador do Centro de Estudos de História do Atlântico, todo o apoio e disponibilidade, assim como todas as informações documentais e bibliográficas sobre a história da Madeira, que constituíram uma ajuda fundamental na elaboração do

Antroponímia primitiva da Madeira**(séculos XV e XVI)**

Dissertação apresentada
à Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa
para obtenção do grau de
Mestre em Linguística

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
1996

142172
UNIVERSIDADE DE LISBOA
LINGÜÍSTICA
FACULDADE DE LETRAS
96-06-26
of

Agradecimentos

Na realização deste trabalho, tivemos o apoio de algumas pessoas que, pela importância que assumiram, não podemos deixar de agradecer.

Em primeiro lugar, os nossos agradecimentos ao Prof. Dr. Ivo Castro pela preciosa orientação sempre atenta, paciente e amiga que permitiu a execução desta dissertação de Mestrado. Agradecemos também ao Dr. Alberto Vieira, investigador do Centro de Estudos de História do Atlântico, todo o apoio e disponibilidade, assim como todas as informações documentais e bibliográficas sobre a história da Madeira, que constituíram uma ajuda fundamental na elaboração do presente trabalho. Agradecemos ainda ao Prof. Dieter Kremer da Universidade de Trier todo o apoio e interesse que manifestou pela realização desta dissertação.

“Originário de necessidade imperiosa, qual a de comunicarmos uns com os outros nas inúmeras relações da vida quotidiana, o nome, ou na sua unidade, ou em cada um dos elementos que o compõem, reflecte vários aspectos d’essa vida, e respectiva história. Ajuda-nos, ao invés, o seu estudo a penetrar muitas vezes nas reconditas trevas do passado.”

Leite de Vasconcelos (1928:567)

“Dans les pays où les noms de personnes ont une certaine ancienneté un grand nombre de ceux-ci permet de reconstituer des formes et des types qui ne figurent plus dans la langue actuelle. L’examen des anthroponymes est utile à l’histoire de la langue et à l’étude des étymologies.”

Vroonen (1967:28)

“Der Familiennamenschatz ist statisch, er repräsentiert die Namengebung vergangener Epochen; der aktuelle Rufnamenschatz ist dynamisch, er ist fortlaufenden Aktualisierungen ausgesetzt, gleichzeitig setzt er alte Traditionen fort.”

Dieter Kremer (1992:464-465)

Índice

Antroponímia primitiva da Madeira (séculos XV e XVI)

Introdução.....	1
-----------------	---

Capítulo I

Antroponomástica: terminologia, classificação e estrutura dos antropónimos

1. Terminologia proposta.....	6
2. Classificação dos <i>prenomes</i>	10
3. Classificação dos <i>segundos nomes</i>	13
3.1. <i>Segundos nomes-patronímicos</i>	13
3.2. <i>Segundos nomes-religiosos</i>	17
3.3. <i>Segundos nomes-geográficos e étnicos</i>	17
3.4. <i>Segundos nomes-alcunhas</i>	20
4. Estrutura dos antropónimos nacionais de pessoas livres.....	27
5. Estrutura dos antropónimos de escravos.....	29
6. Os <i>segundos nomes</i> de estrangeiros. Aportuguesamento das formas estrangeiras.....	34

Capítulo II

Aspectos da grafia, fonética, morfologia e sintaxe da antroponímia primitiva da Madeira

1. Grafia e fonética.....	47
1.1. Vocalismo.....	49
1.1.1. Alternância entre as grafias <i>/<e> e <u>/<o>.....	49
1.1.2. Assimilações e dissimilações vocálicas à distância.....	51
1.1.3. Vogais geminadas.....	52
1.1.4. Representação gráfica dos fonemas /i/ vogal e /j/ semivogal.....	54
1.1.5. Monotongações e ditongações.....	54
1.1.6. Epêntese de vogais.....	57
1.2. Consonantismo.....	57
1.2.1. Representação gráfica das consoantes sibilantes.....	57
1.2.2. Representação gráfica da consoante fricativa labiodental sonora /v/ e confusão com /b/.....	62
1.2.3. Representação gráfica da consoante fricativa palatal sonora.....	64
1.2.4. Representação gráfica das consoantes oclusivas velares sonora e surda.....	65
1.2.5. Alternância gráfica entre consoantes simples e duplas.....	66
1.2.6. Metáteses do fonema /r/ e alternância entre as consoantes líquidas /r/ e /l/.....	67
1.2.7. Representação gráfica da consoante palatal lateral e da consoante palatal nasal.....	68
1.2.8. Representação gráfica da consoante africada palatal surda.....	69
1.2.9. Alternância entre a presença e a ausência da grafia <h> e grafias latinizantes.....	71
1.3. Representação gráfica da nasalidade e terminações nasais.....	71

2. Morfologia e sintaxe.....	75
2.1. Os <i>prenomes</i>	75
2.1.1. Formas proclíticas.....	77
2.1.2. Formas divergentes.....	80
2.2. Os <i>segundos nomes-patronímicos</i>	82
2.3. Os <i>segundos nomes-religiosos</i>	90
2.4. Os <i>segundos nomes-geográficos e étnicos</i>	90
2.5. Os <i>segundos nomes-alcunhas</i>	93

Capítulo III

Os *segundos nomes-geográficos* e a discussão histórico-dialectal do povoamento do arquipélago da Madeira

1. A importância dos <i>segundos nomes-geográficos</i>	97
2. Localização geográfica dos <i>segundos nomes</i> de origem toponímica.....	98
3. Predominância dos colonizadores nortenhos no povoamento do arquipélago da Madeira.....	107
4. Estudos históricos e etnográficos anteriores que confirmam a predominância nortenha dos povoadores da ilha da Madeira.....	108
5. A origem geográfica do povoamento e os “dialectos madeirenses” - o conceito de “koinê”.....	114

Conclusão.....	120
----------------	-----

Anexos

Organização dos quadros antroponomásticos.....	129
Quadro nº 1 <i>Prenomes</i>	132
Quadro nº 2 <i>Segundos Nomes-Patronímicos</i>	141
Quadro nº 3 <i>Segundos Nomes-Geográficos e Étnicos</i>	144
Quadro nº 4 <i>Segundos Nomes-Alcunhas</i>	154
Quadro nº 5 <i>Segundos Nomes-Religiosos</i>	162
Quadro nº 6 Estrangeiros.....	163
Quadro nº 7 Localização Geográfica.....	168

Bibliografia

1. Fontes documentais directas e indirectas.....	211
2. Estudos históricos.....	211
3. Estudos linguísticos.....	216
4. Dicionários.....	220

Introdução

O estudo da antroponímia primitiva da Madeira, a partir de fontes dos séculos XV e XVI, pretende contribuir para o projecto "Onomástico Português e Românico", que reúne oito investigadores e está a recolher materiais portugueses antigos e modernos que farão parte do *Dicionário Histórico dos Nomes de Família Românicos* (dicionário PatRom). Este dicionário tem como objectivo fazer o inventário lexical da totalidade da antroponímia das línguas românicas desde a Idade Média até hoje. O projecto envolve equipas de nove países europeus e é liderado internacionalmente pelo Prof. Dieter Kremer da Universidade de Trier, Alemanha.

O nosso estudo integra-se no âmbito da lexicologia, mais especificamente na onomástica (estudo dos nomes próprios). Dentro da onomástica interessa-nos particularmente a antroponomástica como ciência que estuda a antroponímia, ou seja, os nomes próprios de pessoas. No entanto, não podemos deixar de fazer referência à toponomástica, mais concretamente à topo-antroponímia, isto é, aos topónimos que estão na origem dos antroponímios que classificámos como *segundos nomes-geográficos*. Estes são, inicialmente, atribuídos aos indivíduos deslocados da sua terra de origem, por isso são muito frequentes nos primeiros documentos redigidos na ilha, indicando a naturalidade dos povoadores nacionais e estrangeiros que se fixaram no arquipélago da Madeira.

O povoamento do arquipélago da Madeira iniciou-se a partir do segundo quartel do século XV, nas costas meridionais da ilha da Madeira. Sabemos da sua irradiação a partir dos pequenos núcleos de Machico e do Funchal, sedes das respectivas capitánias, alastrando rapidamente por toda a costa meridional, e dando origem a povoações em Santa Cruz, Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Ponta do Sol e Calheta. Quanto ao Porto Santo, a sua limitada superfície e as adversidades do seu clima fizeram com que esta ilha se mantivesse numa posição secundária, isto é, com um menor desenvolvimento demográfico e económico.

Desde a segunda metade de quatrocentos até finais do século XVI, a população da ilha da Madeira apresenta um ritmo contínuo de crescimento, o que levou à criação de paróquias. No século XV, surgiram as paróquias de Machico, Santa Cruz, S. António, N. S. do

Calhau (no Funchal), Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Ponta do Sol e Calheta, localidades da costa meridional da ilha, onde se fixaram os primeiros povoadores. E, na primeira metade do século XVI, surgiram as paróquias de Água de Pena, Caniçal, Gaula, Caniço, Faial, Santana, S. Jorge, Ponta Delgada, S. Vicente, Sé do Funchal, Estreito de Câmara de Lobos, Arco da Calheta, Fajã da Ovelha e Ponta do Pargo. O ritmo de criação de paróquias é uma das formas possíveis de conhecer o crescimento da população. Verificamos que a evolução paroquial privilegia a costa sul em geral e o concelho do Funchal em particular, centro económico e demográfico que é elevado a cidade em 1508.

O rápido crescimento demográfico da ilha da Madeira está associado ao seu desenvolvimento económico. A importância económica do arquipélago da Madeira está patente nas diferentes culturas introduzidas nesta ilha, cuja abundância permitiu a exportação desses produtos para o reino e para outros países da Europa. A produção açucareira contribuiu para o crescente aumento da população na ilha da Madeira. À população de origem portuguesa, que chegou do reino em grandes levas, atraída pela riqueza do açúcar, vieram juntar-se inúmeros escravos trazidos da África negra, de Marrocos e das Canárias para a cultura sacarina. A esta população juntaram-se ainda os estrangeiros de vários países da Europa, principalmente italianos, mas também muitos franceses, flamengos e castelhanos, atraídos pelo comércio do "ouro branco". São muitos os estrangeiros que, entre finais do século XV e meados do século XVI, fixaram a sua residência na ilha da Madeira. A sua fixação e vizinhança realiza-se através da compra de propriedades e através do casamento com mulheres madeirenses.

Pretendemos, com este trabalho, fazer o levantamento e classificação dos antropónimos dos povoadores nacionais, dos estrangeiros e dos escravos, estantes e residentes no arquipélago da Madeira, a partir de fontes documentais dos séculos XV e XVI. A recolha dos antropónimos, realizada a partir da leitura dos documentos (e não a partir dos respectivos índices onomásticos, pois procurámos registar todas as variantes de cada unidade antroponomástica), foi feita a partir de publicações de manuscritos originais, relativos ao arquipélago da Madeira, que se encontram no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e no Arquivo Regional da Madeira. As publicações dos documentos que utilizámos pareceram-nos, em geral, fiáveis, uma vez que seguem os critérios de transcrição paleográfica internacionais. No entanto, consultámos os manuscritos sempre que necessário esclarecer grafias

duvidosas. Procurámos utilizar três fontes documentais para o século XV e três para o século XVI, embora algumas das fontes apresentem documentos relativos aos dois séculos. Para o século XV, utilizámos as *Vereações da Câmara Municipal do Funchal (século XV)*.¹ Trata-se da publicação de sete livros de vereações e sete fragmentos que abrangem o período de 1470 a 1497. Utilizámos também, como fonte documental directa relativa ao século XV, o *Livro dos Estimos de 1494*.² Trata-se do *Livro do almoxarifado dos açucares das partes do Funchal*, do ano de 1494, que contém a estimativa da produção açucareira desse ano. Este documento, referente apenas à capitania do Funchal, fornece informações sobre os nomes dos proprietários e produtores de açúcar do Caniço, Funchal, Câmara de Lobos e Partes do Fundo (do Campanário até à Fajã da Ovelha). Utilizámos ainda os documentos do século XV e XVI do *Tombo Primeiro do Registo Geral da Câmara do Funchal*.³ Exclusivamente para o século XVI, utilizámos, como fonte documental directa, a publicação dos *Livros de Contas da ilha da Madeira (1504-1537)*.⁴ Trata-se da publicação de livros de almoxarifados (receitas e despesas), alfândegas (saídas) e registo da produção de açúcar. Estes livros fornecem informações sobre os mercadores e exportadores de açúcar nacionais e estrangeiros e sobre os mestres e proprietários de embarcações, por vezes, com indicação das respectivas naturalidades. Os documentos encontram-se ordenados por capitánias, sendo que a capitania do Funchal com dois almoxarifados - o da alfândega e o dos quartos (depois dos quintos) - apresentava quatro locais de registo ou comarcas (Funchal, Ribeira Brava, Ponta do Sol e Calheta). A capitania de Machico apresentava apenas um almoxarifado e respectiva alfândega em Santa Cruz. Utilizámos também, como fonte documental directa para o século XVI, os *Livros de Matrícula do Cabido da Sé do Funchal (1538-1558)*.⁵ Trata-se da publicação de quatro manuscritos que se encontram no Arquivo

¹ COSTA, José Pereira da, *op. cit.*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1995.

² RAU, Virgínia e MACEDO, Jorge de, "Livro dos Estimos de 1494", *O açúcar da Madeira nos fins do século XV. Problemas de Produção e Comércio*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1962.

³ Documentos editados por Cardoso de Sousa Melo, no *Arquivo Histórico da Madeira*, em cinco volumes publicados entre 1972 e 1990. Nos volumes I, II, III e IV, temos documentos datados de 1425 a 1517 copiados por Frei Diogo de Medina no primeiro quartel do século XVI. No quinto volume, temos documentos datados de 1510 a 1623, incluindo alguns documentos não datados do século XV. Estes documentos parecem pertencer a diferentes copistas, incluindo alguns da mão de Frei Diogo de Medina.

⁴ PEREIRA, Fernando Jasmins e COSTA, José Pereira da, *op. cit.*, I - *Almoxarifados e alfândegas*, Coimbra 1985 e II - *Registo da produção de açúcar*, Funchal, 1989.

⁵ COSTA, José Pereira da, *op. cit.*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1994.

Nacional da Torre do Tombo, pertencentes ao Arquivo do Cabido da Sé do Funchal, livros nº 29 e 30, e dois cadernos, cx. 4, nº 6 e 7. No primeiro livro nº 29, registaram-se os ordenandos à primeira tonsura conferida pelo bispo D. Ambrósio. O livro nº 30 contém os registos dos que receberam as quatro ordens menores conferidas pelo bispo D. Ambrósio. O caderno nº 6 é o registo de matrícula dos ordenados presbíteros pelo provisor e Vigário-Geral António da Costa. E o caderno nº 7 é o registo de matrícula dos ordenados subdiáconos pelo mesmo provisor e Vigário-Geral. Nos dois primeiros documentos, temos os *prenomes* dos ordenandos seguidos da indicação da filiação, ou seja, o nome completo dos pais, o que explica a omissão do *segundo nome* do ordenando. Os nomes dos pais dos ordenandos, já residentes na ilha, são acompanhados da indicação do local de residência e os que parecem ser novos povoadores apresentam indicação das respectivas naturalidades. Utilizámos ainda, como fonte documental indirecta para o século XVI, os quadros apresentados em anexo por Alberto Vieira no livro intitulado *Os escravos no arquipélago da Madeira (séculos XV a XVII)*.⁶ Consultámos os quadros relativos aos "Escravos e libertos nos registos de baptismo" e "Escravos e libertos nos registos de crismas" das várias paróquias do arquipélago da Madeira. Consultámos ainda o quadro nº 102 - "Os escravos segundo os testamentos" e o quadro nº 106 - "Proprietários de escravos". Excluímos as informações relativas ao século XVII, limitando a recolha dos antropónimos dos escravos e dos seus proprietários de 1473 a 1599. Estas fontes documentais directas e indirectas são documentos não literários de origem notarial, administrativa, alfandegária e eclesiástica, que apresentam grande interesse linguístico para o estudo da língua e da ortografia da época.

No primeiro capítulo, pretendemos discutir a terminologia usada e a classificação das diferentes unidades antroponomásticas registadas, assim como descrever a estrutura dos antropónimos nacionais de pessoas livres, os antropónimos de escravos e os *segundos nomes* de estrangeiros, comentando o aportuguesamento das formas estrangeiras. No segundo capítulo, pretendemos abordar alguns aspectos da grafia, fonética, morfologia e sintaxe da antroponímia primitiva da Madeira, tendo em conta as variantes gráficas, fonéticas e

⁶ VIEIRA, Alberto, *op. cit.*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1991. O autor utiliza como principais fontes documentais: os Registos Paroquiais de Baptismos, Casamentos e Óbitos; os Testamentos e os inventários *post-mortem* dos Núcleos das Misericórdias do Funchal e Calheta; o Juízo de Resíduos e Capelas (documentos que se encontram no Arquivo do Funchal). Dos documentos que se encontram no A.N.T.T. destaca-se o Núcleo do Convento de Santa Clara. Assim, apenas utilizámos parcial e indirectamente estes documentos.

morfológicas das unidades antroponomásticas, datadas e localizadas por fonte. Interessa-nos verificar se certas representações gráficas podem revelar realizações fonéticas variáveis que parecem indicar evoluções em curso que ocorrem desde muito cedo na ilha e a origem dialectal dos povoadores nacionais, e se podem deixar antever já algumas tendências de evolução fonética próprias dos "dialectos madeirenses". No capítulo terceiro, é nosso objectivo verificar, através da localização geográfica dos *segundos nomes* de origem toponímica, se o estudo dos *segundos nomes-geográficos* pode contribuir para a discussão da origem geográfica e dialectal do povoamento do arquipélago da Madeira. Pretendemos verificar se a localização dos *segundos nomes-geográficos* pode revelar a existência de povoadores de todas as regiões do país e/ou a predominância da região setentrional ou da região centro-meridional na colonização da ilha. Interessa-nos ainda abordar o problema da formação dos "dialectos madeirenses" que não apresentam os traços conservadores dos dialectos setentrionais, referindo a hipótese explicativa apontada por Lindley Cintra de, nesta região de colonização, ter ocorrido um fenómeno de desdialectalização por generalização dos traços dialectais não marcados do centro e sul de Portugal, que apresentavam maior força expansiva, ou, tendo em conta alguns fenómenos fonéticos que o estudo da antroponímia primitiva madeirense deixa transparecer, levantar a hipótese de ter ocorrido uma evolução espontânea do português falado na ilha, independentemente da evolução que ocorreu no centro e sul de Portugal, mas com resultados semelhantes, dadas as condições existentes favoráveis à inovação comuns a todas as regiões de colonização.

Capítulo I

Antroponomástica: terminologia, classificação e estrutura dos antropónimos

A antroponomástica, ramo da onomástica que estuda a antroponímia, tem como expoente máximo em Portugal a obra de Leite de Vasconcelos *Antroponímia Portuguesa*⁷. Trata-se do mais completo e importante estudo de antroponomástica portuguesa que continua a ser uma obra de referência fundamental e obrigatória. Este estudo é ainda complementado com a primeira parte do volume III dos *Opúsculos*⁸ que Leite de Vasconcelos dedica à onomatologia. Salientamos também os estudos de Joseph-Maria Piel, que se dedicou, principalmente, à antroponímia de origem germânica no Norte de Portugal e na Galiza⁹ e ao estudo dos patronímicos portugueses.¹⁰

Neste capítulo, é nosso objectivo definir a terminologia a utilizar, fazer a classificação das diferentes unidades antroponomásticas de acordo com a terminologia estabelecida e descrever a estrutura dos antropónimos nacionais de pessoas livres e a estrutura dos antropónimos de escravos, identificando os diferentes elementos que se associam formando o nome de um indivíduo. Pretendemos ainda conhecer os *segundos nomes* de estrangeiros, em particular as formas estrangeiras que sofreram adaptação gráfica, fonética e morfológica à língua portuguesa.

1. Terminologia proposta

A diversidade da terminologia utilizada pelos autores para designar os diferentes elementos constitutivos dos antropónimos torna necessária alguma explicitação. Começamos por apresentar a terminologia utilizada por Leite de Vasconcelos. Este autor usa o termo

⁷ VASCONCELOS, J. Leite de, *Antroponímia Portuguesa. Tratado comparativo da origem, significado, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a Idade-Média até hoje*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.

⁸ VASCONCELOS, J. Leite de, *Opúsculos: Onomatologia*, vol. III, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, pp. 1-135.

⁹ PIEL, Joseph-Maria, *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.

¹⁰ PIEL, Joseph-Maria, "Sobre os apelidos portugueses do tipo patronímico em -ici-es (Rodrigues)", *Boletim de Filologia*, tomo XXI, pp. 167-175.

“prenome” para designar os títulos honoríficos ou eclesiásticos que antecedem o “nome próprio”. O termo “nome próprio” designa o nome individual de batismo. O termo “sobrenome” designa a unidade antroponomástica que segue imediatamente o “nome próprio”, podendo ser um patronímico, um “nome próprio” ou uma expressão religiosa. O termo “apelido” designa o nome de família, elemento onomástico que segue o “sobrenome”. Leite de Vasconcelos refere a polivalência do termo “nome” e explica do seguinte modo a terminologia que utiliza: “Por nome entendemos nós os portugueses, quer o nome de batismo (...) ou nome próprio, quer o nome completo. As expressões que completam o nome próprio chamam-se sobrenome e apelido, a que às vezes se junta uma alcunha. No uso da língua nome, sobrenome, apelido e alcunha têm tido várias acepções (...) por sobrenome se entende um patronímico, nome de pessoa, ou expressão religiosa que se junta imediatamente ao nome próprio; por apelido uma denominação de família, transmitida ordinariamente de geração em geração; por alcunha um epíteto, bom ou mau, que outros aplicam a um indivíduo, em virtude de qualidades físicas ou morais que reconhecem nêle, ou de certas particularidades da sua vida. Nos mais antigos documentos da nossa Idade-Média os indivíduos figuram ou só com o nome próprio, (...) ou com o nome acompanhado de patronímico (...) Para melhor se precisar a denominação (visto que havia muitas vezes patronímicos iguais), juntou-se depois ao nome e patronímico, ou só ao nome, uma qualificação geográfica, tomada da naturalidade ou da residência do indivíduo (...) A denominação individual precisava-se também com uma alcunha (...) Com o tempo o patronímico, a denominação geográfica e a alcunha perderam a significação própria, e tornaram-se meros apelidos.”¹¹ Leite de Vasconcelos considera a existência de “apelidos” com diferentes origens: “apelidos” provenientes de patronímicos, “apelidos” provenientes de “nomes próprios” e “apelidos” provenientes de nomes religiosos que classifica como originariamente “sobrenomes”, “apelidos” provenientes de alcunhas, “apelidos” provenientes de nomes geográficos, e “apelidos” de origem estrangeira.

Kremer, ao abordar o problema da terminologia e tipologia dos nomes, chama a atenção para a necessidade de uma terminologia mais clara, geral e válida: “Dabei ist die grenze zwischen personlichen eigennamen (“personname”, *nombre*, *nombre personal* oder *antropónimo*) und namen von lebewesen (Tiere) und ortlichkeiten

¹¹ Cf. VASCONCELOS (1931), pp.4-5.

("ortsname", *nombre de lugar* oder *topónimo*) oder sachen (schiffe u. a.) oft fließend. Auch eine saubere juristische definition des personennamens bereitet schwierigkeiten (...). Heute besteht ein personenne aus verschiedenen einzelteilen, die erst im laufe der jahrhunderte zusammengewachsen sind. Eine eindeutige, allgemein gultige bezeichnung fur diese gesamtheit gibt es nicht. Oft bezeichnet *nombre* den vollen namen, doch ist dieses wrt nicht eindeutig. Es empfiehlt sich der gebrauch von *nombre civil* gegenüber seinen bestandteilen *nombre individual* ("vorname") und *apellidos* ("nachname"). Auch fur den "vornamen" existiert keine einheitliche terminologie (*nombre*, *nombre propio*, *nombre de pila/nombre de bautismo* "taufname" oder, nach fremdem muster, *prenombre*)."¹² Kremer propõe ainda o termo segundos nomes para designar os diferentes tipos de apelidos que se podem combinar formando segundos nomes duplos: "Zweitnamen, d. h. neben den patronymen und herkunftsbezeichnungen vor allem auch bei- und kosenamen (...) Fur alle beinamentypen gilt, daß sie miteinander zu doppelten beinamen kombiniert werden können (PN + patronym + spitzname, PN + spitzname + herkunftsname usw.)."¹³

Ao constatar que a terminologia tradicional levantava alguns problemas de classificação das unidades antroponomásticas, procurámos seguir a terminologia proposta por Kremer. Assim, optámos por uma terminologia diferente da utilizada por Leite de Vasconcelos, pois parece-nos que a nova terminologia é mais adequada para a descrição e classificação dos antropónimos. Utilizámos o termo *prenome*, do latim *praenomen*, para designar o primeiro nome, uma vez que o termo "nome próprio" não nos parece adequado, por não ser um

¹² Cf. KREMER, Dieter, "Spanisch: Anthroponomastik", *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. VI, 1, p. 458: "Neste campo os limites entre nomes próprios ("nomes de pessoas") *nombre*, *nombre personal* ou *antropónimo*, nomes de seres vivos (animais), localidades ("nome de lugar", *nombre de lugar* ou *topónimo*) e coisas (barcos, etc.) são muito correntes. Uma perfeita definição jurídica dos nomes de pessoas traz-nos algumas dificuldades (...). Hoje em dia o nome de uma pessoa é composto de diferentes partes, que só no decorrer dos séculos cresceram juntas. Uma designação clara, geral e válida para toda esta totalidade não existe. Muitas vezes o *nombre* designa os nomes completos, porém esta palavra não é inequívoca. Aconselha-se o uso de *nombre civil* em face das suas partes componentes *nombre individual* (nome de baptismo) e *apellidos* (apelidos). Também para os nomes de baptismo não existe nenhuma terminologia homogénea (*nombre*, *nombre propio*, *nombre de pila/nombre de bautismo*, "nome de baptismo" ou, tirado de um padrão estrangeiro, *prenombre*)."

¹³ Cf. IDEM, *ibidem*, p. 471: "Segundos nomes, quer dizer ao lado do patronímico e designações de origem, acima de tudo também alcunhas (...) Para todos os tipos de sobrenomes [segundos nomes] é válido que todos os sobrenomes duplos possam ser combinados (NP + patronímico + alcunha, NP + alcunha + nome de origem, etc.)."

termo específico para designar os primeiros nomes de pessoas, podendo apresentar um valor genérico não apelativo. Não concordamos com a utilização do termo "prenome" para designar os títulos honoríficos, eclesiásticos e acadêmicos, visto que não se trata de unidades antroponímicas propriamente ditas, e por isso vamos designá-los simplesmente por títulos. Não utilizámos o termo "sobrenome", mas sim o termo *prenome duplo*, por oposição a *prenome simples*, para designar os casos em que temos dois elementos onomásticos que fazem parte do primeiro nome, o que é pouco frequente nos séculos XV e XVI. Temos apenas o exemplo de "João Baptista Gentil", em que "João Baptista" é um *prenome duplo* de influência religiosa. A adopção do termo *prenome* para o primeiro nome, levou-nos a utilizar o termo *segundo nome* para todos os nomes que seguem o primeiro nome, em vez do termo "apelido", na medida em que muitos *segundos nomes* não são ainda nomes de família, mas sim atributos individuais inicialmente patronímicos, nomes geográficos ou adjectivos étnicos e alcunhas que identificavam os indivíduos, tornando-se depois fixos e hereditários. Assim, temos diferentes tipos de *segundos nomes*: patronímicos, religiosos ou hagiográficos, geográficos e étnicos, e alcunhas, que constituem *segundos nomes simples* e que se podem combinar formando *segundos nomes duplos*.

A estrutura formal do nome romano constituído por *praenomen* (*prenome*, primeiro nome ou nome individual), *nomen gentilicum* e *cognomen* (nome da gens ou da família a que o indivíduo pertencia e cognome, epíteto ou alcunha como *segundos nomes*), permaneceu até hoje com poucas alterações. Na Idade-Média, valorizou-se o patronímico, que entra em declínio nos fins do século XV, então começam a desenvolver-se outras possibilidades de individualização: os nomes geográficos, geralmente associados à nobreza, e as alcunhas, frequentes entre o povo. Algumas alcunhas não passam da tradição oral outras fixam-se como nome hereditário de uma família. Assim, o nome identificava o indivíduo através da sua família, condição social, origem geográfica e características fisionómicas. Leite de Vasconcelos escreve: "...convem observar que os nomes pessoais nascem, em regra, de expressões da língua comum, isto é, ou de palavras simples, de derivados, e de compostos, ou de frases: e referem-se em seus primórdios, conforme as línguas a cousas e fenómenos da natureza, ao tempo (como duração), à geografia, a qualidades físicas e morais dos indivíduos, a circunstâncias, necessidades e ocupações da vida ordinária, à religião ou à magia, à guerra, a domínio, a estados sociais,

etc."¹⁴ Tendo em conta estas características dos nomes pessoais, Vroonen afirma que a antroponímia profana ocidental é apropriada e descritiva, pois os patronímicos originariamente indicavam filiação, os nomes geográficos indicavam inicialmente proveniência ou residência e as alcunhas inicialmente descreviam características físicas, morais e sociais dos indivíduos. Mas, este valor descritivo apropriado e individualizante perdeu-se quando estes nomes se tornaram fixos e hereditários.

2. Classificação dos *prenomes*

O *prenome* é a unidade antroponomástica mais estável, que raramente surge omitida, por isso nos documentos consultados podemos encontrar indivíduos apenas designados pelo primeiro nome, precedido ou não de um título. Os *prenomes* apresentam diferentes origens etimológicas:

a) *prenomes* de proveniência latina, por exemplo: "Agostinho", "Amador", "Antônio", "Apariço", "Bárbara", "Brás", "Beatriz", "Benedito", "César", "Cecília", "Constança", "Clara", "Custódio", "Diogo", "Domingos", "Julião", "Justa", "Lourenço", "Lucano", "Lucrécia", "Luzia", "Marçal", "Marcos", "Margarida", "Martinho", "Mécia", "Maior", "Paio", "Paulo", "Pascoal", "Romão", "Sancho", "Sebastião", "Senhorinha", "Ursula", "Valentim", "Valério", "Vicente", "Violante", "Vitória".

b) *prenomes* de proveniência grega, que passam para as línguas românicas através do latim, por exemplo: "Agueda", "Alexos" e "Alexandre", "Ambrósio", "André", "Apolonia", "Baptista" (nome de inspiração religiosa que surge associado à forma "João", evocando S. João Baptista), "Catarina", "Cosme", "Dinis" (através do francês "Denis"), "Estevão", "Eusébio", "Filipe", "Gregório", "Heitor", "Helena", "Inês", "Iria", "Iseu", "Jerónimo", "Jorge", "Madalena", "Mateus", "Nicolau", "Pantaleão", "Zenóbio".

c) *prenomes* de proveniência hebraica que passaram ao grego e chegaram até nós através do latim, são geralmente de inspiração religiosa, tirados da Bíblia, por exemplo: "Abraão", "Adão", "Ana", "Baltasar", "Bartolomeu", "Daniel", "Eva", "Gabriel", "João", "Maria", "Marta", "Melchior", "Miguel", "Mosen" ou "Moisés", "Rafael", "Simão".

¹⁴ Cf. VASCONCELOS (1928), p. 23.

d) *prenomes* de proveniência germânica latinizados. Segundo Piel, a maior parte destes são nomes compostos ou bitemáticos, em que os dois elementos do nome composto são normalmente ligados entre si através de uma vogal de ligação que pode sofrer síncope, por exemplo: "Afonso" < "Ad(e)-fonsus", "Gonçalo" < "*Gund(e)-salbus", e "Rodrigo" < "Rod(e)-rigo". Além destes, temos outros *prenomes* de origem germânica, por exemplo: "Álvaro", "Bernardo", "Duarte", "Elvira", "Fernando", "Guiomar", "Hugo", "Luís", "Ricardo". Segundo Piel, "Guilherme" não é um *prenome* de origem germânica, mas sim um nome tardio de origem provençal, pois os visigodos não tinham nomes terminados em *-elmus* "elmo", e "Mendo" é uma forma reduzida ou hipocorística do nome germânico bitemático "Hermenegildo". Este autor afirma: "A antroponímia germânica ocupa uma posição predominante até ao século XII, que inaugura paulatinamente uma forte corrente a favor dos nomes latino-cristãos dos santos, os quais relegam os germânicos para o segundo plano."¹⁵

e) *prenomes* de influência provençal, por exemplo: o *prenome* feminino "Leonor", que parece ter chegado até nós através da forma provençal "Alienor".¹⁶

f) *prenomes* de origem obscura entre os quais "Vasco" e "Garcia", possivelmente de origem ibérico-basca.¹⁷ O *prenome* masculino "Garcia" apresenta a variante gráfica e fonética "Gracia" com metátese do *r*, que se confunde graficamente com o *prenome* feminino "Gracia", actualmente "Graça". De origem obscura é também a forma "Mair" que surge como *prenome* feminino em "Mair Alvarez".

g) *prenomes* de origem cavaleiresca ou de influência literária dos romances de cavalaria, que se tornam frequentes a partir do século XV, temos, por exemplo: "Briolanja", "Grimanesa", "Genebra", "Tristão", "Lançarote", "Beringuela", "Brionis", "Galaz", "Guisarte", "Iseu", "Rolão". Além destes *prenomes* nacionais, temos também *prenomes* estrangeiros que também parecem ser de influência literária, nomeadamente: "Ivam", "Oliveiros", "Sagramor", "Viviam".

Verificamos que nos documentos consultados predominam os *prenomes* de influência religiosa, os *prenomes* de origem germânica e os *prenomes* de influência cavaleiresca. Os *prenomes* de influência religiosa ou latino-cristã são atribuídos pelo calendário litúrgico, através da popularidade dos nomes dos santos, e por tradição bíblica,

¹⁵ Cf. PIEL (1959), p.130.

¹⁶ Cf. VASCONCELOS (1928), p.526.

¹⁷ Cf. VASCONCELOS (1928), p.104.

por exemplo: "João Baptista", "Tomé", "Agostinho", "Pedro", "Paulo", "Mateus", "Matias", "Estevão", "Cristovão", "Martinho", "Cosme", "Jorge" entre muitos outros. É principalmente a partir do século XIV que a Igreja começa a exercer uma influência directa no nome de baptismo, legitimada desde o Concílio de Trento. Leite de Vasconcelos, a propósito dos prenomes mais frequentes nos séculos XV e XVI, escreve: "Nos nossos mais antigos documentos predominam nomes germânicos (...) Do século XII em diante predominam nomes de santos e de personagens bíblicos. Todavia os gostos mudam com os tempos. No século XVI era vulgar *Briolanja, Gil, Guiomar, Martim, Mem, Pero*, que depois caíram em desuso (...) Em documentos do século XV há nomes tirados dos romances arturianos: *Lançarote, Perceval, Tristão, Iseu*. A maior parte dos nomes modernos usavam-se já no século XVI."¹⁸

No século XVI, começam a surgir os *prenomes* femininos marianos, ou seja, *prenomes* duplos formados pelo *prenome* "Maria" seguido de outro *prenome* feminino. Como nos diz Kremer: "Seit dem 16. jahrhundert wird der einfache name zunehmend durch einen neuen namentyp abgelöst: dem namen *Maria* wird ein zweiter bestandteil angefügt, der als anrufung (invokation) oder als weihetitel (advokation) mit dem ausgangsnamen verschmilzt."¹⁹ Contudo, não registámos, nos documentos consultados, nenhum nome mariano, pois apenas temos *prenomes* femininos simples como "Maria" e "Esperança", não "Maria Esperança". Possivelmente, a moda dos nomes marianos ainda não teria chegado à ilha.

A atribuição do *prenome* realiza-se tendo em conta a moda, a beleza, o significado, a brevidade, a simplicidade, a originalidade ou o nome de um antepassado, isto é, factores psicológicos ou afectivos, mas sobretudo com base nas influências externas: tradição religiosa, tradição literária e tradição histórica. A preferência de determinado *prenome* em detrimento de outro varia com o tempo, fazendo com que alguns nomes sejam muito frequentes, enquanto outros se tornam raros.

¹⁸ Cf. VASCONCELOS (1959), p.393.

¹⁹ Cf. KREMER (1992), p. 472: "Desde o século XVI o nome simples é substituído progressivamente por um novo tipo de nome: ao nome *Maria* é acrescentado uma outra componente, que como invocação ou como título de consagração (vocação) se funde com o nome final."

3. Classificação dos *segundos nomes*

3.1. *Segundos nomes-patronímicos*

Os *segundos nomes-patronímicos* correspondem a formas patronímicas formadas a partir de *pre nomes* de diferentes origens:

- a) de origem pré-latina, por exemplo: "Garces" e "Vaz/Vasques".
- b) de origem latino-cristã, por exemplo: "Aires", "Anes/Enes", "Antunes", "Damiães", "Durães", "Domingues", "Esteves/Estevens", "Lopes", "Marques", "Martins", "Miguéis", "Nunes", "Pais", "Pires/Peres", "Simões", "Sanches".
- c) de origem germânica, por exemplo: "Alves/Álvares", "Fernandes", "Fróis", "Gomes", "Gonçalves", "Mendes", "Rodrigues/Ruiz", "Soares", "Teles", "Bernardes", "Geraldos", "Henriques".²⁰

Segundo Leite de Vasconcelos, até ao século XII o patronímico era suficiente para identificar os indivíduos. A partir de fins do século XIII e inícios do século XIV, teria começado a desenvolver-se o recurso a alcunhas e a nomes geográficos para identificar os indivíduos, evitando a homonímia.²¹ A existência de homónimos deve-se, principalmente, à pobreza onomástica dos *pre nomes* masculinos que origina patronímicos comuns a diferentes indivíduos sem relação de parentesco entre si. Os nomes geográficos e as alcunhas desempenham um papel distintivo importante na diferenciação dos homónimos. Os nomes geográficos começam por ser atribuídos apenas aos nobres correspondendo à localização das suas propriedades, mas depois constituem também elemento distintivo dos indivíduos deslocados das suas terras de origem. Esta necessidade de recorrer a novos elementos identificativos teria começado a surgir provavelmente nos grandes centros populacionais. Em fins do século XV e inícios do século XVI, os patronímicos teriam já perdido o seu valor indicativo de filiação. Leite de Vasconcelos escreve: "Este sistema ou uso de patronímicos começa a desorganizar-se depois da segunda metade do século XV e estava desorganizado no século XVI (...) Para designar melhor um indivíduo, juntava-se ao nome, ora a indicação da sua terra, ora uma alcunha. Com o tempo os patronímicos perderam a sua significação primitiva e passaram à classe de meros apelidos de família; o mesmo aconteceu às

²⁰ Cf. PIEL (1965), p. 175.

²¹ Nas zonas rurais, porém, manteve-se, até aos dias de hoje, o *pre nome* mais o patronímico ou apenas o *pre nome* para designar os indivíduos.

designações geográficas e às alcunhas.”²² Iria Gonçalves²³ concorda com Leite de Vasconcelos ao afirmar que os patronímicos ainda estavam em pleno vigor durante o século XV, embora apareçam já alguns casos de cristalização do patronímico como nome de família. Segundo Iria Gonçalves, o sistema de patronímicos vigorou até fins do século XV e só se desagregou no século XVI, começando por entrar em decadência nos grandes centros populacionais.

Seria interessante verificar se, na ilha da Madeira - região de colonização -, o sistema de patronímicos teria sido conservado para além do século XV ou se, pelo contrário, teria desaparecido no mesmo período em que a sua degeneração ocorreu na metrópole. Para obter um resultado absolutamente rigoroso seria necessário ter um número representativo de nomes completos acompanhados da respectiva filiação masculina, o que não consegui reunir na documentação consultada, uma vez que em alguns documentos temos o nome completo dos indivíduos, mas são raros os casos em que se indica o nome do pai, noutros temos sempre a indicação do nome paterno, mas do filho temos apenas o *prenome*. Apresento aqui todos os casos em que temos a indicação da filiação e do patronímico. Podemos comparar a situação nos finais do século XV com a situação em meados do século XVI. Assim, verificamos que, no *Livro dos estimos* da capitania do Funchal no ano 1494, a maior parte dos casos em que se indica a filiação conserva o sistema de patronímicos:

Joam Gonçallvez filho de Gonçalo Lourenco do Canyco
Rodrigo Aluarrez filho dAlluaro Diaz
Ayres Gomez filho de Gomez Eanes
Rodrigo Afomso filho dAfomso Gonçallvez
Ruy Gomez filho de Gomez Gonçallvez
Diogo Lopes filho de Lopo Afomso
Tome Gonçallvez filho de Gonçalo Vaz
Joam Rodrjguez filho de Rodrigo Anes Coyxo
Luis Aluarrez filho dAluaro Rodriguez

Nos *Livros de Matrícula do Cabido da Sé do Funchal* (1538-1558), pelo contrário, são muito raros os casos em que temos formas patronímicas com a função de indicar a filiação paterna, apenas encontramos duas:

Antonio Gonçalvez filho de Gonçalo Annes
Joam Manoel filho de Manuel Vaaz

²² Cf. VASCONCELOS (1931), p.61.

²³ Cf. GONÇALVES (1988), p.90 (nota 14).

No *Livro dos estimos* de 1494, encontramos apenas duas formas patronímicas degeneradas que passam de geração em geração como *segundos nomes*:

Rodrigo Alvarez filho de Rodrigo Alvarez do Canyco
Alvaro Afonso filho de Rodrigo Afonso

Enquanto, nos *Livros de Matrícula do Cabido da Sé do Funchal* (1538-1558), verificamos que o sistema de patronímicos teria já desaparecido, pois temos:

a) *segundos nomes* transmitidos por via paterna, em que temos formas patronímicas cristalizadas:

Bertolameu Fernandez filho de Francisco Fernandez e de sua mulher Miçia Lopez
Sebastião Muniz filho de Lançarote Muniz e de dona Catarina da Costa
Belchior Caldeira filho de Amador Caldeira e de Madanella Diaz
Ignatio dAraujo filho de Pallos dAraujo e de Guiomar Fernandez
Roque de Crasto filho de Roque de Crasto e de Marguaida Alvarez
Frei Francisco Mendez filho de Joam Mendez e de Felipa Fernandez
Francisco Dias filho de Lopo Diaz e de Lianor da Silua
Belchior Gomez filho de Vicente Gomez e de Francisca Lopez
Alvaro dOliua filho de Marcos dOliua e de Joana de Frias
Jheronimo Diaz filho de Guaspar Diaz e de Isabel Fernandez
Eusebio Afonso filho de Pantalhão Afonso e de Isabel Gonçalvez
Luis Lopez filho de Diogo Lopez e de Marguaida Luis
Pero Gonçalvez filho de Francisco Gonçalvez e de Catarina Diaz
Manoel Gomez filho de Antam Gomez e de Catarina Goelha
Simão Lopez filho de Luis Lopez e de Jlena de Paiua
Francisco Vaz filho de Afonso Vaz e de Marguaida Mendez
Frej Andre Beles filho de Francisco Beles e de Jnes Teixeira
Marcos de Sam Joam filho de Afonso de Sam Joam e de Jnes de Quintana
Frej Manoel das Pouoas filho de Diogo Fernandes das Pouoas e de Mor Pacheca

b) *segundos nomes* transmitidos por via materna, em que temos também formas patronímicas cristalizadas:

Manoel Correa filho de Francisco Alvarez e de sua mulher Jsabel Correa
Domingos Fernandez filho de Francisco Gonçalvez e de Catarina Fernandez
Simão Gomez filho de Viçente Afonso e de Antonia Gomez
Viçente Afonso filho de Joam Annes e de Branca Afonso
Baltasar Casco filho de Fernam Pimentel e de Catarina Casca
Antonio dAranda filho de Lourenço Castanho e de Maria dAranda
Guarcia Alvarez filho de Diogo Perez Ruuialles e de Maria Alvarez
Guaspar Teixeira filho de Antonio Gonçalvez e de Jlena Teixeira
Manoel Ferreira filho de Joam Fernandez e de Maria Ferreira
Frej Gabriel Ferreira filho de Guaspar Gonçalvez de Melo e de dona Marguaida de Ferreira
Antonio Marinho filho de Alvaro Fernandez e de Maria Merinha
Belchior Mourato filho de Manoel Afonso e de Constança Mourata
Jeronimo Figueira filho de Pero Gonçalvez e de Jsabel Figueira
Roque Nunez filho de Guaspar Alvarez e de Britiz Nunez

c) *segundos nomes* que são comuns ao pai e à mãe, talvez porque a mulher toma o nome do marido. Embora não pareça ser muito frequente, sabemos que isso acontecia em relação às alcunhas:

Dioguo Luis filho de Guaspar Luis e de Ana Luis
Gonçalo Diaz filho de Gonçalo Diaz e de Lianor Diaz

d) *segundos nomes* que não estão presentes nem no nome do pai nem no nome da mãe, em que temos formas patronímicas cristalizadas, possivelmente de familiares antecessores:

Dioguo Vaz filho de Francisco Teixeira e de Francisca Marquez
Guaspar Nunez filho de Alvaro Pirez e de Constança Dinis
Belchior Delgado filho de Thomas Fernandez e de Antonio Fernandez
Guaspar Lopez filho de Pero Jorge e de Graçia de Crasto
Bras dAraujo filho de Joam Pirez e de Caterina Gonçalvez
Bertolameu Fernandez filho de Francisco Rodriguez e de Britiz Roaz
Belchior Dormonde filho de Manoel Afomso e de Britiz Lopez dAndrade
Francisco Pita filho de Bastião Gonçalvez e de Ana Fernandez
Gonçalo Ayrres filho de Gasgar (sic) Gonçalvez

Algumas formas que incluímos no mapa dos *segundos nomes-patronímicos* levantam dúvidas quanto à sua classificação, uma vez que não surgem como *prenomes* nos documentos consultados, parecem ser patronímicos já cristalizados, correspondentes a *prenomes* masculinos antigos, pois parece-nos menos provável que estas formas ocorram como alcunhas ou como nomes geográficos:

a) a forma "Reimam"²⁴ que parece ser uma forma apocopada ou proclítica do *prenome* masculino "Reimondo", forma divergente de "Raimundo".

b) a forma "Brandam"²⁵ que parece corresponder também originariamente a um *prenome* masculino de influência religiosa.

c) a forma "Galvão"²⁶ que parece corresponder ao *prenome* de influência literária ou cavaleiresca.

d) a forma "Godinho",²⁷ com a forma feminina correspondente "Godinha", que parece corresponder também originariamente a um *prenome* masculino de origem germânica frequente na Idade Média.

²⁴ Cf. VASCONCELOS (1928), pp. 51 e 450.

²⁵ Cf. VASCONCELOS (1928), p. 543.

²⁶ Cf. VASCONCELOS (1928), pp. 153 e 321.

²⁷ Cf. VASCONCELOS (1928), p. 43.

3.2. *Segundos nomes-religiosos*

Os *segundos nomes-religiosos* surgem, geralmente, associados aos *prenomes* de eclesiásticos:

Frej Dioguo dos Anjos filho de Guaspar Pirez e de Jnez Fernandez
Frej Francisco da Cruz filho de Francisco Pessoa e de Britiz Afonso
Frej Joam dos Santos filho de Manoel Paez e de Madanella Fernandez
Frej Luis de Sam Joam filho de Rodrigo Alvarez da Costa e de Vitoria Leitoa
Frej Francisco de Sam Pero filho de Pero Lopez e de Constança Lourenço
Frej Viçente da Visitação filho de Pero Jorge e de Britiz Rodriguez
Frej Jheronimo do Spiritu Santo filho de Esteuam Diaz e de Clara Nunez
Frei Alvaro da Porificação filho de Antonio Pereira e de Maria Freire
Frej Bernardo da Conceição filho de Manoel Rodriguez e de Lianor Diaz
Frej Luis de Santa Maria filho de Luis Lopez e de Ursula Vanegas
Frej Fernando de Sam Tomas filho de Guaspar Diaz e de Maria Gonçalvez
Frei Jheronimo Ribeiro filho de Afonso Lopez e de Maria Rodriguez
Frei Alvaro da Merciana filho de Thome Gonçalvez e de Gracia Fernandez
Frej Pero de Santarem filho de Antonio Serrão e de Janebra Fernandez
Frej Francisco de Machico filho de Christouão Afonso e de Limbanha Usadamar

Os *segundos nomes* de proveniência religiosa desenvolvem-se a partir do século XVI. Sabemos que os frades, geralmente, adoptam um *segundo nome-religioso*, e que o título eclesiástico "Frei" antecede os seus *prenomes*. Temos ainda os *segundos nomes* "Santa Luzia (de)", "Sam Jorge (de)" e "Santiago (de)" que surgem em antropónimos de indivíduos que não pertencem a ordens religiosas, podendo corresponder a nomes religiosos ou a topónimos de origem religiosa. Perante a impossibilidade de confirmar se correspondem ou não a nomes geográficos de proveniência religiosa, incluímos estes *segundos nomes* no quadro dos *segundos nomes-religiosos* (ver quadro nº 5).

3.3. *Segundos nomes-geográficos e étnicos*

Os *segundos nomes* de origem geográfica ou toponímica, que incluem os adjectivos étnico-geográficos, indicam a naturalidade ou residência dos indivíduos. J. J. Nunes escreve sobre os *segundos nomes-geográficos*: "Muitas pessoas ainda hoje são conhecidas pelo nome de uma terra, naturalmente, em tempos mais antigos, a um indivíduo que vinha habitar uma localidade, que não era aquela em que nascera, distinguiam-no, como por vezes se observa ainda no tempo em que vivemos, ajuntando ao seu nome o da pátria, e daí os Bragas, os Bejas, os Guimarães, etc. (...) Também não é raro encontrarem-se nomes de nacionalidade tornados próprios e servindo assim para distinguir os

indivíduos.”²⁸ Segundo Iria Gonçalves, na segunda metade do século XV, muitos nomes geográficos, principalmente os associados aos nomes nobres, teriam já sido fixados como nomes de família. Inicialmente, os nomes geográficos eram associados frequentemente aos nomes nobres, indicando posse de terra ou solar com o mesmo nome. Assim, os nobres apresentavam geralmente três nomes: o *prenome*, o patronímico e o nome de origem geográfica. Os populares apresentavam, geralmente, só um *segundo nome*, patronímico ou alcunha, sendo que a indicação da profissão associada ao nome tinha também uma função distintiva. Os nomes geográficos associados aos nomes não-nobres designavam simplesmente naturalidade ou residência originária, permitindo identificar os indivíduos deslocados para novas povoações ou regiões.

Podemos classificar os *segundos nomes* de origem geográfica ou toponímica quanto à sua proveniência em:

a) *segundos nomes-geográficos* de proveniência estrangeira, indicando a naturalidade dos estrangeiros. Os *segundos nomes-geográficos* de proveniência estrangeira, muitas vezes, correspondem a topónimos estrangeiros, por exemplo: “Aragão (de)”, “Aranda (de)” topónimo em Burgos e Saragoça, “Arévalo (de)” topónimo em Ávila e Sória, “Ária (de)”, “Astorga (de)” de origem toponímica espanhola, “Ávila (de)” topónimo de origem espanhola, “Baena (de)”, “Balo (de)”, “Barreda (de)” topónimo em Lugo e Oviedo, “Betencort (de)” topónimo na Normandia, “Bruges (de)” cidade da Bélgica, “Bueca (de)” possivelmente do topónimo castelhano Hueca, “Burgos (de)”, “Castilha (de)” topónimo que parece corresponder ao antigo reino hispânico, “Dorato (do)”, “Escovar (de)” topónimo de origem espanhola, “Florença (de)” topónimo da cidade de Itália, “Frandes (de)” de Flandres, “França (de)”,²⁹ “Franques (de)”, “Guzmam (de)” topónimo em Burgos, “Hanaa (de)”, “Leão (de)”, “Liupias (de)”, “Londres (de)”, “Lugo (de)” topónimo galego, “Liminhana (de)” topónimo na Catalunha, “Marchena (de)” topónimo de origem espanhola, “Marim (de)”, “Marne (de)”, “Medina (de)” topónimo de origem espanhola, “Melgar (de)”, “Merciana (da)”, “Mina (da)” topónimo na Costa da Mina em África, “Mondragão (de)”, “Motiloa (de)”, “Noya (de)” topónimo da Galiza, “Oliva (de)”, “Olivares (de)” topónimo de origem

²⁸ Cf. NUNES, J. Joaquim, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*, Lisboa, Clássica Editora, 1919, p. 206.

²⁹ Registámos este *segundo nome-geográfico* no quadro dos estrangeiros, pois o nome pode indicar naturalidade estrangeira. Mas, como não temos nenhuma indicação de que seja, na verdade, um indivíduo de proveniência estrangeira, também localizámos este nome geográfico como correspondente a um topónimo nacional.

espanhola, "Paris", "Parrera", "Porras (de)" topónimo da Galiza, "Presemcy (de)" alteração do topónimo castelhano Placencia, "Ras (de)" possivelmente topónimo francês, "Reinoso (de)" possivelmente de origem toponímica espanhola, "Safim (do)" topónimo da cidade de Marrocos, "Salamanca (de)", "Segóvia (de)", "Timor" parece indicar passagem ou estadia na ilha da Oceânia, "Tovar (de)" de origem toponímica espanhola, "Trosylho (de)" do espanhol "Trujillo", "Tuim" possivelmente do topónimo galego Tui, "Valldaveso (de)", "Vilhana (de)" do espanhol "Villena". O problema dos *segundos nomes-geográficos* de proveniência estrangeira é que não sabemos se se trata de estrangeiros de primeira geração em que o nome geográfico estrangeiro indica realmente a naturalidade dos estrangeiros, ou se se trata de descendentes de estrangeiros que vêm para a Madeira a partir do continente português, em que os segundos nomes de origem toponímica estrangeira já se tornaram fixos e hereditários. Perante a impossibilidade de distinguir entre estrangeiros de primeira e de segunda geração, vamos partir do princípio que todos os *segundos nomes* de proveniência geográfica estrangeira indicam naturalidade, tal como os *segundos nomes* de origem toponímica nacional.

b) *segundos nomes-geográficos* de proveniência nacional, correspondendo a topónimos do território continental português, que nos podem dar informações sobre a proveniência regional dos povoadores nacionais. Apresentamos a localização geográfica dos *segundos nomes-geográficos* correspondentes a topónimos no território continental português no quadro nº 7 em anexo. Neste grupo incluímos os *segundos nomes-geográficos*: "Tanque (do)", "Praça (da)", "Cova (da)", "Torre (da)", "Campo (do)", "Ribeira (da)", "Ribeiro (do)", "Serra (da)", "Vale (do)", "Vila (da)", "Ponte (de)", que localizamos como topónimos nacionais, mas que podem indicar sítios de residência na ilha. Trata-se de topónimos que tanto podem corresponder a pequenas povoações bem localizadas e precisas como podem corresponder a vagas designações de terreno.

c) *segundos nomes-geográficos* correspondentes a topónimos na ilha, que parecem indicar a residência dos primeiros colonizadores no arquipélago, por exemplo: "Arco (do)" no Arco da Calheta, "Calheta (da)" no concelho da Calheta, "Câmara de Lobos (de)" no concelho de Câmara de Lobos, "Caniço (do)" no concelho de Santa Cruz, "Estreito (do)" no Estreito de Câmara de Lobos, "Fajã da Ovelha (da)" no concelho da Calheta, "Funchal (do)" no concelho do Funchal, "Jardim

(do)" no Jardim do Mar concelho da Calheta, "Lombada (da)"³⁰ na Ponta do Pargo concelho da Calheta, "Machico (de)" no concelho de Machico, "Ponta do Pargo (da)" no concelho da Calheta, "Ponta do Sol (da)" no concelho da Ponta do Sol, "Serra d'Água (da)" no concelho da Ribeira Brava, "Madalena (da)"³¹ Madalena do Mar no concelho da Ponta do Sol, "Ribeira Funda (da)" e "Ribeira Grande (da)" no concelho de Santana, "Tábua (da)"³² no concelho da Ribeira Brava, "Campanário (do)"³³ no concelho da Ribeira Brava, "Ribeira Brava (da)" no concelho da Ribeira Brava. O *segundo nome* de origem geográfica "Câmara (de)", que surge na ilha associado ao nome de João Gonçalves Zarco, embora seja um topónimo frequente no norte de Portugal e na Galiza, parece provir do topónimo "Câmara de Lobos" adoptado por Zarco em memória do lugar onde se efectuou a primeira entrada da sua povoação.

Arriscámos classificar como *segundos nomes-geográficos* alguns *segundos nomes* que ocorrem sem a preposição "de". Estes levantam problemas de classificação, porque parecem comportar-se como alcunhas, por exemplo: "Calaça" que tanto pode ser um *segundo nome* de origem geográfica como uma alcunha. Temos ainda *segundos nomes* que não localizámos como topónimos, mas que incluímos nos *segundos nomes-geográficos* por apresentarem a partícula "de", por exemplo: "Armas (de)", "Clara (de)" e "Caçanha (de)".

3.4. *Segundos nomes-alcunhas*

Os *segundos nomes-alcunhas* são inicialmente atributos individuais com pleno sentido que surgem como *segundo nome* identificando socialmente os indivíduos. Estes elementos identificativos de origem popular podem ser efémeros ou podem tornar-se fixos e hereditários, perdendo o seu significado inicial.

³⁰ Também corresponde a topónimos no território continental português, nomeadamente nos concelhos de Águeda, Marco de Canaveses, Poiães, Sever do Vouga e Loulé, no entanto é mais provável que corresponda ao lugar do concelho da Calheta, indicando residência na ilha.

³¹ Também corresponde a topónimos nos distritos de Porto, Lisboa e Santarém.

³² Também corresponde a topónimo no distrito de Coimbra.

³³ Também corresponde a topónimos nos distritos de Viseu e Coimbra.

Os *segundos nomes* provenientes de alcunhas, ao contrário dos *segundos nomes* provenientes de patronímicos, apresentam uma grande riqueza e diversidade. Leite de Vasconcelos³⁴ classifica nove tipos de alcunhas: alcunhas alusivas ao homem considerado em geral, parentesco, mês e condição de nascimento, idade, fases da vida e estado; alcunhas alusivas a estados sociais, cargos, ofícios mecânicos, outras profissões e navegação; alcunhas alusivas a qualidades físicas ou morais expressas directa ou indirectamente através de metáforas com o reino animal, vegetal ou mineral; alcunhas que significam hábitos; alcunhas que significam vestuário e ideias conexas; alcunhas relacionadas com ideias mágicas e religiosas; alcunhas várias (alusivas a comidas e bebidas, alusivas a instrumentos de trabalho, utensílios e matérias primas, que significam números, alusivas a dinheiro e medidas, alusivas a fenómenos atmosféricos, a astros e a estações do ano, e outras); alcunhas expressas por frases; e alcunhas geográficas, correspondentes aos adjectivos étnico-geográficos que indicam a naturalidade dos indivíduos.

Segundo Kremer, as alcunhas representam uma individualização suplementar, social e necessária. Kremer escreve: "Allerdings ist die sprachliche zusammensetzung dieser namengruppe heterogen und eine saubere typologisierung bisher nicht unternommen worden. Spezifisches merkmâl der beinamen: sie sind dem allgemeinwortschatz entnommen oder, im falle der kosenamen, mit allgemeinsprachlichen wortbildungsmitteln gebildet. Die wichtigsten lexikalischen kategorien der beinamen sind adjektive, die ein physisches oder moralisches merkmâl kennzeichnen (*Curto, Luengo, Chico, Gordo, Harto, Seco, Izquierdo, Gago, Crespo, Tostado, Calbo/Cobo, Hermoso, Salado, Mañoso, Lozano, Gallardo, Amargo, Calado, Blanco, Pardo, Rubio/Royo/Rojo, Tostado, Trigoso* usw.) und substantivische namen, die haufig als "pars-pro-toto" bestimmte merkmale einer person charakterisieren. Hier steht eine ganze gamma semantischer bereiche zur verfugung: korperteilbezeichnungen (*Barba, Barriga, Cabeza, Diente, Nariz, Pulgar, Quijada* u. a.), kleidung (*Abarca, Zapata, Zamarra, Correa* usw.), gegenstande, die als vergleich dienen oder z. B. bestimmte tatigkeiten evozieren (*Botija, Padilla, Cuba, Cuchillo, Machado, Segura, Porra, Espada, Carro* usw.), tiernamen (*Abeja, Gallina, Lagarto, Perro, Porco, Sardiña, Toro, Zorro* usw.), pflanzenbezeichnungen (*Cabaza, Cebolla, Hinojo, Lechuga, Prisco,*

³⁴ Cf. VASCONCELOS (1928), p.178.

Puerro usw.), lebensmittel (*Harina, Leche, Manteca, Pimienta*, u. a.), abstrakta (*Batalla, Guerra, Consejo* u. a.) usw.”³⁵

Vamos propor uma classificação semântica dos *segundos nomes-alcunhas* diferente da de Leite de Vasconcelos, pois não vamos classificar os adjetivos étnico-geográficos como alcunhas, uma vez que optámos por incluir estes no grupo dos *segundos nomes-geográficos e étnicos*, nem vamos ter em conta alguns tipos de alcunhas menos frequentes como as alcunhas alusivas a fenómenos atmosféricos e outras que não registámos. Assim, a nossa classificação aproxima-se mais da classificação das alcunhas em áreas semânticas de Kremer, tendo em conta diferentes tipos de alcunhas:

a) alcunhas propriamente ditas, alusivas a características físicas (corpo, pele e cabelo - “Barba”, “Barboso”, “Belo”, “Bexigoso”, “Bicudo”, “Bigode”,³⁶ “Bocarro”, “Branco”, “Caão/Cãa”,³⁷ “Caluo”, “Castanho”, “Chamiço”,³⁸ “Chamorro/Chamorra”,³⁹ “Cochinho”, “Coxo”, “Delgado/Delgada”, “Feo/Fea”, “Galhardo/Galharda”, “Loução”, “Magro”, “Manco”, “Matoso”,⁴⁰ “Moreno/Morena”,

³⁵ Cf. KREMER (1992), p. 470-471: “Na verdade a composição linguística deste grupo de nomes é heterogénea, e não se fez até aqui um estudo tipológico. Característica específica dos sobrenomes: eles foram retirados do vocabulário geral, ou nos casos das alcunhas foram construídos com meios linguísticos gerais de formação de palavras. As categorias lexicais mais importantes dos sobrenomes são os adjetivos, que assinalam uma característica física ou moral (*Curto, Luengo, Chico, Gordo, Harto, Seco, Izquierdo, Gago, Crespo, Tostado, Calbo/Cabo, Hermoso, Salado, Mañoso, Amargo, Calado, Blanco, Pardo, Rubio/Royo/Rojo, Tostado*, etc.) e nomes substantivos que muitas vezes caracterizam determinados aspectos de uma pessoa como “pars-pro-toto”. Aqui está à disposição uma completa gama de áreas semânticas: descrição de partes do corpo (*Barba, Barriga, Cabeza, Diente, Nariz, Pulgar, Quijada* e outros), roupas (*Abarca, Zapata, Zamara, Correa* etc.), objectos que servem de confronto ou que por exemplo evocam determinadas funções (*Botija, Padilla, Cuba, Cuchillo, Machado, Segura, Porra, Espada, Carro* etc.), nomes de animais (*Abeja, Gallina, Lagarto, Perro, Porco, Sardiña, Toró, Zorro* etc.), classificações de plantas (*Cabaza, Cebolla, Hinojo, Lechuga, Prisco, Puerro* etc.), víveres (*Harina, Leche, Manteca, Pimienta*, e outros), abstractos (*Batalla, Guerra, Consejo* e outros).”

³⁶ Classificámos como *segundo nome-alcunha*, embora surja como *prenome* em “Bigode Frances”. Possivelmente, trata-se de *segundo nome* que passa a *prenome*, por isso não registámos esta forma no quadro dos *prenomes*.

³⁷ Parece ser alcunha do antigo adjectivo “cão”, significando o mesmo que branco, com a forma feminina correspondente “Cãa”. Cf. VASCONCELOS (1928), p. 191 e 219, e (1931), p.88.

³⁸ Parece ser alcunha que faz alusão a características físicas, significando o mesmo que “chamuscado”. Cf. VASCONCELOS (1928), p.277.

³⁹ Alcinha que parece estar relacionada com o corte de cabelo e parece ter sido, inicialmente, atribuída pelos espanhóis aos portugueses. Leite de Vasconcelos refere tratar-se de um apelido procedente de alcunha. Cf. VASCONCELOS (1928), p. 177.

⁴⁰ Parece tratar-se de alcunha. Cf. VASCONCELOS (1931), p.113 : “Provavelmente nascido de abundância do sistema piloso (...) de alguém que tem o cabelo por cortar e muito crescido dizemos ainda hoje que tem uma mata na cabeça.”

"Mourato/Mourata",⁴¹ "Orelha (de)", "Pardo", "Penteado", "Pestana", "Preto/Preta", "Rosado", "Sacota/Çaçoto", "Testa", etc.), morais ("Auro", "Braua", "Casto", "Cortez", "Folgado", "Forrão", "Leal", "Mansinho", "Maosinho", "Rascom",⁴² "Sengo"⁴³, etc.), qualidades expressas indirectamente através de metáforas com animais ("Aranha", "Camelo/Camela", "Coelho/Coelha", "Cordeiro/Cordeira", "Falcoa",⁴⁴ "Leam", "Leytam/Leytoa", "Lobo", "Peixoto", "Pinto/Pinta",⁴⁵ "Pita",⁴⁶ "Raposo", "Sardinha", etc.), através de comparação com plantas ("Barbusano", "Botelho/Botelha", "Castanheiro", "Cerejo", "Limoeiro", etc.), comparação com produtos naturais ("Farinha", "Leite",⁴⁷ "Nabo", "Pimenta"⁴⁸, "Vinagre", etc.), alcunhas que dizem respeito aos hábitos de vestuário ("Barreto", "Calçado", etc.), à origem social ("Fidalgo/Fidalga", etc.) e outras particularidades individuais ("Agosto",⁴⁹ "Borrvalho", "Caiado/Caiada", "Casco/Casca", "Gago", "Garro",⁵⁰ "Homem",⁵¹ "Mayo", "Pessoa", "Riquo", etc.). Podemos especular sobre o significado, origem e razão de atribuição destas alcunhas aos indivíduos, mas nem sempre podemos estabelecer uma relação entre o nome comum e a alcunha, como nos diz Pedro Cunha Serra: "Outra questão muito diferente e mais difícil é estabelecer a relação entre o

⁴¹ Parece ser adaptação do italiano "morato", que significa moreno, por influência de "mouro". Cf. VASCONCELOS (1928), pp.316-317.

⁴² Parece ser alcunha do antigo substantivo e adjectivo masculino "rascão" com o significado de desavergonhado, perseguidor de mulheres. Cf. MACHADO, Pedro, *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*.

⁴³ Parece ser alcunha do antigo adjectivo "sengo" com o significado de prudente. Cf. IDEM, *ibidem*.

⁴⁴ Parece ser alcunha atribuída à mulher de um indivíduo chamado "Falcão". Cf. VASCONCELOS (1928), p.222.

⁴⁵ Parece tratar-se de alcunha do s. m. "pinto" o mesmo que "filhote de galinha". Cf. VASCONCELOS (1928), p.230 e (1931), p.30.

⁴⁶ Parece ser alcunha correspondente à forma antiga "pita" feminino de "pito", donde temos "pinto" ou "pintainho". Cf. VASCONCELOS (1928), p.231. Embora possa ser um segundo nome de origem botânico-geográfica formado a partir da planta amarilidáceapita ou piteira, o que parece ser menos provável, uma vez que nunca ocorre com a partícula "de".

⁴⁷ Parece ser alcunha, provavelmente atribuída a um indivíduo devido à alvura da sua pele. Cf. VASCONCELOS (1931).

⁴⁸ Leite de Vasconcelos classifica "Pimenta" como apelido proveniente de alcunha com origem botânica e refere a forma derivada "Pimentel", que também incluímos nos segundos nomes-alcunhas (ver quadro nº 4). Cf. VASCONCELOS (1928), p. 263.

⁴⁹ Parece ser alcunha, possivelmente, atribuída a pessoa nascida no mês de Agosto, tal como a alcunha Maio.

⁵⁰ Parece significar "sarnento", "leproso".

⁵¹ "Homem", assim como "Pessoa", surge possivelmente por referência às qualidades físicas e morais da pessoa em causa.

nome comum e a alcunha; se nalguns casos tal relação é transparente, noutros, sem embargo de um aspecto exterior perfeitamente paralelo, a relação pode ser nula. Evidentemente e em qualquer caso, a alcunha pode surgir de um jacto, como manifestação de espontaneidade irrefreável, daí resultando puras homonímias e sendo absolutamente falacioso estabelecer correlação entre tal apelativo e tal alcunha.”⁵² Como podemos ver, abundam os *segundos nomes* de origem zoológica, resultantes de alcunhas metafóricas, que surgem por comparação com o reino animal. Leite de Vasconcelos escreve: “Os apelidos iguais a nomes de animais nasceram fundamentalmente de apodos que na língua quotidiana se aplicam a certos indivíduos. Quantas vezes não ouvimos dizer que alguém come como um lobo, tem unhas de gato ou manhas de raposa, e é finório como um melro? Os apodos deste e análogo teor passam com o tempo a alcunhas, e as alcunhas tornam-se apelidos.”⁵³

b) alcunhas provenientes de nomes de profissão, cargos ou actividades (“Adargueiro”, “Vogado/Vogada”, “Afilador”, “Albardeiro/Albardeira”, “Alealdador” ou “Alealdadeiro”, “Alfaiate”, “Almotacé”, “Almoxarife”, “Arrais”, “Barbeiro”, “Boticairo”, “Caixeiro”, “Calceteiro”, “Caldeireiro”, “Canauieiro”, “Carcereiro”, “Carniceiro”, “Carpinteiro”, “Carreteiro”, “Cerieiro”, “Doceiro”, “Ferrador” ou “Ferreiro”, “Malheiro”, “Mealheiro”, “Monteiro”,⁵⁴ “Picheleiro”, “Porqueiro”, “Çapateiro”, “Serrador” ou “Serralheiro”, etc.) e de objectos relacionados com o trabalho (“Caldeira”,⁵⁵ “Machado/Machada”,⁵⁶ etc.). Não podemos determinar com precisão se estes elementos ainda apresentam um valor individualizante, indicando a profissão do indivíduo, ou se já se fixaram como *segundo nome*, isto é, se apresentam um valor apelativo ou antroponímico. Pedro Cunha Serra escreve: “As alcunhas são quase sempre nomes que se ligam a determinado indivíduo ou que se apõem ao nome legal de determinado indivíduo, ou seja, determinado nome pode ter, consoante as circunstâncias, valor apelativo ou valor antroponímico: por exemplo,

⁵² Cf. SERRA, Pedro Cunha, “Estudos toponímicos (XIV- XVI)”, *Boletim de Filologia*, tomo XXI, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1965, p.109.

⁵³ Cf. VASCONCELOS (1931), p.63 (nota).

⁵⁴ “Monteiro” parece significar caçador de monte.

⁵⁵ Parece tratar-se de alcunha por alusão ao recipiente metálico, possivelmente relacionado com a actividade profissional do indivíduo, e não da antiga insígnia de nobreza de pendão e caldeira. Cf. VASCONCELOS (1928), p.273. Também não parece ser um segundo nome de origem geográfica, na medida em que não apresenta a partícula “de”.

⁵⁶ Parece fazer alusão a um instrumento de trabalho. Trata-se possivelmente de um fabricante ou vendedor de machados. A forma feminina é atribuída à mulher do indivíduo com este *segundo nome-alcunha*. Cf. VASCONCELOS (1928), p. 273.

barba e Barba".⁵⁷ Este autor distingue o valor apelativo do valor antroponímico grafando as primeiras formas com minúscula e as segundas com maiúscula. Não estabelecemos esta distinção porque a verdade é que nem sempre podemos determinar com certeza o valor de determinado nome. No entanto, quando o nome de profissão segue imediatamente o *prenome* parece ser já uma forma antroponímica cristalizada, quando surge depois de um *segundo nome* provavelmente tem um valor apelativo, designando a profissão do indivíduo. Kremer também salienta a estreita relação existente entre os nomes comuns e os nomes de pessoas provenientes de nomes de profissões, assim como os nomes de pessoas provenientes de designações de parentesco e estado civil que surgem como *segundos nomes-alcunhas*.⁵⁸

c) alcunhas indicativas das relações de parentesco ("Bastardo", "Colaço/Colaça", "Furtado/Furtada",⁵⁹ "Neto", "Sobrinho", etc.), estado civil ("Casado") e outras situações familiares ("Orfoom").

d) alcunhas provenientes de cognomes ou epítetos com valor distintivo, distinguindo, geralmente, dois membros de uma família com o mesmo nome ou homónimos ("Amo", "Grande",⁶⁰ "Moço", "Novo", "Pequeno", "Velho", etc.).

e) alcunhas de significado obscuro ("Abrea", "Anrullo/Arrulha", "Baldaia", "Balmeidão", "Barzuegas", "Basantes", "Borio", "Cotiço", "Cree", "Cambalacho", "Escoreio", "Masa", "Mayuto", "Pigarro", "Tyrytyro", "Zuzuegues",⁶¹ etc.). Poderíamos ter optado por registar estes *segundos nomes* de classificação difícil numa lista à parte, mas incluímos nos *segundos nomes-alcunhas* por nos parecer provável que muitos deles sejam originariamente alcunhas.

Os *segundos nomes-alcunhas* atribuídos a estrangeiros, por exemplo: "Bicudo", "Branco", "Calvo", "Froll", "Grilho", "Ledo", "Lyam" e "Pardo", podem ser alcunhas de origem portuguesa que substituem os *segundos nomes* estrangeiros ou formas estrangeiras que sofreram ou não adaptação à língua portuguesa. Assim, o *segundo nome* "Froll", de "Yoam Froll Ingres", pode ser um *segundo nome* de

⁵⁷ Cf. SERRA (1965), p.108.

⁵⁸ Cf. KREMER (1992), p. 471.

⁵⁹ "Furtado" parece significar o mesmo que filho ilegítimo. (Cf. VASCONCELOS (1928), p.183 e (1931), p.103.

⁶⁰ "Grande" significa, geralmente, "Velho" por oposição a "Pequeno" que significa o mesmo que "Moço" também equivalente a "Novo". (Cf. VASCONCELOS (1928), p.17.

⁶¹ Incluímos estas formas no quadro dos *segundos nomes-alcunhas*, embora possam corresponder a *segundos nomes* estrangeiros não identificados ou a *segundos nomes* de origem geográfica, o que parece ser pouco provável.

origem estrangeira ou o nome "Flor" como alcunha de origem portuguesa com metátese dupla entre o /r/ e o /l/, e "Pardo" pode ser alcunha alusiva a qualidades físicas (cor da pele do indivíduo), do adjectivo "pardo", ou um *segundo nome* de proveniência castelhana.⁶² Por isso, incluímos estes *segundos nomes* não só no quadro dos *segundos nomes* estrangeiros, mas também no quadro dos *segundos nomes-alcunhas*.

A maior parte dos *segundos nomes-alcunhas* que registámos correspondem também a topónimos, nomeadamente: "Aranha", "Boralho", "Botelha", "Bicudo", "Calçadas", "Caldeira", "Camelo", "Chamiço", "Chamorra", "Coelho", "Colaço", "Cordeira", "Delgado", "Farinha", "Favela", "Feijó", "Ferrado", "Fidalgo", "Frazão", "Furtado", "Gago", "Galhardo", "Gavião", "Gramaxo", "Landeiro/Landeira"⁶³, "Lobo", "Machado", "Magro", "Maosinho", "Matoso", "Moço", "Monteiro", "Moreno", "Nabo", "Pimenta", "Rebelo", "Raposo", "Sengo", "Taborda"⁶⁴, "Vinagre" e muitos outros. Os antropónimos parecem ser anteriores aos topónimos, pois, na origem destes topónimos estão provavelmente *segundos nomes-alcunhas* por alusão a proprietários locais com estes nomes. Assim como temos alguns *segundos nomes* que considerámos serem de origem geográfica, embora se comportassem como alcunhas, também temos alguns *segundos nomes* que classificámos como alcunhas, embora possam corresponder a topónimos.

⁶² VASCONCELOS (1928), p.192 (nota) transcreve Rios y Rios (p.152): "Pardo es dictado de los que eran caballeros por sollo presentarse a servir con armas y caballo."

⁶³ Leite de Vasconcelos refere que "Landeiro" pode significar o que cuida de porcos, embora também corresponda a um topónimo, por isso não pode dizer-se se na origem é alcunha se nome geográfico. (Cf. VASCONCELOS (1928), p.27 (nota)). Leite de Vasconcelos escreve ainda que o apelido "Landeiro" relaciona-se com o nome geográfico homófono, indicando os topónimos "Landeiro" no concelho de Cinfães e "Landeira" no concelho de Albergaria-a-Velha. (Cf. VASCONCELOS (1931), pp.110-111). Optámos por incluir os *segundos nomes* "Landeiro/Landeira" no quadro dos *segundos nomes-alcunhas*, pois é provável que os topónimos homónimos provenham dos antropónimos, originariamente alcunhas, embora esta classificação seja problemática.

⁶⁴ Leite de Vasconcelos, a propósito do *segundo nome* "Taborda", escreve: "Em Portugal conheço sítios, quintas e herdades que se denominam "Taborda", mas aqui os nomes provêm dos proprietários de terrenos. Deu-se o inverso do que aconteceu acima, o que é muito frequente." (Cf. VASCONCELOS (1928), p.306 (nota)). Leite de Vasconcelos acrescenta: "De origem provavelmente galega. Na geografia galega há Taborda". (Cf. VASCONCELOS (1931), p.129). Optámos por incluir esta unidade antroponomástica no quadro dos *segundos nomes-alcunhas*, pois em Portugal o topónimo provém do antropónimo, provavelmente alcunha e forma independente do topónimo galego.

4. Estrutura dos antropónimos nacionais de pessoas livres

A constituição dos antropónimos nacionais de pessoas livres apresenta as seguintes estruturas:

a) antropónimos formados apenas pelo *prenome* ("Ambrosyo", "Feducho", "Tome", "Esteuam", "Amtonio", "Diogo", "Manuell", "Marcall", "Matias", "Martinho", "Pero", "Bento", "Francisco").

b) antropónimos formados pelo *prenome* precedido de um título honorífico, eclesiástico ou académico. Geralmente, quando o *prenome* não é seguido de um *segundo nome* é antecedido de um título que apresenta valor distintivo ("Dom Garçia", "Dom Pero", "Dom Joam", "Dom Luis", "Dom Pedro", "Dom Amrrique", "Dona Ysabel", "Dona Juana", "Frey Afonso", "Frey Huguo", "Frey Sebastiam", "Mestre Andre", "Mestre Lopo", "Mestre Amtonio", "Mestre Guilhelme", "Doutor Diogo"). Os títulos podem ocorrer, excepcionalmente, com um nome inteiro, por exemplo: "Dona Joana dEça", "Dom Joam Anriquez", "Frey Nuno Cãao", "Doutor Diogo de Crasto", "Bacharell Diogo Luis", "Bacharell Joam dEvora", "Doutor Francisco Dias", "Doutor Diogo Nunez". Temos ainda, excepcionalmente, títulos combinados com formas que aparentemente parecem ser *segundos nomes*, por exemplo: "Doutor Fernandes", "Doutor Framdes", e a ocorrência de dois títulos combinados com um *prenome* "Doutor Mestre Duarte".

c) antropónimos constituídos apenas por um *segundo nome* (patronímico, geográfico ou alcunha), por exemplo: "Capelani", "França", "Caldeira", "Pinheiro", "Freytas", "Raposo", "Camacho", "Barbusano", "Callcado". Como podemos ver, os *prenomes*, embora sejam as unidades antroponomásticas mais fixas e estáveis, podem, excepcionalmente, ser omitidos. O *prenome* parece estar omitido também no antropónimo "Gonçalluez dOrnelas", em que temos a combinação de um *segundo nome-patronímico* com um *segundo nome-geográfico*.

d) antropónimos formados por um *prenome* seguido de um *segundo nome simples* (patronímico, geográfico ou alcunha), por exemplo: "Lopo Fernandez", "Joham do Porto", "João de Orta", "Joham dEvora", "Lourenço Gago", "Luis Delgado", "Joam Camello", "Maria Falcoa", "Antonio Coelho", "Joam Velho".

e) antropónimos formados por um *prenome* seguido de um *segundo nome duplo*: *prenome* + patronímico + nome geográfico ou étnico ("Jorge Annes d'Araujo", "Martim Afonso Gallego", "Gonçalo Eannes de Velosa"), *prenome* + patronímico + alcunha ("Luis Aluarrez Almoxarife", "Joam Alvarez Gago", "Gaspar Gonçaluez Velho",

"Johão Gonçalvez Chamorro", "Gonçallo Ayrres Çapateiro", "Afonso Eanes Tabaliam" que também surge como "Afonso Annes Esprivam"), *prenome* + nome geográfico + alcunha ("Joam do Porto Cellorgiam", "João de Lima Canauieiro", "Diogo de Medina Comfeyteiro", "Francisco de Liupias Teçelam"). Por vezes, temos, no mesmo documento, a omissão da forma patronímica ou do nome geográfico, em que a alcunha proveniente de nomes de profissão segue imediatamente o *prenome* ("Afonso Esprivam" por "Afonso Annes Esprivam" e "Joam Cellorgiam" por "Joam do Porto Cellorgiam"). Temos ainda, excepcionalmente, a combinação de duas formas patronímicas ("Diogo Gill Moniz"⁶⁵) e a combinação de dois nomes geográficos ("Joam de Viana do Caniço", "Joham dOrnelas de Vascomcelos").

Temos ainda outras possibilidades de identificação directa ou indirecta dos indivíduos, nomeadamente a indicação de relações matrimoniais para identificar os indivíduos, que é muito frequente, principalmente, em relação às mulheres que, geralmente, são individualizadas através do nome do marido, pois as mulheres só surgem nos documentos quando são viúvas ou quando o marido está ausente, e mesmo nestes casos não são designadas directamente mas sim indirectamente através do nome dos maridos, por exemplo: "a molher que foy de Diogo Nunez", "a molher dEsteuam Rodriguez", "a molher de Martim Mendez", "a molher que foy de Diogo Afomso dAguyar", "a molher que foy de Joam dos Santo" (sic), "a molher que foy de Pedro Aluarrez do Trauto", "Bretiz Gonçallvez molher que foy de Diogo Cabrall", "Catarina Rodriguez molher que foy de Braz Lourenco", "Isabel Afomso molher que foy dAnrique Furtado". A identificação do marido através do nome da mulher ocorre raramente, temos apenas um caso em: "Pedreanes marido de Catarina de Crasto". Encontrámos, ainda, a indicação de relações de parentesco e relações sociais, por vezes, associadas à indicação da profissão, por exemplo: "o Barbeiro genro desta molher de Joam Cidrom", "Rodrigo Afomso filho do Moleiro", "Afomso Fernandez genro do Combrombeiro", "Pedro Gonçallvez filho de Gaspar Gonçallvez", "Joam Vaz enteado de Joam Luiz", "Fernandeanes criado de Mendafomso", "Antoneanes rendeiro de Rui Gonçallvez".

⁶⁵ Parece-nos mais provável que se trate de um *segundo nome duplo*, resultante da combinação de duas formas patronímicas "Gill Moniz", embora também possamos estar perante um *prenome duplo*, "Diogo Gill", seguido de um *segundo nome-patronímico*.

5. Estrutura dos antropónimos de escravos

A presença de escravos canários, mouros e negros, no arquipélago da Madeira, está associada ao desenvolvimento económico da produção açucareira na ilha da Madeira. Pois, os escravos fornecem a mão-de-obra necessária a esta actividade agrícola. Mas, os proprietários de escravos não são apenas produtores de açúcar, uma vez que encontramos muitos escravos domésticos e outros pertencentes a quase todos os grupos sociais.

Utilizámos como fonte documental indirecta os quadros, relativos aos escravos e seus proprietários nos registos paroquiais e nos testamentos, apresentados por Alberto Vieira.⁶⁶ Nos registos paroquiais de baptizados, encontramos os escravos designados apenas pelo *prenome* seguido de uma observação relativa à origem étnica ou situação do escravo. Segue-se a indicação da filiação e o nome do proprietário que, por vezes, pode estar omitido. Contudo, alguns escravos baptizados são designados pelo *prenome* seguido de um *segundo nome* sem indicação da filiação, tratando-se possivelmente de escravos adultos. Nos registos paroquiais de casamentos e óbitos, temos, geralmente, o *prenome* dos nubentes ou dos defuntos seguido de um *segundo nome*, pois não se indica a filiação. Temos escravos designados apenas pelo *prenome*, visto que não possuem *segundo nome*, sendo identificados através das observações étnico-sociais e da aposição do nome do proprietário. No quadro relativo aos escravos segundo os testamentos, temos o nome do proprietário seguido, geralmente, apenas do *prenome* dos escravos. Alguns escravos são apenas designados por "escrava", "escravo" ou "escravinho" com indicação da quantidade.

Os *prenomes* de escravos são, geralmente, semelhantes aos *prenomes* de pessoas livres. Leite de Vasconcelos⁶⁷ refere a existência de *prenomes* de escravos coincidentes com os *prenomes* dos pais, com os dos proprietários, iguais aos dos padrinhos (ou só com a diferença de género), e *prenomes* relacionados com o do santo do dia do baptismo. Contudo, os escravos apresentam alguns *prenomes* que parecem ser pouco frequentes, pois apenas surgem atribuídos a escravos, por isso

⁶⁶ Cf. VIEIRA, Alberto, Anexos: "Escravos e libertos nos registos de baptismo", "Escravos e libertos nos registos de crismas", "Os escravos segundo os testamentos", "Proprietários de escravos", *Os escravos no arquipélago da Madeira. Séculos XV a XVII*, pp.237-392.

⁶⁷ Cf. VASCONCELOS (1928), pp.372-374.

registámos estas formas no quadro dos *prenomes* com a forma abreviada "Escr." (ver quadro nº 1). Trata-se de formas que revelam influência clássica por via literária e que surgem, principalmente, em fins do século XVI. A maior parte destas formas corresponde a *prenomes* femininos formados a partir de formas masculinas: "Ambrósia", "Aparícia", "Bastiana", "Belizarda", "Benta", "Bernarda", "Brásia", "Castanha", "Cosma", "Dionísia", "Gregória", "Guidania", "Hilária", "Inácia", "Jacinta", "Jerónima", "Juliana", "Leonarda", "Lourença", "Luciana", "Marcelina", "Pascoala", "Paula", "Petronila", "Policena", "Polinarda", "Ricarda", "Tomásia", "Toríbia". Temos também alguns *prenomes* masculinos pouco frequentes, que surgem atribuídos exclusivamente a escravos: "Amaro", "Barnabé", "Fabião", "Jacinto", "José", "Roberto" e "Toríbio". Encontrámos ainda as formas diminutivas "Gasparinho" e "Lourensinho" atribuídas a escravos, bem como o *prenome* feminino "Menina" atribuído a uma escrava, formas que, possivelmente, revelam afectividade ou constituem elementos distintivos. Alberto Vieira, ao estudar os *prenomes* dos escravos no arquipélago da Madeira, afirma: "Num total de 3.413 antropónimos atribuídos a crianças recém-nascidas, apenas cento e seis (3%) derivam dos pais, sendo noventa e três da mãe e treze do pai, e setenta do proprietário. Os restantes adquirem a origem em diferentes situações, de acordo com a devoção aos santos e a tradição."⁶⁸

Quanto aos *segundos nomes* de escravos, Leite de Vasconcelos⁶⁹ apresenta a seguinte classificação: "sobrenomes" que coincidem com os dos proprietários, referindo-se aos *segundos nomes* que provêm de patronímicos sem o sufixo *-ici*; "apelidos" que coincidem com os dos proprietários; e "apelidos" que coincidem com um dos elementos do nome do proprietário. Simplificando esta classificação, encontrámos os seguintes *segundos nomes* de escravos:

a) *segundos nomes* de escravos que correspondem a um dos elementos do *segundo nome* do proprietário (forma patronímica, nome geográfico ou alcunha), por exemplo:

Francisca Nunes escrava de Pedro Nunes Florença
Joana Coelho escrava de Agostinho Coelho
Isabel Brito escrava de Mem de Brito
Ana Brito escrava de Mem de Brito
Marquesa Damil escrava de Manuel Damil
João de Araujo escravo de Jorge Anes de Araujo
Helena Acioli escrava de Simão Acioli

⁶⁸ Cf. VIEIRA (1991), p.131.

⁶⁹ Cf. VASCONCELOS (1928), p.374.

Antonio Ribeiro escravo de Tristão Ribeiro
Cecilia Gonçalves escrava de Francisco Gonçalves
Vitoria d'Evora escrava de João d'Evora
Francisco Pires escravo de Gonçalo Pires
Domingos Ferreira escravo de Maria Ferreira
Francisco Pais escravo de Luis Pais
Estevão Afonso escravo de Fernão Afonso
Maria Castro escrava de Bras de Castro
Filipe Pestana escravo de Manuel Pestana
Aleixo de Betencor escravo de João Betencor Vasconcelos
Maria Gonçalves escrava de Maria Gonçalves da Costa
Bartolomeu Fernandes escravo de Guilherme Fernandes
Maria d'Araujo escrava de Gonçalo Araujo
Mateus da Veiga escravo de Bento da Veiga
Maria Dutra escrava de Antonio Dutra
Brasia Homem escrava de Catarina Homem de Aguiar
Justa Antunes escrava de Belchior Antunes
Domingas de Salamanca escrava de Francisco Salamanca
Antonio Mialheiro escravo de Jorge Mialheiro
Cristovão de Freitas escravo de Gonçalo de Freitas
Antonio Machado escravo de Bartolomeu Machado
Sebastião Rodrigues escravo de João Roiz Cabral
Martinho Gomes escravo de Niculau Gomes
Isabel Abreu escrava de Maria de Abreu
Manuel Escórcio escravo de Joana Escórcia
António Teixeira escravo de Ana Teixeira
Salvador Henriques escravo de Bartolomeu Henriques
Gaspar Fernandes escravo de Nuno Fernandes Cardoso
Beatriz Machada escrava de Lopo Machado
Sebastião Fernandes escravo de Antonio Fernandez de Agulha
Joana Afonso escrava de Amador Afonso
Antonio Rodrigues escravo de Manuel Roiz
Constança Rebela escrava de Antonio Rebelo de Lima
Barbara Berte escrava de Martim Berte
Luisa Mendes escrava de Duarte Mendes

b) *segundos nomes* de escravos que não correspondem aos *segundos nomes* dos proprietários, podendo corresponder aos *segundos nomes* dos pais ou de antigos proprietários, como sugere Leite de Vasconcelos: "Em todo o caso há muitos exemplos em que não se descobre nenhuma relação entre os apelidos de um escravo e os apelidos ou outro elemento do nome de seus senhores (...) o que não nos impede de crer que os apelidos com que os mesmos escravos nos aparecem nos assentos fossem os de senhores que eles anteriormente tivessem tido, e que conservassem na nova casa para que passaram".⁷⁰ Incluímos neste grupo os escravos sem indicação dos proprietários, não podendo determinar se os seus *segundos nomes* correspondem ou não aos dos seus senhores. Assim, temos, por exemplo:

⁷⁰ Cf. VASCONCELOS (1928), p.374.

Domingos Dias escravo de Isabel de Lemos
Bras Luis escravo de Duarte Afonso
Catarina Alvares escrava de Pedro Martins
Diogo Lopes escravo de Fernão de Ornelas
Leonor Gonçalves escrava de Fernão de Ornelas
Pedro Afonso escravo de Francisco Acioli
Manuel de Escovar escravo de Isabel Pacheca
Manuel de Coimbra escravo de Antonio Correa

Predominam os *segundos nomes* de escravos coincidentes com um dos elementos do nome do proprietário. Alguns *segundos nomes-geográficos* de proprietários, antecidos pela preposição *de*, perdem a preposição ao passarem a *segundos nomes* de escravos, por exemplo: "Catarina Freitas" escrava de "João Betencor de Freitas", "Isabel Brito" e "Ana Brito" escravas de "Mem de Brito", "Isabel Abreu" escrava de "Maria de Abreu", "Maria Castro" escrava de "Bras de Castro", o que mostra que se perdeu já a noção da proveniência geográfica do *segundo nome* de origem toponímica. Contudo, muitos nomes geográficos ao passarem dos proprietários para os escravos conservam a preposição *de* a anteceder o *segundo nome*, por exemplo: "Mateus da Veiga" escravo de "Bento da Veiga", "Vitoria d'Evora" escrava de "João d'Evora", "João de Araujo" escravo de "Jorge Anes de Araujo", "Cristovão de Freitas" escravo de "Gonçalo de Freitas", "Filipa d'Agrela" escrava de "Fernão d'Agrela", "Barbara de Canha" escrava de "Maria de Canha", "Maria de Brito" escrava de "Antonio de Brito", "Aleixos de Betencor" escrava de "João de Betencor". Outros *segundos nomes-geográficos* ocorrem já sem a preposição *de* tanto no nome do proprietários como no nome dos escravos, por exemplo: "Manuel Abreu" escravo de "Leonor Abreu", "Domingas Ornelas" escrava de "Manuel Ornelas". Temos ainda alguns exemplos de *segundos nomes-geográficos* de proprietários sem a preposição *de*, que surgem como *segundos nomes* de escravos com a preposição. Nestes casos, a preposição *de* parece já não indicar origem geográfica mas pertença aos proprietários com estes *segundos nomes*, por exemplo: "Aleixo de Betencor" escravo de "João Betencor Vasconcelos", "Maria d'Araujo" escrava de "Gonçalo Araujo". Os *segundos nomes* (algunhas e adjectivos étnico-geográficos) dos proprietários sofrem adaptação morfológica em género ao passar a *segundos nomes* dos escravos, quando há alteração do sexo, por exemplo: "Beatriz Machada" escrava de "Lopo Machado", "Manuel Escorcio" escravo de "Joana Escorcia", "Joana Coelha" escrava de "Agostinho Coelho".

Os escravos que não apresentam *segundos nomes* provenientes dos proprietários ou dos pais, são designados por um *prenome* seguido de um qualificativo étnico ou apenas por um *prenome*, seguido do nome completo dos pais e/ou dos proprietários. Alberto Vieira afirma: "A estrutura que materializa a identificação do escravo é simples, resumindo-se na maior parte das vezes ao nome [próprio], à situação étnica e à identificação do proprietário. Raros são os casos em que a ele se associa o apelido, que poderá ter origem no do proprietário ou progenitores".⁷¹ Geralmente, o *prenome* do escravo é seguido do nome do proprietário que o identifica, por exemplo: "Teresa" escrava de "Maria d'Arranda", "Catarina" escrava de "Baltasar Pita", "Catarina" escrava de "Lourenço Fernandes", "Maria" escrava de "Jorge Mialheiro", "Duarte" escravo de "Gaspar Aguiar". Nestes casos, provavelmente, o *segundo nome* dos escravos não é igual ao dos proprietários, como acontece quando o *prenome* dos escravos é seguido da filiação. Leite de Vasconcelos diz-nos que: "Quando se indica a filiação de um escravo, o nome próprio d'este, em regra, aparece simples, pois que se entende que o sobrenome ou apelido é o do pai, ou da mãe (no caso de estar solteira). Isto tanto acontece a respeito dos escravos de menor idade, como dos maiores (...) Não se indicando a filiação, junta-se, em regra, sobrenome ou apelido, e às vezes um e outro."⁷² Alguns escravos são designados apenas pelo *prenome* sem indicação da filiação ou do nome do proprietário, embora essas referências fossem obrigatórias, assim como a indicação da origem étnica, para a identificação dos escravos. Alberto Vieira escreve: "Nos registos paroquiais, ao nome do escravo e da origem étnica, associa-se sempre o nome do proprietário, condição indissociável da sua situação."⁷³

Não separámos os antropónimos de escravos dos antropónimos nacionais de pessoas livres, porque, como podemos ver, os escravos baptizados usam os mesmos nomes das pessoas livres. Como afirma Vieira: "O escravo, a exemplo do que sucedia com os homens livres, era identificado por um nome oficial, que à criança, nascida na ilha, era atribuído no momento do baptismo. (...) A estrutura que materializava a identificação do escravo é simples, resumindo-se na maior parte das vezes ao nome [próprio], à sua situação étnica e à identificação do seu proprietário. Raros são os casos em que a este se associa o patronímico,

⁷¹ Cf. VIEIRA (1991), pp.127-128.

⁷² Cf. VASCONCELOS (1928), p.376.

⁷³ Cf. VIEIRA (1991), p.139.

que poderá ter origem no do proprietário ou pais. Mas, sem dúvida, é muito mais evidente o recurso ao apelido, usualmente revelador da sua condição social, étnica e profissional, ou características físicas.”⁷⁴

6. Os *segundos nomes* de estrangeiros. Aportuguesamento das formas estrangeiras

Os estrangeiros, assim como os escravos, estão associados ao desenvolvimento económico da ilha, pois são atraídos principalmente pela riqueza do comércio açucareiro. A comunidade de estrangeiros residentes e estantes na ilha da Madeira, nos fins do século XV e no século XVI, é dominada pelos italianos (principalmente genoveses e florentinos), seguida pelos flamengos, franceses, ingleses, alemães e espanhóis. Na primeira metade do século XVI, os estrangeiros representam 24% do total dos proprietários de canaviais e 30% dos produtores de açúcar, o que mostra bem o peso e a integração destes na economia da ilha. Contudo, alguns destes estrangeiros não são residentes, são mercadores que vêm à ilha comprar o “ouro branco”.

Os *segundos nomes* de estrangeiros correspondem, muitas vezes, a nomes geográficos de proveniência estrangeira e a adjetivos étnico-geográficos que substituem as formas estrangeiras, indicando a proveniência dos estrangeiros e evitando a dificuldade de pronúncia dos nomes estrangeiros. Assim, temos os seguintes estrangeiros com *segundos nomes-geográficos e étnicos*: “Andre de Aranda”, “Francisco de Betencor”, “João de Bruges”, “Henrique de Aragão” e “João de Florença” (em que o *segundo nome* de origem geográfica “Florença (de)” substitui a forma estrangeira “Salviati” do florentino “João Salviati”), “João Lombardo”, “Jorge Allemam”, “João Bretam”, “Antonio Frances”, “Martinho Flamengo”, “Joam Escorcio” e “Christouam Cramones” (que designa o cremonês “Cristovão Bocollo”). Assim como, temos *segundos nomes* de estrangeiros de origem geográfica e étnica, também temos *segundos nomes* de estrangeiros, inicialmente, alcunhas e patronímicos. Leite de Vasconcelos, ao referir os *segundos nomes* estrangeiros de origem italiana, escreve: “Abstraindo de que muitos deles são na origem alcunhas, por exemplo, *Gentil, Morato, Seco, Vecchi*, e bem assim *Acciaiuoli*, (...) outros são geográficos, por exemplo, *Ferrari, Florença (Firenze)* (...) *Spínola, Viale*, ou étnicos, por exemplo, *Lombardo*,

⁷⁴ Cf. VIEIRA (1990), pp.2-3.

Toscano, (...), e outros são nomes próprios, por exemplo, *Jácome*, *Leone...*".⁷⁵ Assim, temos *segundos nomes* de estrangeiros que são inicialmente alcunhas, provenientes do país de origem ou que surgem no país de acolhimento, nomeadamente: "Bicudo" de "Janim Bicudo", "Branco" de "Marim Branco", "Calvo" de "Francisco Calvo", "Stallone" de "Fernão de Stalone",⁷⁶ "Acciaiuolli" de "Simão Acciaiuolli".⁷⁷ Temos também *segundos nomes* de estrangeiros que são patronímicos por sufixação ou por posição iguais aos *segundos nomes-patronímicos* nacionais, por exemplo: "Alvares" de "Armão Alvares" alemão, "Afonso" de "Martim Afonso" galego, "Dias" de "João Dias" flamengo, "Pires" de "Jácome Pires" flamengo, "Rodrigues" de "Deloguarde Rodrigues" castelhano, "Antonio" de "Viviam Antonio" francês. Como podemos ver, a estrutura dos *segundos nomes* de estrangeiros também apresenta nomes geográficos e étnicos, alcunhas e patronímicos.

Procuraremos estudar as formas estrangeiras aportuguesadas e não aportuguesadas dos *segundos nomes* dos estrangeiros de origem italiana, francesa, inglesa, flamenga e castelhana, através das variantes gráficas e fonéticas destes nomes. Contudo, nem sempre é fácil e seguro estabelecer uma distinção clara entre formas aportuguesadas e formas não aportuguesadas apenas com base na representação gráfica. Pois, o aportuguesamento dos *segundos nomes* estrangeiros pode ser feito através da adaptação meramente gráfica à língua portuguesa, conservando a pronúncia original (aportuguesamento da grafia sem alteração do som da forma primitiva), ou através de alterações fonéticas e morfológicas (adaptação da forma estrangeira ao sistema fonético, morfológico e gráfico do português). O caso mais frequente de adaptação morfológica parece ser a perda do morfema *-i* de plural das formas italianas aportuguesadas. Leite de Vasconcelos escreve: "Os italianos gostam muito de apelidos em *-i* (...) Têm-se dado várias explicações de tais apelidos. Aque se julga melhor é esta, que os apelidos em *-i* indicavam a princípio o conjunto dos membros da família a que determinado indivíduo pertencia, e que depois o plural se empregou como designação de cada indivíduo (...) Será curioso notar que os nossos apelidos

⁷⁵ Cf. VASCONCELOS (1928), p.319.

⁷⁶ A forma estrangeira *Stalone* parece ser de origem italiana, significando "garanhão" ou "cavalo macho destinado a procriar". Trata-se-ia, inicialmente, de alcunha, sendo que a partícula *de* associada a este nome não indica origem toponímica, mas sim, possivelmente, filiação paterna.

⁷⁷ Trata-se de um *segundo nome* inicialmente alcunha que, como indica Pedro Machado, significava "instrumentos de aço para afiar cortantes".

Perestrelo, de *Pallastrelli*, e *Lomelino* de *Lomellini*, se partiu do singular, e não do plural, como em *Morel*, de *Morelli*, o que parece mostrar que persistia consciência de que os nomes em *-i* eram de facto plurais. Apesar do que digo, há quem ultimamente suponha que deve voltar-se à antiga ideia dos que vêm nos nomes em *-i* um genetivo. (...) Nas palavras italianas acabadas em *-i* ou *-e*, caíu por vezes esta vogal ao passar para português”.⁷⁸ As formas estrangeiras podem ainda conservar a grafia primitiva e sofrer uma adaptação fonética, em que não há alterações gráficas mas há alterações fónicas que a grafia não deixa transparecer. Leite de Vasconcelos escreve: “Entre nós as palavras italianas foram ou representadas foneticamente, ou apenas com ortografia meramente visual. Do primeiro caso nos dá prova *Achioli* e *Pinhatelli*; do segundo *Tamagnini* com pronúncia portuguesa”.⁷⁹ Além disso, nem sempre conhecemos nem conseguimos reconstituir as formas primitivas estrangeiras e, por isso, torna-se difícil indicar se houve ou não alterações fonéticas e morfológicas e mesmo adaptações gráficas resultantes do aportuguesamento dessas formas estrangeiras.

Leite de Vasconcelos escreve: “Os apelidos de origem estrangeira usados em Portugal distribuem-se, no que toca à forma, em três grupos maiores: apelidos aportuguesados, como *Contreiras* de *Contreras*, *Galharde* ou *Galhardo* de *Gaillard*; apelidos cuja forma primitiva se adapta perfeitamente à nossa língua, como *Aguilar*; apelidos de claro aspecto estrangeiro, usados por indivíduos de outras nações, residentes em Portugal, ou por portugueses que descendem de indivíduos estranhos, como *Black*”⁸⁰. Não vamos estabelecer distinção entre três grupos de formas estrangeiras, como faz Leite de Vasconcelos, que distingue um grupo de *segundos nomes* aportuguesados ou com adaptação fonética e morfológica à língua portuguesa, um grupo de *segundos nomes* cuja forma primitiva se adapta perfeitamente ao português e um grupo de *segundos nomes* conservados intactos, ou seja, sem adaptação gráfica, fonética ou morfológica à língua portuguesa.

Vamos considerar que as variantes gráficas correspondem a variantes fonéticas, ou seja, que alterações gráficas traduzem alterações fonéticas e, por vezes, também morfológicas. Procuraremos

⁷⁸ Cf. VASCONCELOS (1928), pp.319-320.

⁷⁹ Cf. VASCONCELOS (1928), p.320.

⁸⁰ Cf. VASCONCELOS (1928), pp.281-282. Ao contrário de Leite de Vasconcelos, não considerámos a unidade antroponímica “Galhardo” forma aportuguesada do francês, mas sim alcunha.

então estabelecer uma distinção entre formas estrangeiras, das quais conhecemos as formas primitivas, que apresentam grande irregularidade gráfica, provavelmente resultante de alterações fonéticas por adaptação à língua portuguesa, e formas estrangeiras mais ou menos regulares, que não parecem ter sofrido, pelo menos aparentemente, alterações fonéticas e morfológicas, permanecendo assim mais próximas das formas primitivas, sem adaptação à língua portuguesa, incluindo ainda neste grupo as formas estrangeiras das quais desconhecemos as formas primitivas mas que parecem não sofrer aportuguesamento. Embora, seja sempre difícil e discutível estabelecer esta distinção, pelo facto de não conhecermos as formas primitivas de todas as formas estrangeiras e por estarmos limitados às informações fornecidas pela representação gráfica, não conhecendo, muitas vezes, as alterações fonéticas que podem ter ocorrido e que a grafia não deixa transparecer.

Começaremos por comentar as variantes de algumas formas estrangeiras, que parecem ter sofrido aportuguesamento, isto é, adaptação gráfica, fonética e morfológica à língua portuguesa. Neste grupo incluímos os seguintes *segundos nomes* de estrangeiros:

1) a forma primitiva de origem florentina "Acciaiuolli" que apresenta as seguintes variantes gráficas: "Cheolli", "Cheolli", "Cheoly", "Chioly", "Chiolly", "Amxyolly", "Amxyoly", "Amxiolly", "Amxyole", "Amxiolli", "Amxioli", "Amxyolle", "Amcheolli", "Amchioally", "Achioly", "Chiole", "Chyole", "Chyolle", "Caxioli" e "Acioli". A grande irregularidade na representação gráfica deste *segundo nome* estrangeiro parece revelar algumas alterações fonéticas, nomeadamente: a aférese ou a nasalização espontânea da vogal inicial [a] e a grafia <x> por <ch> que pode denunciar o desafricamento da consoante africada palatal surda do italiano [tʃ]. Na variante "Caxioli", a grafia <c-> em início de palavra parece indicar a prótese da consoante /k/, na variante "Acioli", a grafia <c> parece traduzir uma despalatalização, não sabemos se esta grafia representa o som consonântico /k/ ou se está por <ç> representando a sibilante surda [s]. A propósito do aportuguesamento deste *segundo nome* estrangeiro, Leite de Vasconcelos observa que a forma aportuguesada de "Acciaiuolli" é "Achioli", em que a grafia <ch> representa a pronúncia [tʃ] da grafia italiana <ci> ou <cci> e refere ainda a ocorrência das formas "Aceyoli" por "Accyoli" (com e por c)⁸¹. No entanto, verificamos que em todas as variantes ou adaptações gráficas, e possivelmente

⁸¹ Cf. VASCONCELOS (1928), p. 313.

fonéticas, à língua portuguesa, não ocorre a apócope do -i final, ou seja, não podemos falar em adaptação morfológica.

ii) a forma primitiva de proveniência florentina "Amatori"⁸² que apresenta a forma aportuguesada "Amador", com a variante "Amadori", em que temos a sonorização da consoante oclusiva surda em contexto intervocálico e a apócope do -i final que é conservado na variante "Amadori".

iii) a forma de origem geográfica francesa "Beloens (de)" com a variante gráfica "Belloens". Estas formas parecem ser semelhantes à forma primitiva, apresentando a forma aportuguesada "Balloas", em que temos a desnasalização da última vogal substituída pela grafia <a> que por assimilação vocálica à distância altera a primeira vogal em <a>.

iv) a forma primitiva de origem geográfica francesa, proveniente da Normandia⁸³, "Bettencourt (de)" que apresenta as seguintes variantes: "Betancor", "Betamcor", "Betemcor", "Betancour", "Beetencor", "Bitancort", "Betamquor", "Bitancor", "Betencor". Estas variantes gráficas traduzem o aportuguesamento desta forma estrangeira, nomeadamente no que se refere à terminação da palavra. A adaptação gráfica à língua portuguesa revela as oscilações ou variações características do português pre-clássico, nomeadamente, a hesitação entre as grafias <i>/<e> e entre as vogais nasais [ã] e [e].

v) a forma de origem cremonesa "Bocollo" que surge também grafada "Bocolho" com adaptação gráfica à língua portuguesa. A primeira forma gráfica parece corresponder à forma primitiva estrangeira.

vi) a forma de origem flamenga "Brum (d')",⁸⁴ também grafada "Bruum (d')", que parece corresponder à forma primitiva estrangeira "Bruyn" com provável adaptação à língua portuguesa.

vii) a forma "Carducho", adaptação da forma primitiva italiana "Carducci",⁸⁵ em que a consoante africada palatal surda [tʃ], representada pela grafia <cci>, é substituída pela grafia portuguesa <ch> que representa a mesma consoante. Trata-se, possivelmente, de

⁸² Cf. VASCONCELOS (1928), p. 313.

⁸³ Cf. VASCONCELOS (1928), pp. 288-289 e (1931), p. 86.

⁸⁴ VASCONCELOS (1928), p.285, ao apresentar os apelidos de origem flamenga e holandesa refere o apelido Brum e cita Marcelino Lima, *Famílias faialenses*, p.135: "Os Bruns, nos Açores, são de origem flamenga, descendentes de Guilherme de Brum ... que no último quartel do séc. XV ... emigrou para a ilha da Madeira, passando depois ele e os filhos, ou talvez só os filhos, à ilha do Faial". Este autor acrescenta, como informa Leite de Vasconcelos, que a forma primitiva deste nome seria "Bruyn".

⁸⁵ Cf. VASCONCELOS (1928), p. 314 e (1931), p. 88.

uma adaptação meramente gráfica. Temos também, nesta forma, uma adaptação morfológica do morfema final *-i* que passa a *-o*.

viii) a forma "Castelhano", com a variante gráfica "Castylhano", que aparentemente parece ser um adjetivo étnico-geográfico, indicando proveniência castelhana (natural de Castela), mas é adaptação portuguesa da forma primitiva italiana "Castigliani", em que a grafia <gli> corresponde ao som palatal lateral que em português é grafado <lh>. Trata-se também de uma adaptação meramente gráfica e de uma adaptação morfológica do morfema final de palavra à língua portuguesa.

ix) a forma "Catanho" é a forma aportuguesada da forma primitiva italiana "Cattaneo"⁸⁶, em que temos a palatalização da consoante nasal provocada pela vogal palatal que a antecede, apresentando também a forma "Canho", com supressão da sílaba medial possivelmente por distração do escrivão.

x) a forma primitiva francesa "Coquet" que apresenta as formas aportuguesadas "Quoquetes" e "Quoqueta" e a forma estrangeira "Coquet" sem aparente alteração fonética. As representações gráficas das formas aportuguesadas, além de revelarem a alteração da grafia inicial da palavra, revelam uma alteração fonética, a saber, a introdução de vogais paragógicas no final da palavra.

xi) a forma "Cronoalha", com a forma aportuguesada actual "Cornualha", que parece ser adaptação da forma primitiva inglesa "Cornwall".⁸⁷

xii) a forma primitiva de origem escocesa "Drummond"⁸⁸ que apresenta as seguintes variantes: "Dormondo", "Doromondo", "Dromondo", "Dormonde", "Doromond", "Drumom", "Doromundo" e "Drumond". Todas estas variantes gráficas representam tentativas de aportuguesamento deste nome de origem estrangeira com mais ou menos alterações fonéticas, mantendo-se mais próximo da forma estrangeira ou com maior adaptação à língua portuguesa, através da introdução de uma vogal paragógica no final da palavra e da epêntese de uma vogal do mesmo timbre para desfazer o grupo consonântico inicial.

xiii) a forma primitiva de origem geográfica castelhana "Escobar (d')" que corresponde à forma aportuguesada "Escovar (d')", com adaptação fonética da consoante oclusiva bilabial fricativizada em fricativa labiodental sonora.

⁸⁶ Cf. VASCONCELOS (1928), p. 314 e (1931), p. 89.

⁸⁷ Cf. VASCONCELOS (1928), p. 312.

⁸⁸ Cf. VASCONCELOS (1928), p. 312.

xiv) a forma de origem francesa "Esmeraldo", segundo Leite de Vasconcelos,⁸⁹ que parece ser a forma aportuguesada da forma primitiva "Esmenaut (de)", nome de origem geográfica, segundo o mesmo autor. Embora, nas variantes que registámos, este *segundo nome* do estrangeiro "João Esmeraldo" nunca ocorra com a partícula "de". Teríamos assim, na adaptação desta forma à língua portuguesa, a alteração da consoante nasal [n] em consoante vibrante, a alteração da semivogal [w] em consoante líquida lateral, a alteração da consoante final por sonorização e ainda a introdução de uma vogal paragógica por adaptação morfológica às formas masculinas do singular em português.

xv) a forma "Gante" que parece ser a forma aportuguesada da forma primitiva flamenga "Gent",⁹⁰ com introdução de uma vogal paragógica no final da palavra e a alteração da vogal em [ã].

xvi) a forma primitiva "Giacomo" com a forma aportuguesada "Jácome" que, nas variantes que registámos, surge grafada ora "Iacome" ora "Jacome". Nas formas aportuguesadas, a grafia italiana <gi>, que corresponde à consoante africada palatal sonora, é grafada <i> ou <j>, representando a consoante fricativa palatal sonora, uma vez que no sistema consonântico do português (já) não havia distinção entre a consoante africada e a fricativa palatal sonora.

xvii) a forma de origem genovesa "Gentil" que é adaptação portuguesa da forma primitiva "Gentile"⁹¹ com apócope do morfema -e final do italiano.

xviii) a forma de origem genovesa "Imperial", adaptação portuguesa da forma primitiva italiana "Imperiali",⁹² que apresenta as seguintes variantes gráficas: "Impiryall", "Impinryall", "Emperriall" e "Inperiall", em que temos a adaptação morfológica à língua portuguesa através da apócope do morfema -i final.

xix) "Leme" que parece ser a forma aportuguesada da forma primitiva estrangeira de origem flamenga "Lems" ou "Lemk".⁹³

xx) "Liminhana (de)" que parece ser a forma com adaptação gráfica à língua portuguesa e não "Lumilhana (de)", como sugerem alguns autores. Pois, a vogal -u- surge apenas uma vez, nas variantes

⁸⁹ VASCONCELOS (1928), p. 288: "Por 1480 aportou à ilha da Madeira um fidalgo da Picardia, de nome João de *Esmenaut*, origem dos Esmeraldos." Este autor afirma a origem francesa deste estrangeiro, que Gaspar Frutuoso declara ser genovês e que Álvaro Rodrigues de Azevedo, nas suas notas às *Saudades da terra* de Gaspar Frutuoso (p. 521), declara ser flamengo.

⁹⁰ Cf. VASCONCELOS (1931), p. 661.

⁹¹ Cf. VASCONCELOS (1928), p. 315.

⁹² Cf. VASCONCELOS (1928), p. 315.

⁹³ Cf. VASCONCELOS (1928), p. 286.

que registámos, e temos as grafias <n~>, <n> ou <nh> que parecem representar o som palatal nasal e não a consoante palatal lateral. Desconhecemos a forma primitiva deste *segundo nome* estrangeiro de origem geográfica, embora as variantes gráficas apontem para a forma primitiva "Limiñana (de)". As variantes que registámos são as seguintes: "Leminham (de)", "Lyminhana (de)", "Leminhana (de)", "Liminhana (de)", "Liminãna" e "Luminana".

xxi) "Lomelino", forma aportuguesada da forma primitiva de origem genovesa "Lomellini",⁹⁴ que apresenta as seguintes variantes gráficas: "Lomelim", "Lomelym" e "Lomelin", com apócope do -i final e terminação nasal. A forma aportuguesada actual parece ser "Lomelino", que, segundo Pedro Machado, é uma forma divergente de "Lomelim".

xxii) a forma primitiva de origem francesa "Noblet" que apresenta a forma aportuguesada "Nobre", em que temos a alteração da consoante líquida lateral em consoante vibrante e a adaptação gráfica à língua portuguesa com o desaparecimento da consoante final sem realização fonética no francês.

xxiii) a forma primitiva estrangeira, provavelmente italiana, "Ruggeri" que apresenta as variantes: "Rogery", "Rogeri", "Rangill", "Rogell", "Regel", "Roguel". As duas primeiras formas parecem revelar poucas alterações fonéticas. No entanto, observamos muitas alterações gráficas e fonéticas nas variantes seguintes. Verificamos que a grafia italiana <gge>, que corresponde à consoante africada palatal sonora, é representada graficamente nas formas aportuguesadas por <g> ou <gu>, correspondendo à consoante fricativa palatal sonora. Observamos ainda a apócope do -i final, a passagem do /r/ a /l/ em posição final de palavra, e a alteração da primeira vogal por assimilação à segunda na forma "Regel".

xxiv) a forma primitiva de origem florentina "Sernigi"⁹⁵ que apresenta as seguintes variantes: "Cernisse", "Sernise", "Sernige" e "Sernise". Nas formas aportuguesadas, a grafia italiana <gi> que representa a consoante africada palatal sonora surge uma vez com a grafia <g>, representando a fricativa palatal sonora, e, nas outras variantes, com as grafias <-ss-> e <-s->, o que parece indicar assibilação, isto é, alteração do som palatal em sibilante.

xxv) a forma primitiva de origem genovesa "Spinola"⁹⁶ que apresenta as seguintes variantes: "Espimdola (d')", "Espymdolla (d')",

⁹⁴ Cf. VASCONCELOS (1928), p. 316.

⁹⁵ Cf. VASCONCELOS (1928), p. 318 e (1931), p. 90.

⁹⁶ Cf. VASCONCELOS (1928), p. 314.

"Espindolla (d')", "Spindolla (de)". As alterações gráficas revelam alterações fonéticas resultantes da adaptação à língua portuguesa, nomeadamente: a prótese do *e*- que constitui uma nova sílaba, desfazendo o grupo consonântico inicial, e a epêntese da consoante *-d-* em posição medial de palavra.

xxvi) a forma primitiva "Stallone" que apresenta a forma aportuguesada "Estalone", também com a prótese do *e*- inicial. Embora não tenhamos a indicação da proveniência estrangeira do indivíduo que apresenta este *segundo nome*, a língua que serve de suporte a esta forma antroponímica parece revelar origem italiana.

xxvii) a forma primitiva de origem inglesa "Stockdall" que apresenta as formas aportuguesadas: "Estoquedalla" e "Estoquedal", também com a prótese do *e*- inicial e a substituição da grafia <ck> pela grafia <qu> para representar a consoante oclusiva velar surda.

xxviii) a forma primitiva de origem castelhana "Trujillo (de)" que apresenta as variantes: "Trozilho (de)", "Trosylho" e "Trogilho", em que temos a adaptação gráfica e fonética desta forma à língua portuguesa. De notar que a pronúncia castelhana original ainda apresentava a consoante fricativa palatal sonora, que se mantém numa das formas madeirenses e despalataliza nas outras.

xxix) a forma primitiva de proveniência genovesa "Usadimare" que surge grafada "Usademar" e "Usadamar", em que temos a apócope da vogal final e a alteração da segunda vogal.

Os *segundos nomes* de estrangeiros com formas estrangeiras que não sofreram adaptação gráfica, fonética e morfológica à língua portuguesa, pelo menos aparentemente, apresentam poucas ou nenhuma variantes gráficas, por isso limitámo-nos a enumerar essas formas estrangeiras. Incluímos neste grupo também os *segundos nomes* de estrangeiros cujas formas primitivas estrangeiras desconhecemos e, por isso, não sabemos se se trata de formas aportuguesadas ou de formas que não sofreram adaptações gráficas, fonéticas e morfológicas à língua portuguesa. Nestes casos, apresentámos como lemas as formas gráficas que surgem nos documentos e que parecem ser idênticas ou muito próximas das formas primitivas estrangeiras:

i) a forma "Bandurem" que parece ser de origem flamenga, possivelmente com a forma primitiva "Van Duren".

ii) a forma de proveniência cremonesa "Barzone" que surge, nas fontes documentais que consultámos, com esta forma, embora este

estrangeiro seja referido por Jasmins Pereira⁹⁷ como "Brocone". Não sabemos se será esta a forma primitiva estrangeira e a forma anterior uma forma aportuguesada.

iii) a forma "Benafaçom" que parece conservar a forma primitiva estrangeira sem adaptação à língua portuguesa.

iv) a forma primitiva "Capellani (di)" que pertence a "Capelão de Capellani", provavelmente italiano. "Capelão" parece ser a forma aportuguesada da forma primitiva do *prenome* "Capellano"⁹⁸. Não se justifica o *prenome* "Capella", como apontam alguns historiadores⁹⁹, uma vez que a forma aportuguesada do *prenome* que surge nas fontes documentais é sempre "Capelão" com as respectivas variantes gráficas. A forma "Capelani (de)" parece não ter sofrido adaptação à língua portuguesa, pois conserva o -i final, embora esta vogal final possa surgir grafada <e>, e embora esta forma possa surgir com um -s paragógico, apresentando as seguintes variantes gráficas: "Capelany (de)", "Capelane", "Capelani" e "Capellanis".

v) a forma de proveniência francesa "Caraçam" que apresenta a variante "Coraçam". Não sabemos se esta será já uma forma aportuguesada ou uma variante gráfica por dissimilação vocálica à distância. Temos ainda a forma "Caradas" que parece estar relacionada com as formas anteriores. Jasmins Pereira levanta a dúvida pertinente de saber se as formas "Caradas" e "Caraçam" são variantes do mesmo nome estrangeiro: "serão este e o anterior uma só pessoa, tratando-se apenas de variação na grafia do nome? Sem quaisquer outros dados acerca de cada um deles, pareceu-nos preferível referenciá-los separadamente com esta interrogação."¹⁰⁰ O que levanta esta interrogação é o facto de estas diferentes formas estarem associadas a um mesmo *prenome* "António", embora seja difícil explicar as alterações gráficas e fonéticas existentes entre as duas formas.

⁹⁷ PEREIRA, Jasmins, "Os estrangeiros na Madeira entre 1500 e 1537", *Estudos sobre história da Madeira*, pp. 351-425. Este autor escreve: "Bono Brocone, sendo chamado Boyno Barzone em A.N.T.T., N.A., nº903, fl. 22." (p. 382, nota de rodapé).

⁹⁸ Parece tratar-se de um *prenome* e não de um título eclesiástico, pois é provável a existência deste *prenome* italiano no século XV, além disso esta forma é seguida de um *segundo nome* de origem geográfica e os títulos, geralmente, são seguidos de um *prenome*.

⁹⁹ PEREIRA, Jasmins, "Os estrangeiros na Madeira entre 1500 e 1537", pp. 351-425 e VIEIRA, Alberto, "Os Mercadores estrangeiros e o comércio do açúcar na Madeira 1500-1540", *O comércio inter-insular nos séculos XV e XVI. Madeira, Açores e Canárias*, (quadro nº 5 em anexo), pp. 189-190.

¹⁰⁰ PEREIRA, Jasmins, "Os estrangeiros na Madeira entre 1500 e 1537", p. 387 (nota de rodapé).

Assim, optámos também por considerar as duas formas separadamente.¹⁰¹

vi) a forma "Curllo" que não apresenta variantes gráficas nem indicação da proveniência estrangeira, por isso supomos que a forma primitiva será semelhante a esta, tratando-se de uma forma que não sofre adaptação à língua portuguesa.

vii) a forma "Daldamar" que também não apresenta variantes gráficas nem indicação da proveniência estrangeira.

viii) a forma de origem francesa "Dizee" que também não apresenta variantes aportuguesadas.

xix) a forma de proveniência genovesa "Doria" que apresenta as seguintes variantes: "Dorea", "Doria" e "Douria". Como não conhecemos a forma primitiva estrangeira, não sabemos se se trata de formas aportuguesadas ou formas que não sofrem adaptação à língua portuguesa.

x) a forma de origem francesa "Duram" que não apresenta variantes. Apesar de desconhecemos a forma primitiva estrangeira, parece-nos não ter sofrido adaptação à língua portuguesa.

xi) a forma "Dutra", possivelmente da forma primitiva "de Utra", que apresenta apenas a variante "Dultra".

xii) a forma de origem francesa "Foquet" que não apresenta variantes, pois parece não sofrer adaptações à língua portuguesa.

xiii) a forma "Gani (de)" que parece não ter sofrido aportuguesamento, embora desconheçamos a sua forma primitiva e proveniência estrangeira.

xiv) a forma do inglês "Gotees" que apresenta a variante "Gote", mas também parece não sofrer adaptações à língua portuguesa.

xv) a forma "Justinhom" que apresenta apenas a variante "Gustinhom" e parece não sofrer adaptação à língua portuguesa.

xvi) a forma do inglês "Hultre" que não apresenta variantes e parece não sofrer adaptações à língua portuguesa.

xvii) a forma de origem florentina "Lamaroto (de)" que não apresenta variantes gráficas.

xviii) a forma de origem florentina "Lapy" que apenas apresenta a variante gráfica "Lape" e parece não sofrer adaptações à língua portuguesa.

¹⁰¹ A forma "Caraçam" aparece em 1517, enquanto a forma "Caradas" surge em 1509. O primeiro tinha morada na Ribeira Brava e o segundo na Calheta/Ponta do Sol. (Cf. VIEIRA, "Mercadores na Madeira séculos XV a XVI", (quadro n.º 1 em anexo), pp.165-176). Só temos a indicação da proveniência francesa associada ao *segundo nome* "Caradas" e não temos indicação da proveniência estrangeira para o *segundo nome* "Caraçam".

xix) a forma do francês "Lydoo" que não apresenta variantes aportuguesadas.

xx) a forma "Manardy" que também parece não ter sofrido adaptação à língua portuguesa.

xxi) a forma certamente castelhana "Miralles" que também não apresenta variantes aportuguesadas.

xxii) a forma do francês "Minyxom", com a variante "Mynixam", que também não parece sofrer adaptações à língua portuguesa. Pois, embora desconhecendo a forma primitiva, pensamos que deverá ser muito semelhante a estas.

xxiii) a forma do florentino "Moreli" que também não parece sofrer adaptação à língua portuguesa. Pois, todas as variantes gráficas desta forma conservam o morfema final *-i* ou *-e* da forma primitiva "Morelli",¹⁰² como podemos ver nas formas: "Moreli", "Morelly", "Morelle", "Morely".

xxiv) a forma primitiva "Negro (di)", que parece ser de origem italiana, surge grafada "Negro (de)", revelando poucas ou nenhuma alteração por adaptação à língua portuguesa.

xxv) a forma de origem florentina "Nardy", com a variante "Narde", que parece não ter sofrido alterações por adaptação à língua portuguesa.

xxvi) a forma "Oberim" que também parece não sofrer adaptação à língua portuguesa, embora não tenhamos conhecimento da forma primitiva estrangeira.

xxvii) a forma de proveniência francesa "Petell" que parece corresponder à forma primitiva estrangeira, não apresentando variantes aportuguesadas.

xxviii) a forma de origem catalã¹⁰³ que apresenta as variantes: "Ousel", "Ousell", "Housel" e "Uzel". Escolhemos a variante "Ousel" como lema, por ser, provavelmente, a forma gráfica mais próxima da forma primitiva.

xxix) a forma de proveniência francesa "Tuibaxa" que não apresenta variantes e por isso não sabemos se esta forma é uma forma aportuguesada ou se é uma forma semelhante à forma primitiva que não sofre adaptação à língua portuguesa.

¹⁰² Cf. VASCONCELOS (1928), p.317.

¹⁰³ O *segundo nome* estrangeiro "Ousel" parece ser de proveniência catalã, embora Álvaro Rodrigues de Azevedo indique a origem francesa deste nome. (Cf. AZEVEDO, nota xviii às *Saudades da terra de Gaspar Frutuoso* - "Princípios da povoação no archipelago da Madeira: sumário histórico dos povoadores nacionais e estrangeiros, e dos appellidos de famílias do mesmo archipelago", p.532.

Neste capítulo, procurámos definir a terminologia proposta, classificando as unidades antroponomásticas em *prenomes* e *segundos nomes*. A diversidade dos *segundos nomes* obrigou-nos a dividir estes em patronímicos, nomes religiosos, nomes geográficos e étnicos, e alcunhas. Tivemos ainda a necessidade de subdividir os *segundos nomes-geográficos* de acordo com as diferentes proveniências destes e de subdividir os *segundos nomes-alcunhas* em diferentes tipos, para melhor classificar as unidades antroponomásticas. Verificámos que a classificação de certas unidades antroponomásticas, por vezes, é problemática e nem sempre apresenta uma resolução definitiva. Procurámos ainda descrever a estrutura dos antropónimos de pessoas livres, de escravos e de estrangeiros, com base na classificação dos diferentes elementos onomásticos que os formam. Observámos que os *segundos nomes* de estrangeiros podem ser nomes geográficos e étnicos que substituem as formas estrangeiras, alcunhas ou formas patronímicas. Procurámos comentar fonética e graficamente o aportuguesamento das formas estrangeiras que surgem como *segundos nomes* de estrangeiros com base nas variantes registadas. Procurámos ainda distinguir, por um lado, as formas estrangeiras aportuguesadas e, por outro lado, as formas estrangeiras que parecem não ter sofrido adaptação à língua portuguesa e aquelas que não sabemos se são ou não formas aportuguesadas, uma vez que não conhecemos as respectivas formas primitivas. Embora, por vezes, seja perigoso estabelecer esta distinção apenas com base na grafia das variantes recolhidas nas fontes documentais.

Capítulo II

Aspectos da grafia, fonética, morfologia e sintaxe da antroponímia primitiva da Madeira

Neste segundo capítulo, pretendemos abordar alguns aspectos da grafia, fonética, morfologia e sintaxe das unidades antroponomásticas que procurámos classificar no capítulo anterior. É nosso objectivo fazer a descrição e comentário linguístico das variantes dos antropónimos que nos podem dar informações gráficas, fonéticas, sintácticas, lexicais e morfológicas, contribuindo para um melhor conhecimento da língua portuguesa transplantada para a ilha nos primeiros tempos de colonização.

1. Grafia e fonética

Os antropónimos apresentam variantes substantivas ou linguísticas (alterações fonéticas, morfológicas, sintácticas e lexicais) e variantes acidentais ou gráficas (supressões ou alterações de letras, geralmente por distração do escrivão). Nem sempre é fácil estabelecer uma clara distinção entre variantes fonéticas e variantes gráficas, na medida em que as variantes gráficas podem corresponder a variantes fonéticas, ou seja, as variações gráficas parecem indicar, por vezes, realizações fónicas variáveis.

Como as variantes gráficas correspondem a diferentes formas de grafar um mesmo nome, resta-nos saber se estas diferentes grafias correspondem a realidades fonéticas diferentes. Azevedo Ferreira diz-nos que, por vezes, a resposta deve ser afirmativa, mas que, na maior parte dos casos, trata-se de instabilidade gráfica: "Corresponderiam estas grafias a realidades fonéticas diferentes? Aqui e além, é possível que a resposta seja afirmativa, mas, na maior parte dos casos, é antes a dificuldade de representação gráfica dos sons que leva a esta anarquia no domínio da grafemática."¹⁰⁴ Para compreender a existência destas variantes gráficas, é necessário ter em conta que cada escrivão apresenta hábitos de escrita diferentes e hesitações na forma de grafar determinados sons da língua romance, uma vez que não existia, no português dos séculos XV e inícios do XVI, uma norma ortográfica

¹⁰⁴ Cf. FERREIRA, Azevedo, Afonso X. *Foro Real* (Edição e estudo linguístico), vol. I, Lisboa, INIC, 1987, pp. 314-315.

estabelecida: "Os escribas representavam frequentes vezes o mesmo som de diferentes maneiras e diferentes sons da mesma maneira".¹⁰⁵ Mattos e Silva, a propósito dos *Diálogos de S. Gregório*, escreve: "Estas alternâncias gráficas não querem dizer certamente apenas a ausência de uma norma ortográfica rígida - e este facto ganha maior força se lembramos que o texto se situa no chamado período fonético da ortografia - mas, sobretudo, e por isso aí está o seu interesse, podem ser o início de realizações fonéticas contemporâneas que, reconstituíveis, serão sempre, contudo, hipotéticas."¹⁰⁶ Esta autora defende que a variação gráfica pode corresponder à dificuldade de representar uma realidade fónica variável, na medida em que se trata de uma escrita fonética. Assim, a variação gráfica pode corresponder a uma variação fonética, isto é, pode denunciar diferentes realizações fonéticas coexistentes indicadoras de mudanças em curso.

Estamos num período de transição entre o português antigo ou medieval e o português clássico: trata-se do período do português médio ou pré-clássico e o início do período clássico da língua portuguesa. O período do português médio ou pré-clássico caracteriza-se por importantes mudanças linguísticas. Enquanto, o período do português clássico se caracteriza pelo esforço de uniformização e consolidação da escrita em língua portuguesa que começa com as primeiras gramáticas escritas em português: a de Fernão de Oliveira em 1536 e a de João de Barros em 1540. Castro afirma: "A inauguração do português clássico poderia ser cronologicamente assinalada por um evento editorial. O ano de 1536, correspondendo à data de impressão da *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira, simboliza o início da reflexão metalinguística que, em Portugal, passou a ter por objecto a língua nacional. E pode simbolizar igualmente uma nova fase na história do português; é claro que a escolha de tempos exactos para a vigência dos períodos em que se subdivide a história de uma língua é uma opção que tem muito de aleatório, mas parece confortavelmente seguro promover a primeira gramática portuguesa a primeiro testemunho da língua na sua fase clássica (...) Pode dizer-se que todo o período a que chamamos português médio (ou pré-clássico) foi uma longa transição da língua medieval para uma plataforma estável e clássica."¹⁰⁷

¹⁰⁵ Cf. WILLIAMS, E. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro, 1975, p.25.

¹⁰⁶ Cf. MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia, "O estudo linguístico de um texto português do século XIV", *Boletim de Filologia*, tomo XXII, 1973, p. 271.

¹⁰⁷ Cf. CASTRO, Ivo, *Curso de história da língua portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1991, p.243.

Quando pretendemos fazer um comentário das variantes gráficas e das representações ou realizações fonéticas subjacentes à representação gráfica, surge sempre o problema de saber até que medida se pode estabelecer correspondência entre sinais gráficos e sonoros. As unidades fonemáticas são representadas através de unidades grafemáticas, estas podem ser classificadas em unidades homofonemáticas, em que temos diferentes grafemas que representam um mesmo fonema. É o caso da consoante fricativa palatal sonora que é representada graficamente através das grafias <g>, <j>, <y> e <i>. E as unidades heterofonemáticas, em que um grafema corresponde a mais do que um fonema, por exemplo, a grafia <u> representa o segmento consonântico /v/ e o segmento vocálico /u/.

Vamos tentar comentar as variantes gráficas e fonéticas das unidades onomásticas registadas nos nossos quadros em anexo, tendo em conta o período de evolução da língua portuguesa em que nos encontramos, ou seja, os fenómenos de mudança linguística já ocorridos ou em curso, que a representação gráfica do sistema vocálico e do sistema consonântico deixa transparecer.

1.1. Vocalismo

1.1.1. Alternância entre as grafias <i>/<e> e <u>/<o>

A alternância vocálica manifesta-se através da oscilação ou variação gráfica entre <u>/<o> e <i>/<e>. Surge a questão de saber se esta é uma variação simplesmente gráfica ou se corresponde a uma variação fonética.

Fernão de Oliveira, na sua *Grammatica da lingoagem portuguesa*, faz referência à variação gráfica <u>/<o> e <i>/<e> em posição tónica e átona, mostrando que a oposição entre estes dois pares de vogais se neutralizava: "Das vogais, entre *u* e *o* pequeno há tanta vizinhança que quase nos confundimos, dizendo uns *somir* e outros *sumir*; *bolir* ou *bulir*; *dormir* ou *durmir*. E outro tanto entre *i* e *e* pequeno como *memórea* ou *memória*; *glórea* ou *glória*."¹⁰⁸. Assim, é a proximidade articulatória entre os fonemas /o/ fechado e /u/ e entre /e/

¹⁰⁸ Cf. OLIVEIRA, Fernão de, *A gramática da linguagem portuguesa*, (Introdução, leitura actualizada e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu), Lisboa, Imprensa Nacional-Casada Moeda, 1975, cap. xviii, p.64.

fechado e /i/ que explica esta confusão ou alternância gráfica. Herculano de Carvalho, ao estudar o vocalismo átono antigo em posição final e não final de palavra, refere a "oscilação acústica e articulatória entre [i] e [e] fechado e entre [u] e [o] fechado, aproximando-se umas vezes mais de [i, u] outras mais de [e, o], não só nas realizações de diversos indivíduos, conforme as regiões, o grau de cultura, etc., mas nas de um único e mesmo indivíduo."¹⁰⁹ Clarinda de Azevedo Maia afirma: "A proximidade acústica e articulatória de /o/ e de /u/ teria conduzido ao emprego do grafema <u>, sobretudo naquelas regiões onde, porventura, o referido fonema /o/ admitisse realizações mais fechadas. Seja qual for a explicação que se aceite, parece certo que o facto de se estar numa época em que a grafia ainda se não tinha fixado ajuda a explicar a hesitação, no interior do mesmo texto, entre formas com diferentes grafias."¹¹⁰

Registámos variação gráfica entre as vogais <i>/<e> nos seguintes contextos:

a) em posição pretónica, vogais orais e nasais em sílaba não acentuada inicial ou medial de palavra, por exemplo, nas formas: "Bexigosso/Bixigosso", "Castelhano/Castilhano", "Çerieiro/Çirheiro", "Eanes/Yanes", "Elena/Ilena", "Emperial/Imperial", "Erea/Irya", "Ferreira/Firreira", "Genebra/Ginebra", "Gregorio/Grigorio", "Leonor/Lianor", "Leminham/Liminhana", "Mealheiro/Mialheiro", "Medeiros/Mideyros", "Moteloa/Motiloa", "Pantaleão/Pantalião", "Pimentel/Pimintel", "Valentim/Valintim".

b) em posição postónica, por exemplo, nas formas: "Antoneo/Antonio", "Dorea/Doria".

c) em posição átona final de palavra, nas formas estrangeiras do italiano com conservação do morfema -i, por exemplo, nas formas: "Lapy/Lape", "Capelani/Capelane", "Cheolli/Chiolle", "Amxyolly/Amxyolle", "Morelly/Morelle", "Nardy/Narde". Quanto à variação gráfica entre <i>/<e> em posição final, Maia escreve: "Desde muito cedo /i/ e /e/ finais se fundiram num único fonema (...) desde o século XIII algumas palavras que terminavam em i proveniente de /i/ passam a ocorrer também com e. O fonema resultante dessa fusão dos dois fonemas admitiria diferentes realizações fonéticas, ora [e], ora [i],

¹⁰⁹ Cf. CARVALHO, Herculano de, *Estudos Linguísticos*, vol.2, Coimbra, Coimbra Editora, 1984, p.101.

¹¹⁰ Cf. MAIA, C., *História do galego-português; estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência ao galego moderno)*, Coimbra, I.N.I.C., 1986, p.394.

ora timbres intermediários.”¹¹¹ Assim, as vogais átonas finais teriam uma pronúncia breve e muito fechada em que a vogal /e/ se aproximava da realização fonética de /i/, confundindo-se graficamente estas duas vogais.

d) em posição tónica ou sílaba acentuada, por exemplo, nas formas: “Castelha/Castilha”, “Erea/Irya”, “Meçia/Micia”, “Mena/Mina”. Nas formas “Mecia/Micia”, possivelmente, podemos falar em harmonização vocálica, através de um fenómeno assimilatório em que a segunda vogal influencia o timbre vocálico da primeira.

e) temos ainda as formas: “Cascaes/Cascais”, “Leirea/Leiria”, “Moraes/Morais” e “Nabaes/Nabais”, em que a alternância entre as grafias <e>/<i> parece indicar a semivocalização da vogal, formando um ditongo decrescente.

Registámos variação gráfica entre as vogais <o>/<u> nos seguintes contextos:

a) em posição pretónica, por exemplo, nas formas seguintes: “Agostim/Agustim”, “Agostinho/Agustinho”, “Çollorgiom/Sorlugiam”, “Cotisso/Cutisso”, “Godinho/Gudinho”, “João/Juão”, “Manoel/Manuel”, “Moniz/Muniz”, “Nicolao/Niculao”, “Nogueira/Nugeyra”, “Rodryguez/Rudriguez”, “Roiz/Ruiz”, “Toribio/Turibio”.

b) em posição tónica, por exemplo, na forma: “Agosto/Agusto”.

Não registámos alternância entre as grafias <o>/<u> em posição átona final de palavra. Como podemos ver as alternâncias vocálicas entre as grafias <e>/<i> e <o>/<u> ocorrem tanto em posição átona como em posição tónica, por isso não podemos falar em elevação das vogais átonas. No entanto, verificamos que a variação gráfica entre estas vogais é maior em posição pretónica.

1.1.2. Assimilações e dissimilações vocálicas à distância

As alterações fonéticas de natureza assimilatória e dissimilatória que actuam entre as vogais são muito frequentes nos antropónimos que registámos.

¹¹¹ Cf. IDEM, *ibidem*, p.523.

Temos assimilação à distância das sequências vocálicas *a-e* e *e-a* que passam a *a-a* ou a *e-e*, por exemplo, nas formas: "Evangelho/Avangelho", "Caterina/Catarina", "Çezar/Çezer", "Rabello/Rebello", "Sebastiam/Sabastiam", "Serralheiro/Saralheiro", "Tabeliam/Tabaliam".

Temos fenómenos de dissimilação à distância nas seguintes sequências vocálicas:

a) *i-i* passa a *e-i*, por exemplo, nas formas: "Felipa" por "Filipa", "Felipe" por "Filipe" e "Denis" por "Dinis".

b) *o-o* passa a *o-a* ou a *a-o*, por exemplo, nas formas: "Bartolomeu/Bartolameu" e "Leonor/Leonor".

c) *e-e* e *a-a* passa a *e-a* ou a *a-e*, por exemplo, nas formas: "Benedito/Benadito", "Genebra/Janebra", "Sagramor/Sagremor", "Saraiva/Seraiva".

A variação entre as grafias <a> e <e> é frequente no mesmo item lexical, mesmo quando parece não resultar de fenómenos assimilatórios ou dissimilatórios. Podemos associar a estas formas com variação entre as grafias <e>/<a>, a forma aportuguesada do *prenome* alemão "Herman" que surge grafado "Armão", quando na mesma época sabemos que existe a forma aportuguesada "Hermão".¹¹² Registámos ainda a forma "Sarrão" que incluímos no quadro dos *segundos nomes-alcunhas* como item lexical independente, mas que poderá ser uma variante da forma "Serrão" por alteração de *e* em *a*. Estas variações vocálicas são fenómenos antigos que ocorrem com muita frequência nos textos dos séculos XV e XVI.

1.1.3. Vogais geminadas

As vogais geminadas que registámos nos antropónimos não representam encontros vocálicos ou hiatos resultantes da síncope de uma consoante, na medida em que os hiatos resolvem-se ao longo dos séculos XIV e XV através de fenómenos fonéticos de crase, ditongação e epêntese. Assim, a resolução dos hiatos parece já estar concluída em fins do século XV. Então as vogais geminadas apresentam outro valor gráfico que é necessário determinar. Segundo Williams, as vogais duplas continuaram a ser usadas por tradição mesmo depois de se

¹¹² No século XV-XVI temos o nome do impressor alemão "Hermão de Campos" (por de Campis, forma alatinada de Kempis). (Cf. VASCONCELOS (1928), p.283).

terem contraído na pronúncia, podendo representar graficamente a nasalidade ou a maior duração da vogal tónica ou ainda a abertura da vogal. Williams afirma que as vogais duplas "...foram usadas em lugar de uma vogal simples para indicar nasalização ou talvez o alongamento da vogal nasalizada (...) Foram, também, usadas em lugar de vogais tónicas simples (...) Pensa-se que também foram usadas para indicar o acento de intensidade (...) No início do século XVI vieram a ser usadas para indicar o som aberto de vogal (*a*, *e* e *o*), sendo o fechado indicado por uma vogal simples. Esse uso é mencionado por Fernão de Oliveira, em 1536, na sua *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* (Oliv, 28)".¹¹³

Encontrámos vogais orais e nasais geminadas, geralmente, em posição acentuada, embora alternando, por vezes, no mesmo item lexical com vogais geminadas não acentuadas, por exemplo nas seguintes formas: "Romãao" que alterna com "Romãoo", "Symãao" que alterna com "Symãoo", "Serrãao", "Moraaes" que alterna com "Moraaees", "Mygeel", "Nycollaao", "Paaez" que alterna com "Paaez", "Paaz", "Paayo", "Saa", "Tauaaes", "Vaaz", "Grauijel" e "Dijaz" que alterna com "Diaaz". Nas duas últimas formas, temos as vogais geminadas <ij>, em que o segundo "i" é sempre grafado "j" ("i" longo).

A grafia das vogais geminadas não etimológicas, segundo Azevedo Ferreira, parece corresponder a "uma pronúncia mais prolongada ou mais enérgica da vogal geminada, pelo menos nas vogais tónicas como "ij", onde a tensão exercida faz prolongar a intensidade."¹¹⁴ Azevedo Ferreira escreve ainda: "Constatamos uma frequência muito grande de vogais geminadas, o que se explica quer por razões etimológicas, como a síncope da consoante intervocálica, quer como consequência de uma assimilação, quer para indicar a vogal tónica, quer por falsa analogia."¹¹⁵ Encontrámos vogais geminadas tónicas e átonas, embora sejam mais frequentes as vogais geminadas tónicas que parecem indicar a maior intensidade e, conseqüentemente, o prolongamento das vogais. A alternância, nos mesmos itens lexicais, entre vogais geminadas tónicas e átonas surge, possivelmente, por falsa analogia.

¹¹³ Cf. WILLIAMS (1961), p.38.

¹¹⁴ Cf. FERREIRA (1987), p.320 (nota 19).

¹¹⁵ Cf. FERREIRA (1987), p.319.

1.1.4. Representação gráfica dos fonemas /i/ vogal e /j/ semivogal

O fonema /i/ é representado por dois grafemas equivalentes, nomeadamente <i> e <y>. Estes grafemas representam também o segmento semivocálico /j/, na constituição dos ditongos decrescentes /ej/ e /aj/ e dos ditongos crescentes /je/, /ja/ e /ju/. Assim, não há distinção gráfica na representação da vogal e da semivogal, como podemos ver nas seguintes formas: "Aguiar" e "Aguyar", "Almeida" e "Almeyda", "Anbrosio" e "Ambrosyo", "Faria" e "Farya", "Ferreira" e "Fereyra", "Freytas" e "Freitas", "Leitam" e "Leytam", "Maciell" e "Maçyell", "Ribeiro" e "Rybeiro", "Vyeira" e "Vieyra", "Teyxeira" e "Teixeira", "Rui" e "Ruy", "Maior" e "Mayor", "Saraiua" e "Sarayva", "Pereyra" e "Pereira", "Caniço" e "Canyço", "Cirne" e "Cyrne", "Capelani" e "Capelany", "Ysabell" e "Isabel", "Miguel" e "Myguel", "Gill" e "Gyll". Verificamos que as grafias <i> e <y> ocorrem em posição inicial, medial e final de palavra.

Só a partir de Fernão de Oliveira começa a surgir uma certa regularidade gráfica na distinção dos fonemas /i/ e /j/. Este gramático procura estabelecer a distinção na representação gráfica destes fonemas, defendendo que a grafia <y> deve ser reservada para grafar a semivogal: "Esta letra y (...), da qual alguns poderão dizer que não é nossa; mas eu lhe darei ofício na escritura das nossas dicções próprias, e é este: que as mais das vezes, quando vem uma vogal logo trás outra, nós pronunciamos entre elas uma letra como em *meio, seio, moio, joio* e outras muitas. A qual letra a mim me parece ser y e não i vogal, porque ela não faz sílaba por si (...)." ¹¹⁶

1.1.5. Monotongações e ditongações

Nos documentos consultados encontramos variantes que parecem apontar uma certa tendência para a monotongação dos ditongos /ej/ > /e/ e /ow/ > /o/.

Quanto ao ditongo /ej/, temos alternância entre as formas: "Perera" por "Pereira" e "Pinhero" por "Pinheiro" (estas duas formas surgem em 1534/L2D grafadas pelo mesmo escrivão), "Tavera" e "Taeuyra" são formas que surgem na representação gráfica do mesmo escrivão em 1516/ - C, "Caldereiro" por "Caldeireiro", "Fretas" por

¹¹⁶ Cf. OLIVEIRA, Fernão de, *A Gramática da linguagem portuguesa*, cap. xiv, p.56.

"Freitas", "Merelles" por "Meirelles", "Sequera" por "Sequeira", "Texeira" e "Teixera" por "Teixeira", "Teves" por "Teives" e "Pixoto" por "Peixoto". A variação gráfica entre as formas que parecem conservar o ditongo e as formas que parecem indicar monotongação revelam, possivelmente, realizações fonéticas variáveis que parecem denunciar uma evolução fonética em curso.

Quanto à monotongação do ditongo /ow/, registámos as formas seguintes: "Oryues" por "Ouriuez" e "Coto" por "Couto" ou "Coyto", em que o ditongo /oj/ alterna com o ditongo /ow/. Teyssier explica que o surgimento desta variante *oi* está relacionado com o fenómeno de monotongação, pois a distanciação dos dois elementos que compõem o ditongo evita a monotongação. Segundo Teyssier, a monotongação dos ditongos decrescentes /ej/ e /ow/ é um fenómeno de mudança linguística que ocorreu apenas no século XVII. Mas, não é de rejeitar que, no ambiente insular, ele tenha ocorrido mais cedo. Paul Teyssier escreve: "Difícil é precisar quando se produziu, no sul de Portugal, a monotongação de *ei*. No teatro da segunda metade do século XVIII, e por *ei* caracteriza o falar das personagens populares do Alentejo (ex.: *sardenhero* por *sardinheiro*). A monotongação era, pois, um facto consumado naquela data. É de crer, no entanto, que as suas primeiras manifestações fossem mais antigas."¹¹⁷ Quanto à monotongação de /ow/, Teyssier escreve: "O ditongo *ou*, isto é, [ow], passou a [o] no actual português comum (...) Esta monotongação começou provavelmente a manifestar-se no século XVII. Invadiu todo o Sul e a maior parte do Centro de Portugal, mas no resto do País, ou seja, uma vez mais, no Norte, o antigo ditongo *ou* [ow] continua vivo."¹¹⁸ Assim, a monotongação destes ditongos parece apontar para uma evolução característica dos dialectos do sul de Portugal. Hoje, nos dialectos madeirenses, temos a monotongação do ditongo /ow/ e a conservação do ditongo /ej/ diferenciado em /aj/, como na língua padrão, ao contrário dos dialectos setentrionais que conservam os ditongos inalterados. A alternância entre as grafias <ei>/<e> e <ou>/<o> revela, possivelmente, realizações fonéticas variáveis.

Quanto às ditongações, Leite de Vasconcelos, ao falar do dialecto madeirense, escreve: "Dans le langage de Madère, (...) je trouve *pessoua* et *Lisboua*. (...) Dans toute l'île de Madère, il y a un *i* spécial que

¹¹⁷ Cf. TEYSSIER, Paul, *História da língua portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1982, p.64.

¹¹⁸ Cf. IDEM, *ibidem*, p.52.

M. Gonçalves Vianna compare à l'y polonais, et que je note par i, ex: *navio* (presque *navêio*), *rio*;"¹¹⁹ Lindley Cintra ao referir as particularidades fonéticas mais significativas dos "dialectos madeirenses" regista a tendência para a ditongação: "a introdução da semi-vogal [j] depois da consoante inicial e antes de uma vogal acentuada com a qual forma um ditongo crescente (...) A ditongação de o antes de a em *au* (...) o ditongo *ou* aparece em posição final, transformado em *ua*"¹²⁰ E Paula Freitas, ao falar sobre as afinidades fonéticas existentes entre o norte de Portugal e o falar de S. Vicente da ilha da Madeira, refere entre outros traços as ditongações frequentes de diversas vogais: "Existem "desvios" comuns, isto é, que se estendem a todas as zonas do país, pertencendo, por isso, ao português popular (...) Mas existem também alguns fenómenos verificados unicamente em zonas determinadas (...) O maior número de correspondências coincide, sem dúvida, com as zonas 1 e 2, ou seja a parte Norte de Portugal, e são: (...) ditongações frequentes de diversas vogais: *augua*, *coixo*, *desgracia*, *presencia*, *soidades*."¹²¹ Como podemos ver, as ditongações parecem revelar uma tendência específica dos dialectos madeirenses que, possivelmente, encontra algumas raízes em traços dialectais do norte de Portugal.

Na antroponímia primitiva madeirense, registámos as seguintes formas que parecem apresentar ditongação das vogais tónicas: "Breitis" por "Bretis", "Coixo" por "Coxo", "Douria" por "Doria" e "Roixo" por "Roxo". Temos ainda a variação entre as formas "Gramaxo" e "Gramayxo", com ditongação da vogal tónica na segunda forma, em que as duas variantes são grafadas pelo mesmo escrivão, Afonso Eannes, em 1495-96/L1A. O desenvolvimento de uma semivogal palatal, nas formas "Garamayxo", "Coixo" e "Roixo", constituindo os ditongos decrescentes /aj/ e /oj/, pode ser explicado, possivelmente, através da proximidade da consoante palatal /ʃ/. O mesmo parece acontecer em "Çereyxo" com a variante gráfica "Çereyo", que corresponde à forma gráfica actual "Cerejo", em que a ditongação da vogal tónica na primeira forma com o ditongo /ej/ antecede a consoante palatal sonora grafada <x> que parece indicar ensurdecimento, enquanto na segunda forma a grafia <y>

¹¹⁹ Cf. VASCONCELOS, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Lisboa, CLUL, 1987, p. 130.

¹²⁰ Cf. CINTRA, Lindley, "Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses", (texto inédito), pp.19-23.

¹²¹ Cf. FREITAS, Paula, *O falar de S. Vicente. Descrição do sistema vocálico*, Câmara Municipal de S. Vicente, 1994, p. 79.

possivelmente, representa simultaneamente a semivogal e a consoante palatal sonora. Em posição não acentuada inicial, temos a ditongação da vogal átona *i*- em /ej/ na forma "Eiria" por "Irya".

1.1.6. Epêntese de vogais

Verificamos que ocorrem epênteses de vogais em algumas variantes das unidades antroponomásticas recolhidas. A ocorrência destas vogais epentéticas aponta para a tendência de desfazer grupos consonânticos, criando mais uma sílaba, por exemplo: "Doromomdo" por "Drumond", "Garamaxo" por "Gramaxo", "Gerigorio" por "Gregorio", "Sepriuum" por "Spriuum". A introdução de uma vogal epentética pode também fazer com que a consoante em posição de coda passe a ser ataque da nova sílaba, por exemplo: "Aluaro" por "Aluaro", "Barabusano" por "Barbusano", "Jeroge" por "Jorge".

Nas variantes gráficas "Correa" (1485-86/L1A), "Coreia" (1488-89/L1A), "Correa" (1496-97/L1A) e "Correia" (1578/L6F), tal como em "Gouuea" (1481-82/L1A), "Gouvea" (1494/L1B) e "Gouveia" (1559/L1F), verificamos que as sequências vocálicas em hiato em posição final de palavra sofrem a inserção ou epêntese da semivogal palatal. Trata-se de hiatos constituídos por vogais que não podem fundir-se por não estarem na mesma faixa de altura, como explica Williams, por isso estes hiatos são resolvidos com a inserção da semivogal [j]. Williams afirma que o elemento semivocálico inserido começa a aparecer graficamente representado no século XVI, embora tenhamos registado, já em fins do século XV, uma forma com representação gráfica da semivogal, como podemos ver nos exemplos acima citados, o que prova que realmente a epêntese desta semivogal já estaria possivelmente concluída nesta época, mas como sabemos a grafia é mais conservadora e por isso nem sempre revela todas as inovações da língua falada.

1.2. Consonantismo

1.2.1. Representação gráfica das consoantes sibilantes

No português arcaico, temos um sistema de quatro sibilantes, as sibilantes ápico-alveolares surda /s/ e sonora /z/ correspondentes respectivamente às grafias <s-, -ss-> e <-s->, e as sibilantes africadas

predorsodentais surda /ts/ e sonora /dz/ correspondentes às grafias <c, ç> e <-z-> respectivamente. A confusão entre as sibilantes predorsodentais e ápico-alveolares parece ter começado com a perda do elemento oclusivo inicial das africadas predorsodentais que se aproximam das fricativas ápico-alveolares.

Paul Teyssier considera, tendo em conta o testemunho de Fernão de Oliveira, que, no início do século XVI, as quatro sibilantes ainda existiam no português como unidades distintivas: "Por volta de 1500, as duas africadas /ts/ e /dz/ tinham perdido o seu elemento oclusivo inicial, mas a oposição entre os dois pares de fonemas continuava a manter-se, porque o seu ponto de articulação não era o mesmo. (...) A existência dessas quatro unidades distintivas no português do início do século XVI não sofre dúvida. As grafias são sempre muito coerentes (...) Enfim, a *Gramática* de Fernão de Oliveira (1536) contém uma descrição bastante precisa dos quatro fonemas e permite identificá-los. Mas, por volta de 1550, confusões começam a aparecer nos textos entre cada uma das predorsodentais e a ápico-alveolar que lhe corresponde (...) Em fins do século XVI o português comum reduziu a dois os quatro fonemas (...) Mas a transformação que acabamos de descrever refere-se ao português comum, isto é, à língua oficial cuja norma é o uso do Centro e do Sul do País."¹²² É necessário ter presente que Teyssier fundamenta a datação apresentada da redução das sibilantes principalmente no testemunho de Fernão de Oliveira, esquecendo a origem dialectal nortenha deste gramático. Castro, ao referir a evolução das sibilantes, afirma: "... estava em progressão, no sentido sul-norte, uma fusão do sistema das duas africadas /ts/ e /dz/ e das duas fricativas /s/ e /z/. Gramáticos oriundos de cidades como Aveiro (Fernão de Oliveira) ou Viseu (João de Barros) não reconheciam ainda o fenómeno, mas mais para o fim do século, em 1574, Pero Magalhães de Gândavo já o condenava como fuga aos mandamentos da norma."¹²³

Mattos e Silva escreve: "O problema que não está resolvido é o do momento em que se perdeu o traço oclusivo das africadas. (...) É certo que na descrição de Fernão de Oliveira (1975:54-55) estão distinguidos quatro elementos sibilantes, (...) É certo também que os dois primeiros gramáticos nada informam sobre "confusões" ortográficas entre sibilantes de origens diversas, enquanto os do fim do século XVI, Duarte Nunes de Leão e P. M. de Gândavo, atestam as confusões ortográficas

¹²² Cf. TEYSSIER (1982), pp.50-51.

¹²³ Cf. CASTRO (1991), p.252.

que já se processavam nos fins do século XVI.”¹²⁴ Segundo Lindley Cintra, a confusão entre sibilantes predorsais e apicais começa a manifestar-se através de confusões gráficas em textos da segunda metade do século XIII produzidos no sul de Portugal, que apresentam confusões gráficas entre *s-* e *ç/c*, entre *-s-* e *-z-*, e entre *-s* e *-z*: “Mais, quant au portugal méridional, y compris les alentours de Lisbonne, je ne vois pas de motifs pour douter, vu le nombre et la variété des exemples (*-z* au lieu de *-s*, *-s-* au lieu de *-z-*, *-z-* au lieu de *-s*, *s-* au lieu de *c-*), de ce fait que la simplification du système des sibilantes par la confusion de *s-*, *-ss-* avec *c*, *ç*, et de *-s-* avec *-z-* était en train de s’y produire dès la seconde moitié du XIII siècle.”¹²⁵ Como a evolução surgiu no sul, é provável que, na língua padrão, esta evolução se manifestasse apenas a partir de inícios ou meados do século XVI.

Clarinda Maia informa que se pode admitir que é na posição implosiva final de palavra que a realização dos quatro elementos começa a perder-se, uma vez que desde o século XIII há oscilação gráfica nessa posição entre *s* e *z*. Esta autora, ao referir os contextos em que ocorrem as confusões gráficas entre *z* e *s*, afirma: “Em primeiro lugar, em final de palavra, ou seja, em posição implosiva, onde *z* era um som particularmente frouxo. Desde o século XIII que, neste contexto, *-z* e *-s* (ou *-ʃ*) podiam alternar na grafia: (...) Fernandes (1334 C 11; 1434 C 17), Domingues (1434 C 17), (...). Tenha-se, contudo, presente que, em geral, os patronímicos terminam em *-ez* ou *-iz*, mas nos documentos galegos aparecem, mesmo assim, bastantes formas em *-es* (...). Embora, no que se refere aos patronímicos, o uso da grafia *-s* por *-z* nem sempre seja necessariamente indicador de confusão fonética, pois nalgumas zonas peninsulares parece ter existido o costume, simplesmente gráfico, de, em formas dessa natureza, empregar *-s* por *-z*, suponho que, no caso presente, se trata de uma verdadeira mudança fonética. (...) Do que fica dito parece ser possível interpretar as formas citadas como manifestações do fenómeno do *seseo* que, aliás, deve ter tido o seu início na posição implosiva, onde *z* era um som articulatoriamente relaxado. (...) Os textos galegos oferecem, além disso, exemplos claros do uso de *-s-* por *-z-* em posição intervocálica (...).”¹²⁶ Segundo Clarinda Maia, estas confusões gráficas que, no Centro e Sul de Portugal, se começam a manifestar a partir do século XIII, revelando a confusão fonética das

¹²⁴ Cf. MATTOS E SILVA (1991), p.94.

¹²⁵ Cf. CINTRA (1963), p.75.

¹²⁶ Cf. MAIA (1986), pp.454-455.

sibilantes apicais e predorsais em favor destas últimas, deve ter-se generalizado e consumado durante o século XV e XVI.

Mattos e Silva escreve: "Quando começa a ficar documentada a variação nas grafias de um mesmo vocábulo - ora com s ora c, ora -s- ora -z- se pode inferir que o traço distintivo que opunha as duas surdas e as duas sonoras - a predorsodental e a ápico-alveolar - estava em processo de mudança. É parece que é isso que ocorre, de Lisboa para o sul, desde o século XIII e está no dialeto padrão dos fins do século XVI."¹²⁷ Os dialetos rurais mais conservadores do extremo norte de Portugal mantêm até hoje o sistema arcaico de quatro sibilantes, enquanto, no português padrão, se difundiu a inovação meridional de redução do sistema de quatro para duas sibilantes. As confusões ortográficas registadas na antroponímia primitiva madeirense mostram-nos que esta mudança já está em curso na ilha em fins do século XV e inícios do século XVI. Trata-se de uma mudança ocorrida nos dialectos centro-meridionais e que se verifica desde muito cedo no arquipélago da Madeira, devido à maior força expansiva destes dialectos nas regiões colonizadas ou, provavelmente, surgindo de forma espontânea nesta região de colonização.

Registámos confusão entre a sibilante ápico-alveolar e predorsodental sonora nos seguintes contextos:

a) em posição implosiva final de palavra, temos alternância entre as grafias <-z> e <-s>, por exemplo, nas formas: "Annez/Anes", "Diaz/Dias", "Alvarez/Aluares", "Rodriguez/Rodrigues", "Braz/Bras", "Gomez/Gomes", "Inez/Ines", "Luiz/Luis", "Nunez/Nunes", "Vaz/Vas".

b) em contexto intervocálico, temos variação entre as grafias <-s-> e <-z->, por exemplo, nas variantes: "Andresa/Andreza", "Lusia/Luzia", "Cesar/Cezar", "Ambrosio/Ambrozio", "Cardoso/Cardozo", "Matoso/Matozo", "Meneses/Menezes" e "Baltasar/Baltazar". Nestas formas parece claro que a oscilação gráfica entre -s- e -z- é resultante da simplificação do sistema das sibilantes, em que as grafias deixam de ter um valor distintivo, confundindo-se assim a grafia <-s-> que representava a sibilante ápico-alveolar sonora com a grafia <-z-> que representava a sibilante predorsodental sonora.

c) em posição intervocálica, temos ainda, na representação da sibilante sonora, a alternância entre as grafias <-s-> e <-ss->, como

¹²⁷ Cf. MATTOS E SILVA (1991), p.95.

podemos ver em: "Auelosa/Auelossa", "Ambrosio/Ambrossio", "Baltasar/Baltassar", "Bexigoso/Bexigosso", "Cardoso/Cardosso", "Casado/Cassado", "Matoso/Matosso", "Rosa/Rossa", "Sousa/Soussa", "Valdeueso/Valdeuessó" e "Veloso/Velosso", o que parece revelar confusão gráfica entre a sibilante sonora e a surda.

Quanto à representação gráfica da sibilante surda, temos confusão entre a sibilante ápico-alveolar e predorsodental nos seguintes contextos:

a) em posição medial de palavra, tanto em contexto intervocálico como em contexto não intervocálico, temos alternância entre as grafias <-s-> e <-ç->/<-c->, nas formas seguintes: "Afomso/Afonço", "Gomsalo/Gomçalo/Gomcalo", "Gonçallves/Gonsalves", "Lourenco/Lourenço/Louremso", "Colaço/Colaco/Colaso", "Florença/Florensa", "França/Framsa", "Teçellam/Teselam". A confusão entre a grafia <ç>/<c>, que representava a sibilante predorsodental surda, e a grafia <s>, que representava a sibilante ápico-alveolar surda, denuncia a confusão fonética entre estas sibilantes.

b) em posição medial de palavra, temos também a alternância entre as grafias <-ss-> e <-ç-> em "Travassos/Travaços", alternância que ainda hoje se mantém.

c) em posição medial de palavra, temos ainda, excepcionalmente, a alternância entre as grafias <-s->/<-ss->, nas formas: "Fonseca/Fonsseca".

d) em contexto intervocálico, registámos ainda alternância entre as grafias <-c-> e <-z->, nas formas: "Cecilia/Cezilia". Esta alternância gráfica parece corresponder a diferentes realizações fonéticas, uma vez que, possivelmente, estamos perante um fenómeno fonético de dissimilação, por sonorização da sibilante surda em contexto intervocálico, diferenciando-se assim da sibilante inicial, se assim não for estamos perante uma outra forma de grafar a sibilante surda.

e) em posição inicial de palavra, temos alternância gráfica entre <c-/ç-> e <s-> nas seguintes variantes: "Sernjse/Cernjsse", "Çollorgiam/Solorgiam", "Saa/Çaa", "Ceralheiro/Serralheyro", "Çapateiro/Capateiro/Sapateyro".

A oscilação gráfica entre <ç> e <c> ocorre em posição medial e inicial de palavra, antes das vogais <e>, <i>, <a> e <o>, por exemplo: "Garcia/Garçia", "Micia/Miçia", "Lourenco/Lourenço",

"Vicente/Viçente", "Constanca/Constança" e "Çezare/Cezar". Trata-se de uma variação gráfica frequente na representação da sibilante predorsodental surda, que se confunde com a grafia <s> da sibilante ápico-alveolar surda. Assim, em "Çapata/Sapata", tal como em "Çapateiro/Sapateiro", será a grafia <s-> não etimológica que se vai fixar. Em "Caçoto" por "Sacoto" não temos necessariamente metátese, como refere Pedro Machado, trata-se possivelmente de confusão gráfica de "Caçoto" por "Çacoto", em que a grafia <c-> representa a sibilante surda, e a grafia <-ç->, por confusão, representa a consoante oclusiva [k].

1.2.2. Representação gráfica da consoante fricativa labiodental sonora /v/ e confusão com /b/

A alternância entre as grafias <u> com valor consonântico e <v>, na representação da consoante fricativa labiodental sonora, é uma variação meramente gráfica, isto é, temos diferentes representações gráficas de um mesmo som. Os gramáticos do século XVI pretendem uniformizar a representação gráfica da consoante fricativa labiodental sonora através da grafia <v>, distinguindo-a da vogal representada pela grafia <u>. Verificamos que nas variantes gráficas recolhidas em fins do século XV e inícios do século XVI ainda predomina a grafia <u> com valor consonântico, embora alternando com a grafia <v>. Assim, temos a grafia <u> em posição inicial de palavra: "Uelho", "Uytorya", "Uiollante", "Uasquo", alternando com "Viollante", "Vitoria", "Velho", "Vasquo". E em posição medial de palavra: "Grauiel", "Gonçaluez", "Alvarez", alternando com "Gonçalvez", "Alvarez", "Graviel". Em meados do século XVI generaliza-se a grafia <v> para representar a consoante fricativa labiodental sonora.

Interessa-nos verificar se as variantes dos antropónimos apresentam alternância entre as grafias e <v>, ou <u> com valor consonântico, o que poderia apontar para a origem regional nortenha dos povoadores. Pois, sabemos que desde muito cedo no galego-português houve a confusão entre a consoante oclusiva bilabial /b/ e a consoante fricativa labiodental /v/. A oposição entre estes dois fonemas parece ser assim uma inovação que surge no sul de Portugal expandindo-se até ao centro, o que explica a sua ausência nos dialectos portugueses setentrionais, onde esta oposição se neutralizou e o fonema /v/ realiza-se como /b/. Paul Teyssier, ao referir as diferentes teorias

de explicação deste fenómeno apresentadas por diferentes autores, escreve: "Para a maior parte deles, toda a Península teria conhecido primeiro a distinção entre um /b/, que era uma oclusiva bilabial, e um /v/, que era uma fricativa labiodental (como, por exemplo, em francês contemporâneo); depois a confusão ter-se-ia generalizado e atingido todas as regiões, com excepção precisamente do Centro e do Sul de Portugal. Contudo, para outros, a distinção primitiva não teria sido entre uma bilabial e uma labiodental, mas entre duas bilabiaais, das quais uma seria a oclusiva /b/ e a outra a fricativa; a oposição fonológica já existiria, mas ela repousaria sobre um traço extremamente frágil; na maior parte da Península este traço acabaria por desaparecer, donde a confusão; mas no Centro e no Sul de Portugal a oposição estabilizar-se-ia graças à passagem de /b/ bilabial a /v/ labiodental."¹²⁸

Segundo Virgínia Mattos e Silva, a oposição entre /b/ e /v/ teria surgido nos dialectos centro-meridionais devido à influência do substrato moçárabe. A confusão entre /b/ e /v/ realizada desde o período do português arcaico nos dialectos do norte, teria marcado, pelo menos desde o século XVI, até hoje como regional e marginal esta neutralização. Só na segunda metade do século XVI aparece o testemunho de Duarte Nunes de Leão, em 1576, que assinala o carácter regional da confusão /b/ e /v/ como exclusivo dos galegos e dos portugueses de Entre Douro e Minho, escrevendo: "O que muito mais se vee nos gallegos, e em alguns portugueses d'Entre Douro e Minho que por vós, e vosso, dizem bos e bosso, e por vida, disem bida. E quase todos os nomes, em que ha *u* consoante mudão em *b*."¹²⁹ O que não quer dizer que este fenómeno de distinção dialectal só agora surgisse, teria surgido certamente muito antes, só que os gramáticos anteriores de origem nortenha, possivelmente não terão registado esta neutralização característica dos seus dialectos.

Colocando de parte esta questão teórica, verificamos que, nas variantes registadas dos antropónimos, a troca de *b* por *v* ocorre esporadicamente em "Braba" por "Brava" e em "Belho" por "Velho", e ainda provalvemente na forma estrangeira "Bandurem" por "Van Duren". A ocorrência desta variação gráfica e fonética, embora pouco significativa, parece apontar para alguns vestígios do traço dialectal nortenho de troca do *b* por *v* no português insular. As variantes

¹²⁸ Cf. TEYSSIER (1982), p.49.

¹²⁹ LEÃO, Duarte Nunes de, *Origem e orthographia da lingua portugueza*, Lisboa, Tipografia do Panorama, edição de 1864, p. 106. Citado por C. Maia (1986), p.476.

"Braba/Braua" surgem em 1538-53/L1E grafadas pelo mesmo escrivão, Amador Afonso. As variantes "Belho" e "Velho" surgem em 1481-2/L1A também grafadas pelo mesmo escrivão Afonso Eanes, o que parece revelar uma realidade fonética variável. As formas "Belho" e "Velho", assim como a forma "Bello", ocorrem associadas ao *prenome* "Joam". O problema é que temos, nestes documentos, um "Joam Belo" e um "Joam Velho". Quanto à forma "Belho", parece não haver dúvidas que se trata de uma variante gráfica e fonética de "Velho". As dúvidas surgem em relação à forma "Bello", que tanto pode ser variante de "Belo" como de "Velho". Optámos por registar esta forma como variante de "Belo" (ver quadro 4 em anexo). Esta alternância fonética entre /b/ e /v/ ainda hoje existe no falar popular madeirense.¹³⁰

Registámos também as variantes "Gavriel/Gabriel", "Gineura/Genebra" e a forma "Soverall" por "Sobral", em que temos a grafia <v> ou <u> por . Leite de Vasconcelos afirma que "Gavriel" é a forma popular antiga de "Gabriel", o que mostra que a variação /v/ por /b/ seria frequente no português antigo, ainda hoje o mesmo acontece no falar popular.¹³¹

Concluimos que raramente ocorre a troca do /b/ por /v/, nos antropónimos registados, o que possivelmente se explica devido à maior força expansiva das inovações meridionais em que a oposição /b/ e /v/ do dialecto padrão prestigiado, estabelecido no centro e sul de Portugal, fez recuar e impediu a difusão da neutralização nortenha destes fonemas.

1.2.3. Representação gráfica da consoante fricativa palatal sonora

Não vamos discutir o problema de saber se existia ou não distinção entre uma consoante africada e fricativa palatal sonora, pois se essa distinção existiu no português antigo desapareceu desde muito cedo. A descrição de Fernão de Oliveira é nítida no sentido de que não há diferença articulatória entre uma consoante africada e uma consoante fricativa palatal sonora, ao contrário da sua correspondente surda, em que a africada e a fricativa apresentam representações gráficas diferentes. Assim, podemos admitir que, em 1536, já não havia

¹³⁰ Temos, por exemplo, "Bespa" por "Vespa" e "Berruga" por "Verruga".

¹³¹ Temos, por exemplo, "Vengala" por "Bengala".

oposição entre a africada e a fricativa palatal sonora. Segundo Mattos e Silva, a perda desta africada ter-se-ia iniciado já no século XIII e estava concluída no século XVI.

A consoante fricativa palatal sonora apresenta uma situação de poligrafia, isto é, este fonema é representado por diferentes grafemas nos seguintes contextos:

a) em posição inicial de palavra, temos alternância entre as grafias <g>, <j>, <y> e <i>, nas formas: "Genebra/Janebra", "Genoes/Janoes", "Gironjmo/Jeronimo", "Justynham/Gustinhm", "Jacome/Iacome", "Joam/Yoam/Iuam" e "Jorge/Yorge/Gorge". Estas formas apresentam uma grande irregularidade gráfica na representação deste fonema, por oposição a outras formas que não apresentam oscilação gráfica, nomeadamente as formas: "Jurdom", "Joana", "Julliam", "Justa", "Gill", "Giraldo" e respectivas variantes gráficas, em que temos ou sempre a grafia <j> ou sempre a grafia <g> em posição inicial de palavra.

b) em posição medial de palavra, temos alternância entre as grafias <j>, <g> e <i>, nas formas: "Borjes/Borges", "Jorje/Jorge", "Beja/Beia", "Briolania/Briolanja/Bryollamga". O antropónimo "Jorge" apresenta também a variante "Jorse", possivelmente por confusão gráfica e fonética entre a consoante palatal e a sibilante. Assim como o prenome feminino "Brigida" apresenta a variante "Brisida", em que temos uma assibilação, pois a consoante palatal sonora, representada através da grafia <g>, passa a sibilante com a representação gráfica <-s->. Ainda em posição medial de palavra, temos "Çereyo" por "Cerejo", em que a grafia <y> parece representar a consoante fricativa palatal sonora.

1.2.4. Representação gráfica das consoantes oclusivas velares sonora e surda

Temos alternância entre as grafias <g> e <gu>, para representar a consoante oclusiva velar sonora, nos seguintes contextos:

a) em posição inicial de palavra, por exemplo, nas variantes: "Gago/Guago", "Garcia/Guarcia", "Gaspar/Guaspas", "Giomar/Guioimar", "Goes/Guoes", "Gomez/Guomez", "Gonçalues/Guonçaluez".

b) em posição medial de palavra, por exemplo, nas variantes: "Diogo/Dioguo", "Rodrigo/Rodriguo", "Figueira/Figueira",

"Miguel/Mjgell", "Gallego/Galleguo", "Dominguos/Domingos", "Nugeyra/Nogueira", "Rego/Reguo".

Como podemos observar, nem sempre a grafia <gu> é condicionada pela natureza palatal da vogal seguinte, como acontece hoje. Assim, a grafia <u> não está relacionada com a oclusividade de /g/, pois a alternância entre as grafias <g>/<gu> é livre.

Na representação gráfica da consoante oclusiva velar surda, observa-se, em relação às grafias <c> e <qu> ou <q>, a mesma variação livre, nos mesmos contextos, que já verificámos na representação gráfica da consoante sonora:

a) em posição inicial de palavra, por exemplo, nas variantes: "Cabrall/Quabral", "Canha/Qanha", "Cadrileiro" por "Quadrilheiro" e "Coresma" por "Quaresma", em que temos a grafia <c> por <qu>, sem representação gráfica da semivogal velar que segue a consoante e que corresponde a uma realização fonética, uma vez que não antecede uma vogal palatal.

b) em posição medial de palavra, por exemplo, nas variantes: "Branqua/Branca", "Francisqua/Francisca", "Fonseca/Fonsequa", "Larqu/Larca", "Machico/Machiquo", "Mourisquo" por "Mourisco", "Pacheco/Pachequo", "Marcos/Marquos", "Vasco/Vasquo".

c) em posição medial de palavra, temos ainda, excepcionalmente, a alternância entre as grafias <c> e <ch> em "Arcas/Archas". Temos também a forma "Anchesa", *prenome* feminino em que a grafia <ch>, tal como acontece em "Archas", parece representar a consoante oclusiva velar surda e não a consoante africada palatal surda [tʃ]. Por isso, arriscámos reconstituir esta forma normalizada com a grafia "Anquesa". Trata-se de diferentes possibilidades de representação gráfica do mesmo som.

1.2.5. Alternância gráfica entre consoantes simples e duplas

A alternância gráfica entre consoantes simples e duplas é muito frequente nas variantes dos antropónimos que registámos. Temos oscilação entre as grafias <-r-> e <-rr-> na representação gráfica das vibrantes, como podemos ver nos seguintes exemplos: "Ayres/Ayrrres", "Fernandez/Ferrnandez", "Bocaro/Bocarro", "Anrullo/Anrrullo", "Ferador/Ferrador", "Fereyra/Ferreira", "Corea/Correa", "Baros/Barros", "Alvarez/Aluarrez", "Serão/Serrão", "Abreu/Abrrreu", "Linhares/Linharres". Esta oscilação gráfica ocorre tanto em posição de

ataque no início da sílaba como em posição implosiva final de sílaba e parece ser resultado da confusão dos copistas que não distinguem graficamente a consoante vibrante simples da vibrante múltipla. A variação entre as grafias <-r>/<-rr-> parece não ter valor fonético, pois, Fernão de Oliveira distingue claramente a oposição entre a vibrante simples e a vibrante múltipla: "Pronuncia-se o r singelo com a língua pegada nos dentes queixais de cima, e sai o bafo tremendo na ponta da língua. Do rr dobrado, a pronúnciação é a mesma que a do r singelo, senão que este dobrado arranha mais as gengivas de cima, e o singelo não treme tanto".¹³²

Temos alternância entre a grafia simples <l> e dupla <ll> em posição medial de palavra, por exemplo, nas variantes: "Aluaro/Alluaro", "Gonçalo/Gonçallo". E em posição final de palavra, por exemplo, nas variantes: "Gil/Gill", "Isabel/Isabell". Podemos encontrar ainda alternância entre as grafias <n> e <f> simples e duplas em contexto intervocálico, por exemplo, nas variantes: "Anes/Annes" e "Afonso/Affonso".

1.2.6. Metáteses do fonema /r/ e alternância entre as consoantes líquidas /r/ e /l/

A metátese simples do fonema /r/ é muito frequente nas variantes dos antropónimos que registámos. Temos metátese deste fonema nas formas: "Arbão" por "Abraão", "Astroga" por "Astorga", "Breatiz" por "Beatriz", "Campanayrro" por "Campanario", "Cerueria" por "Cerueira", "Çollorgiom" por "Sorlugiam", "Farzam" por "Frazão", "Firas" por "Frias", "Gracia" por "Garcia", "Graviel" por "Gabriel", "Grimanesa" por "Girmanesa". A metátese do fonema /r/ ocorre desfazendo um grupo consonântico como em "Firas" ou formando um grupo consonântico inicial como em "Breatiz" e "Gracia" ou simplesmente trocando de posição com outro fonema. Em "Crasto" por "Castro", a metátese simples do /r/ surge para evitar o grupo consonântico *-str-*, em que o *-r-* tem tendência a passar para o início da sílaba formando o grupo consonântico próprio *cr-*.

¹³² Cf. OLIVEIRA, Fernão de, *Gramática da linguagem portuguesa*, p.55.

Outro fenómeno de alternância fonética muito frequente é a variação entre as consoantes líquidas /r/ e /l/:

a) em grupo consonântico próprio inicial, por exemplo, nas formas: "Crara/Clara", "Framengo/Flamengo", "Frorrenca/Florença", "Frorentim/Florentim", "Cremente" por "Clemente", "Framdes" por "Flandres".

b) em posição medial de palavra, por exemplo, nas variantes: "Guilherme/Guilhelme", "Bernardo/Bernaldo", "Frorença/Frollença", "Taura/Tauilla". Na forma "Frollença" por "Florença" podemos falar em metátese dupla, em que as consoantes líquidas /r/ e /l/ trocam de posição entre si. E na forma "Frorrenca" por "Florença" e "Frorentim" por "Florentim" podemos falar em assimilação consonântica à distância, em que -l-r- passa a -r-r-.

c) em posição implosiva final de palavra, temos também alternância entre as consoantes líquidas /r/ e /l/, por exemplo, nas variantes: "Melchior/Melchioll".

1.2.7. Representação gráfica da consoante palatal lateral e da consoante palatal nasal

Na representação gráfica da consoante palatal lateral, temos alternância entre as grafias <l>, <ll> e <lh>, por exemplo, nas variantes: "Guilherme/Guillherme/Guilherme", "Carvalal/Carvallal/Carvalhal", "Calleta/Calheta", "Borrallo/Borralho", "Anrullo/Anrullo", "Mileiro/Milheiro", "Castellano/Castelhano", "Cadrileiro" por "Quadrilheiro".

Esta oscilação gráfica na representação da consoante palatal lateral é inesperada, pois a grafia de origem provençal <lh> começa a generalizar-se nos textos portugueses a partir de fins do século XIII, segundo Lindley Cintra,¹³³ estando completamente estabilizada já em meados do século XIV. Podemos, possivelmente, explicar esta variação por influência da grafia espanhola. Mas, mais importante é o seguinte: registámos a ocorrência da grafia <lh> em vez da grafia <l> nas formas: "Castelha (de)" por "Castela (de)", "Petronilha" por "Petronila", "Grilho" por "Grilo", "Vilha (da)" por "Vila (da)", o que parece indicar já uma certa tendência para a palatalização da consoante lateral quando antecedida da vogal palatal [i] e, excepcionalmente, na forma "Castelha (de)" antecedida da vogal

¹³³ Cf. CINTRA (1963), pp. 64-66.

palatal /e/, que, no entanto, alterna com as formas "Castilha (de)" e "Castilho (de)". Esta é uma particularidade fonética do dialecto madeirense já apontada por Leite de Vasconcelos.¹³⁴ Temos também a grafia <lh> na forma estrangeira "Bocolho" de "Bocollo", mas, neste caso, parece tratar-se de adaptação da grafia estrangeira à língua portuguesa. Contudo, não podemos esquecer que, por exemplo, nas formas: "Mileiro" que alterna com "Milheiro" e "Guilherme" que alterna com "Guilherme", a consoante palatal lateral é representada com a grafia <l>, em vez da grafia <lh>, o que parece revelar confusão gráfica na representação da consoante palatal lateral e da consoante lateral, o mesmo parece acontecer entre a consoante palatal nasal e a consoante nasal.

Quanto à representação gráfica da consoante palatal nasal, temos oscilação entre as grafias <n~>, <n> e <nh>, por exemplo, nas variantes: "Anzenal/Azinhal", "Castineyra/Castinheira", "Liminãna/Liminiana/Liminhana". Registámos também variantes com a grafia <nh> em vez da grafia <n> nas formas: "Vinhagre" por "Vinagre", "Nunho" por "Nuno", "Donhas" por "Donas", "Castilhanha" por "Castelhana". Esta irregularidade gráfica também é inesperada, na medida em que a grafia <nh> de origem provençal estava já estabilizada, assim como a grafia <lh>. No entanto, os escrivãos parecem confundir a representação gráfica da consoante nasal e da consoante palatal nasal, utilizando a grafia <n> e <nh> quer para a nasal quer para a palatal nasal. A grafia <n~> surge apenas na variante "Liminãna" e explica-se, possivelmente, por influência da grafia castelhana, pois trata-se de uma forma estrangeira de origem catalã.

1.2.8. Representação gráfica da consoante africada palatal surda

Até fins do século XVI, parece que temos uma distinção clara entre a africada palatal surda [tʃ], representada pela grafia <ch>, e a fricativa palatal surda [ʃ], representada pela grafia <x>, como nos diz Paul Teyssier, com base no testemunho do gramático Duarte Nunes de Leão e no facto de só no século XVII surgir a confusão entre as grafias

¹³⁴ Leite de Vasconcelos, ao falar do dialecto madeirense, escreve: "...il y a aussi un *lh* spécial, qui donne l'impression que des mots qui, en portugais, contiennent une *l*, comme *grilo* ont le son de *lh* (*grilho*), et que des mots qui, en portugais, contiennent un *lh*, comme *filho*, ont le son de *l* (*filo*)." (Cf. VASCONCELOS, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Lisboa, CLUL, 1987, p. 130). Apenas aceitamos como correcta a primeira parte desta observação.

<ch> e <x>. Paul Teyssier escreve: "O galego-português possuía uma africada palatal [tʃ] escrita *ch* (...) Esta africada não se confundia com a constrictiva simples [ʃ], escrita *x* (...) A partir do século XVII, porém, vai ocorrer o desaparecimento de [tʃ], que perde o seu elemento inicial e se confunde, assim, com [ʃ]. Trata-se, ainda uma vez mais, de um fenómeno vindo do sul e que se torna a norma da língua comum. Em 1576, na sua *Orthographia*, Duarte Nunes de Leão descreve sempre o <ch> como uma africada, que compara à consoante italiana escrita *c* nos grupos *ci* e *ce*. Mas, nos textos manuscritos e impressos do século XVII, começam a surgir confusões características entre *ch* e *x* (...)".¹³⁵ A neutralização da oposição entre a africada e a fricativa palatal surda ocorre, nos dialectos centro-meridionais incluindo a língua padrão, no português setecentista, pois nos dialectos setentrionais mais conservadores ainda hoje se mantém esta oposição.

No período do português pré-clássico, temos ainda a manutenção da distinção entre a africada e a fricativa palatal surda. No entanto, em "Amchiolly/Amxiolli", formas aportuguesadas do nome italiano "Acciaiuolli", registámos alternância entre as grafias <ch> e <x> na representação gráfica da consoante palatal surda, quando seria de esperar apenas a grafia <ch>, pois era esta que correspondia ao som italiano [tʃ] grafado <cci>. Esta confusão gráfica parece denunciar já a confusão fonética entre a africada e a fricativa palatal surda. Embora esta ocorrência seja pouco significativa, porque só ocorre no aportuguesamento de um segundo nome estrangeiro, pode indicar que esta inovação por simplificação ocorre ou está latente deste muito cedo e de forma espontânea no português insular. Apesar de termos verificado que, nas outras formas que apresentam este segmento consonântico palatal surdo, não encontramos alternância entre as grafias <ch> e <x>, pois ou temos sempre a grafia <ch>, por exemplo em: "Machico (de)", "Sancho", "Marchena (de)", "Camacho/Camacha", "Rocha (da)", "Chamorro", "Cambalacho", ou temos sempre a grafia <x>, por exemplo em: "Roxo", "Alexandre", "Alexo", "Almuxarife", "Coxo", "Bexigosso", "Gramaxo". Registámos ainda, nas variantes da forma estrangeira "Archellem/Arçellem", a alternância entre as grafias <ch> e <ç>, na representação da consoante palatal surda, que parece sofrer uma despalatalização tornando-se sibilante surda (predorsodental).

¹³⁵ Cf. TEYSSIER (1982), p.53.

1.2.9. Alternância entre a presença e a ausência da grafia <h> e grafias latinizantes

No período do português pré-clássico, por influência da etimologia, começa a surgir a grafia <h> que tinha desaparecido no português antigo. Contudo, o uso da grafia <h> só se generaliza no século XVII em pleno período do português clássico. Assim, temos alternância entre a presença e a ausência da grafia <h>, por exemplo, nas seguintes formas: "Omem/HOMEM", "Cristouam/Christovão", "Catharina/Catarina", "Bartholameu/Bertolomeu", "Matheus/Mateus", "Thome/Tome" e "Thomas/Tomas". Temos também alternância entre a presença e a ausência da grafia <c> formando o grupo <ct>, por exemplo, nas formas: "Victoria/Vitoria", "Sancta Luzia/Santa Luzia", "Benedicto/Benedito". Temos ainda grafias latinizantes nas formas: "Augustinho", "Laurentius", "Ignatio", "Spiritu Santo (do)". Constatamos que todas estas formas, com grafias latinizantes etimológicas ou pseudo-etimológicas, surgem em 1538-53/L1E. Trata-se de uma fonte documental de natureza eclesiástica, onde é mais evidente a introdução de grafias latinizantes por influência erudita.

1.3. Representação gráfica da nasalidade e terminações nasais

A representação gráfica da nasalidade pode ser assinalada através das consoantes nasais <m>, <n> e através do til, que ocorre, geralmente, apenas no ditongo nasal final -ão.

Fernão de Oliveira, na sua *Gramática da linguagem portuguesa* publicada em 1536, defende várias vezes o uso do til para marcar a nasalidade das vogais, principalmente nos ditongos nasais em posição final, em vez das grafias -m e -n: "E eu digo que é necessário [o til], todas as vezes que depois de vogal, em uma mesma sílaba, escrevemos m ou n. E muito mais sobre os ditongos."¹³⁶ "Queremos aqui repetir quanto é necessária esta letra ou sinal til para os ditongos, porque se em *cidadão* e *escrivão* e outros desta voz e outras escrevemos m ou n no meio, diria *vilamo* ou *vilano* (...) E nós aqui vemos e sentimos com as orelhas que soa ali um til sobre ambas as letras vogais do ditongo, como

¹³⁶ Cf. OLIVEIRA, Fernão de, *Gramática da linguagem portuguesa*, cap. xiv, p.57.

escrivão e escrivães."¹³⁷ Enquanto, João de Barros prefere indicar a grafia <m> para representar a nasalidade em posição final de palavra.

A grafia <m> para marcar a nasalidade é frequente, nas variantes gráficas que registámos, em posição final, alternando com o ditongo nasal nas formas: "Joam/João", "Bastiam/Bastião", "Fernam/Fernão", "Symam/Symão", "Christouam/Christouão", "Antam/Antão", "Esteuam/Esteuão", "Sebastiam/Sebastião", "Romam/Romão". A grafia <m> ocorre também, muitas vezes, em posição medial de palavra, alternando livremente com a grafia <n>, para marcar a nasalidade da vogal anterior, por exemplo: "Antonio/Antonio", "Afonso/Afomso". A grafia <n> parece já ter caído em desuso na representação da nasalidade em posição final de palavra, pois só a encontramos, excepcionalmente, nesta posição nas formas: "Men", "Martin", "Roman", "Siman/Simon" e "Tacon".

Sobre a uniformização das terminações nasais do singular, Lindley Cintra escreve: "...une autre innovation dont je trouve des traces dans deux documents (...) Il s'agit encore d'une convergence: de celle des anciennes finales nasales portugaises - ã, - ã et - ão en - ão. (...) on en a conclu, que, dans tous ces cas, - ã était déjà devenu - ão et que la convergence des finales nasales datait en portugais de la seconde moitié du XIII siècle."¹³⁸ Cintra supõe que a ditongação das vogais nasais finais terá sido também uma inovação meridional, que terá começado a se manifestar a partir da segunda metade do século XIII. Trata-se de uma mudança simultaneamente fonética e morfológica que Williams data de finais do século XV. Segundo Williams, a ditongação e uniformização das terminações nasais em [-ãw] ocorrem por analogia com a forma verbal *vão* do latim *vadunt*. Uma explicação alternativa seria a mudança fonética por prolongamento da duração de uma vogal tónica final, admitindo a semivogal velar [w] junto das vogais nasais - ã e - õ, em que o ditongo [-õw] teria passado a [-ãw] por dissimilação. Mattos e Silva escreve: "As explicações fonéticas divulgadas discutem o problema tendo como foco a ditongação [ãw], isto é, a convergência para esse ditongo e não levam em conta a variante [õw], de atuais dialetos conservadores do norte de Portugal e que foi recusada pela norma já no século XVI."¹³⁹ Por isso, esta autora propõe outra explicação, concluindo que: "A norma que se estabelece no século XVI,

¹³⁷ Cf. IDEM, *ibidem*, cap. xix, p.66.

¹³⁸ Cf. CINTRA (1963), pp.75-76.

¹³⁹ Cf. MATTOS E SILVA (1991), pp.75-76.

avalia negativamente [õw] e prestigia a variante [ãw], como está explícito em Duarte Nunes de Leão, já mencionado. É esta a realização de prestígio até hoje, enquanto ainda hoje a realização [õw] é marcada como popular, arcaizante e regional. Essa avaliação sociolinguística e provavelmente o fator fonético favorecedor ao ditongo e não à vogal nasal em posição final contribuíram para a seleção do ditongo nasal final [ãw], como pronúncia de prestígio em detrimento da nasal final e do ditongo nasal [õw] que persiste em variantes regionais do norte de Portugal."¹⁴⁰

Segundo Paul Teyssier, a uniformização das terminações nasais dos substantivos singulares terminados em *-ã-o*, *-ã* e *-õ*, que evoluem para o ditongo nasal [-ãw], é uma mudança já concluída por volta de 1500, ou seja, em inícios do século XVI. Paul Teyssier escreve: "Para uns, trata-se de uma evolução puramente fonética, e, para outros, do resultado de acções analógicas complexas. Inclino-nos a pensar que as duas explicações são igualmente verdadeiras, e que se completam. Em todo o caso, uma afirmação pode ser feita com segurança: o estado da língua moderna nesse ponto já estava definido por volta de 1500. Ainda que as grafias distingam sempre as palavras provindas de *-an* e *-on*, que têm a forma *-am* (ex: *cam*, *leam*, *fizeram*), das palavras em que *-ão* é etimológico (ex: *mão*, *são*, *cristão*), o estudo das rimas mostra que, na realidade, *-ão* já era geral. Notemos, por fim, que essa evolução se deu no português do sul, do centro e só numa parte no português do norte. Não foi seguida no extremo norte, e em particular no Minho."¹⁴¹

Resta-nos saber se a frequente alternância entre as terminações nasais *-am/-om* que encontramos nas fontes documentais de fins do século XV até fins do século XVI, no arquipélago da Madeira, revelam conservadorismo gráfico ou influência da presença dialectal nortenha onde não ocorreu esta uniformização em [-ãw]? Sabemos que, em finais do século XV e inícios do século XVI, já estaria consolidada a ditongação e a uniformização das terminações nasais do singular nos dialectos centro-meridionais. No entanto, nos documentos consultados, ainda registámos alternância gráfica na representação dos ditongos nasais finais entre <*-am*>, <*-om*> e <*-ão*> (e ainda excepcionalmente a terminação *-ao* sem til). Esta grafia variável informa, provavelmente, sobre a possível indecisão do escriba diante das possibilidades gráficas e/ou fonéticas que conhecia. A terminação nasal *-om* tanto pode

¹⁴⁰ Cf. MATTOS E SILVA (1991), p.76.

¹⁴¹ Cf. TEYSSIER (1982), pp.46-47.

representar graficamente o ditongo [õw], característico dos dialectos setentrionais, como pode ser simplesmente uma variante gráfica, em que o escriba revela um certo conservadorismo gráfico.

Se tivermos em atenção a datação das variantes e localização por fontes, podemos ver que a grafia <ão>, para representar o ditongo nasal final, surge já nos documentos de fins do século XV, embora predominem ainda as terminações nasais *-am* e *-om*. Nas fontes do século XVI, predomina já a grafia <-ão>, embora alternando com as outras representações gráficas. Assim, temos, por exemplo, as formas: "Adriam" em 1566/L4D e "Adrião" em 1583/L1F, "Arman" em 1505-6/L1D e "Armão" em 1542/ - C, "Antam/Antom" em 1470-72/L1A, "Çidram" em 1470-72/L1A e "Cidrom" em 1485-86/L1A e ainda "Cidram" em 1495-96/L1A, "Estevom/Estevam" em 1470-72/L1A e "Estevão" em 1495-6/L1A, "Baiom" em 1485-86/L1A e "Bayam" em 1530/L1D, "Cristouam/Cristouom" em 1485-86/L1A e "Christovão" em 1505-6/L1D, "Symam/Symom" em 1488-89/L1A e "Simão" em 1495-6/L1A e "Simao" em 1523/L1D (e ainda a forma "Symo" que parece ser uma variante gráfica ou acidental com desnasalção), "Leitam" em 1488-89/L1A e "Leitom" em 1491-92/L1A e ainda "Leitão" em 1538-53/L1E, "Rolam/Rolão" em 1538-53/L1E "Romao" em 1491-92/L1A e "Romão/Romam" em 1494/ - B e "Roman/Romão" em 1495-6/L1A e ainda "Romom" em 1496-7/L1A, "Sebastiam/Sebastiom" em 1485-6/L1A e "Sebastião" em 1538-53/L1E, "Tacom" em 1509/L2D e "Tacam" em 1511/ - C e "Taquãa" em 1523/ - C e ainda "Tacon" em 1541/L1F, "Tristam" em 1470-72/L1A e "Tristão" em 1538-53/L1E entre outras. Verificamos que a representação gráfica do ditongo nasal [-ãw] é ainda muito irregular, oscilando entre as grafias <-am>, <-an>, <-om>, <-on>, <-ão>, <-ao>, <-ãao>, o que possivelmente tem a ver com hábitos de escrita mais conservadores ou mais inovadores dos copistas. Pois a grafia <-ão>, que surge já em fins do século XV, parece indicar que a uniformização das terminações nasais ocorreu desde muito cedo no português insular.

Seria interessante verificar em que medida os diferentes escrivãos apresentam particularidades gráficas que os distinguem e individualizam, uma vez que temos a indicação do nome de quase todos os escrivãos das fontes documentais utilizadas. Este estudo comparativo das diferentes representações gráficas de cada escrivão exigia um levantamento exaustivo de todas as variantes gráficas por escrivão e o conhecimento da formação e origem regional dos escrivãos.

2. Morfologia e sintaxe

2.1. Os *prenomes*

As formas masculinas e femininas dos *prenomes* resultam da adaptação morfológica do género dos *prenomes* conforme o sexo dos indivíduos que os usam. Assim, temos as seguintes adaptações morfológicas dos *prenomes*:

a) *prenomes* masculinos terminados em *-o* que correspondem a *prenomes* femininos terminados em *-a*, por exemplo: "Francisco" e "Francisca", "Justo" e "Justa", "Antonio" e "Antonia", "Lourenço" e "Lourença", "Ambrosio" e "Ambrosia", "Aparicio" e "Aparicia", "Bernardo" e "Bernarda", "Jeronimo" e "Jeronima", "Gregorio" e "Gregoria", "Jacinto" e "Jacinta", "Leonardo" e "Leonarda", "Mendo"¹⁴² e "Menda", "Toribio" e "Toribia".

b) *prenomes* masculinos terminados em *-ão*, aos quais correspondem as formas femininas terminadas em *-ana* ou em *-oa*, por exemplo: "Bastião" e "Bastiana", "João" e "Joana", "Julião" e "Juliana", "Simão" e "Simoa".

c) *prenomes* masculinos que não terminam em *-o*, em que as formas femininas correspondentes apresentam o morfema flexional de género feminino *-a*, por exemplo: "Felipe" e "Felipa", "Cosme" (com a variante "Cosmo") e "Cosma". Ao *prenome* masculino "Andre" corresponde a forma feminina "Andresa" formada pela adição do morfema flexional de género feminino *-a* à antiga forma masculina "Andres" de "Andreas" (forma etimológica). Tal como acontece com o *prenome* feminino "Marquesa" formado a partir da forma masculina "Marcos" ou "Marquos", com o *prenome* feminino "Luisa" formado a partir da forma masculina "Luis" e com o *prenome* feminino "Pascoala" formado a partir da forma masculina "Pascoal". Possivelmente por analogia com as formas "Andresa" e "Marquesa", temos o *prenome* feminino "Bartolesa" correspondente à forma masculina "Bartolomeu". As formas femininas "Brasia" e "Tomasia" parecem ser formadas a partir dos *prenomes* masculinos "Bras" e "Tomas" respectivamente.

c) o *prenome* masculino "Barbaro" é a forma masculina formada a partir do *prenome* feminino "Barbara".

¹⁴² O *prenome* masculino "Mendo" (a partir do qual se formou o *prenome* feminino "Menda"), segundo Piel, corresponde em espanhol e no latim medieval à forma "Menendo" que seria inicialmente uma forma hipocorística do *prenome* de origem germânica "Hermenegildo", tornando-se uma forma independente.

Alguns *prenomes* masculinos não apresentam formas femininas correspondentes, por exemplo: "Lopo", "Heitor", "Jordão", "Estevão", "Salvador" e muitos outros. Assim como muitos *prenomes* femininos também não apresentam formas masculinas correspondentes, por exemplo: "Leonor", "Ines", "Luzia", "Madalena", "Susana", "Constança". Quanto à forma "Petronila", parece ser o *prenome* feminino derivado do *prenome* masculino latino "Petrus" com o sufixo *-nilla*,¹⁴³ sendo assim a forma feminina correspondente à forma masculina "Pedro". E a forma "Perina" parece ser o *prenome* feminino derivado da forma proclítica do *prenome* masculino "Pero" com o sufixo *-ina*. Ainda quanto aos morfemas de género, registámos alternância entre *prenomes* masculinos com os morfemas *-e* e *-o*, por exemplo: "Cosme" e "Cosmo", "Guilherme" e "Guilhelmo", "Zanobie" e "Zenobio".

Registámos, no quadro dos *prenomes*, a forma "Domingues" que ocorre no antropónimo "Dominguez Paez". Embora aparentemente seja uma forma patronímica, esta forma surge na posição de *prenome* seguida de um *segundo nome-patronímico*, o que nos leva a pensar que ocorreu uma confusão por analogia entre a terminação do *prenome* "Domingos" e a forma patronímica correspondente "Domingues". Como explica Leite de Vasconcelos: "Deve aqui notar-se uma particularidade da antroponímia popular. Por analogia, segundo penso, com os patronímicos e apelidos em *-es*, o nosso povo costuma substituir a vogal final de vários nomes próprios por essa sílaba: e assim, em vez de chamar a um homem *Fernando, Nuno, Paulo*, chama-lhe *Fernandes, Nunes, Paules*."¹⁴⁴

Encontrámos formas diminutivas de *prenomes* masculinos com o sufixo *-inho*: "Lourensinho", "Gasparinho". As formas diminutivas apresentam valor afectivo ou valor distintivo, servindo provavelmente para distinguir homónimos (pai e filho). A forma do *prenome* feminino "Senhorinha" parece resultar da forma derivada latina "Seniorina" e não da forma diminutiva de "Senhora" com o sufixo *-inha*. Encontrámos ainda as formas dos *prenomes* masculinos "Bernardo" e "Bernardino" em que a segunda forma é derivada por sufixação da primeira através do sufixo *-ino*. Temos também, na forma estrangeira "Deloguarde", um exemplo de um *prenome* masculino composto por

¹⁴³ Cf. VASCONCELOS (1928), p.86.

¹⁴⁴ Cf. VASCONCELOS (1928), p.506.

aglutinação ou *prenome* frásico, formado pela expressão "Deus lo guarde".¹⁴⁵

Registámos em entradas lexicais diferentes as formas masculinas e femininas dos *prenomes*, as formas dos *prenomes* derivadas por sufixação com os sufixos *-inho* e *-ino*, e ainda as formas proclíticas e as formas divergentes dos *prenomes* (ver quadro nº 1).

2.1.1. Formas proclíticas

Os *prenomes* apresentam diferentes formas conforme surgem isolados ou em determinadas ligações sintácticas. A fonética sintáctica faz com que determinados *prenomes* quando seguidos de patronímicos começados por consoante se tornem formas proclíticas, isto é, formas tão estreitamente associadas à forma seguinte que perdem o seu acento próprio, sofrendo, devido à falta de acento, determinadas reduções. Geralmente, perdem a vogal e até a sílaba final ou sofrem a síncope de sílabas mediais. Assim, temos formas proclíticas que são formas reduzidas dos *prenomes* na sua forma plena, através de fenómenos fonéticos de supressão de sílabas, geralmente em posição final (apócope) ou medial (síncope) da palavra em próclise, por exemplo: "Rui" de "Rodrigo", "Fernão" de "Fernando", "Pero" de "Pedro", "Martim" de "Martinho", "Mem" de "Mendo", "Mor" de "Maior", "Agostim" de "Agostinho", "Afon" ¹⁴⁶ de "Afonso", "Antão" de "Antonio" e "João" de "Joane". Possivelmente, podemos acrescentar ainda as formas "Pay" de "Paio" e "Aluar" de "Aluaro" que surgem também nos documentos que consultámos.

Leite de Vasconcelos explica assim a existência de nomes em próclise: "Na ligação de duas ou mais palavras que formam certa unidade de sentido acontece subordinar-se uma delas ao acento tónico da outra, e modificar-se por isso no seu acento próprio ou na sua constituição fonética (síncope, apócope, etc.) (...) Quando se diz *sã* ou *são*, por *santo*, a ligação com o nome seguinte é tal, que se perde a noção do valor do adjectivo, considerando-se tudo como um só nome.

¹⁴⁵ Assim como temos em italiano os *prenomes* "Dietiguardi", "Dietisalvi", "Dietifeci", "Dietaiuti".

¹⁴⁶ Leite de Vasconcelos, nos casos especiais, ao tratar de formas proclíticas dos *prenomes*, escreve: "Afon, por Afonso, forma muito frequente em galego, tanto depois de outra palavra, isto é, em pausa, como antes, por exemplo: Fernan Afon e Afon Yanes." (Cf. VASCONCELOS (1928), p.452). Apenas registámos esta forma proclítica uma vez não como *prenome*, mas como *segundo nome-patronímico*.

(...) Este fenómeno de fonética sintáctica chama-se clise: se a modificação está na segunda palavra, o fenómeno toma o nome de ênclise; se está na primeira toma o nome de próclise. (...) Estudando a antroponímia, encontramos cousas semelhantes: nomes que se alteram e se desfiguram junto de outros. Sobretudo estão sujeitos a isto os nomes de batismo: e na língua antiga encontramos muitos assim alterados antes de patronímicos.¹⁴⁷ Leite de Vasconcelos refere-se muitas vezes às formas proclíticas como formas arcaicas, por exemplo, a forma proclítica "Pero" de "Pedro", assim como a forma proclítica "Mor" de "Maior", que são formas características do português antigo que caíram em desuso. Em finais do século XV, as formas proclíticas parecem ser já formas independentes das formas mais extensas que lhes deram origem. Por isso, registámos as formas plenas e as formas proclíticas correspondentes em diferentes entradas lexicais.

Leite de Vasconcelos¹⁴⁸ apresenta os fenómenos de fonética sintáctica que ocorrem em posição proclítica:

a) queda da vogal final do *prenome*, quando seguido de um patronímico começado por vogal, por exemplo: "Rodrigueannes" de "Rodrigo Eannes", "Pedralvarez" de "Pedro Alvarez", "Afonseanes" de "Afonso Eanes", "Mendafomso" de "Mendo Afomso" e uma forma correspondente a "Menda Afonso", "Gonçalaires" de "Gonçalo Aires", "Gonçaleannes" de "Gonçalo Eannes", "Aluareannes" de "Alvaro Eannes", "Pedreanes" de "Pedro Eanes", "Fernandeannes" de "Fernando Eannes", "Antoneanes" de "Antonio Eanes", "Duartalluares" de "Duarte Alluares", "Esteueannes" de "Esteuão Eanes" (com a variante "Esteve Annes"), "Fernandafonso" de "Fernando Afonso", "Fernandairez" de "Fernando Airez", "Fernamdallvares" de "Fernando Allvares", "Garciomem" de "Garcia Omem", "Joaneanes" de "Joane Eanes" (com a variante "Janeannes"), "Jorgeannes" de "Jorge Eannes", "Lopeannes" de "Lopo Eanes", "Lourenceannes" de "Lourenço Eannes", "Martimnhannes" de "Martinho Annes" e "Martineannes/Martiniannes". Observamos que a aglutinação ou contracção do *prenome* com o *segundo nome-patronímico* começado por vogal, geralmente ocorre com a forma plena do *prenome*, embora em "Pereannes" e "Perealvarez" tenhamos a forma proclítica "Pero" em elisão com as formas patronímicas "Eannes" ou "Annes" e "Alvarez", a par com a forma não aglutinada "Pero Annes". Assim como, na forma "Martineannes", temos a forma

¹⁴⁷ Cf. VASCONCELOS (1928), pp.447-448.

¹⁴⁸ Cf. VASCONCELOS (1928), pp.447-453.

proclítica "Martim" aglutinada com a forma patronímica "Eannes" a par com a forma plena do *prenome* "Martinho" aglutinada com a forma patronímica "Annes" em "Martimnhannes". Em "FERNAM dEannes", "FERNÃO dAires", "FERNAM dAlvarez", "FERNÃO dAlvarez" e "FERNÃO dAfonso", temos uma deglutinação, pois o *prenome* tomou a forma proclítica terminada em nasal e o -d- da forma plena "Fernando" ficou associado ao patronímico, evitando o encontro vocálico entre a vogal ou o ditongo nasal final do *prenome* e a vogal inicial da forma patronímica. Sabemos não poder tratar-se de uma preposição, visto que as formas patronímicas não são antecidas de preposição, e além disso este -d- antes de "Eanes" só ocorre com a forma proclítica "FERNAM" ou "FERNÃO". Temos ainda as formas "Esteueannes" de "Esteuão Eannes" e "Esteve Annes". Na primeira forma, a aglutinação ou contracção do *prenome* com a forma patronímica implica a apócope do ditongo nasal final -ão e, na segunda forma, a deglutinação tende a separar a primeira vogal da forma patronímica como se esta fizesse parte do *prenome*, o mesmo acontece com as formas "Pere Annes" de "Pereannes" e "Antone Anes" de "Antoneanes".

b) quando a terminação do *prenome* é -nne, como em "Johanne", a vogal final sofre apócope e a consoante nasal simplificada desaparece nasalando a vogal precedente. Assim, a forma "João" e as suas variantes com terminação nasal são originariamente formas proclíticas de "Johanne" (em que ocorreu a apócope do -e final antecedido da consoante nasal -n que ao cair provoca a nasalação da vogal anterior), ocorrendo inicialmente apenas antes de patronímicos começados por consoante, por exemplo: "Joham Lourenço" por "Johanne Lourenço". Mas, depois, estas formas apocopadas generalizaram-se a todos os contextos, tornando-se formas independentes e assim suplantaram a forma plena correspondente. Leite de Vasconcelos escreve: "João resultou de Joanne em próclise, antes de nomes começados por consoante (...) Depois João tornou-se independente como Mem de Men(do) (...) Compreende-se que Joanne mantivesse o -e, quando essa palavra estava antes de nome começado por vogal, e quando era empregada de modo absoluto (...), porque não havia motivo nenhum para o e cair. Durante certo tempo, Joane coexistiu com João ou Joham; depois aquela palavra foi suplantada por esta."¹⁴⁹

c) quando a terminação do *prenome* é -ndo e a este se segue um patronímico começado por consoante, obtemos formas proclíticas terminadas em vogal nasal, por exemplo: "FERNÃO Gonçalves" de "Fernando Gonçalves" e "Mem Rodriguez" de "Mendo Rodrigues".

¹⁴⁹ Cf. VASCONCELOS (1937), p.58-59.

d) quando a terminação do *prenome* é *-ino*, a vogal final cai e a consoante nasal sofre também apócope, deixando o traço de nasalidade sobre a vogal precedente, por exemplo: "Martim" de "Martino" > "Martinho". A forma proclítica "Martim", usada inicialmente apenas antes de patronímicos começados por consoante, torna-se também uma forma independente, ocorrendo antes de patronímicos começados por vogal.

A forma "Dom", título honorífico que antecede os *prenomes* na sua forma plena, é também uma forma proclítica de "Dono", proveniente do latim "Dominu" > "Domnu" > "Donno" > "Dono". O facto de "Dom" ocorrer, esporadicamente, com formas proclíticas, por exemplo, em "Dom Pero", mostra que estas formas inicialmente proclíticas são já formas independentes.

As formas proclíticas distinguem-se das formas hipocorísticas que são deformações familiares dos *prenomes*. Não tratámos de formas hipocorísticas, remetendo para o estudo de Leite de Vasconcelos (1928), uma vez que não temos formas hipocorísticas nos documentos consultados. Leite de Vasconcelos¹⁵⁰ designa "Rui" como forma hipocorística de "Rodrigo", mas depois rectifica a sua observação, considerando "Rui" uma forma proclítica,¹⁵¹ como já observou Iria Gonçalves.¹⁵²

2.1.2. Formas divergentes

Formas divergentes são formas que embora apresentando a mesma origem etimológica, sofreram evoluções diferentes, originando formas distintas. Leite de Vasconcelos fala-nos das formas divergentes como nomes independentes: "Muitos dos nossos nomes próprios, quer antigos, quer modernos, apresentam-se com pluralidade de formas (...) Esta pluralidade tem várias causas, pois os nomes, no decurso dos tempos, e também conforme as localidades, modificam-se como as palavras da língua comum; a par com isso acontece, por influência do clero e de outras classes, certos nomes, que estavam muito modificados, em comparação com aqueles d'onde provêm, retomarem formas mais

¹⁵⁰ Cf. VASCONCELOS (1928), p.77.

¹⁵¹ Cf. VASCONCELOS (1928), p.453.

¹⁵² Cf. GONÇALVES (1988), p.92 (nota 42).

próximas d'estes (...) o que corresponde às formas que os filólogos chamam divergentes."¹⁵³ As formas divergentes são, geralmente, formas duplas em que temos uma forma arcaica por via popular e uma forma restaurada por via erudita.

Registámos as seguintes unidades antroponomásticas, que surgem como *prenomes*, em entradas lexicais diferentes por parecerem ser formas divergentes, nomeadamente:

a) as formas "Adrião" e "Adriano", "Alexo" e "Alexandre", "Apariço" e "Aparicio", "Bautista" e "Baptista", "Bento" e "Benedito"¹⁵⁴, "Bastião"¹⁵⁵ e "Sebastião", "Damião" e "Damiano", "Brites"¹⁵⁶ e "Beatriz", "Geneva" e "Genebra", "Brisida"¹⁵⁷ e "Brigida", "Madanella" e "Madalena". As primeiras formas destes *prenomes* parecem corresponder às formas populares e arcaicas, enquanto as segundas formas correspondem a formas restauradas por via erudita. Temos ainda as formas "Fabião", "Julião" e "Romão" que não apresentam, nos documentos consultados, as formas restauradas correspondentes: "Fabiano", "Juliano" e "Romano". Como podemos ver, as formas mais antigas que surgem por via popular apresentam a síncope da consoante nasal intervocálica, provocando a ditongação nasal final da palavra. Leite de Vasconcelos chama a atenção para o facto de não podermos confundir estas formas com as formas proclíticas terminadas em *-ão*: "Como não faltam nomes em *-ão* proclíticos, convem não confundir com eles Adrião, Emilião, Gião, Romão, etc., restaurados em Adriano, Emiliano, Juliano, Romano. Tanto é certo que estes nomes são independentes, que até há santos que assim se chamam, e existem localidades denominadas S. Adrião, Semelião, S. Gião, S. Romão."¹⁵⁸

b) os *prenomes* masculinos que apresentam duas formas, uma terminada pelo morfema flexional de género masculino *-o* e outra terminada pela desinência *-s* do caso nominativo latino. As formas que

¹⁵³ Cf. VASCONCELOS (1928), p.505.

¹⁵⁴ A evolução parece ter sido a seguinte: "Beneditu" > "Beeito" > "Beeto" > "Bento".

¹⁵⁵ Leite de Vasconcelos considera a forma "Bastião" uma forma hipocorística antiga e popular de "Sebastião" que se tornou independente. (Cf. VASCONCELOS (1928), p.475 e (1931), p.84). Parece-nos tratar-se de forma divergente de "Sebastião" e não forma hipocorística. Pois, o facto de em documentos haver a forma "Bastião" exclui que seja uma forma de carinho.

¹⁵⁶ Leite de Vasconcelos explica a forma "Brites" a partir de "Beatriz", através do deslocamento do acento por emprego proclítico de "Beatriz". Parece-nos tratar-se de forma divergente e não proclítica.

¹⁵⁷ Leite de Vasconcelos cita Freire que afirma que a forma correcta é "Brigida" e não "Brizida" como diziam os antigos, parecendo indicar que "Brigida" será a forma culta e "Brizida" ou "Brisida" a forma popular. (Cf. VASCONCELOS (1928), p. 512).

¹⁵⁸ Cf. VASCONCELOS (1928), p.505.

conservam o -s parecem ser formas restauradas por influência culta ou literária. Assim, temos, por exemplo, as formas: "Alexo" e "Alexos", "Domingo" e "Domingos" com o *prenome* feminino correspondente "Domingas", "Aparicio" com o *prenome* feminino correspondente "Aparicia" e "Aparisios", "Paulo" com o *prenome* feminino correspondente "Paula" e "Pallos", "Rodrigo" e "Rodrigos", "Mathia" e "Matias", "Giraldo" e "Giraldos", "Gonçalo" e "Gonçalos". Quanto às formas "Marcos" e "Matheus" apenas registámos estes *prenomes* masculinos com o morfema nominativo latino -s.

c) as formas dos *prenomes* masculinos "Belchior" e "Melchior". Estas formas, no entanto, podem ser variantes morfológicas ou simplesmente variantes fonéticas, em que temos alternância entre as consoantes /b/ e /m/, possivelmente devido à proximidade do ponto de articulação, surgindo então o problema de qual destas formas escolher como lema.

Nem sempre é fácil estabelecer a separação entre variação fonética e variação morfológica ou lexical. Leite de Vasconcelos parece confundir, por vezes, variantes fonéticas com nomes independentes ou multiformes.¹⁵⁹ Assim, este autor apresenta na lista de nomes multiformes, por exemplo, as variantes: "Gabriel/Gavriel", "Baltasar/Baltesar", "Bertolomeu/Bertolameu", "Beatriz/Breatiz", em que temos fenómenos fonéticos de alternância entre /b/ e /v/, fenómenos de dissimilação vocálica e fenómenos de metátese, a par com as formas divergentes e proclíticas.

2.2. Morfologia dos segundos nomes-patronímicos

Kremer, ao descrever as diferentes estruturas patronímicas ibero-românicas, escreve: "Die spanischen (und portugiesischen) patronyme sind in aller regel unverkennbar durch ein charakteristisches suffix, das seit der altesten uberlieferung zumeist in der (unbetonten) form -ici/-iz(i) (*Gundisalvus* > *Gundisalviz(i)*) begegnet und heute gewöhnlich als -ez (*Suárez*), gelegentlich auch in den varianten -az (*Garciaz*, neben *Garcés*) und -oz (*Muñoz*) erscheint; (...) Neben der eindeutigen funktion derartiger namenbildungen konkurriert im mittelalter der genitiv, als elliptische syntaktische bildung (...) Bei wenigen traditionellen hispanoromanischen namen findet die charakteristische bildungsweise mit -ez keine (*Alfonso*) oder nur eingeschränkte verwendung (*Álvaro*,

¹⁵⁹ Cf. VASCONCELOS (1928), pp. 506-534.

neben *Alvarez*, *García* neben seltenen *Garcés/Garciaz*, *Martinez* neben *Martin*); (...) In der späteren festen familiennamengebung kann dieser formale zusammenfall von ruf- und familiennamen zu kollisionen führen. (...) Gelegentlich scheinen in späteren einzelfallen auch diminutivsuffixe diese funktion zu übernehmen."¹⁶⁰

Tendo em conta a classificação estabelecida por Kremer, dividimos os *segundos nomes-patronímicos*, quanto à estrutura morfo-sintáctica, em:

a) patronímicos por sufixação, geralmente, com o sufixo *-ici*. Muito se tem discutido sobre a origem do sufixo patronímico *-ici*. Joseph Piel¹⁶¹ concorda com Leite de Vasconcelos sobre a origem pré-latina deste elemento morfológico que substitui a tradicional forma genitiva latina para indicar a filiação. J. J. Nunes explica assim a existência destas formas patronímicas por sufixação: "É de crer que, aqui como noutras partes e em harmonia com o costume de todos os povos, desde a mais remota antiguidade, os indivíduos fossem apenas conhecidos pelo que hoje chamamos nome de baptismo; mais tarde estabeleceu-se o costume de, para melhor os distinguir, ajuntar àquele o nome do pai, que tomava então a desinência *-az*, *-ez*, ou *-iz*, de origem desconhecida; (...) Quando transcritos para o latim, eram estes patronímicos indicados pelo genitivo. (...) A par do processo de pôr em caso oblíquo o nome do pai, outro parece também ter existido, que consistia em juntar ao nome de baptismo a palavra árabe *iben*, que quer dizer filho."¹⁶² Leite de Vasconcelos refere a existência dos sufixos patronímicos: *-aci* > *-azi* > *-az*, *-oz*, *-uz* e *-ici* > *-izi* > *-iz* > *-ez* > *-es*.¹⁶³ Temos vestígios de

¹⁶⁰ Cf. KREMER, Dieter, "Spanisch: Anthroponomastik", *Lexikon der romanistischen linguistik*, 1992, vol. VI, 1, p. 465: "Os patronímicos espanhóis (e portugueses) são em todas as regras inconfundíveis através de um característico sufixo, que desde a mais antiga tradição na maior parte se encontra na forma (átone) *-ici/-iz(i)*, e hoje aparece correntemente como *-ez* (*Suárez*), ocasionalmente também na variante *-az* (*Garciaz*, ao lado de *Garcés*) e *-oz* (*Muñoz*); (...) Ao lado da inequívoca função de semelhantes formações de nome, concorre na Idade Média o genitivo, como construção sintáctica elíptica (...). Nalguns nomes hispano-românicos tradicionais encontra-se o modo de formação característica com *-ez* nenhum (*Alfonso*) ou só aplicações limitadas (*Álvaro*, ao lado de *Alvarez*, *García* ao lado de, raras vezes, *Garcés/Garciaz*, *Martinez* ao lado de *Martin*); (...) Nas mais tarde fixas denominações de nomes de família, este formal caso conjunto pode conduzir a uma colisão de primeiros nomes e nomes de família. (...) Ocasionalmente, parece que mais tarde, em casos isolados, os sufixos diminutivos assumem também esta função [patronímica]".

¹⁶¹ Cf. PIEL, "Sobre os apelidos portugueses do tipo patronímico em *-ici*-es (Rodrigues)", *Boletim de Filologia*, tomo XXI, 1965, p. 168.

¹⁶² Cf. NUNES, J. Joaquim, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*, Lisboa, Clássica Editora, 1919, p. 205.

¹⁶³ Sobre a evolução deste sufixo patronímico, ver VASCONCELOS (1928), p. 108-112 e PIEL (1965), p. 171.

patronímicos em *-az*, por exemplo, na forma: "Vaz" (de "Velasci" > "Velaci" > "Veazi" > "Veaz" > "Vaaz" > "Vaz" - forma patronímica do *prenome* latino "Velascus" > "Vasco"). As formas patronímicas em *-uz* e *-oz*, por exemplo: "Dominigoz" (do *prenome* latino "Dominicus") e "Nunoz" (do *prenome* latino "Nunnus"), foram substituídas por formas com o sufixo *-ici*, por isso temos as formas "Nunes" (de "Nun-ici" > "Nunizi" > "Nuniz" > "Nunez") e "Domingues" (de "Dominic-ici" > "Dominigizi" > "Domingiz" > "Domingez"). Nas variantes do *segundo nome-patronímico* "Domingues", registámos uma forma que parece conservar o sufixo *-oz* em "Domingoz" (1496-97/L1A). Separámos esta forma das outras por ser morfológicamente diferente, surgindo apenas uma vez, o que mostra tratar-se já de um arcaísmo. Nas fontes consultadas do século XV, as formas patronímicas resultantes do sufixo *-ici* apresentam a terminação *-ez*, enquanto, nos documentos do século XVI, começa já a generalizar-se a grafia *-es*. Leite de Vasconcelos observa que: "a mudança de *-iz* em *-ez* ascende ao século XIII (...) No século XIV concorre ainda *-iz* com *-ez*, ou por tradição ortográfica, ou porque a mudança não se realizou de um jacto. No século XV, se ainda, pela força do hábito, se encontra um ou outro raro *-iz*, o corrente é *-ez*, e já há alguns *-es*. No século XVI, só há *-ez* ou *-es*, e dificilmente aparecerá *-iz*."¹⁶⁴ É de notar que registámos a forma "Nuniz" ainda com o sufixo *-iz*, no século XVI, mais especificamente em 1526/L5D, quando temos já em 1470-72/L1A a forma "Nunez". A predominância do sufixo *-ici* explica-se, possivelmente, devido ao facto deste ser o sufixo mais usado para indicar a filiação, tanto nas formas patronímicas resultantes de nomes pré-latinos, como nas formas resultantes de nomes latinos e ainda nas formas resultantes de nomes germânicos latinizados. Pois, observa-se que o sufixo *-ici* tende a introduzir-se mesmo em casos em que a vogal final do *prenome* não o favorece, como em "Guma": "Gum-ici" > "Gum-izi" > "Gum-iz" > "Gum-ez" > "Gomes". Esta forma patronímica surge como *prenome* igual ao *segundo nome-patronímico*. O mesmo parece acontecer com a forma "Aires/Ayrez", que surge também como *segundo nome-patronímico* e como *prenome*. Joseph Piel apresenta esta forma como patronímico com o sufixo *-ici*, enquanto Pedro Machado considera que esta é a forma do *prenome* "Aries" ou "Arias" por metátese do *i*, em que o *-s* representa a desinência do nominativo singular. Concordamos com Piel, pois parece tratar-se de forma patronímica com o sufixo *-ici* em que é visível a evolução *-ez* > *-es*, embora tenhamos registado a forma "Aries" como *prenome*, o que poderia ser um argumento a favor da hipótese de Machado.

¹⁶⁴ Cf. VASCONCELOS (1959), p.164.

b) patronímicos por posição, iguais aos *prenomes* que surgem como segundo e último nome. Leite de Vasconcelos define patronímico do seguinte modo: "...genitivo derivado do nome do pai, o qual na Idade-média indicava a filiação."¹⁶⁵ Como podemos ver, Leite de Vasconcelos só considera patronímicos as formas genitivas derivadas do *prenome* paterno e designa por sobrenomes as formas não genitivas dos *prenomes* que, geralmente, não recebem sufixo: "Havia também (...) nomes a que não se ligavam por costume patronímicos propriamente ditos (...) Filhos de pessoas assim chamadas não podiam pois ter patronímicos, e repetiam o nome do pai como sobrenome."¹⁶⁶ Seguindo o exemplo de Iria Gonçalves,¹⁶⁷ considerámos patronímicos não só as formas genitivas mas também as formas não genitivas do nome do pai, uma vez que a aposição do *prenome* do pai ao do filho apresenta a mesma função das formas patronímicas com sufixo, ou seja, trata-se de um patronímico por posição que indica a filiação paterna. Temos os seguintes *prenomes*, na sua forma nominativa, com função patronímica: "Afonso", "André", "Luís", "Manuel", "Gil", "Vicente", "Brás", "Duarte" entre outros. Os patronímicos por posição, que parecem indicar filiação quando correspondem ao *prenome* paterno, embora muitas vezes seja difícil registar simultaneamente o patronímico e a indicação da filiação, apresentam, esporadicamente, formas feminilizadas. Geralmente, os patronímicos não são feminilizados, mesmo quando não se formam a partir de um genitivo, ou seja, mesmo quando não recebem o sufixo patronímico. Contudo, encontramos os antropónimos: "Mor Lourença", "Margarida Antonia", "Catherina Simoa" e "Catherina Francisca", em que os *segundos nomes* parecem corresponder a patronímicos por posição feminilizados, que concordam em género com o *prenome* feminino. Assim, o *segundo nome* "Simoa", tal como "Simão", parece indicar a filiação - "filha de Simão" -, uma vez que a forma patronímica "Simões" só surge nos documentos consultados mais tarde.¹⁶⁸ E a forma "Francisca", tal como "Francisco", parece indicar filiação - "filha de Francisco" -, uma vez que este *prenome* não apresenta forma patronímica correspondente com sufixo. Encontrámos, por vezes, duas formas patronímicas morfológicamente diferentes do mesmo *prenome* masculino,

¹⁶⁵ Cf. VASCONCELOS (1928), p. 11 (nota 1).

¹⁶⁶ Cf. VASCONCELOS (1928), p. 119.

¹⁶⁷ Cf. GONÇALVES, Iria, "Amostra de antroponímia alentejana do século XV", *Imagens do mundo medieval*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988, p. 90 (nota 12).

¹⁶⁸ A forma "Simões" surge pela primeira vez em 1634/L1C, já no século XVII, por isso não registámos esta forma no quadro dos *segundos nomes-patronímicos*.

nomeadamente formas patronímicas com o sufixo *-es* e formas patronímicas por posição, por exemplo: "Antunes" a par com "António" e "Garces" a par com "Garcia".

c) patronímicos por preposição, cuja única ocorrência é "de Fuas",¹⁶⁹ em que a preposição indica a filiação, "filho de Fuas", trata-se de uma construção sintáctica elíptica. Leite de Vasconcelos escreve: "A partícula *de* usa-se em tres circunstâncias: anteposta a um apelido geográfico; anteposta a um sobrenome religioso; e numa perífrase indicativa de parentesco."¹⁷⁰ Neste caso, a partícula *de* ocorre na terceira circunstância indicada.

d) e ainda, excepcionalmente, o primeiro nome do pai com o sufixo diminutivo *-inho*, que ocorre na forma "Gonçalinho", com função patronímica, significando "filho de Gonçalo".

Confirmando a predominância dos *segundos nomes-patronímicos* com o sufixo *-ici*, Joseph Piel apresenta uma extensa lista de "Apelidos portugueses contemporâneos, procedentes de patronímicos antigos em *-ici*, *-izi*".¹⁷¹ Este autor diz acrescentar, à lista de formas patronímicas apresentada por Leite de Vasconcelos, as formas "Fróis",¹⁷² "Brites", "Meireles" e "Luzes".¹⁷³ No entanto, Leite de Vasconcelos apresenta já a forma "Luzes" como forma patronímica de "*Lucici".¹⁷⁴ Piel escreve: "Os dois únicos que se lhe podem acrescentar com segurança são *Fróis* (*Froes*) de *Froil-ici*, tirado de *Froila*, (...) e *Brites*. Menos seguros se apresentam os casos de *Meireles* e *Luzes*. Leite de Vasconcelos, p. 166, incluiu *Meireles* entre os nomes de procedência geográfica, pois esta forma corresponde a um nome de lugar do distrito de Bragança (...). No entanto, este topónimo parece por sua vez filiar-se no patronímico de *Maiorellus* (...). No que respeita a *Brites*, estamos inclinados a ver nesta forma, não o nome de mulher homónimo, variante popular de *Beatriz* (*Breatiz*, *Briatiz*), cf. *Antroponímia*, p. 511, mas o patronímico do nome singular *Brit(t)o*, *-us*, etimologicamente

¹⁶⁹ Cf. VASCONCELOS (1928), p.96, refere "Fuas" como *prenomemasculino*.

¹⁷⁰ Cf. VASCONCELOS (1928), p.559.

¹⁷¹ Cf. PIEL, (1965), p.172.

¹⁷² De notar que Leite de Vasconcelos (1931), p.102 refere a forma "Froez" ou "Froes" de "Florici", mas não considera esta uma forma patronímica.

¹⁷³ De notar que Piel não refere a forma "Moniz" apresentada como patronímico por Leite de Vasconcelos, possivelmente porque não considera esta uma forma patronímica. A forma "Moniz" parece ser uma forma correspondente ou divergente da forma castelhana "Muñoz" que, segundo Pedro Machado, provém do patronímico medieval "Munioniz" formado a partir do antropónimo masculino "Munnius". O mesmo que originou a forma patronímica "Moniz", segundo Leite de Vasconcelos (1928), p.38.

¹⁷⁴ Cf. VASCONCELOS (1928), p.120.

obsuro, mas conhecido desde os documentos mais antigos. Quanto a *Luzes*, inspira dúvidas a sua explicação por **Luc-ici*, porque *Lúcio* não ocorre em Portugal antes do séc. XVIII; (...) Em contrapartida, os mais antigos documentos da sé de Coimbra mencionam *Lucidus* - que já é cognome romano -, fornecendo **Lucid-ici* em teoria uma base foneticamente impecável para *Luzes*. Mas mesmo assim, dada a escassez da tradição deste apelido, bem como a frequência do apelido *Luz*, preferiríamos ver em *Luzes* simplesmente o plural do nome comum respectivo (...)"¹⁷⁵ Não encontramos, nos documentos consultados, a forma "Luzes". Registámos a forma "Froez" como *segundo nome-patronímico*. Quanto à forma "Brites", que Piel considera forma patronímica, nunca registámos esta forma como *segundo nome*, mas sim como *prenome* feminino, por isso parece-nos ser uma forma popular divergente de "Beatriz", como escreve Leite de Vasconcelos. Também concordámos com Leite de Vasconcelos ao classificar a forma "Meireles" como *segundo nome-geográfico*.

Piel apresenta as seguintes formas patronímicas duplas: "Alves" e "Álvares", "Esteves" e "Estevens", "Pires" e "Peres",¹⁷⁶ "Anes" (com a forma antiga "Eanes") e "Enes",¹⁷⁷ "Vaz" e "Vasques", "Ruiz" e "Rodrigues". Registámos estas formas patronímicas duplas, que encontramos nas fontes documentais madeirenses, no quadro dos *segundos nomes-patronímicos* em entradas lexicais diferentes, pois parecem ser formas independentes (ver quadro nº 2). Piel explica a existência destas formas duplas ao escrever: "Sobre Vaz e Ruiz, frente a Vasques e Rodrigues, pode haver duas opiniões. Em princípio, Vaz pode ter resultado por haplologia de *Vasc-es < Velasc-ic(i), mas pode

¹⁷⁵ Cf. PIEL (1965), pp.172-173.

¹⁷⁶ Leite de Vasconcelos explica a variante "Pires" de "Petr-ici" através da metáfora, ou seja, a vogal tónica passa a *i* por influência da vogal final, sendo que na forma "Peres" se manteve o *e* de "Pero". Pedro Machado discorda desta explicação porque se se verificasse esse fenómeno, a forma "Pires" substituiria a forma "Peres", o que não acontece, pois as duas formas coexistem. Segundo Pedro Machado, "Peres" é o patronímico regular de "Pero", sendo que a forma divergente "Pires" como é mais rara no português antigo, teria ocorrido de uma evolução particular e limitada geograficamente de "Peres" para "Pires": "Peres era apelido antigo e frequente no norte de Portugal. Como parece natural, os colonos nortenhos levaram-no para o sul onde ficou sujeito a imposições da fonética dos falares românicos locais. Neste parece claro que o -e-tónico passava a -i-(...) Portanto, a ser assim, estaríamos com um elemento novo, a juntar ao da conservação do -n-, do -d- e do -l- intervocálicos. Por outras palavras: Peres é forma regular nortenha; Pires é forma meridional dela resultante." (Cf. MACHADO, Pedro, *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, vol.III, Lisboa, Livros Horizonte, 1984, p.1162). Esta conclusão geográfica de Machado parece exagerada, embora seja aceitável derivar, como ele faz, "Pires" de "Per-ici".

¹⁷⁷ Registámos a forma "Enes" como forma independente ou forma patronímica dupla de "Eanes/Anes", seguindo o exemplo de Piel. Contudo, não excluímos totalmente a hipótese da forma "Enes" poder ser uma variante de "Eanes", tal como "Anes", como considera Leite de Vasconcelos.

também ser simplesmente a forma proclítica de Vasco, passada a apelido. Quanto a Ruiz, parece que a desinência patronímica veio agregar-se à forma proclítica Rui, tratada como forma plena.¹⁷⁸ Leite de Vasconcelos, ao enumerar os apelidos contemporâneos provenientes de patronímicos medievais,¹⁷⁹ assinala as seguintes formas patronímicas duplas: "Peres" e "Pires", "Vaz" e "Vasques", "Rodrigues" e "Ruiz". Este autor considera que as formas patronímicas duplas "Rodrigues" e "Ruiz" provêm da mesma forma etimológica - "Ruderici". No entanto, esta forma levanta problemas de evolução fonética, por isso parece-nos mais provável a forma etimológica "Roderic-ici" (> "Roderigizi" > "Roderigiz" > "Roderigez" > "Rodrigues"), para a forma patronímica "Rodrigues", e concordamos com Piel quanto à formação de "Ruiz" a partir da forma proclítica "Rui".

Piel não concorda com a explicação de Leite de Vasconcelos,¹⁸⁰ segundo a qual "Vaz" procederia do genitivo simples "Velas-i", sem o sufixo patronímico, como sucede com "Dias" < "Didaci" (genitivo do *prenome* latino "Didacus"). Assim como também não concorda com Leite de Vasconcelos,¹⁸¹ quando este afirma que as formas patronímicas "Eanes" e "Anes" têm origem na forma genitiva latina "Iohannis" (> "*Eoanes" > "Eanes" > "Anes", pela simples redução de *ea* a *a*) e não na forma "Iohann-ici". Pois, segundo Leite de Vasconcelos, os patronímicos indicavam-se umas vezes à maneira dos romanos, com o genitivo do nome do pai, por exemplo, "Iohannis" do nominativo "Iohannes", outras vezes com o sufixo patronímico *-ici*. Pedro Machado prefere, como Piel, a forma etimológica "Iohann-ici" para o patronímico "Eanes", escrevendo: "Creio tratar-se na verdade de um patronímico, pelo que será de preferir a presença do sufixo *-ici*, como noutros casos paralelos (...) e não de um genitivo, *Iohannis*. A frequência em antigo português de formas em *-es* dever-se-á a confusão com o nominativo *Iohannes*, que se prolongou por *Eanes*, *Anes*, etc."¹⁸² Embora as formas patronímicas "Eanes" e "Anes" apresentem quase todas as variantes com a terminação *-es*, o que nos poderia levar a pensar não se tratar do sufixo *-ici*, registámos as variantes "Anez" e "Annez", em 1485-6/L1A e em 1488-9/L1A, respectivamente, que parecem revelar a evolução *-iz* > *-ez* > *-es*. Assim, entre estas duas posições, inclinamo-nos para a de Piel

¹⁷⁸ Cf. PIEL (1965), p.174.

¹⁷⁹ Cf. VASCONCELOS (1928), p.120.

¹⁸⁰ Cf. VASCONCELOS (1928), p.109.

¹⁸¹ Cf. VASCONCELOS (1931), p.60.

¹⁸² Cf. MACHADO (1984), vol. II, p.543 (nota).

e Machado, pois as formas patronímicas "Eanes" e "Anes" não parecem distinguir-se das outras, uma vez que a grafia -s final alterna com a grafia -z.

Piel chama a atenção para o facto de nem todas as formas terminadas em -es serem formas patronímicas, escrevendo: "Não basta a desinência -es para incluir um apelido na categoria dos antigos patronímicos em -ici. Basta apontar o exemplo de *Tavares*, nome de origem".¹⁸³ Para classificar um *segundo nome* como forma patronímica é preciso que essa forma corresponda a um *prenome* masculino. A forma "Teles" parece não levantar dúvidas quanto à classificação em *segundo nome-patronímico*, pois é formada a partir do *prenome* "Telo" (> "Tell-ici" > "Telliz" > "Teles") e já surge classificada como forma patronímica por Vasconcelos e por Piel. Quanto à forma "Sales", que também classificámos como *segundo nome-patronímico*, pois parece ser a forma patronímica do antigo *prenome* de origem germânica *Sallo, é uma forma duvidosa que não é referida como forma patronímica nem por Vasconcelos nem por Piel. Registámos ainda, a par com outras formas patronímicas já referidas por estes autores, a forma patronímica "Bentez", que parece corresponder ao *prenome* masculino "Bento" com o sufixo -ici, e que não surge nem em Vasconcelos nem em Piel.

Piel levanta o problema de saber se algumas formas terminadas em -ez são castelhanismos ou formas conservadoras: "No que respeita às variantes em -ez: *Fernandez, Gonçalvez, Mendez, Sanchez*, etc., difícil se torna dizer até que ponto esta última grafia reflecte formas espanholas ou galegas ou simplesmente conservantismo gráfico."¹⁸⁴ Pensamos tratar-se certamente de uma grafia conservadora, pois sabemos que o sufixo -ici passou pela fase de -ez e que, mesmo que já tenha ocorrido a evolução para -es, a grafia tende a ser conservadora. Mas, o problema põe-se com mais acuidade para as variantes gráficas "Menendez" e "Martinez" que registámos, a par com as formas "Mendez" e "Martinz" respectivamente, na mesma entrada lexical por não termos a indicação de serem nomes castelhanos. Embora estas formas conservem o -n- em contexto intervocálico, que desapareceu desde muito cedo no galego-português, pode tratar-se de formas nacionais com grafia conservadora ou influência de grafias castelhanas ou ainda de grafias latinizantes.

¹⁸³ Cf. PIEL (1965), p.171.

¹⁸⁴ Cf. PIEL (1965), p.174.

2.3. Os segundos nomes-religiosos

Os *segundos nomes-religiosos* podem confundir-se com os *segundos nomes-geográficos* de origem religiosa porque são antecidos também pela partícula *de*. Temos a partícula *de* nas formas: "Sam Jorge (de)", "Sam Sebastiam (de)", "Santa Luzia (de)". Trata-se de nomes de santos que também correspondem a topónimos.

Nas invocações religiosas - "Porificação (da)", "Santos (dos)", "Luz (da)" - temos concordância em género e número da partícula com o nome religioso que introduz. Quanto ao *segundo nome* "Coresma", que surge por "Quaresma", não considerámos nome religioso mas sim alcunha, pois não é antecido da partícula preposicional que caracteriza os *segundos nomes-religiosos*.

2.4. Os segundos nomes-geográficos e étnicos

Os *segundos nomes-geográficos*, geralmente, são precedidos da preposição *de*, porque inicialmente ocorriam como complementos locativos introduzidos pela preposição, indicando a posse de terras dos nobres e a proveniência ou residência dos indivíduos. Mas, à medida que se vão fixando como *segundos nomes* hereditários, têm tendência a perder a preposição. É o que verificamos em fins do século XVI, em que temos, por exemplo: "Costa" por "Costa (de)", "Marchena" por "Marchena (de)", "Lemos" por "Lemos (de)", "Valdavesso" por "Valdavesso (de)". A omissão das preposições antes destes *segundos nomes*, que provavelmente já se tornaram hereditários, parece indicar a perda da noção de proveniência geográfica. Embora, em certos casos, a preposição tenha sido conservada até hoje. Antes de meados do século XVI, a ausência da preposição ocorre, esporadicamente, em assinaturas. Como assinala Leite de Vasconcelos, geralmente os *segundos nomes-geográficos* distinguem-se dos *segundos nomes-alcunhas* por serem acompanhados pela partícula *de* que indica senhorio ou procedência, mas um nome geográfico pode ocorrer originariamente sem preposição, ou porque "...os nomes foram usados desde o início sem preposição ou porque a preposição teria desaparecido em época muito antiga."¹⁸⁵

¹⁸⁵ Cf. VASCONCELOS (1931), pp.66-69.

Podemos distinguir os *segundos nomes-geográficos* quanto à forma em três grupos:

a) o grupo dominante é o grupo dos *segundos nomes* de origem geográfica ou toponímica antecededos de preposição. Em certas formas, temos a alternância entre a preposição *de* na forma neutra e as formas feminina e masculina, respectivamente *da* e *do*, pedidas pelo gênero do nome, por exemplo: "Câmara (de)" e "Câmara (da)", "Frolença (de)" e "Frorrenca (da)", "Parada (de)" e "Parada (da)", "Campanayro (de)" e "Campanario (do)", "Prado (de)" e "Prado (do)". Entre os *segundos nomes-geográficos* que ocorrem com preposição temos aqueles que, por vezes, ocorrem sem preposição, por exemplo: "Ferreira (de)" e "Ferreira", "Viveiros (de)" e "Viveiros". Quanto ao *segundo nome* de origem botânico-geográfica "Correa" ou "Correia", registámos uma ocorrência deste *segundo nome* antecedido de preposição, em "Correa (da)" (1496-7/L1A), o que confirma a origem geográfica deste *segundo nome*.¹⁸⁶

b) o grupo dos *segundos nomes-geográficos* que ocorrem sempre sem preposição, por exemplo: "Amaral", "Baião", "Barral", "Barbosa", "Barradas", "Barrocas", "Borges", "Cabral", "Cardoso", "Carvalho", "Cerveira", "Correia", "Felgueira", "Figueira", "Louredo", "Loução", "Melgaço", "Melim", "Moreira", "Nogueira", "Paris", "Pereira", "Pimentel", "Portel", "Pratel", "Saraiva", "Serradas", "Taborda", "Tarouca", "Tavares", "Taveira", "Teixeira", "Timor", "Vila Nova", "Vilela". Poderíamos pensar que os *segundos nomes* que ocorrem sem preposição, por exemplo, "Pereira" e "Figueira" seriam alcunhas por comparação com o reino vegetal. Mas, Leite de Vasconcelos diz-nos que trata-se de nomes de origem botânico-geográfica,¹⁸⁷ pois nem sempre podemos distinguir os *segundos nomes-geográficos* dos *segundos nomes-alcunhas* apenas com base na ausência da preposição.

c) o grupo dos adjetivos étnico-geográficos que, tal como os nomes geográficos, indicam a naturalidade ou a proveniência geográfica dos indivíduos. Incluímos estes no quadro dos *segundos nomes-geográficos e étnicos*, não seguindo o critério de Leite de Vasconcelos que inclui os adjetivos étnico-geográficos no grupo das alcunhas. Temos os seguintes adjetivos étnico-geográficos que, geralmente, substituem os *segundos nomes estrangeiros*, por exemplo:

¹⁸⁶ A propósito deste *segundo nome* de origem toponímica, Cf. VASCONCELOS (1928), pp. 163, 166 e 168, (1931), p.70.

¹⁸⁷ Cf. VASCONCELOS (1928), p. 264: "Nem todos os apelidos, porém, que ha, de aspecto botânico provêm de comparação ou metáfora. (...) Abundam, além disso, apelidos, como *Carvalho*, *Castanheira*, *Loureiro*, *Matos*, *Pereira*, *Silva*, e outros que omito, que na origem são geográficos, como se reconhece de virem às vezes acompanhados de *de (do, da)*".

"Alemão", "Calvino", "Camacho"¹⁸⁸, "Castelhano", "Escocio", "Flamengo", "Florentino", "Frances", "Galego", "Genoes", "Ingres", "Lombardo", "Pisano", "Romano", "Toscana", "Valenciano". Temos apenas um adjetivo geográfico atribuído a um povoador nacional. Trata-se do adjetivo "Algaruio" que surge como *segundo nome-geográfico*, indicando a proveniência do sul de Portugal de "Gonçalo Fernandez Algaruio". Podemos ainda referir os adjetivos étnico-geográficos "Judeu", "Mouro" e "Mourisco", o primeiro atribuído a um mercador e os outros provavelmente atribuídos a escravos do norte de África. Os adjetivos étnico-geográficos podem substituir o nome completo dos indivíduos, por exemplo, "o Galego" em vez de "Joam Anes Galego". Nestes casos, o artigo definido individualizante antecede o adjetivo étnico-geográfico já transformado em nome, concordando com este em género. Temos também o caso do adjetivo étnico-geográfico "o Castelhana", que surge como *segundo nome-geográfico* depois de outro *segundo nome*, antecedido do artigo definido também com valor individualizante ou distintivo. Os adjetivos étnico-geográficos, tal como as alcunhas, aceitam alteração morfológica em género conforme o sexo dos indivíduos. Assim, temos as formas: "Castelhano/Castelhana", "Escorcio/Escorcía" e "Galego/Galega".

A propósito dos adjetivos étnico-geográficos, Kremer escreve: "Eine besondere kategorie bilden die adjektivischen bildungen des typs *Bejarano*, d. h. "aus Béjar", die gelegentlich sekundare bedeutungen annehmen können und damit in die kategorie der beinamen gehören (*Lombardo* = "Italiener" bzw. "Bankier" u. a.). Diese ethnischen namen (...) haufen sich in den "Repartimientos" und ermöglichen sozialhistorische untersuchungen (Herkunft der siedler). Seit dem ausgehenden 15. jahrhundert wird auch dieser beinamentyp, unter verdrängung des eigentlichen vornamens, zunehmend charakteristisch für dienstboten u. a. (*el Portugués marido de la Castellana* a. 1491 usw.)."¹⁸⁹

¹⁸⁸ Cf. VASCONCELOS (1928), p.298. Apelido de origem geográfica espanhola.

¹⁸⁹ Cf. KREMER (1992), p. 471: "Uma categoria especial formam as construções adjetivais do tipo *Bejarano*, quer dizer "de Béjar", que ocasionalmente podem ter um significado secundário e assim com isto pertencer à categoria dos apelidos. Estes nomes étnicos acumulam-se nos "Repartimientos" e possibilitam pesquisas sócio-históricas (origem do colono). Desde o fim do século XV este tipo de apelido também é acrescido progressivamente sob pressão do verdadeiro nome de baptismo, com características para criados e outros (*el Portugués marido de la Castellana* a. 1491, etc.)."

Os *segundos nomes-geográficos* sofrem fenômenos de fonética sintáctica, a que podemos chamar aglutinação e deglutinação.¹⁹⁰ Temos aglutinação nas formas: "Avelosa (d')" por "Velosa (da)", "Davilla" por "Ávila (d')", "Afomseca (d')" por "Fonseca (da)". E temos deglutinação na forma: "Ornellas (d')" e "Ornellas (de)" por "Dornelas". Temos ainda a elisão da vogal da preposição, quando esta antecede um nome começado por vogal, por exemplo: "Aguiar (d')" por "Aguiar (de)" e "Aragão (d')" por "Aragão (de)".

Os *segundos nomes-geográficos*, por vezes, surgem suprimidos ou reduzidos. É o caso de "Joam Fernandez do Estreito" que surge muitas vezes referido apenas como "Joam Fernandez". A omissão deste nome geográfico de residência na ilha mostra-nos que este *segundo nome* ainda não se tinha fixado como nome hereditário. Como exemplo de redução de um *segundo nome-geográfico* temos "Joam Alvarez de Ponte de Lima" que surge como "Joam Alvarez da Pomte". Verificamos que estes dois *segundos nomes-geográficos* ocorrem depois de *segundos nomes-patronímicos*, o que possivelmente permite esta supressão.

Temos ainda a alternância entre formas de *segundos nomes-geográficos* com ausência e presença da grafia -s, por exemplo: "Teive (de)" e "Teives (de)", "Melo (de)" e "Melos (de)", "Marne (de)" e "Marnes (de)". Não nos parece ser a alternância entre uma forma singular e uma forma plural, uma vez que as unidades onomásticas não recebem flexão em número, e porque a preposição *de* não se altera.

2.5. Os *segundos nomes-alcunhas*

Em relação à estrutura morfológica e sintáctica dos *segundos nomes-alcunhas*, Kremer escreve: "Komposita, zumeist substantiv + adjektiv, sind vor allem vor der zeit der erstarrten FN in zahllosen beispielen uberliefert (*Malabarba, Barbarroja, Ojalvo, Piedadelobo, Mil-artes, Pancaliente* usw.). Von besonderem sprachlichen interesse sind syntaktische bildungen, vor allem des typs verbalform + objekt (*Matatoros, Papachochinos, Pizabarroas* usw.) und ellipsen (*del Amo, Deltoro, de-la-calza* usw.); haufig handelt es sich hier um anekdotische namen (*Numquamfarto, Non-cabe, Mal-anda, Faz-que-quieres*

¹⁹⁰ Cf. VASCONCELOS (1928), p.535.

usw.).¹⁹¹ As alcunhas são nomes delexicais (nomes formados a partir do vocabulário comum), que sofrem os mesmos processos de composição e derivação do léxico geral, originando a formação de novas formas. Assim, os *segundos nomes-alcunhas* apresentam as seguintes estruturas morfo-sintáticas:

a) alcunhas frásicas que são formas compostas, geralmente formadas por verbo mais objecto, por exemplo: "Buscarroído",¹⁹² "Brita Calçadas", "Matassete".

b) alcunhas compostas ou formadas por substantivo mais adjectivo ou substantivo mais complemento determinativo, por exemplo: "Byco de Bulhefre".

c) alcunhas correspondentes a lexemas básicos nominais ou adjectivais, por exemplo: "Barba", "Coxo", "Velho", "Neta", "Garamaxo", "Furtada", "Amo", "Moço", "Preta". Trata-se de cognomes ou epítetos que geralmente distinguem homónimos, por isso originariamente são antecidos por um artigo definido com valor individualizante. A presença do artigo definido indica que a alcunha ainda ocorre como atributo com significado pleno. Enquanto, a sua ausência pode ser um indicativo de que a alcunha já se tornou um *segundo nome* fixo e hereditário, pois os artigos definidos tendem a ser suprimidos quando as designações deixam de ser individualizantes. No entanto, o artigo continua a ser necessário quando a alcunha ocorre em substituição do nome completo do indivíduo.

d) alcunhas com formas derivadas por sufixação, por exemplo: "Barboso", "Cochinho", "Paginho", "Bocarro", "Peixoto", "Chamiço". Entre estas alcunhas, encontramos o sufixo diminutivo *-inho* em "Cochinho" forma diminutiva de "Coxo" e em "Paginho" que parece ser a forma diminutiva de "Pagem". E encontramos o sufixo aumentativo *-arro* na forma "Bocarro" que parece ser uma forma derivada de "Boca", o sufixo *-oto* em "Peixoto" que parece ser uma forma derivada de "Peixe", o sufixo *-iço* em "Chamiço" que parece ser uma forma derivada de "Chama" e o sufixo *-oso* em "Barboso", forma derivada da forma derivante "Barba".

¹⁹¹ Cf. KREMER (1992), p. 471: "Composições em geral substantivo + adjectivo foram acima de tudo transmitidas em grande número de exemplos antes da época dos sólidos nomes de família (*Malabarba, Barbarroja, Ojalva, Piedelobo, Mil-artes, Pancaliente* e outros). De um interesse linguístico especial são as formações sintáticas, acima de tudo as do tipo formado verbo + objecto (*Matatoros, Papachochinos, Pizabarroas*, etc.) e elipses (*del Amo, Deltoro, de-la-calza* etc.); na maior parte das vezes trata-se de nomes anedóticos (*Numquamfarto, Non-cabe, Mal-anda, Faz-que-quieres* etc.)."

¹⁹² Cf. VASCONCELOS (1928), p.278. Este autor, ao falar sobre as "Alcunhas expressas por frases", apresenta entre outras a forma "Busca-arroydo".

f) alcunhas provenientes de construções sintáticas elípticas, geralmente antecedidas por preposições, por exemplo: "Vinhos (dos)", "Bons Vinhos (dos)", "Bois (dos)", "Vacas (das)", "Banhos (dos)", "Trauto (do)". Contudo, é necessário distinguir expressões como "Mulata (da)", "Rosa (da <o>)", "Neta (da)", "Furtada (da)", onde parece estar subentendida a palavra "filho da", indicando filiação materna (matronímicos).

As alcunhas sofrem adaptação morfológica segundo o sexo dos indivíduos aos quais são atribuídas. Assim, ao morfema flexional de género masculino *-o* corresponde o morfema flexional de género feminino *-a*, por exemplo nas formas: "Camelo/Camela", "Botelho/Botelha", "Coelho/Coelha", "Preto/Preta", "Mourato/Mourata". Encontrámos ainda alternância entre as formas: "Calçadas" e "Calçados/Calcados", "Casca" e "Casco", atribuídas a um mesmo indivíduo do sexo masculino, por isso considerámos estas formas variantes arbitrárias ou acidentais e não unidades morfológicas e lexicais distintas.

As alcunhas que correspondem a nomes de profissão, geralmente, apresentam o sufixo *-eiro*, por exemplo: "Albardeiro/Albardeira", "Burzigueiro", "Calceteiro", "Canavieiro", "Carcereiro", "Carniceiro", "Carpinteiro", "Caldeireiro", "Caixeiro", "Carreiro", "Carreteiro", "Cerieiro", "Columbreiro", "Confeiteiro", "Escumeiro", "Malheiro", "Pedreiro", "Picheleiro", "Porqueiro", "Cadrileiro", "Çapateiro", "Tanoeiro", "Vinhateiro". Embora, algumas formas apresentem alternância entre o sufixo *-eiro* e o sufixo *-ador*, por exemplo: "Alealdadeiro" e "Alealdador", "Ferreiro" e "Ferrador", "Serralheiro" e "Serrador". Optámos por registar estas formas derivadas com sufixos diferentes em entradas lexicais independentes (ver quadro nº 4).

Concluindo este capítulo, salientamos alguns aspectos importantes resultantes do estudo gráfico-fonético da antroponímia primitiva madeirense. Em primeiro lugar, registámos muitos fenómenos típicos do português médio ou pré-clássico como as vogais geminadas que indicam tonicidade, as metáteses simples e duplas, as assimilações e dissimilações vocálicas à distância, a alternância gráfica entre consoantes simples e duplas. Em segundo lugar, sublinhámos os fenómenos de mudança fonética já concluídos ou em curso que a grafia deixa transparecer, nomeadamente: a monotongação dos ditongos /ej/

e /ow/, a confusão entre as sibilantes ápico-alveolares e predorsodentais, a uniformização das terminações nasais do singular e, possivelmente, a confusão entre a consoante africada e a fricativa palatal surda, evoluções que parecem ocorrer desde muito cedo no português insular. E, em terceiro lugar, mas não menos importante, salientámos a ocorrência de algumas variantes dos antropónimos que parecem apontar já algumas tendências específicas dos "dialectos madeirenses", nomeadamente: a ditongação de certas vogais em determinados contextos e a palatalização da consoante lateral, quando antecedida da vogal palatal /i/.

Quanto à análise morfo-sintáctica, salientámos algumas informações morfológicas fornecidas pelas unidades antroponomásticas estudadas. A formação das formas antroponímicas masculinas e femininas e a ocorrência de formas proclíticas e de formas divergentes dos *prenomes*. Em relação aos *segundos nomes-patronímicos*, destacámos as diferentes estruturas morfo-sintácticas das formas patronímicas, nomeadamente: os patronímicos com os sufixos *-ici*, *-aci*, *-oz* e *-uz*, os patronímicos por posição, os patronímicos por preposição, o patronímico formado pelo *prenome* mais o sufixo diminutivo *-inho* e salientámos ainda a existência de formas patronímicas duplas. Sublinhámos a estrutura morfo-sintáctica das seguintes unidades antroponomásticas: os *segundos nomes-religiosos* introduzidos por preposição; os *segundos nomes-geográficos* que ocorrem anteceditos ou não de preposição e os adjectivos étnico-geográficos que podem ser anteceditos por um artigo definido; os *segundos nomes-alcunhas*, que classificámos em alcunhas frásicas ou compostas por verbo mais objecto ou por substantivo mais complemento determinativo, alcunhas simples, alcunhas derivadas por sufixação e alcunhas elípticas, sendo que as alcunhas também podem ser precedidas de um artigo definido com valor individualizante. Verificámos que as diferentes unidades antroponomásticas apresentam uma grande variação, não só gráfica e fonética, mas também morfológica, sintáctica e mesmo lexical, o que parece revelar diferentes possibilidades estruturais coexistentes no português insular do período pré-clássico.

Capítulo III

Os *segundos nomes-geográficos* e a discussão histórico-dialectal do povoamento do arquipélago da Madeira

1. A importância dos *segundos nomes-geográficos*

O estudo da antroponímia, nomeadamente dos *segundos nomes-geográficos*, em relação com a geografia toponímica, constitui um auxiliar valioso para o conhecimento dos movimentos populacionais e para a história da colonização da ilha. Assim, pretendemos estabelecer correspondência entre os *segundos nomes* de origem geográfica dos povoadores do arquipélago da Madeira e a toponímia continental, para ver se é possível determinar a proveniência regional dos primeiros colonizadores nacionais.

Joseph-Maria Piel destaca a importância dos *segundos nomes-geográficos* ao afirmar: "Sabido é que a esmagadora maioria dos apelidos portugueses é constituída por nomes de origem, quer dizer correspondentes a nomes de localidades, maiores ou menores. Figuram em segundo lugar vários tipos de nomes primitivamente individuais, de alcunhas e sobrenomes, antigos ou mais recentes. Um terceiro grupo, finalmente, hoje numericamente menos avultado, (...) corresponde a antigos patronímicos...".¹⁹³ Nos documentos relativos ao arquipélago da Madeira, dos séculos XV e XVI, que utilizámos como fontes documentais, registámos 320 *segundos nomes-geográficos e étnicos*, 271 *segundos nomes-alcunhas* (incluindo as formas masculinas e as suas correspondentes femininas) e 59 *segundos nomes-patronímicos*. Temos uma clara predominância de *segundos nomes* de origem toponímica, o que é normal numa região de colonização em que a identificação dos indivíduos é feita, frequentemente, através da respectiva naturalidade. A importância dos *segundos nomes-geográficos* não reside só no facto destes surgirem em grande número, mas também por nos poderem dar informações sobre a origem regional dos colonizadores da ilha, contribuindo assim para a discussão da origem geográfica e dialectal do povoamento do arquipélago da Madeira.

Ao contrário dos *segundos nomes* de origem toponímica, os *segundos nomes* de tipo patronímico (que são comuns a todas as regiões dada a pobreza onomástica dos prenomes masculinos) e os *segundos*

¹⁹³ Cf. PIEL, *Boletim de Filologia*, tomo XXI, p.167.

nomes de tipo alcunha (que surgem espontaneamente em todas as regiões do país) não podem traduzir esta informação de distinção regional dos povoadores. Embora, Alberto Vieira afirme que há patronímicos predominantes em determinadas regiões do país que podem dar informações importantes sobre a origem dos colonizadores, tal como os nomes geográficos: "Num breve relance sobre a antroponímia dos iniciais povoadores da ilha (...) poder-se-á sistematizar a sua estrutura e retirar algumas ilações que poderão permitir uma nova visão sobre a importância e origem das principais famílias que povoaram o nosso arquipélago: os apelidos patronímicos ou de proveniência geográfica são muito úteis neste domínio; todos nós sabemos que alguns patronímicos são característicos de certas áreas do país e que por associação desses com a realidade madeirense poder-se-á descobrir novos dados que corroboram a origem geográfica dos primeiros colonos. Quanto aos que apresentam uma proveniência geográfica ninguém tem dúvidas, como sucede com Marcos de Braga, Francisco de Salamanca, João Florença, João Paris (...)".¹⁹⁴

2. Localização geográfica dos *segundos nomes* de origem toponímica

Na localização dos topónimos correspondentes aos *segundos nomes* de origem geográfica, utilizámos, principalmente, o *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular* de Américo Costa, embora tenhamos recorrido também a outros dicionários corográficos e ao *Diccionario Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa* de Pedro Machado. Apenas procurámos localizar geograficamente os *segundos nomes* de origem toponímica correspondentes a topónimos no território continental português, excluindo os *segundos nomes-geográficos* de proveniência estrangeira e os que indicam residência na ilha. Não nos interessa estudar a origem e o significado dos topónimos que estão na origem dos *segundos nomes-geográficos*, mas sim a sua localização geográfica, pois pretendemos conhecer a origem regional dos primeiros povoadores nacionais do arquipélago da Madeira.

Os *segundos nomes-geográficos* dos colonizadores da ilha da Madeira apresentam grande interesse para a discussão da origem geográfica do povoamento. No entanto, como observa Iria

¹⁹⁴ Cf. VIEIRA (1990), p.2.

Gonçalves,¹⁹⁵ temos de ter em conta alguns problemas que surgem na localização dos *segundos nomes* de origem toponímica, nomeadamente:

a) a dificuldade de localização de alguns topónimos, principalmente quando estes provêm de pequenas povoações. Pensamos que conseguimos resolver este problema através da consulta do dicionário corográfico de Américo Costa que nos dá informações sobre os nomes de todas as cidades, vilas, freguesias, povoações, aldeias e lugares. Muitas destas pequenas povoações não surgem noutros dicionários corográficos que apenas apresentam as freguesias, concelhos, comarcas e distritos.

b) a existência de várias formas homónimas de um mesmo topónimo em diferentes concelhos, distritos e regiões do país. A existência de muitos topónimos homónimos impede-nos, muitas vezes, de determinar a origem geográfica dos povoadores, pois encontramos topónimos homónimos não só num mesmo distrito ou numa mesma região, mas, por vezes, também em diferentes distritos de várias regiões do país. Encontrámos muitos topónimos homónimos porque registámos por ordem alfabética de concelhos tanto as grandes como as pequenas povoações, segundo as informações de Américo Costa, pois não podemos saber se um colonizador com um *segundo nome-geográfico* que corresponde a um topónimo homónimo de pequenas e grandes povoações, como "Porto" ou "Guimarães", provém destas cidades ou de uma aldeia com o mesmo nome, embora seja mais provável a sua proveniência das grandes povoações menos isoladas.

c) a atribuição de apelativos geográficos independentemente da origem do indivíduo ou de um seu antepassado, pois bastaria uma viagem ou estadia prolongada em determinada região para que o indivíduo fosse identificado com ela. Como não podemos saber se alguns dos *segundos nomes* de origem toponímica são atribuídos por afectividade e não por naturalidade, vamos considerar todos os apelativos geográficos indicativos da proveniência regional dos povoadores.

d) a ocorrência de formas toponímicas que podem corresponder a topónimos nacionais ou estrangeiros, por exemplo: "Segouea (de)" que pode corresponder ao topónimo "Segoiva" frequente no norte do país, mas também pode corresponder ao topónimo de origem castelhana "Segóvia", o que parece ser mais provável.

¹⁹⁵ GONÇALVES, Iria, "Amostra de antroponímia alentejana do século XV", *Imagens do mundo medieval*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988, pp.81-83.

Na localização geográfica dos *segundos nomes* de origem toponímica dos povoadores nacionais, registámos as seguintes situações:

a) *segundos nomes* de origem geográfica que correspondem a topónimos exclusivos de determinado distrito da região setentrional: "Agulha (de)" no distrito do Porto; "Almecega (de)" no distrito de Viana do Castelo; "Aveiro (de)" no distrito de Aveiro; "Barcelos (de)" no distrito de Braga; "Barcos (de)" no distrito de Viseu; "Borges (de)" no distrito de Braga; "Buarcos (de)" no distrito de Coimbra; "Cairos (de)" no distrito de Braga; "Caminha (de)" no distrito de Viana do Castelo; "Correia (de)"¹⁹⁶ no distrito de Braga; "Faria (de)" no distrito de Braga; "Frias (de)" no distrito de Aveiro; "Gave (de)" no distrito de Viana do Castelo; "Góis (de)" no distrito de Coimbra; "Lamego (de)" no distrito de Viseu; "Lima (de)"¹⁹⁷ no distrito de Viana do Castelo; "Loreda"¹⁹⁸ no distrito do Porto; "Mascarenhas (de)" no distrito de Bragança; "Meireles (de)" no distrito de Bragança; "Melgaço" no distrito de Viana do Castelo; "Melim" no distrito de Viana do Castelo; "Melo (de)" no distrito da Guarda; "Nóbrega (de)" no distrito do Porto; "Palme (de)" no distrito de Braga; "Ponte de Lima (de)" no distrito de Viana do Castelo; "Quadros (de)" no distrito de Aveiro; "Renhobre (de)" no distrito do Porto; "Salas (de)" no distrito de Coimbra; "Teive (de)" no distrito do Porto; "Vasconcelos (de)" no distrito de Braga; "Velosa (da)" no distrito da Guarda; "Vila Real (de)" no distrito de Vila Real.

b) *segundos nomes* de origem geográfica que correspondem a topónimos homónimos muito frequentes no norte de Portugal, localizados em diferentes distritos da região setentrional: "Agrela (de)" nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Vila Real e Porto; "Almeida (de)" nos distritos de Guarda, Braga e Porto; "Alpoim (de)" nos distritos de Viseu e Braga; "Além (de)" nos distritos de Porto, Braga, Viana do Castelo e Viseu; "Alvelos (de)" nos distritos de Porto, Braga e Viseu; "Amorim (de)" nos distritos de Porto, Braga, Aveiro e Viana do Castelo; "Araújo (de)" nos distritos de Porto, Viana do Castelo e Braga; "Arcas (das)" nos distritos de Viseu, Braga, Porto, Bragança, Aveiro e Viana do Castelo; "Ataíde (de)" nos distritos de Braga e Porto; "Azevedo (de)" nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Aveiro, Porto e Vila Real; "Baião" nos distritos de Viana do Castelo e Porto; "Barral" nos distritos

¹⁹⁶ Leite de Vasconcelos defende a origem botânico-geográfica do *segundo nome* "Correa" > "Correia". (Cf. VASCONCELOS (1928), pp. 163, 166 e 68 (1931), p. 70).

¹⁹⁷ Registámos o *segundo nome-geográfico* "Lima (de)" separadamente de "Ponte de Lima (de)", embora possamos levantar a hipótese daquele ser uma forma reduzida ou elíptica deste.

¹⁹⁸ O *segundo nome-geográfico* que surge nos documentos parece ser "Loreda" e não "Louredo", que é um topónimo muito frequente no norte de Portugal.

de Braga, Porto, Viana do Castelo, Aveiro, Vila Real e Viseu; "Braga (de)" nos distritos de Braga e Porto; "Brito (de)" nos distritos de Braga, Porto e Bragança; "Cadilhe (de)" nos distritos de Braga e Porto; "Cardoso" nos distritos de Braga, Porto e Viseu; "Cartas (de)" nos distritos de Braga, Porto, Viana do Castelo; "Cerveira" nos distritos de Braga, Viseu e Viana do Castelo; "Chaves (de)" nos distritos de Vila Real, Viana do Castelo e Porto; "Cunha (de)" nos distritos de Braga, Porto, Viana do Castelo e Viseu; "Dornelas" > "Ornelas (de)" nos distritos de Guarda, Braga, Viana do Castelo, Vila Real, Aveiro e Viseu; "Felgueira" nos distritos de Aveiro, Braga, Bragança, Porto, Coimbra, Viana do Castelo, Viseu, Vila Real; "Ferreira (de)" nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto, Bragança, Vila Real, Coimbra e Viseu; "Fonseca (de)" nos distritos de Vila Real, Viseu e Porto; "Fraga (de)" nos distritos de Viana do Castelo, Aveiro, Braga, Viseu, Porto e Vila Real; "França (de)" nos distritos de Bragança e Porto; "Freitas (de)" nos distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto; "Gaia (de)" nos distritos de Braga, Porto e Viana do Castelo; "Gândara (de)" nos distritos de Aveiro, Porto, Braga, Viana do Castelo, Bragança, Viseu; "Gouveia (de)" nos distritos de Bragança, Porto e Guarda; "Guimarães (de)" nos distritos de Braga, Porto e Viseu; "Linhares (de)" nos distritos de Viana do Castelo, Coimbra, Braga, Bragança, Aveiro, Guarda, Porto e Vila Real; "Lordelo (de)" nos distritos de Braga, Aveiro, Porto, Vila Real e Viana do Castelo; "Macedo (de)" nos distritos de Braga e Bragança; "Magalhães (de)" nos distritos de Viana do Castelo e Braga; "Medeiros (de)" nos distritos de Vila Real e Porto; "Menezes (de)" nos distritos de Vila Real e Porto; "Miranda (de)" nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Coimbra e Bragança; "Morais (de)" nos distritos de Bragança, Viana do Castelo e Viseu; "Moreira" nos distritos de Guarda, Viana do Castelo, Porto, Braga, Aveiro, Viseu e Vila Real; "Mota (de)" nos distritos de Braga, Porto, Aveiro, Viana do Castelo e Viseu; "Nogueira" nos distritos de Viana do Castelo, Porto, Braga, Aveiro, Coimbra, Vila Real, Bragança e Viseu; "Novais (de)" nos distritos de Braga, Viana do Castelo, Porto, Viseu e Aveiro; "Paiva (de)" nos distritos de Viseu e Porto; "Parada (de)" nos distritos de Bragança, Guarda, Porto, Viana do Castelo, Aveiro, Braga, Vila Real e Viseu; "Pedroso (de)" nos distritos de Braga e Porto; "Porto (do)" nos distritos de Porto, Viana do Castelo, Coimbra e Braga; "Póvoas (das)" nos distritos de Aveiro, Braga, Porto e Viseu; "Régua (da)" nos distritos de Viana do Castelo e Vila Real; "Resende (de)" nos distritos de Viseu, Braga, Porto e Viana do Castelo; "Sá (de)" nos distritos de Viana do Castelo, Aveiro, Braga, Vila Real, Porto e Viseu; "Sequeira (da)" nos distritos de Guarda, Braga e

Viana do Castelo; "Silva (da)" nos distritos de Braga, Aveiro, Guarda, Bragança, Porto, Viseu, Viana do Castelo e Vila Real; "Sousa (de)" nos distritos de Braga, Porto, Viana do Castelo e Viseu; "Tavares" nos distritos de Viana do Castelo, Guarda e Viseu; "Terra Nova (de)" nos distritos de Viana do Castelo, Viseu e Vila Real; "Travassos (de)" nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Aveiro, Porto, Coimbra, Vila Real e Viseu; "Valadares (de)" nos distritos do Porto, Viana do Castelo e Viseu; "Veiga (da)" nos distritos de Braga, Aveiro, Viana do Castelo, Vila Real, Guarda e Viseu; "Vila do Conde (de)" nos distritos de Viana do Castelo, Porto e Vila Real; "Vila Lobos (de)" nos distritos de Braga e Viseu; "Vilela" nos distritos de Porto, Braga, Viana do Castelo, Coimbra, Vila Real e Viseu.

c) *segundos nomes-geográficos* correspondentes a topónimos também muito frequentes no norte de Portugal e que correspondem apenas a um topónimo homónimo no centro ou sul do país, sendo muito mais provável a origem regional nortenha dos povoadores que apresentam estes *segundos nomes* de origem toponímica: "Abreu (de)" nos distritos de Viana do Castelo e Portalegre; "Aguiar (de)" nos distritos de Guarda, Braga e Évora; "Amaral" nos distritos de Braga, Viseu, Porto e Portalegre; "Arcos (de)" nos distritos de Porto, Aveiro, Braga, Évora, Viseu, Vila Real e Viana do Castelo; "Barbosa"¹⁹⁹ nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto e Leiria; "Canha (de)" nos distritos de Aveiro e Setúbal; "Caria (de)" nos distritos de Castelo Branco, Braga, Viseu e Vila Real; "Castro (de)" nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Aveiro, Viseu, Porto, Bragança e Santarém; "Couto (do)" nos distritos de Viana do Castelo, Coimbra, Aveiro, Porto, Braga, Vila Real, Guarda e Viseu; "Cova (da)" nos distritos de Aveiro, Viana do Castelo, Braga, Porto, Viseu e Santarém; "Lemos (de)" nos distritos de Braga, Coimbra e Leiria; "Maia (da)" nos distritos de Porto, Braga, Vila Real e Santarém; "Moura (de)" nos distritos de Guarda, Braga, Beja, Porto e Coimbra; "Nabais (de)" nos distritos de Braga, Porto, Santarém, Guarda e Viana do Castelo; "Poiars (de)" nos distritos de Coimbra, Bragança, Vila Real, Viana do Castelo, Braga e Castelo Branco; "Praça (da)" nos distritos de Porto, Braga, Aveiro, Viseu, Vila Real e Santarém; "Prado (do)" nos distritos de Guarda, Porto, Viseu, Braga, Viana do Castelo, Santarém e Vila Real; "Quintal (de)" nos distritos de Braga, Lisboa, Viseu e Viana do Castelo; "Tanque (do)" nos

¹⁹⁹ Leite de Vasconcelos defende a origem botânico-geográfica deste nome, significando terra abundante de barbas, ao escrever: "A prova de que o apelido *Barbosa* é originariamente nome geográfico está em que num documento do século XIII (...) ele vem precedido de *de*: *Dom Fernan Perez de Barvosa* (...) *D. Sancho Nunes de Barbosa* (...) *he seu solar a quinta de Barbosa, no termo do Porto, donde tomaram o apelido.*" (Cf. VASCONCELOS (1931), p. 69).

distritos de Braga, Porto, Leiria e Viana do Castelo; "Tarouca" nos distritos de Leiria, Coimbra e Viseu; "Teixeira" nos distritos de Porto, Coimbra, Braga, Bragança, Vila Real, Guarda e Leiria; "Viana (de)" nos distritos de Viana do Castelo, Porto e Évora; "Vieira" nos distritos de Braga, Viana do Castelo e Leiria.

d) *segundos nomes-geográficos* que correspondem a topónimos homónimos muito frequentes tanto na região setentrional como na região centro-meridional: "Abrantes (de)" nos distritos de Santarém e Braga; "Alhandra (de)" nos distritos de Aveiro e Lisboa; "Atouguia (de)" nos distritos de Coimbra e Santarém; "Azinhal (do)" nos distritos de Faro, Beja, Guarda, Évora, Castelo Branco e Lisboa; "Barradas" nos distritos de Braga, Faro, Portalegre e Lisboa; "Barrocas" nos distritos de Porto, Leiria, Santarém, Viseu, Viana do Castelo, Braga e Lisboa; "Barros (de)" nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Faro, Setúbal, Porto e Leiria; "Campo (do)" nos distritos de Aveiro, Porto, Viana do Castelo, Coimbra, Braga, Leiria, Évora, Vila Real; "Carnide (de)" nos distritos de Braga, Lisboa, Leiria e Aveiro; "Carreira (de)" nos distritos de Santarém, Porto, Viana do Castelo, Viseu, Braga, Leiria, Aveiro, Guarda, Coimbra e Portalegre; "Carvalho (do)" nos distritos de Santarém, Aveiro, Leiria, Lisboa, Porto, Braga, Viana do Castelo, Beja, Castelo Branco, Viseu, Coimbra, Guarda, Faro, Vila Real, Bragança, Portalegre e Setúbal; "Carvalho" nos distritos de Aveiro, Porto, Braga, Portalegre, Vila Real, Coimbra, Setúbal, Guarda, Viseu, Viana do Castelo e Évora; "Castanheira (da)" nos distritos de Aveiro, Leiria, Porto, Braga, Viana do Castelo, Coimbra, Bragança, Guarda, Vila Real, Castelo Branco, Viseu e Setúbal; "Corte (da)" nos distritos de Faro, Beja, Porto, Setúbal e Viseu; "Cortes" nos distritos de Viana do Castelo, Aveiro, Braga, Porto, Coimbra, Leiria, Beja, Portalegre, Viseu e Santarém; "Costa (da)"²⁰⁰ nos distritos de Leiria, Porto, Braga, Viana do Castelo, Aveiro, Coimbra, Viseu, Faro, Vila Real, Guarda e Lisboa; "Donas (de)" nos distritos de Castelo Branco e Porto; "Figueira" nos distritos de Braga, Porto, Aveiro, Santarém, Évora, Viseu, Bragança, Viana do Castelo, Coimbra e Faro; "Fontes (de)" nos distritos de Santarém, Aveiro, Braga, Bragança, Leiria, Porto, Viana do Castelo, Faro, Viseu e Vila Real; "Horta (de)" nos distritos de Setúbal, Aveiro,

²⁰⁰ Embora, este *segundo nome* não pareça levantar dúvidas quanto à sua origem geográfica, Pedro Machado não considera tratar-se de um nome de origem toponímica ao escrever: "Não creio que o apelido *Costa* se refira a uma povoação denominada *Costa*, mas sim ao facto de a pessoa que o recebeu, inicialmente como alcunha, provir de regiões do litoral. *Da Costa* tratar-se-ia, a ser assim, de apelido iniciado em regiões do interior." (Cf. MACHADO (1984), vol. I). Leite de Vasconcelos considera ser um nome geográfico de denominação topográfica de declive no litoral, ou adaptação do apelido francês *de la Coste*. (Cf. VASCONCELOS (1928), pp.159 e 289 (1931), p.16).

Faro, Lisboa, Viana do Castelo, Porto, Bragança e Guarda; "Lagos (de)" nos distritos de Leiria, Faro, Aveiro, Viana do Castelo, Porto e Braga; "Mata (da)" nos distritos de Lisboa, Leiria, Aveiro, Porto, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Viseu, Viana do Castelo e Santarém; "Matos (de)" nos distritos de Évora, Leiria, Aveiro, Lisboa, Porto, Braga, Santarém, Vila Real, Faro, Viseu, Viana do Castelo; "Olival (de)" nos distritos de Viana do Castelo, Porto, Aveiro, Braga, Santarém, Leiria e Viseu; "Oliveira (de)" nos distritos de Viana do Castelo, Porto, Portalegre, Braga, Aveiro, Vila Real, Faro e Viseu; "Palma (da)" nos distritos de Setúbal, Viana do Castelo, Viseu e Évora; "Pereira" nos distritos de Leiria, Porto, Braga, Viana do Castelo, Aveiro, Beja, Viseu, Guarda, Vila Real, Coimbra, Bragança e Faro; "Pinheiro (de)" nos distritos de Santarém, Guarda, Aveiro, Porto, Braga, Viana do Castelo, Coimbra, Lisboa, Viseu, Leiria, Beja, Vila Real, Portalegre e Faro; "Pó (do)" nos distritos de Porto e Leiria; "Ponte (de)" nos distritos de Santarém, Aveiro, Porto, Braga, Viana do Castelo, Viseu, Faro, Coimbra, Vila Real e Guarda; "Rego (do)" nos distritos de Aveiro, Porto, Viana do Castelo, Braga, Portalegre, Viseu, Leiria e Guarda; "Ribeira (da)" nos distritos de Santarém, Leiria, Porto, Braga, Aveiro, Viseu, Coimbra, Bragança, Vila Real, Faro, Beja e Guarda; "Ribeiro (do)" nos distritos de Aveiro, Faro, Porto, Braga, Coimbra, Viana do Castelo, Viseu, Leiria, Vila Real e Portalegre; "Rocha (da)" nos distritos de Leiria, Braga, Viana do Castelo, Guarda, Faro, Porto e Viseu; "Saraiva" nos distritos de Castelo Branco e Coimbra; "Serra (da)" nos distritos de Guarda, Porto, Leiria, Portalegre, Braga, Coimbra, Bragança, Viseu, Faro, Viana do Castelo, Beja, Vila Real, Aveiro e Santarém; "Silveira (da)" nos distritos de Lisboa, Setúbal, Viana do Castelo, Viseu, Braga, Aveiro, Faro, Porto e Vila Real; "Souto (do)" nos distritos de Santarém, Guarda, Aveiro, Lisboa, Porto, Braga, Viana do Castelo, Viseu, Bragança, Vila Real, Coimbra; "Soveral (do)" > "Sobral" nos distritos de Setúbal, Leiria, Aveiro, Viana do Castelo, Viseu, Coimbra, Santarém, Guarda, Castelo Branco, Portalegre, Faro, Lisboa, Porto e Braga; "Taveira" nos distritos de Coimbra e Santarém; "Torre (da)" nos distritos de Setúbal, Porto, Braga, Leiria, Viana do Castelo, Portalegre, Castelo Branco, Aveiro, Vila Real, Coimbra, Guarda, Faro, Santarém e Viseu; "Vale (do)" nos distritos de Santarém, Aveiro, Leiria, Porto, Braga, Viana do Castelo, Faro, Coimbra e Viseu; "Vila (da)" nos distritos de Aveiro, Leiria, Porto, Braga, Viana do Castelo, Viseu, Coimbra, Beja e Vila Real; "Vila Nova" nos distritos de Bragança, Leiria, Porto, Braga, Viana do Castelo, Aveiro, Vila Real,

Coimbra, Portalegre, Viseu, Santarém e Faro; "Viveiros" nos distritos de Vila Real e Santarém.

e) *segundos nomes-geográficos* que correspondem a topónimos exclusivos da região centro-meridional: "Almada (de)" no distrito de Setúbal; "Beja (de)" no distrito de Beja; "Calaça" no distrito de Portalegre; "Elvas (de)" no distrito de Portalegre; "Évora (de)" no distrito de Évora; "Gama (da)" no distrito de Lisboa; "Lisboa (de)" no distrito de Lisboa; "Mendonça (de)" no distrito de Portalegre; "Oeiras (de)" no distrito de Lisboa; "Portel" no distrito de Évora; "Segura (de)" no distrito de Castelo Branco; "Sintra (de)" no distrito de Lisboa; "Sousel (de)" no distrito de Portalegre; "Tomar (de)" no distrito de Santarém; "Vares (de)" no distrito de Santarém; "Vila Viçosa (de)" no distrito de Évora; "Tavira (de)"²⁰¹ no distrito de Faro; "Pera (de)" nos distritos de Setúbal, Leiria e Faro; "Peral (de)" nos distritos de Faro, Lisboa, Castelo Branco e Santarém; "Pratas (de)" nos distritos de Portalegre e Santarém; "Proença (de)" no distrito de Castelo Branco; "Serradas" no distrito de Leiria.

f) *segundos nomes-geográficos* que não conseguimos localizar, nomeadamente: "Chequeda (de)", "Chelaria (de)", "Caçanha (de)", "Camiche (de)", "Cane (de)", "Pratel", "Noronha/Loronha (de)", "Fragua (de)", "Armas (de)". Algumas destas formas são, possivelmente, de origem geográfica estrangeira. Temos ainda *segundos nomes-geográficos* que não localizámos, uma vez que apenas surgem como topónimos de quintas e herdades, por exemplo: "Agea (de)", "Albardinha (de)", "Amil (de)", "Andrade (de)", "Cabral", "Clara (de)", "Gamboa (de)", pois geralmente estes topónimos provêm de antropónimos.

Muitos dos topónimos que encontramos na região centro-meridional são mais recentes do que os seus homónimos nortenhos e provêm destes. Temos, por exemplo, o *segundo nome* de origem toponímica "Cairos (de)" que parece corresponder ao actual topónimo "Caires" em Amares no distrito de Braga. Embora tenhamos também o topónimo "Monte dos Cairos" em Aljezur no distrito de Faro, parece mais provável que a origem do nome geográfico "Cairos" seja minhota e não algarvia, uma vez que o topónimo "Casal dos Cairos" é certamente posterior e resultante de alusão a família oriunda do norte. Peter Clode, nas notas à obra genealógica do cónego Vaz Menezes *Famílias da Madeira e Porto Santo*, ao falar do *segundo nome* de

²⁰¹ A par com as formas "Tauira/Tauilla (de)", encontramos a forma "Tauil (de)" que registámos separadamente, embora possa ser uma forma apocopada de "Tauilla (de)".

origem toponímica "Cairos", levanta a questão de saber qual a sua procedência, concluindo que os "Cairos" procedem do Minho: "Quando os documentos respeitantes ao período do povoamento, incluindo grande parte do século XVI, nos falam de forma expressa, da proveniência dos que se estabelecem na Madeira, é quase sempre o Entre-Douro e Minho que indicam. (...) Sem dúvida que outras províncias do reino contribuíram para o povoamento da ilha, mas em proporção muito inferior à do Entre-Douro e Minho."²⁰² Não tivemos em conta topónimos do tipo "Casal do Cairos", na localização geográfica dos *segundos nomes* de origem toponímica, uma vez que se trata de topo-antropónimos formados a partir dos topónimos nortenhos, isto é, estes topónimos fazem alusão a proprietários locais de famílias com este nome, possivelmente provenientes do norte, em que o *segundo nome* "Cairos" indicava inicialmente a origem geográfica do(s) indivíduo(s).²⁰³

Excluimos ainda, da localização geográfica, os topónimos compostos em que entram os *segundos nomes* de origem toponímica que pretendemos localizar, sempre que temos topónimos com formas simples. Assim, apenas considerámos os topónimos com formas compostas quando não encontrámos topónimos com formas simples correspondentes aos *segundos nomes-geográficos*, por exemplo: "Proença (de)" que parece corresponder ao topónimo composto Proença-a-Nova ou Proença-a-Velha no distrito de Castelo Branco. Os *segundos nomes* de origem geográfica que correspondem a topónimos simples e compostos, por exemplo: "Miranda (de)" e "Oliveira (de)", foram localizados apenas em relação aos topónimos simples.

Apesar das dificuldades em determinar a origem regional de alguns dos *segundos nomes-geográficos*, devido à existência de topónimos homónimos, o mapa da localização geográfica dos *segundos nomes* de origem toponímica mostra-nos claramente o predomínio dos "nomes de origem" que parecem indicar a naturalidade nortenha dos colonizadores nacionais no povoamento do arquipélago da Madeira.

²⁰² Cf. CLODE, *op. cit.*, vol. I, nota III B, p.356.

²⁰³ O mesmo aconteceu no arquipélago da Madeira, onde se formaram muitos topónimos a partir de antropónimos por alusão a proprietários locais, por exemplo, o topónimo "Canhas", no concelho da Calheta distrito do Funchal, que parece ter origem no *segundo nome-geográfico* "Canha (de)", possivelmente de Rui Pires de Canha, um dos primeiros povoadores que teve terras de sesmaria na localidade.

3. Predominância dos colonizadores nortenhos no povoamento do arquipélago da Madeira

Considerando a divisão do território português em duas grandes regiões: a região setentrional que inclui os distritos de Viana do Castelo, Braga, Bragança, Vila real, Porto, Aveiro, Viseu, Guarda e Coimbra; e a região centro-meridional que inclui os distritos de Castelo Branco, Santarém, Leiria, Lisboa, Setúbal, Portalegre, Évora, Beja e Faro, tentámos localizar os *segundos nomes* de origem geográfica correspondentes a topónimos no território continental português, procurando determinar a predominância de povoadores de uma destas regiões na colonização do arquipélago da Madeira.

Tendo em conta a existência de topónimos homónimos, os números que apresentamos, resultantes da localização geográfica dos *segundos nomes* de origem toponímica, não correspondem a povoadores efectivos, mas sim a probabilidades de origem dos povoadores por distritos do continente português. Assim, o primeiro distrito em frequência é o distrito de Braga com 463 ocorrências, em que os concelhos mais frequentes são: Vila Verde, Vila Nova de Famalicão, Amares, Barcelos, Guimarães, Fafe, Celorico de Basto, Cabeceiras de Basto, Póvoa de Lanhoso e Braga. O segundo distrito em frequência é o Porto com 421 ocorrências, em que os concelhos mais frequentes são: Santo Tirso, Amarante, Paredes, Marco de Canaveses, Lousada, Vila Nova de Gaia, Maia, Paços de Ferreira, Penafiel, Felgueiras, Baião e Vila do Conde. O terceiro distrito em frequência é Viana do Castelo com 314 ocorrências, em que os concelhos que mais parecem ter contribuído com povoadores para a colonização do arquipélago da Madeira são: Caminha, Melgaço, Paredes de Coura, Arcos de Valdevez, Viana do Castelo, Ponte do Lima, ponte da Barca, Monção, Vila Nova de Cerveira e Valença. Seguem-se os distritos de Viseu com 178 ocorrências, Aveiro com 163 ocorrências, Vila Real com 101 ocorrências, Coimbra com 79 ocorrências, Guarda com 43 ocorrências e Bragança com 37 ocorrências. Num total de 1799 ocorrências de topónimos correspondentes a *segundos nomes-geográficos* na região setentrional. Na região centro-meridional, temos o distrito de Leiria com 58 ocorrências, o distrito de Santarém com 53 ocorrências, o distrito de Faro com 49 ocorrências, o distrito de Portalegre com 24 ocorrências, o distrito de Lisboa com 23 ocorrências, o distrito de Castelo Branco com 22 ocorrências e os distritos de Setúbal, Beja e Évora com 13 ocorrências cada. Num total de 268 ocorrências.

Encontrámos *segundos nomes* de origem geográfica correspondentes a topónimos pertencentes a todos os distritos do continente português. No entanto, verificamos a predominância clara dos povoadores com “nomes de origem” coincidentes com topónimos da região setentrional, mais especificamente da região de Entre Douro e Minho. Como conseguimos localizar a origem geográfica de quase todos os *segundos nomes* de origem toponímica dos povoadores nacionais, este parece ser um resultado representativo.

4. Estudos históricos e etnográficos anteriores que confirmam a predominância nortenha dos povoadores da ilha da Madeira

A origem geográfica da população portuguesa responsável pelo povoamento da ilha da Madeira é um problema histórico que tem suscitado diferentes posições e abordagens.

Tradicionalmente, considerava-se que o maior contingente de povoadores da ilha provinha do Algarve. A tese da predominância algarvia na colonização da Madeira era sustentada pela afirmação de Gaspar Frutuoso: “E deu licença el-Rei a toda a pessoa que quisesse vir com ele [Zarco] para povoação das ditas ilhas, assim a do Porto Santo como da Madeira; mandou dar os homiziados e condenados, que houvesse pelas cadeias e Regno, dos quais João Gonçalves não quis levar nenhum dos culpados por causa da fé, ou treição, ou por ladrão; das outras culpas e homizios levou todos os que houve e foram dele bem tratados; e, da outra gente, que por sua vontade queriam buscar vida e ventura, foram muitos, os mais deles do Algarve”.²⁰⁴ Esta informação, que tem origem na famosa *Relação* de Francisco Alcoforado²⁰⁵, só é válida para os acompanhantes das primeiras viagens, e mesmo para esses ainda pode ser objecto de correcção. Pois, tal como Zarco e Tristão, muita gente se encontrava no Algarve por estes tempos, em serviços vários, não sendo necessariamente gente oriunda do Algarve.²⁰⁶

²⁰⁴ Cf. FRUTUOSO, *Livro segundo das Saudades da terra*, Ponta Delgada, 1979, cap. VIII, p.54.

²⁰⁵ Cf. “*Relação* de Francisco Alcoforado”, *Descobrimento da ilha da Madeira. Ano 1420. Epanáfora Amorosa* (de Francisco Manuel de Melo), p. 93. Esta é a fonte onde foram beber o cónego madeirense Jerónimo Dias Leite e, por sua via, Gaspar Frutuoso.

²⁰⁶ Cf. CARITA, Rui, *História da Madeira (1420-1566). Povoamento e produção açucareira*. Funchal, 1989, p.46 (nota 36).

Alberto Iria²⁰⁷ defende que, no século XV, predominou a presença algarvia no povoamento da ilha da Madeira. Este autor baseia-se nos livros de vereações da Câmara do Funchal, onde aparecem os nomes de muitos vereadores e primeiros povoadores da ilha, para alguns dos quais supõe a naturalidade algarvia. Contudo, Alberto Iria não defende a exclusividade dos povoadores algarvios no povoamento da Madeira, pois já conhece o trabalho de Ernesto Gonçalves, autor que afirma a predominância minhota na colonização da ilha. No entanto, tenta provar que as primeiras levadas de povoadores, durante o período henriquino, partiram dos portos de Silves, Lagos e Sagres. Logo, seria mais do que provável a predominância de naturais algarvios na ilha. Os principais argumentos que apresenta são os seguintes: a presença e mesmo residência do Infante D. Henrique no Algarve, o facto de o Algarve estabelecer a ponte de ligação entre as ilhas atlânticas e a metrópole, a plantação de açúcar na Madeira que teria sido levada do Algarve e a existência do patronímico local "da Ilha", alcunha transformada em apelido de alguns homens de Lagos e Silves que depois de passar pela ilha regressam ao Algarve. Iria afirma: "Não seriam, apenas, só por excepção, os algarvios que, inicialmente, povoaram a Madeira, em especial os da Casa do Infante - e muitos foram, conforme adiante provaremos - mas também os que pertenciam à sociedade local, segundo mais à frente veremos, e, ainda, como é natural, gente humilde e anónima, das regiões já indicadas: Lagos-Sagres e Silves-Aljezur - mais directamente ligadas, é fácil compreender, às andanças, por esses lugares, do próprio Infante D. Henrique."²⁰⁸ Alberto Iria, depois de salientar as relações de vária ordem estabelecidas entre o Algarve e a Madeira, pretende demonstrar as semelhanças étnico-culturais e linguísticas existentes entre estas duas regiões, sublinhando o interesse de "fazer um estudo de etnografia comparativa para determinar as muitas relações de semelhança dos actuais usos e costumes madeirenses com os de outras regiões de Portugal e, em especial, com os do Algarve, na culinária, nas danças, na doçaria e, até, na própria maneira de falar em certos sítios da Madeira e no extremo sul de Portugal".²⁰⁹

²⁰⁷ IRIA, Alberto, *O Algarve e a ilha da Madeira no século XV*, 1974.

²⁰⁸ Cf. IDEM, *ibidem*, p.44.

²⁰⁹ Cf. IDEM, *ibidem*, p.383 (nota de rodapé).

Fernando Jasmins Pereira²¹⁰ contesta todos estes argumentos, afirmando que Alberto Iria força a naturalidade algarvia para os antropónimos "Gastão da Ilha", "Pedro Alemão", "Diogo de Teive", "Gonçalo Aires Ferreira", "Diogo Afonso", "João Afonso", "Álvaro Eanes" e "Mendo Afonso", sem ter em conta a existência de homónimos e as incoerências cronológicas e de hierarquia social que tornam inviáveis as suas especulações. Este autor critica ainda a falta de rigor científico de Alberto Iria, que condiciona os dados para defender a tese algarvia no povoamento da ilha da Madeira, e aponta as lacunas deste estudo que não refere um antropónimo cuja naturalidade algarvia é indiscutível - "Pedro Álvares de Lagos". Jasmins Pereira escreve: "...nenhum dos dezassete nomes individualmente abordados foi documentado como algarvio - obrigam, por conseguinte, à conclusão de que Alberto Iria, ficando muito longe de provar a sua aliciante tese, sobretudo conseguiu exibir numerosas confusões e, em certos passos, até deficiente conhecimento de documentação e bibliografias no entanto consultadas (...) Notam-se de resto, lacunas estranhíssimas, entre as quais caberá que se não haja ocupado com o mínimo de pormenor de um vulto como Pedro Álvares de Lagos, ou do Trauto, embora várias vezes o promettesse ao longo do seu livro (...) ora a naturalidade algarvia deste parece não sofrer discussão, pois inclusivamente os funchalenses a utilizavam para o distinguir de um homónimo, sobrinho do capitão."²¹¹

Perante os indícios inegáveis de uma presença nortenha na ilha, alguns autores defenderam uma origem repartida, numa como que mistura em partes iguais, de povoadores do Algarve e do Minho. Orlando Ribeiro²¹² defende a existência de duas vagas sucessivas de colonização da ilha, uma primeira vaga de origem algarvia e as vagas seguintes de origem setentrional, mais precisamente do Noroeste. Assim, este autor afirma: "tendo a colonização da Madeira prosseguido durante o século XVI com grande incremento, compreende-se que o maior número de colonos fosse fornecido pelo Norte (...) Foi essa população que cresceu, que se desenvolveu e que, emitindo vagas sucessivas de emigrantes, apagou, ou pelo menos relegou para lugar secundário, aqueles primeiros traços da vida rural do Algarve."²¹³

²¹⁰ PEREIRA, F. Jasmins, "O Algarve e a Madeira - Críticas e aditamentos a Alberto Iria", *Estudos sobre História da Madeira*, 1975, pp.283-296.

²¹¹ Cf. IDEM, *ibidem*, p.295.

²¹² RIBEIRO, Orlando, *Aspectos e problemas da expansão portuguesa*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1962.

²¹³ Cf. IDEM, *ibidem*, p.32.

Joel Serrão também defende a existência de duas vagas sucessivas de povoadores do Algarve e do Minho na colonização da ilha. Este autor escreve: "Os primeiros colonos que, no século XV, trocaram a metrópole pelas ermas terras recém-descobertas, ou redescobertas, dirigiram-se ao arquipélago da Madeira, onde principiaram a fixar-se, com carácter permanente, a partir de 1425. De começo, oriundos do Algarve, parece legítimo afirmar-se que a essa primeira onda colonizadora se seguiu, no começo do século XVI, uma outra procedente do noroeste do país - desse Entre Douro e Minho cuja navegação cedo se habituaria a comerciar directamente com a ilha. Dir-se-ia que, desse modo, e, como que naturalmente, dado o condicionalismo demográfico português, a corrente emigratória se orientou a partir de regiões de povoamento mais denso, servidas pela barra do Douro e por outros portos nortenhos, então em plena actividade, empenhados no comércio ultramarino desse tempo."²¹⁴ Sabemos que o primeiro porto donde partiram as caravelas foi Lagos, daí a provável presença de algarvios nas primeiras viagens de expansão e colonização portuguesa. Mas, sabemos também que desde muito cedo existiam na Madeira fortes ligações comerciais com o norte do país, pois a maior parte dos mercadores nacionais fixados na ilha era de origem setentrional e a distribuição dos produtos exportados para o reino fazia-se principalmente a partir do norte. Alberto Vieira²¹⁵ apresenta a percentagem de 71% de mercadores nacionais oriundos do norte do Douro, contra 9% do Algarve e 13% de Lisboa e acrescenta que desde 1477 há referência a um comércio assíduo de panos e outros produtos desta área a troco de açúcar da ilha.

Estudos mais recentes mostram que, no povoamento da ilha da Madeira, participaram gentes de todas as regiões do país, embora com inegável predomínio de povoadores do norte de Portugal. Ernesto Gonçalves é o primeiro a combater a tese algarvia: já desde 1955 se insurge contra a opinião de que teria sido o Algarve a principal ou uma das principais fontes do povoamento do arquipélago da Madeira. Este autor escreve: "ainda permanece o erro de se julgar que o povoamento da nossa ilha se deve principalmente a algarvios (...) sempre que se consegue apurar, sem a menor dúvida, a proveniência dum povoador, tanto no século XV como no seguinte, é, regra geral, de Entre Douro e Minho que ele veio (...) não me parece que o Algarve se encontrasse

²¹⁴ Cf. SERRÃO, Joel, *A Emigração Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1972, pp. 100-101.

²¹⁵ VIEIRA, Alberto, *O comércio inter-insular nos séculos XV e XVI. Madeira, Açores e Canárias. (Alguns elementos para o seu estudo)*, Funchal, 1987, p. 87.

apto, demograficamente, para criar elementos de povoamento das terras novas".²¹⁶ Ernesto Gonçalves defende a predominância dos povoadores do norte do país (mais especificamente do Minho) na colonização da ilha, apresentando mesmo algumas observações de carácter linguístico que parecem confirmar a sua tese nortenha, nomeadamente a troca do *v* por *b* na prosa do escrivão da câmara do Funchal, Afonso Anes, nas vereações de 1471. Ernesto Gonçalves afirma: "Afonso Anes algumas vezes fazia a troca do *v* por *b* e do *b* por *v* - e se o fazia é que o falar comum dos madeirenses do seu tempo estava de acordo com esse escândalo linguístico da gente do norte do reino. Sem dar por tal, o escrivão da câmara ia lavrando textos de singular valor filológico e, neste ponto, indiscretos quanto à proveniência de muitos moradores e povoadores da ilha que nos legaram a substância característica do nosso falar, embora a influência do sul do país se fizesse sentir um tanto, como era natural".²¹⁷ Segundo este autor, a existência deste traço fonético em "bir" por "vir" e "bissem" por "vissem" aponta a origem setentrional deste escrivão. Contudo, verificamos que este escrivão apresenta também as seguintes formas com *v*: "verdade", "haviam", "servir", "vereadores", "servirom", "servem", "houverom", "escrivam" e "tevérom".²¹⁸ Este argumento, apresentado por Ernesto Gonçalves, além de pontual, resulta de confusão entre as grafias *b* e *v* que, nos documentos desta época, são difíceis de distinguir, o que, no entanto, não invalida a sua tese nortenha.

Sousa Melo, no seu estudo sobre a imigração na Madeira, confirma a predominância da imigração do norte do país no povoamento da ilha. O seu estudo baseia-se nas informações dos registos paroquiais de casamentos, uma vez que só estes indicam obrigatoriamente a naturalidade dos nubentes. O autor limita o seu estudo aos registos da paróquia da Sé do Funchal (de 1539 a 1600), por considerar que estes são os mais representativos, na medida em que o Funchal é já nesta altura o centro económico e demográfico da ilha. Sousa Melo estabelece as seguintes percentagens de imigrados por regiões do continente português: 54,6% da província do Minho (distritos de Braga e Viana do Castelo), 13,2% do Douro Litoral (Porto), 8,3% da

²¹⁶ Cf. GONÇALVES, Ernesto, "No Minho ao sol do Verão", *Portugal e a ilha*, 1992, pp.441-442 (nota final).

²¹⁷ Cf. GONÇALVES, Ernesto, "Os homens bons do concelho do Funchal em 1471", *Portugal e a ilha*, p.30.

²¹⁸ Cf. IDEM, *ibidem*, pp.29-30.

Estremadura, 5% das Beiras, 4,5% de Trás-os-Montes e Alto Douro, 3,7% do Algarve, 2,5% do Alentejo e 1,2% do Ribatejo. Este autor salienta que apesar de não termos livros de registos dos primórdios do povoamento da ilha, pois estes registos só existem a partir de 1539, o resultado deste estudo pode ser representativo porque as bases geográficas continentais da emigração portuguesa mantiveram-se sensivelmente invariadas até à época contemporânea, o que discorda da existência da primeira vaga de povoadores de origem algarvia, defendida por Orlando Ribeiro e Joel Serrão. Sousa Melo escreve: "as correntes migratórias de então - diferentemente do que hoje poderá acontecer pela simples intervenção de uma medida político-administrativa - não se improvisavam de um dia para o outro, não eram arbitrariamente desviadas dos seus destinos escolhidos, nem abruptamente secadas nas suas fontes: correspondiam a necessidades económico-sociais de populações enquadradas por um ambiente institucional e demográfico adverso e que buscavam nos resultados da mobilidade uma melhoria (...) E se, no somatório do período sobre que nos debruçámos, o conjunto dos distritos continentais de Braga, Viana do Castelo e do Porto compreende, só por si, 50% dos indivíduos de Portugal continental, não foi durante os 115 anos ou nas quatro gerações anteriores que se alteraram as bases geográficas da emigração portuguesa continental que, para mais, iriam continuar sensivelmente invariáveis até à época contemporânea."²¹⁹ Sousa Melo conclui assim que a contribuição dos naturais do Algarve, mais especificamente do distrito de Faro apenas com 2,8% do total dos nubentes, para o povoamento da Madeira foi insignificante.

Maria Pinto, ao estudar a origem dos nubentes das freguesias da Madeira (sem a freguesia da Sé) no século XVI, conclui que "em termos geográficos, as origens dos residentes na Madeira remetem para a região norte de Portugal, destacando-se a área abrangida por Braga (11,0%), Viana do Castelo (8,4%), Porto e Aveiro. Lisboa representa apenas 1,5% do número total e para sul referem-se apenas dois indivíduos de Évora e um de Faro."²²⁰ Estes resultados são obtidos através dum estudo baseado também na exploração dos registos paroquiais de casamentos efectuados nas freguesias da costa sul da Madeira, onde se encontra o maior número de povoações. Este estudo, ao contrário do de Sousa Melo, não é limitado à paróquia da Sé do

²¹⁹ Cf. MELO, Sousa, "A imigração na Madeira. Paróquia da Sé 1539-1600", *História e Sociedade*, nº6, Lisboa, Dezembro de 1979, p.

²²⁰ Cf. PINTO, Maria (1993), p.447.

Funchal, pois tem em conta os assentos de vinte e duas das trinta e cinco freguesias então existentes, efectuados entre 1538 (ano em que se iniciam os registos) e 1600, mas os resultados são coincidentes, confirmando assim a predominância de povoadores do norte de Portugal na Madeira.

Jorge Dias, no seu estudo de etnografia madeirense, aponta algumas semelhanças étnico-culturais existentes entre a Madeira e o norte de Portugal, mais especificamente o Minho e a Beira Litoral. Ao questionar a origem geográfica dos povoadores da ilha da Madeira, afirma: "É de supor que fosse de diferentes províncias (...) A maioria devia ter acompanhado os seus senhores, outros viriam depois talvez movidos pelas facilidades concedidas e ideias de ganho. É de crer que um grande número proviesse da província de Entre-Douro-e-Minho, onde muitos dos senhores da Madeira conservavam os seus solares. Outros provavelmente, eram das imediações de Lagos, cujo porto D. Henrique utilizou e por onde se fazia o comércio com as novas terras descobertas."²²¹ Jorge Dias mostra que existem muitas analogias culturais entre a Madeira e o norte de Portugal, no que se refere às alfaias agrícolas, aos instrumentos de debulhar, aos moinhos, à tecelagem, aos instrumentos musicais e ao folclore musical. Estas semelhanças ou relações de parentesco verificam-se tanto nos pormenores técnicos como na nomenclatura.

5. A origem geográfica do povoamento e os "dialectos madeirenses" - o conceito de "koinê"

A discussão histórica e etnográfica sobre a origem geográfica do povoamento do arquipélago da Madeira leva-nos ao problema da origem dialectal dos povoadores. Se na colonização da Madeira houve o predomínio de colonos do norte, como explicar o desaparecimento dos traços fonéticos conservadores dos dialectos setentrionais e mesmo a ausência destes traços nos documentos redigidos na Madeira nos primeiros tempos de colonização?

Para podermos levantar algumas hipóteses explicativas sobre o desaparecimento de alguns traços conservadores dos dialectos setentrionais no "falar geral" do arquipélago da Madeira, temos de

²²¹ Cf. DIAS, Jorge (1952), p.180.

referir o que aconteceu no português do Brasil. Lindley Cintra²²² evoca o problema da coincidência da pronúncia brasileira com a pronúncia meridional de Portugal continental, no que se refere a características fundamentais dos dialectos centro-meridionais que se opõem aos dialectos setentrionais.

Após referir a primeira hipótese que ocorreu a grande parte dos linguístas que se ocuparam do mesmo problema relativamente ao espanhol da América, em que teriam predominado os povoadores do sul de Portugal, assim como na colonização da América espanhola teriam predominado espanhóis das províncias meridionais, principalmente andaluzes, Lindley Cintra informa que a teoria do andaluzismo do espanhol da América foi posta de parte, porque hoje sabemos que não houve predomínio dos colonizadores meridionais. Serafim da Silva Neto²²³ concluiu que não houve predomínio do sul na emigração dos primeiros tempos para o Brasil, pois parece ter havido sensível equilíbrio e mesmo predomínio dos povoadores naturais do norte. Ele explica esta coincidência da pronúncia do Brasil com os dialectos meridionais de Portugal continental devido ao facto de tanto o português do sul como o português do Brasil surgirem em zonas de colonização, onde teria ocorrido uma espécie de "Koinê" ou falar geral resultante da desdialectalização ou média dos falares dos colonizadores que provinham de diferentes regiões. Lindley Cintra considera esta hipótese de Serafim da Silva Neto aceitável mas insuficiente, pois não explica porque é que em diferentes regiões de colonização se teria chegado a uma mesma média ou a um "denominador comum". Lindley Cintra aponta a seguinte solução: "o facto várias vezes apontado de o português do Brasil apresentar uma série de características fonéticas que o aproximam dos falares meridionais do português da Europa deve-se possivelmente à generalização, na língua dos colonizadores, das características de uma pronúncia que, como ainda hoje acontece no continente português, era a que apresentava maior força expansiva, não precisando de ser a pronúncia da maioria para ser a mais geralmente aceite."²²⁴ O parecer de Serafim da Silva Neto é favorável a esta solução, pois concorda que do encontro de duas variedades regionais de uma mesma língua, numa área de colonização, resulta a

²²² CINTRA, Lindley, "Alguns estudos de fonética com base no Atlas linguístico da Península Ibérica", *Anais do primeiro congresso brasileiro de língua falada no teatro*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1958.

²²³ NETO, Serafim da Silva, "A língua portuguesa no Brasil", *História da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Dinalivro. Presença, 1992 (6ª edição), pp.581-592.

²²⁴ Cf. CINTRA (1958), p.195.

eliminação dos traços sentidos como “rusticismos”. Assim, a pronúncia dos dialectos centro-meridionais, por ser de uma zona de colonização, tem qualidades de simplicidade que lhe conferem maior poder de penetração, apesar dos colonizadores meridionais serem mais escassos. Paul Teyssier, em relação ao português do Brasil, escreve: “Pesquisas mais profundas, porém, vieram mostrar que o povoamento europeu se fez a partir de todas as regiões de Portugal. O que sucedeu, de facto, foi que os colonos portugueses do Brasil elaboraram uma koiné por eliminação de todos os traços marcados dos falares portugueses do norte e por generalização das maneiras não marcadas do centro-sul.”²²⁵

Esta discussão aplica-se, com igual interesse, aos dialectos das ilhas atlânticas, regiões de colonização, e particularmente ao arquipélago da Madeira. Lindley Cintra afirma que o dialecto madeirense, assim como o açoriano, apesar de apresentar características fonéticas próprias, enquadra-se no grupo dos dialectos centro-meridionais: “Os dialectos falados nos arquipélagos atlânticos dos Açores e da Madeira representam - como era de esperar da história do povoamento destas ilhas, desertas no momento em que os portugueses as descobriram - um prolongamento dos dialectos portugueses continentais. Considerando a maior parte das características fonéticas que neles se observam, pode-se afirmar, com maior precisão, que prolongam o grupo dos dialectos centro-meridionais.”²²⁶ Contudo, em estudos posteriores, Lindley Cintra afirma a “originalidade de certos traços linguísticos, principalmente fonéticos”²²⁷ que caracterizam o dialecto madeirense, sublinhando que não devemos falar em dialecto mas em “dialectos madeirenses”, devido às variedades internas dos falares da ilha. Este autor define os traços fonéticos gerais, isto é comuns a todos os dialectos da ilha, e os traços fonéticos mais específicos ou particulares de alguns destes dialectos. Todos estes traços linguísticos individualizam estes dialectos insulares em relação aos dialectos continentais. Como os dialectos madeirenses apresentam a conservação e mesmo multiplicação dos ditongos, que no sul de Portugal sofrem monotongação, Lindley Cintra revê a sua posição e diz não concordar com Leite de Vasconcelos quando este afirma que o dialecto madeirense teria a sua origem no sul de Portugal:

²²⁵ Cf. TEYSSIER (1982), p. 78.

²²⁶ Cf. CINTRA, Lindley e Celso Cunha, *Nova gramática do português contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1990 (7ª edição), p. 19.

²²⁷ Cf. CINTRA, Lindley, “Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses” (estudo inédito apresentado no II Congresso de Cultura Madeirense, iniciativa dos estudantes universitários madeirenses, no dia 28 de Dezembro de 1990).

"Les parlers insulaires, comparés à ceux du continent, se dénoncent (surtout celui des Açores) comme originaires du Sud du Portugal."²²⁸ No entanto, segundo Lindley Cintra, os dialectos madeirenses também não se integram no grupo de dialectos setentrionais, uma vez que não apresentam alguns traços fonéticos típicos destes dialectos conservadores, como por exemplo: a conservação dos ditongos /ow/ e /ej/, a existência de sibilantes áptico-alveolares, a conservação da antiga africada palatal [tʃ] e a troca do *b* por *v*.²²⁹

Lindley Cintra defende que nos "dialectos madeirenses" ocorreu uma mistura de características próprias de ambos os grupos de dialectos continentais: os dialectos setentrionais e os dialectos centro-meridionais, o que aponta para a presença na ilha de povoadores pertencentes aos dois grupos dialectais: "Quer isto dizer, evidentemente, que não parece certo afirmar sem hesitação que o grupo de dialectos madeirenses (como aliás os açoreanos) pertencem ao grupo dos dialectos meridionais do Continente como também será inexacto associá-los sem reservas ao grupo dos setentrionais. Misturam-se neles características próprias de ambos os grupos, o que obriga a situá-los num grupo à parte - insular."²³⁰ Ivo Castro, ao falar dos dialectos meridionais do continente português e dos dialectos das ilhas atlânticas, escreve: "Os dialectos meridionais, por seu lado, correspondem à chamada área da Reconquista (...) À população autóctone, mais ou menos islamizada, falando muito provavelmente árabe, vieram adicionar-se levas de colonos provenientes do norte (e das províncias do norte de Espanha ou mesmo de França). O galego-português transplantou-se para estas terras, onde não tinha nascido, e nelas deu origem, através de um processo do tipo koinê, a novos dialectos ainda menos marcados e diferenciados que os do norte, mas ocupando áreas muito mais extensas, ainda que menos habitadas, e mais influentes, pois é a partir destes dialectos centro-meridionais que o padrão se desenvolveu (...) Se, mudando de terreno, nos voltarmos agora para os dialectos das ilhas atlânticas, Açores e Madeira, e lhes aplicarmos os mesmos critérios que usámos no continente, sem dificuldade poderemos concluir que eles se integram no grupo de dialectos centro-meridionais,

²²⁸ Cf. VASCONCELOS, José Leite de, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987 (3ª edição), p.130.

²²⁹ CINTRA, Lindley, "Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses", *Estudos de dialectologia portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1983, pp.117-163.

²³⁰ Cf. CINTRA, Lindley, "Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses" (texto inédito), p.28.

pois não possuem os traços identificadores dos dialectos setentrionais, facto que, historicamente, se deverá atribuir a um nivelamento análogo ao que ocorreu no sul, pois no povoamento das ilhas participaram colonos vindos de todas as províncias, e não exclusivamente do Alentejo e Algarve."²³¹

Terá ocorrido na Madeira o mesmo fenómeno de "Koinê" que ocorreu no Brasil, e mesmo no sul de Portugal, regiões de colonização em que participaram colonos de todas as regiões dialectais do país, sendo que a semelhança entre estas três regiões com os mesmos resultados, como sugere Lindley Cintra, pode ser explicada através da maior força expansiva das inovações dos dialectos centro-meridionais? É necessário salientar a existência de condições favoráveis ao surgimento de inovações nas regiões de colonização, o que pode explicar a perda dos traços dialectais do norte, que tende a conservar distinções do português antigo, e a generalização do sistema simplificado do sul. Assim, a par com a hipótese da maior força expansiva dos dialectos centro-meridionais, podemos levantar a hipótese de evolução espontânea, independentemente das evoluções ocorridas no centro e sul de Portugal, que teria produzido resultados semelhantes aos dos dialectos centro-meridionais na ilha da Madeira. Esta hipótese explicativa surge quando constatamos que alguns fenómenos de evolução fonética que ocorreram no centro e sul de Portugal manifestam-se desde muito cedo na ilha, mesmo antes de estarem consolidados na língua padrão, apesar da esmagadora predominância de povoadores da região setentrional na colonização do arquipélago da Madeira.

Os "dialectos madeirenses", além de apresentarem o sistema simplificado dos dialectos centro-meridionais, apresentam também inovações próprias, nomeadamente a ditongação de *u* e *i* tónicos e a palatalização da consoante lateral quando precedida de *i*. No entanto, é preciso ter em atenção que estes "dialectos" ainda não sofreram um estudo exaustivo, sendo possível descobrir-se, nas zonas mais isoladas, alguns traços conservadores do português antigo característicos do norte de Portugal. Foi o que aconteceu com um estudo recente e específico realizado no norte da ilha da Madeira, mais especificamente no concelho de S. Vicente. Paula Freitas, ao descrever o sistema vocálico do falar de S. Vicente, encontrou alguns traços fonéticos comuns ao

²³¹ Cf. CASTRO, Ivo, "A língua portuguesa no tempo e no espaço", *Falarmelhor, escrever melhor*, Lisboa, Selecções do Reader's Digest, pp. 80-81.

norte de Portugal. Esta autora refere a transplantação do português do século XV para a ilha com os primeiros povoadores, que teria evoluído com características próprias. Mas, no que se refere ao falar de S. Vicente, afirma que, devido ao seu isolamento geográfico, apresenta formas arcaicas ainda conservadas nos dialectos nortenhos, sublinhando que "o isolamento funcionou como "congelador" de alguns aspectos fónicos da língua recebida". Depois de apontar e descrever esses traços fonéticos conservadores, a autora conclui que "não podemos com isto afirmar que este falar regional, assim como o madeirense em geral, tenha tido a sua origem única e exclusiva no Norte de Portugal, pois há "desvios" comuns a todo o país. Mas também é certo que esta variante linguística regional apresenta muitas afinidades com o falar do Norte",²³² o que segundo a autora vem confirmar a predominância dos povoadores do norte de Portugal na colonização da ilha.

O estudo da antroponímia primitiva da Madeira permite-nos tirar as mesmas conclusões de predominância dos colonizadores naturais do norte do país no povoamento da ilha da Madeira, coincidindo assim com os estudos de história, de etnografia e de dialectologia já efectuados. Verificámos que predominam os *segundos nomes-geográficos* que correspondem a topónimos na região setentrional, mais especificamente na região de Entre Douro e Minho, indicando a origem nortenha dos povoadores nacionais que colonizaram o arquipélago da Madeira. A predominância dos povoadores nortenhos na colonização da ilha, no entanto, não impediu a difusão de traços fonéticos inovadores característicos dos dialectos centro-meridionais de Portugal continental, o que teria ocorrido nesta região de colonização através de um fenómeno de "Koinê" dada a maior força expansiva das inovações do centro e sul de Portugal que ter-se-iam generalizado, apesar do número escasso de povoadores daí oriundos, ou, o que nos parece mais provável, através de evolução espontânea, independentemente das evoluções que surgiram no centro e sul de Portugal, dadas as condições favoráveis ao surgimento de inovações que existiam nas ilhas atlânticas assim como no Brasil.

²³² Cf. SILVA, Paula de Freitas, *O falar de S. Vicente. Descrição do sistema vocálico*, Câmara Municipal de São Vicente, 1994, p.80.

Conclusão

O desenvolvimento económico do arquipélago da Madeira atraíu à ilha povoadores nacionais desejosos de novas terras e riquezas, mercadores estrangeiros (principalmente italianos, mas também muitos franceses e castelhanos) atraídos pelo "ouro branco" e escravos que constituíam a mão-de-obra indispensável à produção açucareira. A partir do levantamento dos antropónimos destes intervenientes na vida sócio-económica da ilha, nas fontes dos séculos XV e XVI, procurámos estudar a antroponímia primitiva da Madeira.

A antroponomástica não só fornece informações ao historiador, como também importantes informações ao linguísta. Os antropónimos apresentam particular interesse linguístico porque são fósseis da língua tal como os topónimos. Assim, os antropónimos contêm informações fonéticas sobre a cronologia das evoluções e tratamentos fonéticos regionais, informações gráficas sobre hábitos ortográficos e preocupações etimológicas, informações lexicais e morfológicas sobre diferentes formas de um mesmo lexema, e ainda informações sintáticas e semânticas sobre a estrutura dos antropónimos e os seus significados. Os nomes de pessoas podem assim ser o reflexo da cultura e principalmente da língua a que pertencem. Logo, o estudo da antroponímia primitiva da Madeira pode dar-nos importantes contributos para o conhecimento linguístico do português transplantado para a ilha na época da colonização.

O primeiro problema que surge, quando pretendemos fazer um estudo de antroponomástica, é determinar a terminologia a utilizar. Optámos por adoptar uma terminologia diferente da utilizada por Leite de Vasconcelos e seguida por Piel. Assim, utilizámos o termo *prenome* para designar o primeiro nome dos indivíduos que, geralmente, é simples, podendo, no entanto, ser duplo e o termo *segundo nome* para designar todos os nomes que seguem o primeiro nome, considerando também a existência de *segundos nomes simples* e *duplos*. Os *prenomes* são atribuídos aos indivíduos, geralmente, por influência da tradição religiosa e da tradição literária, apresentando diferentes origens etimológicas, com predomínio dos *prenomes* latino-cristãos e germânicos. Os *segundos nomes* pela sua riqueza e diversidade exigem desde logo uma classificação em *segundos nomes-patronímicos*, *segundos nomes-religiosos*, *segundos nomes-geográficos* e *étnicos*, e *segundos nomes-alcunhas*. Os *segundos nomes-patronímicos* são

formados a partir de *prenomes* de diferentes origens etimológicas, nomeadamente pré-latinos, latino-cristãos e germânicos. Os patronímicos parecem ter entrado em declínio em fins do século XV e inícios do século XVI. Assim, as formas patronímicas deixam de indicar a filiação e tornam-se fixas e hereditárias. Os *segundos nomes-religiosos* que, geralmente, são atribuídos aos eclesiásticos, consistem em nomes bíblicos ou litúrgicos e na invocação de Cristo, da Virgem Maria ou dos Santos. Os *segundos nomes-geográficos e étnicos* subdividem-se em: nomes geográficos de proveniência nacional que correspondem a topónimos no território continental português; nomes geográficos de proveniência religiosa; nomes geográficos que indicam residência na ilha; nomes geográficos de proveniência estrangeira que indicam a naturalidade dos estrangeiros, podendo corresponder a topónimos estrangeiros; e adjetivos étnico-geográficos que, embora apresentando uma morfologia diferente, têm a mesma função de indicar a origem ou naturalidade dos indivíduos. Os *segundos nomes-alcunhas* incluem: alcunhas propriamente ditas (alusivas, principalmente, a características físicas e morais dos indivíduos, expressas directa ou indirectamente através de metáforas); alcunhas provenientes de nomes de profissão que, inicialmente, indicam o ofício ou cargo exercido pelo indivíduo, tornando-se depois fixas e hereditárias; alcunhas provenientes de lexemas que indicam relações de parentesco e estado civil; alcunhas provenientes de cognomes ou epítetos atribuídos aos indivíduos, geralmente, distinguindo dois membros de uma família com o mesmo nome ou homónimos; e alcunhas de significado obscuro.

Procurámos descrever a estrutura dos antropónimos nacionais de pessoas livres, nomeadamente: antropónimos formados apenas pelo *prenome* antecedido ou não de um título honorífico; antropónimos formados por um *prenome* seguido de um *segundo nome simples* (patronímico, nome de origem toponímica ou alcunha); antropónimos formados por *prenome* mais *segundo nome duplo* (resultante da combinação de um patronímico mais alcunha, de uma alcunha mais nome de origem, de um patronímico mais nome de origem ou, ainda, da combinação pouco frequente de dois nomes de origem toponímica ou de duas formas patronímicas). Segue-se a descrição da estrutura dos antropónimos de escravos. Estes, geralmente, são designados apenas pelo *prenome* seguido ou não de um qualificativo étnico (alusivo à raça ou cor da pele). Mas, também podem ser designados por um *prenome* seguido de um *segundo nome* (patronímico, alcunha ou nome

geográfico) que, geralmente, coincide com um dos elementos do *segundo nome* do proprietário. Verificámos que a posposição do nome dos proprietários ao nome dos escravos é condição indispensável à identificação destes, sendo que os *segundos nomes* de escravos quando coincidem com os dos seus proprietários indicam pertença ou posse. Verificámos que muitos *segundos nomes* de estrangeiros correspondem a nomes de origem toponímica e a adjetivos étnico-geográficos, indicativos das respectivas naturalidades, e ainda a formas patronímicas e a alcunhas que parecem substituir os *segundos nomes* de proveniência estrangeira. Procurámos descrever os *segundos nomes* de estrangeiros, comentando o aportuguesamento das formas estrangeiras, sempre que possível, a partir da reconstituição das respectivas formas primitivas. Concluimos que nem sempre é fácil estabelecer uma distinção clara entre as formas estrangeiras que sofreram aportuguesamento ou adaptação morfológica e fonética à língua portuguesa e as formas estrangeiras conservadas intactas, ou seja, sem adaptação à língua portuguesa, pois, apenas com base na grafia, nem sempre é possível conhecer as alterações fonéticas e morfológicas que ocorreram ou não na forma estrangeira.

O estudo gráfico-fonético e morfo-sintáctico das unidades antroponomásticas registadas e das suas variantes datadas e localizadas por fonte permite-nos conhecer, através das variações gráficas e morfológicas de uma mesma base lexical, o sistema fonético, morfológico, sintáctico e lexical do português dos primeiros povoadores do arquipélago da Madeira, contribuindo simultaneamente para um melhor conhecimento do português de fins do século XV e inícios a meados do século XVI, período de transição do português medieval para o português clássico.

A análise gráfico-fonética da antroponímia primitiva madeirense revela fenómenos característicos do período pré-clássico da língua portuguesa, nomeadamente: a variação vocálica entre as grafias <i>/<e> e <u>/<o> tanto em posição átona como tónica, embora ocorra maior variação em posição pretónica; assimilações e dissimilações vocálicas à distância; vogais geminadas que, geralmente, indicam tonicidade; variação gráfica na representação dos fonemas /i/ e /j/; metáteses do fonema /r/ e alternância entre as consoantes líquidas /r/ e /l/; instabilidade gráfica na representação da consoante fricativa palatal sonora, das consoantes palatais nasal e lateral e das consoantes oclusivas velares sonora e surda. Não podemos esquecer que este

período caracteriza-se ainda pela ausência de normas de uniformização ortográfica que só surgem a partir de meados do século XVI com as primeiras gramáticas da língua portuguesa. O estudo gráfico-fonético parece denunciar também traços e evoluções características de certos grupos dialectais, nomeadamente:

a) a monotongação dos ditongos decrescentes /ej/ e /ow/, traço fonético característico dos dialectos meridionais, que parece manifestar-se desde muito cedo e de forma espontânea em algumas formas da antroponímia primitiva madeirense, possivelmente, revelando realizações fonéticas variáveis com alternância entre a conservação e a monotongação dos ditongos. Esta evolução só se manifesta no Sul de Portugal a partir do século XVII.

b) a confusão entre as sibilantes áptico-alveolares e predorsodentais, que indica estar em curso a redução de um sistema de quatro para um sistema de duas sibilantes, inovação que surge na região meridional de Portugal continental já na segunda metade do século XIII, mas no centro só parece surgir em meados do século XVI. Registámos desde muito cedo, na antroponímia primitiva madeirense, confusões gráficas na representação das sibilantes, por exemplo entre as grafias <-s->/<-z-> para a sonora e <-s->/<-c-> ou <-ç-> para a surda, já em fins do século XV e inícios do século XVI.

c) a troca do *b* por *v* ocorre esporadicamente nas formas "Belho" por "Velho", "Braba" por "Brava" e possivelmente na forma estrangeira "Bandurem" por "Van Duren". Trata-se de um traço fonético característico dos dialectos setentrionais que, embora pouco significativo em frequência, pode constituir um vestígio da presença de povoadores de origem nortenha na ilha.

d) a representação gráfica da consoante africada palatal surda que, embora seja regular, apresenta a oscilação entre as grafias <ch> e <x> nas formas aportuguesadas do nome estrangeiro "Acciaiuolli" em "Amchiolly"/"Amxiolli", o que parece apontar para a confusão fonética entre a consoante africada e a fricativa palatal surda. Apesar desta ocorrência ser pouco significativa, podemos levantar a hipótese desta evolução estar já latente no português falado na ilha, manifestando-se aqui desde muito cedo e de forma espontânea, uma vez que no centro e sul de Portugal a confusão gráfica entre <ch> e <x> só surge em textos redigidos a partir do século XVII.

e) a uniformização das terminações nasais do singular é também uma inovação meridional que começa a manifestar-se no sul de Portugal a partir de meados do século XIII, mas que parece só estar consumada na língua padrão em inícios do século XVI. Registámos na

antroponímia madeirense a grafia <-ão>, a par com as grafias <-om> e <-am>, a representar a terminação nasal já em fins do século XV, mas também registámos ainda as grafias <-om> e <-am> em inícios e meados do século XVI. Possivelmente, trata-se de conservadorismo gráfico, pois a grafia <-ão> parece indicar que a uniformização das terminações nasais do singular já estava realizada no português insular em fins do século XV.

O estudo gráfico-fonético das variantes da antroponímia primitiva madeirense parece denunciar já algumas tendências de evoluções fonéticas particulares dos "dialectos madeirenses", nomeadamente: a ditongação de vogais tónicas em certos contextos, o que também parece ocorrer no norte de Portugal, e a palatalização da consoante lateral quando antecedida da vogal palatal /i/, nas formas: "Grilho" por "Grilo", "Petronilha" por "Petronila", "Vilha (da)" por "Vila (da)" e "Castelha (da)" por "Castela (da)" com a variante "Castilha (de)". No entanto, registámos também as formas "Mileiro" e "Milheiro", "Guilherme" e "Guilherme", o que parece revelar confusão gráfica entre a consoante palatal lateral e a consoante lateral. É evidente que todas as conclusões que podemos tirar destas observações são discutíveis, uma vez que as ocorrências são limitadas e nem sempre é fácil distinguir as variantes gráficas das variantes fonéticas.

O estudo morfo-sintáctico revela-nos alguns aspectos da formação de palavras, da variação lexical e da estrutura sintáctica dos antropónimos. Os *prenomes* apresentam interesse morfológico quanto à formação das formas femininas e masculinas e à existência de formas proclíticas e divergentes, que registámos em entradas lexicais diferentes (ver quadro nº 1 em anexo). No entanto, é necessário ter presente que nem sempre é fácil distinguir as variantes morfológicas das variantes fonéticas. Os *segundos nomes-patronímicos* apresentam as seguintes estruturas morfológicas: patronímicos propriamente ditos com o sufixo patronímico *-ici* que indica filiação; patronímicos por posição iguais aos *prenomes*, porque não recebem sufixo; patronímicos por preposição em que temos a preposição *de* antecedendo o *prenome* paterno para indicar a filiação; e ainda, excepcionalmente, o *prenome* paterno com o sufixo diminutivo *-inho*, que parece indicar filiação. Os *segundos nomes-geográficos e étnicos* apresentam as seguintes estruturas morfo-sintácticas: nomes geográficos antecidos pela preposição *de*, nomes geográficos que nunca ocorrem antecidos de preposição, e adjetivos étnico-geográficos. Os *segundos nomes-alcunhas* apresentam as

seguintes formas morfológicas: alcunhas frásicas que são formas compostas de verbo mais objecto; alcunhas compostas de substantivo mais adjectivo ou de substantivo mais complemento determinativo; alcunhas simples correspondentes a lexemas básicos nominais ou adjectivais; alcunhas com formas derivadas por sufixação; e alcunhas elípticas, ou melhor, alcunhas formadas por construções sintácticas elípticas. Temos de sublinhar, ainda, a ocorrência de artigos definidos com valor individualizante, que antecedem certas unidades antroponomásticas (nomeadamente as alcunhas e os adjectivos étnico-geográficos), concordando com estas em género, assim como a alteração do género destas formas consoante o sexo dos indivíduos aos quais são atribuídas.

No capítulo terceiro, procurámos localizar os *segundos nomes-geográficos*, correspondentes a topónimos no território continental português, que podem fornecer informações sobre a origem regional dos colonizadores do arquipélago da Madeira. A localização geográfica dos *segundos nomes* de origem toponímica parece apontar claramente para a predominância dos povoadores da região setentrional, mais especificamente da região de Entre Douro e Minho, na colonização da ilha. Esta abordagem antroponímica do problema da origem geográfica do povoamento parece coincidir com os estudos históricos e etnográficos mais recentes que defendem a predominância nortenha dos colonizadores da ilha da Madeira. O problema da origem regional do povoamento conduz-nos ao problema da origem dialectal dos colonizadores da ilha e ao problema da formação dos "dialectos madeirenses", pois sabemos que os povoadores trazem consigo os traços dialectais ou regionais da língua que falam. Então seria de esperar encontrar nos documentos redigidos na ilha, nos primeiros tempos de colonização, traços conservadores dos dialectos setentrionais, o que não acontece como verificámos no comentário da grafia e fonética, pois como traço dialectal característico do norte apenas encontrámos alguns vestígios de troca do *b* por *v*.

Como explicar a ausência, no português insular, de traços fonéticos conservadores característicos dos dialectos setentrionais, nomeadamente a conservação dos ditongos decrescentes /ej/ e /ow/, a conservação do sistema de quatro sibilantes e a conservação da distinção entre a consoante africada e fricativa palatal surda, se constatamos a predominância de povoadores do norte do país na colonização do arquipélago da Madeira? Não podemos esquecer que se

trata de uma área de colonização, aberta ao contacto com outros povos, como aconteceu com o sul de Portugal e com o Brasil, para onde foi transplantada a língua portuguesa que, nos novos espaços, tem tendência a sofrer inovações e evoluções particulares. Além disso, sabemos que tivemos a fusão de povoadores nacionais de diferentes origens regionais e apesar do predomínio dos falantes nortenhos, sabemos que os dialectos centro-meridionais teriam maior força expansiva, pois correspondiam já à língua padrão com prestígio social. Teria assim ocorrido um fenómeno de "koiné" ou desdialectalização, em que se teriam perdido os traços fonéticos marcados como rústicos do português setentrional ?

É evidente que seria necessário efectuar um estudo linguístico muito mais exaustivo de todos os primeiros textos não literários produzidos na ilha, nos primeiros séculos de colonização, para verificar se encontramos ou não traços dialectais marcados da região setentrional ou centro-meridional que confirmem a teoria da maior força expansiva das inovações meridionais nas regiões de colonização. A nosso ver, seria também interessante saber se estas inovações por simplificação ocorrem da maior força expansiva dos traços dialectais meridionais levados pelos colonizadores do sul de Portugal para estas regiões, que embora numericamente inferiores abafaram os traços conservadores dos colonizadores nortenhos, ou se estas inovações surgiram independentemente nas três regiões de colonização - sul de Portugal, ilhas atlânticas e Brasil -, obtendo resultados semelhantes, uma vez que nas várias regiões de colonização existiam condições comuns favoráveis ao surgimento de inovações, nomeadamente: o trânsito dos colonizadores entre a metrópole e a colónia, os movimentos demográficos ou migratórios e o contacto com estrangeiros e escravos. Verificámos que certos fenómenos fonéticos de inovação e simplificação linguística, como a redução do sistema de sibilantes, as monotongações, a confusão gráfica entre <ch> e <x> e a uniformização das terminações nasais, manifestam-se desde muito cedo na ilha, ao que parece antes de se manifestarem na língua padrão, o que parece sugerir que estamos perante evoluções espontâneas que ocorrem na ilha, independentemente das evoluções em curso no centro e sul de Portugal. Além disso, notamos que estas regiões de colonização apresentam inovações particulares que as distinguem, o que pode constituir mais um argumento a favor da hipótese da evolução espontânea e independente por simplificação nas diferentes regiões de colonização.

Seria interessante fazer um estudo comparativo do vocabulário do arquipélago da Madeira com o do continente português, estudando principalmente a linguagem do norte da ilha e das zonas rurais que são as regiões mais distantes e conservadoras, para ver em que medida este vocabulário (incluindo algumas formas que designamos regionalismos) se aproxima dos dialectos continentais. E, no caso de se aproximar do vocabulário dos dialectos setentrionais, seria mais uma achega para confirmar a predominância de povoadores nortenhos, na colonização do arquipélago, e para validar ou invalidar a hipótese explicativa da evolução espontânea na formação dos "dialectos madeirenses".

ANEXOS

Organização dos quadros antroponomásticos

Apresentamos em anexo diferentes quadros resultantes da sistematização e classificação das unidades antroponomásticas recolhidas nas várias fontes. Assim, temos os seguintes quadros: quadro nº 1 *Prenomes*, quadro nº 2 *Segundos Nomes-Patronímicos*, quadro nº 3 *Segundos Nomes-Geográficos e Étnicos*, quadro nº 4 *Segundos Nomes-Alcunhas*, quadro nº 5 *Segundos Nomes-Religiosos* e quadro nº 6 *Estrangeiros*.

Organizámos as variantes gráficas e fonéticas por ordem cronológica e não por fonte. A primeira coluna apresenta a forma reconstituída ou normalizada das unidades antroponomásticas a partir das variantes registadas e tendo em conta a grafia actual. No caso dos *segundos nomes* de estrangeiros, sempre que possível apresentamos as formas primitivas reconstituídas, uma vez que interessa-nos comentar o aportuguesamento das formas estrangeiras. É necessário dizer que, por vezes, sentimos algumas dificuldades tanto na reconstituição das formas primitivas estrangeiras como na reconstituição de formas normalizadas de *pre nomes* e *segundos nomes* que apresentam grande variação gráfica ou de formas obscuras que desapareceram do léxico actual e cuja origem e significado desconhecemos, sendo assim difícil a própria classificação destas unidades onomásticas. É o caso de "Burio" ou "Bório", com significado obscuro, que incluímos no quadro dos *segundos nomes-alcunhas* e o caso da forma "Caçanha (de)", com grande variação gráfica, que incluímos no quadro dos *segundos nomes-geográficos*. Registámos as variantes gráficas e fonéticas de cada unidade antroponomástica nas segundas colunas, à frente das formas normalizadas ou reconstituídas e, à frente de cada variante, registámos a data, o local de redacção e a fonte em que esta surge pela primeira vez, pois, por razões de economia, seria impossível registar todas as vezes que uma mesma variante ocorre nas diferentes fontes, por isso indicámos apenas a datação e localização da ocorrência mais antiga. Sempre que temos duas ou mais variantes numa mesma data, local e fonte, registámos essa informação à frente das respectivas variantes.

A localização das variantes é indicada através da letra L seguida de um número que corresponde a um local. Assim, temos as seguintes localizações: L1 Funchal, L2 Calheta e Estreito da Calheta, L3 Machico, L4 Ribeira Brava, L5 Ponta do Sol, L6 Câmara de Lobos e Estreito de Câmara de Lobos, L7 Caniço, L8 Fajã da Ovelha, L9 Madalena do Mar,

L10 Ponta Delgada, L11 Porto da Cruz, L12 Porto Santo, L13 Santa Cruz, L14 Ribeira da Janela. Apesar de termos dados referentes a todas estas localidades, nos mapas apenas surgem as primeiras que são as mais povoadas, pois os documentos relativos às restantes são mais escassos e geralmente os antropónimos que aí surgem e respectivas variantes já foram registados em documentos mais antigos das outras localidades.

A indicação das fontes é feita através das seguintes letras: A representa *As vereações da Câmara Municipal do Funchal* (1470-1497), B representa o *Livro dos estimos de 1494*, C representa o *Tombo primeiro do registo geral da câmara do Funchal* (documentos dos séculos XV e XVI), D representa os *Livros de Contas da ilha da Madeira* (1504-1537), E representa os *Livros de Matrícula do Cabido da Sé do Funchal* (1538-1558) e F representa *Os escravos no arquipélago da Madeira* (1473-1599).

No quadro dos *prenomes*, sempre que surgem nomes que pertencem exclusivamente a estrangeiros ou a escravos, utilizámos as abreviaturas "(Estr.)" e "(Escr.)" respectivamente, à frente das unidades antroponomásticas, para indicar essa informação. No quadro dos estrangeiros, registámos, na primeira coluna, os *segundos nomes* de estrangeiros seguidos dos respectivos *prenomes* entre parênteses e, na segunda coluna, registámos a proveniência dos estrangeiros sempre que conhecida e quando duvidosa seguida de um ponto de interrogação. Alguns *segundos nomes-geográficos* de proveniência estrangeira, assim como os adjectivos étnico-geográficos que indicam a naturalidade dos estrangeiros, aparecem repetidos no quadro dos *segundos nomes-geográficos e étnicos* e no quadro dos estrangeiros. Contudo, apenas registámos as respectivas variantes num destes quadros. Assim, as variantes dos *segundos nomes-geográficos* de proveniência estrangeira com interesse do ponto de vista do aportuguesamento das formas estrangeiras, surgem no quadro dos estrangeiros, por exemplo: "Lumilhana (de)" e "Trujillo (de)", e as variantes dos *segundos nomes-geográficos* de proveniência estrangeira, que aparentemente não sofrem aportuguesamento, surgem registadas apenas no quadro dos *segundos nomes-geográficos*, por exemplo: "Mondragão (de)" e "Marchena (de)". As variantes datadas e localizadas por fonte dos adjectivos étnico-geográficos foram registadas apenas no quadro dos *segundos nomes-geográficos e étnicos*. Os *segundos nomes-alcunhas* e os *segundos nomes-patronímicos* atribuídos a estrangeiros também

surgem repetidos no quadro das alcunhas ou dos patronímicos respectivamente e no quadro dos estrangeiros, seguindo o mesmo critério.

Registámos em entradas lexicais diferentes as formas masculinas e femininas de uma mesma unidade antroponomástica, resultantes de adaptações morfológicas com flexão em género conforme o sexo dos indivíduos, tanto no quadro dos *pre nomes* como no quadro dos *segundos nomes-alcunhas*, por exemplo: "Barbara" e "Barbaro", "Coelho" e "Coelha". No caso de alterações morfológicas arbitrárias em género e número, registámos essas formas numa mesma entrada, por exemplo: "Casco" e "Casca", formas atribuídas ao mesmo indivíduo do sexo masculino, e "Marne (de)" e "Marnes (de)". No caso dos *segundos nomes-geográficos* "Corte (de)" e "Cortes", registámos estas formas como itens lexicais diferentes, pois parecem corresponder a topónimos diferentes. Registámos ainda em entradas lexicais independentes as formas derivadas por sufixação, as formas divergentes e as formas proclíticas dos *pre nomes*.

No quadro nº 7, apresentamos a localização geográfica dos *segundos nomes* de origem toponímica. Registámos na primeira coluna os nomes geográficos correspondentes a topónimos e à frente destes as várias possibilidades de localização de acordo com os diferentes topónimos homónimos por concelho e distrito, incluindo as grandes e pequenas povoações por ordem alfabética de concelhos.

Utilizámos os seguintes sinais: o sinal [] indica formas reconstituídas que podem ser formas primitivas estrangeiras ou formas actualizadas, tendo em conta prováveis alterações fonéticas e não alterações meramente gráficas; o sinal () indica elementos que antecedem a unidade antroponomástica em estudo; o sinal (< >) indica elementos que antecedem determinada unidade antroponomástica, podendo esses elementos estar por vezes omitidos; o sinal > indica que uma forma deu origem a outra forma alterada; e o sinal / indica oscilação ou alternância entre duas variantes gráficas e/ou fonéticas.

Quadro nº 1

Prenomes

Abraão	Abraão	1494/ - B	Arbão	1565/L1F				
[Adão]	Adam	1511/L1C						
Adriano	Adriano	1538-53/L1E						
Adrião	Adriam	1566/L4F	Adrião	1583/L1F				
Afonso	Afonso	Afonso	Afonso	1470-2/L1A	Afonço	Afonço	1519/ - C	Hafonso
Agostim	Agostim	Agostim						1563/ - C
Agostinho	Agustinho	Agustinho	1509/L2D	Agostinho	1537/L5D	Augustinho	1538-53/L1E	
Agridônia	Agridônia	1594/L1F						
Águeda	Agueda	1538-53/L1E						
Aires	Ayres	Ayres	1494/L1B	Aries	1511/L1C	Airez	1517/L4D	Aires
Aida	Aida	1538-53/L1E						1524/L3D
Aldonça	Aldonça	1538-53/L1E						
Aleixo	Allejo	1534/L2D	Aleixo	1594/L1F				
Aleixos	Alexos	1538-53/L1E	Aleixos	1597/L1F				
Alexandre	Alexandre	1577/L1F						
Alonso (Estr.)	Alonso	1495-6/L1A						
Alvar	Aluar	1491/L1C						
Álvaro	Alvaro	1470-2/L1A	Aluro	1481-2/L1A	Alvaro	1485-6/L1A	Alluaro	1509/L1D
	1524/L3D		1530/L3D	Alivoro	1536/L4D			Alluoro
Amador	Amador	1517/L1C						
Amados (Escr.)	Amados	1539/L4F						
Amaro (Escr.)	Amaro	1538-53/L1E						
Ambrosia (Escr.)	Ambrosia	1516/L1F						
Ambrosio	Ambrosyo	1494/ - B	Ambrosio	1495-6/L1A	Ambrosio	1534/L2D	Ambrozio	1536/L4D
Ana	Ana	1481-2/L1A	Anna	1538-53/L1E				
André	Andre	1470-2/L1A	Amdre	1485-6/L1A	Amdree	1517/ - C		
Andresa	Andresa	1538-53/L1E	Andreza	1558/L7F				
Anequim (Estr.)	Anequym							
Ângela	Angela	1580/L1F						
Anquesa (Escr.)	Anchessa	1539/L1F						
[Antão]	Antam	Antom	1470-2/L1A	Antom	Antam	1481-2/L1A		
Antônia	Antonea	1494/ - B	Antonia	1538-53/L1E				
Antônio	Antonio	Antonio	1481-2/L1A	Antonyo	1488-9/L1A	Antoneo	Antoneo	1494/ - B
Aparícia (Escr.)	Aparícia	1540/L4F						
Aparício	Aparício	1558/L4F						
Aparícios	Aparícios	1574/L4F						
Apariço	Apariço		1494/ - B					

Quadro nº 1

Prenomes

Apolonia	Apolonia	1538-53/L1E	Apelonia	1540/L4F	Pelonia	1597/L1F			
Archelem (Estr.)	Archelem	Arçellem	1530/L1D						
Armão (Estr.)	Armam	1505-6/L1D	Armañm	1509/L4D	Armaño	1542/ - C			
Artur	Artur	1538-53/L1E							
Baltasar	Baltasar	Baltazar	Baltassar	Beltsar	Baltesar	Baltezar	Baltasar	Baltesar	1470-2/L1A
	Baltasar	1495-6/L1A	1536/L4D						Baltessar
Baptista	Baptista	1530/L1D		Beltsar					
Bárbora	Barbora	1495-6/L1A	Barbara						
Bárboro	Barboro	1488-9/L1A	Barbaro	1538-53/L1E					
Barnabé (Escr.v.)	Barnabe	1586/L1F		1508/L1C					
Bartolesa	Bertolesa	Bertolesa	1530/L1D	Bartholesa	1538-53/L1E				
Bartolomeu	Bertolomeu	1498/L1C	1470-2/L1A	Bartolomeu	Bertollameu	1485-6/L1A	Bartolameu	Bertollomeu	1494/L1B
	Bastiana	1572/L7F	Bartholameu	1508/L1C	Bertollameo	Bertollameo	1534/L2D		Bertalomeu
Bastiana (Escr.v.)	Bastiao	1481-2/L1A	Bastiam	1485-6/L1A	Bastyam	1495-6/L1A			
Bastiao	Bautista	1481-2/L1A							
Bautista	Bautista	1481-2/L1A							
Beatriz	Breatiz	Briatiz	1470-2/L1A	Briatiz	1481-2/L1A	Briatis	Briatriz		1513-4/L2D
	Beeyto	1524/L3D	1530/L1D						
Beeyto (Estr.)	Belarte	1517/L4D							
Belarte	Belchior	1541/L1F	1481-2/L1A	Belchior	1505-6/L1D	Balchior	1508/L1C		
Belchior	Belzarda (Escr.v.)	1561/L1F							
Belzarda (Escr.v.)	Beltrão	Benedicto	Benedyto	Benadito	1509/L2D				
Beltrão	Benoco (Estr.)	1505-6/L1D	Benoco	1509/L2D					
Benedito (Estr.)	Benta (Escr.v.)	1599/L1F							
Benoco (Estr.)	Bento	1509/L2D	Bento	Bento	1517/L4D				
Benta (Escr.v.)	Beringuella	1534/L2D							
Bento	Bernarda (Escr.v.)	1543/L1F	Bernalda	1570/L4F					
Beringuella	Bernardino	1538-53/L1E							
Bernarda (Escr.v.)	Bernaldo	1505-6/L1D	Bernaldo	1517/L4D	Bernardo	1538-53/L1E			
Bernardino	Boyno (Estr.)	1504-5/L1D							
Bernardo	Branca	1494/ - C	Bramca	1509/L2D					
Boyno (Estr.)	Brás	Braz	1470-2/L1A						
Branca	Brásia (Escr.v.)	1541/L1F							
Brás	[Bratizão]	1538-53/L1E							
Brásia (Escr.v.)	Brígida	1566/L7F							
[Bratizão]									

Quadro n° 1

Prenomes

Briolania	Briolania	1481-2/L1A	Bryollamga	1513-4/L2D	Briolania	1538-53/L1E			
Bronis	Bronis	Bronis	1538-53/L1E						
Brísida	Brísida	Brasyda	1481-2/L1A						
Britis	Britiz	1491-2/L1A	Bretiz	Bertiz	1494/- B	Britez	1522-3/L3D	Britis	1565/L1F
	1580/L1F								Breitis
Capelão (Estr.)	Capellao	1523/L1D	Capelao	1526/L5D	Capellam	1530/L1D	Capellão	1538-53/L1E	
Castanha (Escr.)	Castanha	1593/L6F							
Catarina	Catarina	Catharina	1485-6/L1A	Caterina	1517/L4D	Catherina	1538-53/L1E		
Cecilia	Cezilia	Cecilia	1538-53/L1E						
Cento	Cemto	1509/L2D							
César	Cesare	1538-53/L1E							
Clara	Crara	1470-2/L1A	Clara	1538-53/L1E					
[Clemente]	Cremente	1481-2/L1A							
Concórdia (Escr.)	Concordia	1579/L7F							
Constança	Costança	Costança	1468/L1C	Constança	1495-6/L1A	Constança	Costamca	1509/L2D	
Cosma (Escr.)	Cosma	1588/L6F							
Cosme	Cosme	1534/L2D	Cosmo	1538-53/L1E					
[Crisóstomo]	Grysostomo	Grysostomo	1509/L2D						
Cristiano	Cristiano	1523/L1D							
Cristóvão	Christouom	1481-2/L1A	Cristouom	Cristouam	Christouam	1485-6/L1A	Christovão	1504-5/L1D	Christovão
	Christovam	Christoum	1509/L2D	Christouão	1517/L4D	Cristovão	1574/L4F		1505-6/L1D
Custódio	Custodio	1538-53/L1E							
Damiano	Damiano	1538-53/L1E							
Damião	Damyam	1534/- C	Damião	1538-53/L1E					
Daniel	Daniell	1488-9/L1A	Daniel	1530/L1D					
Delougarde (Estr.)	Deloguarde	Dillogarde	1524/L3D						
Dinis	Dynis	Dynis	1470-2/L1A	Denis	1494/L1B				
Diogo	Diogo	Diego	1470-2/L1A	Diogo	1470/L1C				
	Dyogo	1536/L4D							
Dionísia (Escr.)	Dionisia	1592/L1F							
Domingas	Domingas	1538-53/L1E							
Domingo	Domingo	1470-2/L1A							
Domingos	Domingos	1470-2/L1A							
Domingues	Dominguez	1522-3/L3D	Dominguos	Dominguos	1509/L2D				
Dorothea (Escr.)	Dorotheia	1598/L1F							
Duarte	Duarte	1494/L1B							
Elvira	Eluira	1538-53/L1E							

Quadro nº 1

Prenomes

Gregória (Escrv.)	Gregoria	1571/L7F	Gregorio	1490/L1A	Gregorio	1497/L1A	Gregoryo	1509/L2D	Gergorio	1536/L4D
Gregório	Gregorio	1485-6/L1A	Girgorio	1559/L1F						
Grimanesa	Grimanesa	1538-53/L1E	Girmanesa	1572/L6F						
Guidania (Escrv.)	Guidonia	1566/L4F	Guidania	1481-2/L1A	Guilherme	1509/L2D	Guilherme	1517/L4D	Guilherme	1485-6/L1A
Guilherme	Guilherme	1470-2/L1A	Guilherme	1517/L4D	Guimar	1488-9/L1A	Guirarte	1494/L1B		
Guilherme	Guilhelme	1491-2/L1A	Guilhelmo	1537/L5D	Eytor	1538-53/L1E	Helena	1540/L4F		
Guimar	Guimar	1485-6/L1A	Guimar	1470-2/L1A	Amrryque	1509/L2D	Amrryque	1511/L1C	Henrique	1549/L4F
Guisarte	Gerarte	1481-2/L1A	Guilarte							
Heltor	Eitor	1485-6/L1A	Heltor							
Helena	Elena	1495-6/L1A	Elena							
Henrique	Anrique	1495-6/L1A	Anrique							
Hilária (Escrv.)	Hilaria	1599/L1F	Amrryque	1470-2/L1A	Amrryque	1509/L2D	Amrryque	1511/L1C	Henrique	1549/L4F
Hugo	Huguo	1505-6/L1D	Huguo							
Inácia (Escrv.)	Inácia	1590/L6F	Inácia							
Inácio	Ignatio	1538-53/L1E	Ignatio							
Inês	Ines	1485-6/L1A	Inez							
Ingrigte	Angrigrote	1496-7/L1A	Ingriote	1497/L1A						
Iria	Irya	1513-4/L2D	Erea							
Isabel	Isabel	1481-2/L1A	Isabell	1491-2/L1A	Issabel	1495-6/L1A	Ysabell	1516/- C	Ysabel	1534/L2D
Isaque	Isaque	1494/- B	Ysaque							
Iseu	Iseu	1538-53/L1E	Ysaque							
Ivam (Estr.)	Yvam	1481-2/L1A	Hiuam	1485-6/L1A	Hyuam	1495-6/L1A	Yvom	1530/L1D		
Jacinta (Escrv.)	Jacinta	1563/L1F								
Jacinto (Escrv.)	Jacinto	1597/L1F								
Jácome (Estr.)	Jacome	1505-6/L1D								
James (Estr.)	James	1485-6/L1A	James	1488-9/L1A						
Janim (Estr.)	Janim	1485-6/L1A	Jani							
Jareia (Estr.)	Jareia	1597/L1F	Jani	1485-6/L1A	Janym	1494/- B				
Jerónima (Escrv.)	Jeronima	1581/L6F								
Jerônimo	Geronimo	1495-6/L1A	Gironimo	1504-5/L1D	Jheronimo	1538-53/L1E				
Joana	Joana	1534/L2D	Johanna	1490/L1A	Johana	1538-53/L1E				
Joane	Joane	1485-6/L1A	Johanne							
Joane	Jane	1519/- C	s.d./L3D							
João	Juam	1485-6/L1A	Joam	1494/- B						
João	Juam	1485-6/L1A	Joham							
Joan	Juham	1510/- C	Yoam	1495-6/L1A	Yoham	1504-5/L1D	Yuham	1509/L1D		1491-2/L1A
Jordão	Yom	1485-6/L1A	Yohão	1519/- C	Juão	1538-53/L1E	Yohão	1563/- C		
Jordão	Jurdam	1485-6/L1A	Jurdom	1494/- B	Jurdão	1538-53/L1E				

Quadro nº 1

Prenomes

Jorge	Jorge	1485-6/L1A	Gorge	1491-2/L1A	Jorje	1511/- C	Jeroge	1514/- C	Jorse	1515/- C
José (Escriv.)	Yorje	Yorge	1519/- C							
Juliana (Escriv.)	José	1551/L7F								
[Julião] (Estr.)	Juliana	1562/L4F								
Jusarte	Julyam	1509/L2D	Julliam	1530/L1D						
Justa	Jusarte	1538-53/L1E								
Langarote	Justa	1538-53/L1E								
Leão (Estr.)	Langarote	1466/L1C	Langarote	1470-2/L1A	Langarrote	1485-6/L1A	Lancarrote	1494/- B	Langarrote	1495-6/L1A
	Liam	1472/L1C	Liom	Lom	Lom	Leom	1538-53/L1E	Leão	1595/L1F	Leam
	1597/L1F									
Leonarda (Escriv.)	Leonarda	1540/L1F								
Leonardo	Leonardo	Lionardo	1495-6/L1A	Lyonardo	1513-4/L2D					
[Leone]	Lionel	Lyonell	1522-3/L3D							
Leonor	Leonor	Leonor	Lianor	1485-6/L1A	Lyanor	1509/L2D				
Limbanha (Estr.)	Limbanha	1538-53/L1E								
Lopo	Lopo	1470-2/L1A								
Lourença (Escriv.)	Lourença	1580/L1F								
Lourenço	Lourenço	Lourenço	Lourenço	1470-2/L1A	Laurentius	1495-6/L1A	Laurenço	Larenço	1496-7/L1A	Lorenço
	1505/L1C									
Lourensinho (Escriv.)	Lourensinho	1491/L1F								
Lucano (Estr.)	Lucano	1505-6/L1D								
Lucas (Estr.)	Lucas	1485-6/L1A								
Luciam (Estr.)	Luçiam	Luciam	1505-6/L1D							
Luciana (Escriv.)	Luciana	1572/L6F								
Lucrecia	Lucrecia	1538-53/L1E								
Luís	Luis	1470-2/L1A	Luys	Luiz	1485-6/L1A	Loys	1495-6/L1A			
Luísa	Luiza	1538-53/L1E	Luisa	1579/L1F						
Luquesa (Estr.)	Luquese	Luquesa	1538-53/L1E							
Luzia	Luzia	Lusia	1538-53/L1E							
Madalena	Madalena	1495-6/L1A								
Madanella	Madanella	1509/L1D								
Mafeu (Estr.)	Mafeu	1511/L1C								
Maior	Maior	1538-53/L1E	1538-53/L1E							
Mair	Mair	1538-53/L1E								
Manuel	Manuel	1470-2/L1A	Manuell	1494/L1B	Manoell	1534/L2D	Manoel	1538/- C		
Marçal	Marçal	1522-3/L3D	Marçal	1538-53/L1E						
Marcelina (Escriv.)	Marcelina	1549/L1F								

Quadro nº 1

Prenomes

Marcos	Marcos	1491-2/L1A	Marquos	1536/L4D				
Margarida	Margayda	1495-6/L1A	Margarida	Marguaida	Margaida	1538-53/L1E		
Maria	Maria	1470-2/L1A						
Marília (Escr.)	Maricia	1580/L1F						
Marquesa	Marquesa	1574/L4F						
Marta (Escr.)	Marta	1557/L7F						
Martim	Martim	Martym	1470-2/L1A	Martin		1505-6/L1D		
Martinho	Martinho	1494/L1B	Martynho	1509/L2D				
Mateus	Mateus	1485-6/L1A	Matheus	1538-53/L1E				
Matia	Mathia	1538-53/L1E						
Matias	Matias	1517/L4D						
Mécia	Mecia	Micia	1488-9/L1A	Meçia	Miçia	1495-6/L1A		
Melchior	Melchioll	Melchioll	1534/L2D	Melchior				
Meliganda (Escr.)	Meliganda	1543/L1F						
Mem	Meem	Meem	1470-2/L1A	Men		1538-53/L1E		
Menchude (Estr.)	Menchude	1530/L1D						
Menda	Menda	1470-2/L1A	Meenda	1481-2/L1A	Memda	1491-2/L1A		
Mendo	Mendo	1481-2/L1A	Memdo	1485-6/L1A				
Menina (Escr.)	Menina	1577/L8F						
Miguel	Miguel	1481-2/L1A	Migel	Mygeell	1488-9/L1A	Miguell	1496-7/L1A	Migell
		1522-3/L3D						
Mónica (Escr.)	Monica	1558/L1F						
Mor	Mor	1488-9/L1A						
[Mosen] (Estr.)	Mousem	1494/- B						
Nicolas (Estr.)	Nycollas	1494/- B						
Nicolau	Nicolao	1481-2/L1A	Nycollao	1494/- B	Nycollao	1513-4/L2D	Nicolao	1517/L4D
	Neculao	1537/L5D	Nicolao	1538-53/L1E	Niculau	1585/L4F		
Nicoloso (Estr.)	Nicoloso	1494/- B	Nycoloso	Nycolosso	1513-4/L2D			
Nuno	Nuno	1470-2/L1A	Nunno	1488-9/L1A	Nunho	1500/- C		
Oliveiros (Estr.)	Oliueiros	1530/L1D						
Paí	Pay	1499/- C						
Paio	Payo	1488-9/L1A	Paayo	1490/L1A	Paio	1496-7/L1A		
Pantaleão	Pantaleão	1538-53/L1E	Pantaleão	1579/L4F				
Pascal	Pascal	1509/L2D						
Pascoal (Escr.)	Pascoal	1549/L1F						
Paula (Escr.)	Paula	1589/L1F						
Paulo	Paulo	1523/L1D						

Quadro nº 1

Pre-nomes

[Paulos]	Pallus	1494/ - B	Palos	1496-7/L1A	Pallus	1534/L2D		
Pedro	Pedro	1481-2/L1A						
Perina (Estr.)	Perina	1538-53/L1E						
Pero	Pero	1470-2/L1A						
Petronilha (Escr.)	Petronilha	1539/L1F	Petronilha	1540/L1F				
Pity (Estr.)	Pity	1509/L2D						
Pollicena (Escr.)	Pollicena	1541/L1F						
Polinarda (Escr.)	Polinarda	1568/L1F						
Quirio (Estr.)	Quirio	1504-5/L1D						
Rafael (Estr.)	Rafael	1505-6/L1D						
Ricarda (Escr.)	Ricarda	1580/L1F						
[Richard] (Estr.)	Rycharte	Richarte	1530/L1D					
Roberto (Escr.)	Roberto	1597/L2F						
Rodrigo	Rodrigo	1470-2/L1A	Rodrigo	1494/L1B				
Rodrigos	Rodrigos	1534/L2D						
Rolão	Rolam	Rolão	1538-53/L1E					
Romão	Romao	1491-2/L1A	Romão	Romam	1494/ - B	Roman	Romão	1495-6/L1A
Roque	Romão	1519/ - C						
Rui	Roque	1538-53/L1E						
Sagrador	Rui	Ruy	1470-2/L1A					
Salvado	Sagrador	1485-6/L1A	Sagremor	1497/ - C				
Salvador	Salvado	1598/L1F						
Sancho	Salvador	1490/L1A	Salluador	1495-6/L1A	Slaudor	1496-7/L1A	Salvador	1505-6/L1D
Sebastião	Sancho	Sancho	1504-5/L1D					
Senhorinha	Sebastiam	1470-2/L1A	Sebastiam	Sebastiom	1485-6/L1A	Sebastião		1538-53/L1E
Silvestre	Senhorinha	1538-53/L1E						
Simão	Silvestre	1538-53/L1E						
Simoa	Simom	Simon	Symam	1488-9/L1A	Symon	1491-2/L1A	Symão	1491/L1C
Sisto (Estr.)	Simão	Symão	1495-6/L1A	Symão	1501/ - C	Siman	Syman	1509/L1D
Soeiro	Simao	1523/L1D	Symaao	1524/L3D	Simão			1509/L3D
Susana	Simoa	Symoa	1538-53/L1E					
Teresa (Escr.)	Systo	1494/ - B						
Tomás	Soeiro	1491-2/L1A						
Tomásia (Escr.)	Susana	1538-53/L1E						
	Teresa	1593/L4F						
	Thomas	1485-6/L1A	Thomas	1538-53/L1E				
	Tomasia	1576/L1F						

Quadro nº 1

Prenomes

Tomé	1496-7/L1A	Thome	1538-53/L1E				
Torbíia (Escr.)	1557/L7F	Torbíia	1580/L6F				
Torbíio (Escr.)	1577/L1F	Turbíio	1597/L1F				
Tristão	1470-2/L1A	Tristão	1538-53/L1E				
Urbano	1538-53/L1E						
Ursula (Escr.)	1596/L1F						
Valentim	1517/L4D	Valentim	1573/L7F				
Valério	1523/L1D						
Vasco	1470-2/L1A	Vasquo	1491-2/L1A	Uasquo	1536/L4D		
Vicente	1470-2/L1A	Vigente	1471/L1C	Vicente	1485-6/L1A	Vicente	1505-6/L1D
Violante	1491-2/L1A	Uollante	1494/L1B	Vollante	1538-53/L1E	Violante	1539/L4F
Vitória	1532/ - C	Vitoria	Victoria	1538-53/L1E			
Viviam (Estr.)	Vidiam	1530/L1D					
Zenóbio (Estr.)	1538-53/L1E	Zenobio	1580/L1F				
	Zanobie						

Quadro n° 2
Segundos Nomes-Patronímicos

[Adão]	Adam	1481-2/L1A	Adom	1494/L1B					
Afom	Afom	1519/ - C							
Afonso	Affomso	Afonso	1470-2/L1A	Afomso	1485/ - C	Afonço	1485-6/L1A	Affonço	1491-2/L1A Afono
	1538-53/L1E								
Aires	Ayres	Aires	1470-2/L1A	Ayres	1494/L1B	Ayrez (<d'>)	1509/L2D	Ares	1571/L1F
Álvares	Alvarez	Aluares	1470-2/L1A	Alvarez	1485-6/L1A	Alaurez	1488-9/L1A	Alvares	1491-2/L1A
	Alvarez	Alvarez	Alvarez	1494/L1B	Alvarez	1513-4/L2D	Aluerez	1517/L4D	Alivares
Alves	Alurez	1470-2/L1A	Alves	1559/L4F					1536/L4D
André	Amdre	1524/L3D							
[Antão]	Antam	1513-4/L2D							
Antónia	Antonia	1538-53/L1E							
António	Amtonio	1524/L3D							
Antunes	Antunez	Antunez	1530/L1D	Antunes	Antunes	1536/L4D			
Bentes	Bentez	1481-2/L1A							
[Bernardes]	Bernaldez	1491-2/L1A	Bernaldes	1583/L7F					
[Brandão]	Brandam	Brandam	1524/L3D						
Brás	Bras	1488-9/L1A							
Dias	Dias	Diaz	Dias	1470-2/L1A	Dyas	1491-2/L1A	Diaaz	Dyaz	1495-6/L1A Djaz
	1513-4/L2D								
Domingoz	Domingoz	1496-7/L1A							
Domingues	Domingues	1470-2/L1A	Dominguez	1494/ - B	Domynguez	1524/L3D			
Duarte	Duarte	1538-53/L1E							
Eanes/Anes	Eannes	Annes	Anes	1470-2/L1A	Anez	1485-6/L1A	Annez	1488-9/L1A	Eanes
	Ane	1504-5/L1D	Annees	1505-6/L1D	Yanes	1534/L2D			1491-2/L1A
Enes	Ennes	1470-2/L1A	Enes	1481-2/L1A	Eennes	1495-6/L1A			
Estaço	Estaço	1541/L1F							
Estevens	Esteuenz	1538-53/L1E							
Esteves	Esteues	Esteuez	Esteueyes	1470-2/L1A	Steuez	1491-2/L1A	Estevez	1534/L2D	Esteves
Fernandes	Fernandez	Fernandez	Fernandes	1470-2/L1A	Fernandez	1494/L1B	Fernandes	1509/L1D	Ferandez
	Feranhdez	1537/L5D							1526/L5D
Francisca	Francisca	1538-53/L1E							
Francisco	Francisco	1509/L2D							
[Fróis]	Froez	1524/L3D							
Fuas (de)	Fuas (de)	1538-53/L1E							
Gabriel	Gabriell	1509/L2D							

Quadro nº 2

Segundos Nomes-Patronímicos

Galvão	Galvam	1494/L1B	Galvão	1534/L2D					
Garcês	Garcez	Garçes	1470-2/L1A						
Garcia	Garcia	1470-2/L1A	Garcia	1495-6/L1A	Gracia	1505-6/L1D			
[Geraldo]	Gerardo	1515/L1F							
Gil	Gill	1470-2/L1A							
Godinha	Godinha	1538-53/L1E							
Godinho	Godinho	1470-2/L1A	Gudinho	1485-6/L1A					
Gomes	Gomez	Gomes	1470-2/L1A	Gomez	1485-6/L1A				
Gonçalves	Gonçallvez	Gonçallues	1470-2/L1A	Gonçallvez	1485-6/L1A	Guomez	1491/L1C		
	Guomçalluez	1491-2/L1A	Gonsalvez	Gonçallvez	Gonçallues	1470-2/L1A	Gomçalluez	1480/L1C	Gonzalves
	1495-6/L1A	Gonçaulz	Bongaulz	1496-7/L1A	Gonçallvez	1494/L1B	Gonçallues	Gomçalluez	1485-6/L1A
	Gonçalluez	Gomçalluez	Gonçalluez	1534/L2D	Gonçallvez	1497-8/L1A	Gonsalvez	1523/ - C	Gonçalluez
	Gonçallinho	1494/ - B			Gonsalvez	1536/L4D			1532/ - C
Henriques	Amrriquez	1511/L1C	Anriquez	1526/L5D	Amriquez	1530/L3D	Henriques	1563/L4F	
[João]	Joham	1470-2/L1A							
Jorge	Jorge	1522-3/L3D							
Lopes	Lopez	Lopes	1470-2/L1A	Loopz	1485-6/L1A				
Lourenço	Lourenço	1470-2/L1A	Luiz	1481-2/L1A					
Luis	Luis	1470-2/L1A							
Manuel	Manuell	1505-6/L1D							
Marques	Marqueuz	1491/ - C	Marqez	Marques	1523/L1D				
Martins	Martinz	Martins	1470-2/L1A	Martinez	1480/L1C	Martinez	1517/L1C		
Mendes	Mendez	Meendez	1470-2/L1A	Mendes	1481-2/L1A	Meendez	1485-6/L1A	Menendez	1495-6/L1A
	1530/L3D								Mendes
Miguelis	Migueiz	1538-53/L1E							
Moniz	Monis	1491/ - C	Moniz	1494/L1B	Muniz	1538-53/L1E			
Munhoz	Monhoz	1485-6/L1A							
Nunes	Nunez	1470-2/L1A	Nunnez	Nunes	1485-6/L1A	Nunhez	1501/L2C	Nuniz	1526/L5D
Pais	Paayz	1493/ - C	Paez	1495-6/L1A	Paez	1504-5/L1D	Paes	1517/L4D	Paeez
	Paiz (de)	Paiez (de)	1526/L5D	Paaz (de)	1530/L1D				1522-3/L3D
Peres	Perez	Peres	1551/L1F						
Pires	Pirez	Pires	1470-2/L1A	Pitrez	Pitiz	1481-2/L1A	Pirres	1488-9/L1A	Pyrez
	1495-6/L1A	Pyres	1536/L4D	Piis	1587/L1F				Pirriz
[Raimundo]	Reimam	1517/L4D							

Quadro nº 2

Segundos Nomes-Patronímicos

Rodrigues	Rodrigues	Rodriguez	1481-2/L1A	Rodryguez	1494/L1B	Rudríguez	1504-5/L1D	Rodriguz	1526/L5D	Rodriges
Ruiz	Rodrigues	1536/L4D								
	Roiz	Ruiz	1470-2/L1A	Ruis	1485-6/L1A	Ruыз	1495/- C	Royz	Rioz	1495-6/L1A
Sales	Royz	1496-7/L1A	Roaz	1538-53/L1E						
	Sales	1485-6/L1A								
Sanches	Sanchez	1488-9/L1A	Sanches	1491-2/L1A	Sanchez	1504-5/L1D				
Simão	Simão	1538-53/L1E								
Simoa	Simoa	1538-53/L1E								
Soares	Soarez	1509/L2D	Soares	1530/L1D						
Teles	Telez	1505-6/L1D								
Vaz	Vaaz	Vaz	1470-2/L1A	Uaz	1494/L1B	Vaaz	1496-7/L1A	Vas	1536/L4D	
Vasques	Vasques	1470-2/L1A								
Vicente	Vicente	1481-2/L1A								

Quadro n° 3
Segundos Nomes-Geográficos e Étnicos

Abrantes (de)	Abrantes (d')	1494/L1B					
Abreu (de)	Abreu (de)	1470-2/L1A					
Agea (de)	Agea (de)	1485-6/L1A					
Agrela (de)	Agrela (d')	1522-3/L3D	Agrela (de)	1542/ - C	Agrela	1598/L1F	
Aguiar (de)	Aguiar (de)	1485-6/L1A	Agyar (d')	1495-6/L1A	Agjar (d')	1509/L1D	
Agulha (de)	Agulha (de)	1569/L1F					
Albardinha (de)	Albardinha (de)	Alberdinha (da)	Bardinha (da)	1485-6/L1A			
Alcala (de)	Alcala (de)	Allgalla (de)	1470-2/L1A				
Aldruma (de)	Aldruma (de)	1553/L1F	Aldruma (d')	1573/L6F			
Além (de)	Além (de)	1491-2/L1A					
[Alemaão]	Alleman	1509/L1D	Aleman	Aleman	1509/L2D		
Algarvio	Algarvio	1491-2/L1A					
Alhandra (de)	Alhandra (de)	1490/L1A	Allandra (de)	Alhandra	1496-7/L1A		
Almada (de)	Almada (de)	1488-9/L1A	Allmada (d')	1505-6/L1D			
Almecega (de)	Almecega (d')	1504-5/L1D					
Almeida (de)	Almeida (de)	1485-6/L1A	Dalmeida	1491/L1C	Almeida (de)	1495-6/L1A	Almeida (de)
	Dalmeida	1504/ - C	Allmeida (de)	1504-5/L1D			1501/L1C
Alpoim (de)	Alpoem (d')	1517/L4D					
Alvelos (de)	Aluellos (d')	1538-53/L1E	Alvelos	1585/L2F			
Alvernás	Aluernaz	1485-6/L1A					
Amaral	Amaral	1544/L1F					
Amil (de)	Damil						
Amorim (de)	Amorim (d')	Amym (d')	1563/L1F	Amil (d')	1598/L1F		
Andrade (de)	Andrade (d')	1534/L2D	1509/L2D	1509/L2D			
Aragão (de)	Aragam (d')	1511/ - C	Andrade	1589/L1F	Andrada	1598/L4F	
Aranda (de)	Aranda (d')	1538-53/L1E	Aragão (de)	1519/ - C	Aragão (d')	1538-53/L1E	Aragão
Araújo (de)	Araujo (de)	1481-2/L1A	Araujo	1598/L1F			1587/L1F
Arcas (das)	Arcas (das)	1495-6/L1A	Archas (das)	1538/L1E	Arcas		
Arcos (do)	Arcos (do)	1470-2/L1A	Arquo (do)	1491-2/L1A			
Arcos (de)	Darcos	1495-6/L1A					
Arévalo (de)	Arevallo (de)	1504-5/L1D					
Ária (de)	Daria	1516/ - C	Aria (d')	1523/L1D			
Armas (de)	Darmas	1530/L1D	Armas (d')	1538-53/L1E			
[Astorga] (de)	Estorga (de)	1491-2/L1A	Astroga (de)	1496-7/L1A			
Ataide (de)	Atayde (d')	deyade	1494/ - B				
Atouguia (de)	Atouguia (d')	1481-2/L1A	Dautouguia	Datouguia	1488/ - C	Atougia (d')	1523/L1D
							Atouguya (d')

Quadro nº 3

Segundos Nomes-Geográficos e Étnicos

Aveiro (de)	Aveiro (d')	Veiro (de)	1509/L2D	Aueiro (de)	1485-6/L1A				
Ávila (de)	dauella	1490/- C	Dauilla	1491/L1C					
Azevedo (de)	Azevedo (de)	1488-9/L1A	Azeuedo (d')	s.d./L3D					
Azinhai (do)	Azinhai (do)	1470-2/L1A	Anzenall (do)	Anzinal (do)	Anzinnall (do)	Azinnall (do)	Azynnall (do)	Azinal	
Baena (de)	Baena (de)	1485-6/L1A							
[Baião]	Baiom	Bayom	1485-6/L1A	Bayam	1530/L1D				
Balo (de)	Balo (de)	1534/L2D							
Barbosa	Barbosa	1524/L3D							
Barcelos (de)	Barcelos (de)	Barcellos (de)	1488-9/L1A	Barcellos (de)	1490/- C	Barcelos (de)		1495-6/L1A	
Barcos (de)	Barcos (de)	1538-53/L1E							
Barradas	Barradas	1530/L1D							
Barral	Barral	1530/L1D							
Barreda (de)	Barreda (de)	Berredo (de)	1517/L4D	Barredo (de)	1538-53/L1E				
Barrocas	Barrocas	1513-4/L2D							
Barros (de)	Bayras (de)	1485-6/L1A	Bayrros (de)	Bayros (de)	1495-6/L1A	Bairros (de)		Bairros (de)	Barros (de)
	1524/L3D	Baros (de)	1526/L5D						
	Beja (de)	Beia (de)	1481-2/L1A	Beja	1496-7/L1A				
	Benavente (de)	1491-2/L1A							
Beja (de)									
Benavente (de)									
[Berenquer] (de)									
[Bethencourt] (de)									
Borges	Borges	1504-5/L1D	Borjes	1548/- C					
Braga (de)	Braga (de)	1509/L2D	Braga	1572/L7F					
[Breão]	Bretam	1485-6/L1A	Bretom	1580/L1F					
Brito (de)	Brito (de)	Bryto (de)	1491-2/L1A	Britro (de)	Britto (de)	1495-6/L1A			
Bruges (de)	Bruges (de)	1485-6/L1A							
Buarcos (de)	Buarcos (de)	1495-6/L1A							
Bueca (de)	Bueca (de)	1509/L2D							
Burgos (de)	Burgos (de)	1485-6/L1A	Burguos (de)	1491-2/L1A					
Cabral	Cabral	1485-6/L1A	Cabrall	1470-2/L1A	Quabrall	1509/L2D			
Caçanha (de)	Caçana	Caçena (de)	1481-2/L1A	Caçanha (de)	Caçave (de)	Caçava (de)			
Cadilhe (de)	Cadilhe (de)	s. d./L3D							
Cairos (de) > Cairas	Cairos (de)	1538-53/L1E	Cairos	1598/L7F					1485-6/L1A
Calaga	Callaga	Calaga	1530/L3D						
Calheta (da)	Calleta (da)	1494/- B	Calheta (da)	1495-6/L1A					
Calvino	Caluino	Caluino	1509/L2D						
Camacha	Camacha	1538-53/L1E							

Quadro nº 3

Segundos Nomes-Geográficos e Étnicos

Camacho	Camacho	1517/L4D						
Câmara de Lobos (de)	Camara de Lobos (de)	1470-2/L1A						
Câmara (de)	Camera (de)	1468/L1C	Camara (da)					
Caminha (de)	Caminha (de)	1517/L4D		1470-2/L1A				
Carniche (de)	Carniche (de)	1517/L4D						
Campanário (do)	Campanario (do, de)	1485-6/L1A	Campanayrro (do)	1494/ - B				
Campo (do)	Campo (do)	1495-6/L1A	Campoz (de)	1581/L1F				
Canárias (de)	Canaria (de)	1495-6/L1A						
Cane (de)	Cane (de)	1485-6/L1A						
Canha (de)	Canha (de)		1470-2/L1A	Canha	1495-6/L1A			
Canço (de)	Canço (do)		Canço	1494/L1B				
Canto (do)	Canto (<do>)	1580/L8F						
Cardoso	Cardoso	Coardoso	1530/L1D	Cardozo	Cardosso			
Caria (de)	Caria (de)	1485-6/L1A				1532/ - C		
Carnide (de)	Carnide (de)	1494/ - B						
Carreira (de)	Carreira (de)	1523/L1D						
Cartas (de)	Cartas (de)	1563/ - C						
Carvalhal (do)	Carvalhal (do, de)		Caratal					
	1488-9/L1A		1491-2/L1A	1481-2/L1A	Carualhal (do)		1485-6/L1A	Carualhal (do)
Carvalho	Carvalho		Carvalho	1534/L2D				
Cascais (de)	Cascaes (de)	1485-6/L1A	1497/L1A					
Castanheira (da)	Castanhaira (da)		Castineira (da)	Castneyra (da)	1470-2/L1A			
Castela (de)	Castelha (de)	1495-6/L1A	Castilha (de)	Castylho (de)	1509/L2D			
Castelhana	Castilhanha	1495-6/L1A						
Castelhano	Castelhano (<o>)							
Castro/Crasto (de)	Castro (de)	1485-6/L1A	1485-6/L1A	Castellano	1495-6/L1A			
Cerveira	Çerveira	1496-7/L1A	Crasto (de)	1495-6/L1A	Castro	1557/L1F		
Chaves (de)	Chaus (de)	1481-2/L1A	Cerueira	1524/L3D	Cerueria	1538-53/L1E		
Chelaria (da)	Chelaria (da)	1517/L4D						
Chequeda (de)	Chequeda (de)	1538-53/L1E						
Clara (de)	Clara (de)		1470-2/L1A					
Coia (de)	Coyha (de)	1495-6/L1A						
Coiros (de)	Coyros (de)	1509/L2D						
Correia	Correa	Corea	1485-6/L1A	Coreia	1488-9/L1A			
	1578/L6F							
Corte (da)	Corte (da)	1538-53/L1E						
Cortes	Cortes	1538-53/L1E						

Quadro nº 3

Segundos Nomes-Geográficos e Étnicos

Costa (da)	Costa (da)	1470-2/L1A							
Couto (do)	Couto (do)	1495-6/L1A	Coyto (do)	1530/L1D	Coto (do)	1534/L2D	Couto		1598/L4F
Cova (da)	Cova (da)	1534/L2D							
Cremona (de)	Cremona (de)	Cremona	1491-2/L1A						
[Cremonês]	Carmones	1504-5/L1D							
Cunha (da)	Cunha (da)	1504-5/L1D							
Donas (de)	Donhas (de)	1495-6/L1A							
Dorato (do)	Dorato (do)	1485-6/L1A							
Dornelas > Ornelas (de)	Ornelas (d')	Ornelas (d')	1485-6/L1A	Dornellas	1491/L1C	Ornellas		1496-7/L1A	
Eça (de)	Eça (d')	1534/L2D							
Elvas (de)	Elvas (de)	1481-2/L1A	Elvas (de)	1485-6/L1A	Elua (d')	1509/L2D			
[Escocês]	Scorcio	1470-2/L1A	Escorcio	Escorcio	Escorceo	1485-6/L1A			
[Escocesa]	Escorcía	1538-53/L1E							
Estreito (do)	Estreito (do)	1470-2/L1A	Estreyto (do)	1494/ - B		1599/L1F			
Évora (de)	Euora (d')	1495-6/L1A	Evora (d')	1523/L1D	Evora				
Fajã da Ovelha (da)	Fajã dhOuelha (da)	1494/ - B							
Faria (de)	Faria (de)	1510/ - C	Faria	1528/L1F	Farya (de)	1530/L1D			
Felgueira	Felgueira	1530/L1D							
Ferreira (de)	Ferreira (<de>)	1485-6/L1A	Firreira (de)	1488-9/L1A	Fereyra	1536/L4D	1495-6/L1A		Figueyra
Figueira	Figeira	1508/L1C	Figueyra	1530/L1D	1494/L1B	Figueira			
[Flamengo]	Framengo	1485-6/L1A	Framenguo	1509/L2D	Farmengo	1517/L4D			
[Flandres] (de)	Framdes (de)	1523/L1D							
Florença (de)	Florença (de)	1454/ - C	Frolença (de)	1485-6/L1A	Florença (de)	1488-9/L1A	Florença (de)		1491-2/L1A
	Floremça (da)	1494/L1B	Floremça (de)	1508/L1C	Floremca	1513-4/L2D	Floremça (de)		1519/ - C
	Frolença (de)	1534/L2D	Florença (de)	1538-53/L1E	Floremsa	1563/ - C			
[Florentino]	Frolentym	1488-9/L1A	Froremtim	1498/ - C					
Fonseca (da)	Fonssequa (da)	1488-9/L1A	Fonsequa (da)	1489/ - C	Fonseca (da)	1494/ - B	Atomseca (d')		Atomseca (d')
	1505-6/L1D		Fomseca (da)	1517/ - C	Fonseca	1597/L1F			
Fontes (de)	Fontes (de)	1496-7/L1A							
Fraga (de)	Fraga (<de>)	1587/L7F							
Fragua	Fragua	1572/L1F							
França (de)	França (de)	1481-2/L1A	Fransa (de)	1485-6/L1A	França (de)	1496-7/L1A	Franca (de)		Framca
	1509/L2D								
Francês	Francés	1485-6/L1A	Francés	Francés	1509/L2D	Francés	1517/L4D		
Franques (de)	Franques (de)	1538-53/L1E							
Freitas (de)	Freitas (de)		1485-6/L1A	Fretas (de)	1491/L3C	Freitas	1596/L1F		

Quadro nº 3

Segundos Nomes-Geográficos e Étnicos

Frias (de)	Frias (de)	Frias (de)	Fryas (de)	Firas (de)	1495-6/L1A
Funchal (do)	Funchal (do)	1530/L1D			
Gaia (da)	Gaia (da)	Gaya (da)	Gaya	1491-2/L1A	
Galego	Galego (<o>)	1470-2/L1A	Gallego	1481-2/L1A	
Galega	Gallega	1494/L1B		Gualleguuo	1491-2/L1A
Gama (da)	Gama (da)	1596/L1F			Galleguo
Gamboa (de)	Gamboa (<de>)	1538-53/L1E			
Gândara (de)	Gandara (de, da)	1509/L2D			
Gani (de)					
Gante					
Gaula (de)	Gaulla (de)	1485-6/L1A			
Gave (de)	Gau (de)	1494/- B			
[Genovês]	Genoes	1466/L1C	Janoes	1485-6/L1A	
Góis (de)	Goes (de)	Goyoes (de)	1494/L1B	Goiz	1496-7/L1A
	1538-53/L1E				Gooes (de)
Gouveia (de)	Gouuea (de)	1481-2/L1A	Gouvea (de)	1494/L1B	1530/L3D
Guimarães (de)	Guimarães (de)	1513-4/L2D		Gouveia	Goy (de)
[Gusmão] (de)	Guzmam (de)	1517/L1C			
Hana (de)	Hanaa (de)	1509/L2D			
Horta (de)	Orta (d')	1494/- B	Orta (de)	1495-6/L1A	
[Inglês]	Engres	1496-7/L1A	Imgres	1509/L2D	
Jardim (do)	Jardim (do)	1470-2/L1A	Jardym (do)	1509/L2D	
Judeu	Judeu	1494/- B			
Lagos (de)	Lagos (de)	1470-2/L1A			
Lamaroto (de)					
Lamego (de)	Lamego (de)	1481-2/L1A	Lameguo (de)	1485-6/L1A	
[Leão] (de)	Liam (de)	1494/- B			
Leiria (de)	Leyrea (de)	1504-5/L1D	1485-6/L1A	Leiria (de)	1520/- C
Lemos (de)	Lemos (de)	1517/L4D			
Lima (de)	Lima (de)		Lyma (de)	1530/L1D	1572/L1F
Linhana (de)					
Linhares (de)	Linhares (de)	1470-2/L1A	Linharres (de)	1494/L1B	
Lisboa (de)	Lisboa (de)	1575/L1F			
Liupias (de)	Liupias (de)	1481-2/L1A			
Lombada (de)	Lombada (de)	1494/- B	Lombada (da)	1509/L1D	
Lombardo	Lombardo	1504-5/L1D			
Londres (de)	Londres (de)	1522-3/L3D			

Quadro nº 3
Segundos Nomes-Geográficos e Étnicos

Lordelo (de)	Lordello (de)	1485-6/L1A					
Loredo	Loredo	1597/L1F					
Lugo (de)	Lugo (de)	1517/L4D					
Macedo (de)	Macedo (de)	1538-53/L1E	Macedo	1589/L1F			
Machico (de)	Machico (de)	1538-53/L1E	Machiquo (de)	s.d./L3D			
Madalena (da)	Madanela (da)	1470-2/L1A	Madanela (da)	1516/ - C	Madalena (da)	1526/L5D	
Magalhães (de)	Magalhães (de)	1538-53/L1E	Magalhães	1591/L1F			
Maia (da)	Maia (da)	1509/L2D					
Marchena (de)	Marchena (de)	1534/L2D					
Marcheno	Marcheno	1507/ - C					
Marim (de)	Marim (de)	1530/L1D					
Marne (de)	Marne (de)	1495-6/L1A	1523/L1D				
Mata (da)	Mata (da)	1509/L2D					
Matos (de)	Matos (de)	1536/L4D					
Medeiros (de)	Mideyros (de)	1504-5/L1D	Medeiros (de)	1538-53/L1E			
Medina (de)	Medina (de)	1530/L1D					
Meireles	Meirelles	1485-6/L1A	Merelles	1534/L2D	Mireles	1536/L4D	
Melgar (de)	Melgar (de)	1509/L2D					
Melim	Melim	1485-6/L1A					
Melo (de)	Melo (de)	1494/ - B	Melos (de)	1523/L1D			
Mendonça (de)	Mendonça (de)	1497/ - C	1470-2/L1A	Memdoça (de)	1530/L3D		
Menezes (de)	Meneses (de)	1558/L1E	Menezes	1588/L7F			
Merciana (da)	Merciana (da)	1538-53/L1E	Miranda	1593/L1F			
Miranda (de)	Miranda (de)	1509/L2D	Mena (da)	1530/L3D	Myrna (de)	1530/L1D	
Mina (da)	Mina (da)	1574/L4F					
Mondragão (de)	Mondragão (<de>)	1470-2/L1A	Moraes (de)	1509/L2D	Moraees (de)	1511/L1C	Morais (de)
Moraes (de)	Moraes (de)	1495-6/L1A					1524/L3D
Moreira	Moreira	1511/L1C	Mota	1597/L1F			
Mota (da)	Mota (da)	1470-2/L1A	Motelo (de)	1530/L1D			
Motiloa (de)	Motiloa (de)	1536/L4D	Moura	1580/L1F			
Moura (de)	Moura (de)	1509/L2D					
Mourisco	Mourisquo	1513-4/L2D	Nabais (de)	1582/L1F			
Mouro	Mouro	1491-2/L1A	Nobrega (de)	1534/ - C			
Nabais (de)	Nabaes (de)	1491-2/L1A	Nugeyra	1491-2/L1A			
Nobrega (de)	Nobrega (de)						
Nogueira	Nogueira						

Quadro nº 3
Segundos Nomes-Geográficos e Étnicos

Nóia (de)	Noya (de)	1538-53/L1E					
Noronha (de)	Loronha (de)	1488-9/L1A	Noronha (de)	1495-6/L1A			
Novais (de)	Nouaes (de)	1538-53/L1E					
Oeiras (de)	Eyras (do)	Eyras (do)	Eirras (do)	1485-6/L1A	Oeiras (de)	1491-2/L1A	
Oliva (de)	Oliva (d')	1536/L4D	Oliva (d')	1548/- - C			
Olival (de)	Olival (d')	1597/L1F					
Oliveira (de)	Hollueyra	1494/- - B	Ollueyra (d')	1504-5/L1D	Olyueira (d')	1509/L2D	Oliueira (d')
	Olieura (d')	1530/L1D	Oliveira (d')	1555/- - C			1522/- - C
Olivares (de)	Olliarres (d')	1494/- - B					
Paiva (de)	Payua (de)	1495-6/L1A	Paiva (de)	1517/L4D	Paiva (de)	1530/L1D	
Palma (da)	Palma (da)	1515/- - C	Palma (da)	1537/L5D			
Palme (de)	Palme (de)	1513/- - C					
Parada (de)	Parada (de, da)	1495-6/L1A					
Paris	Paris	1534/L2D					
Parreira	Parreira	1530/L3D					
Pedroso (de)	Pedroso (de)	1530/L1D					
Pera (de)	Pera (de)	1495-6/L1A					
Peral (de)	Perall (de)	1522-3/L3D					
Pereira	Pereira	1496-7/L1A	Pereyra	1513-4/L2D	Perera	1534/L2D	
Pinheiro (de)	Pinheiro (de)	1491-2/L1A	Pinheiro	1530/L1D	Pinhero	1534/L2D	Pynhejro
Piornais (dos)	Piornaes (<dos>)	1530/L1D					1536/L4D
Pisano	Pysarym	Pysarym	Pisano	Pysano		1513-4/L2D	
[Placencia] (de)	Presemcyra (de)	1509/L2D					
Pó (do)	Poo (do)	Po (do)	1481-2/L1A				
Poiars (de)	Poiars (de)	Poyares (de)	Poars (de)	Pojarez (de)		1470-2/L1A	
Ponta do Pargo (da)	Ponta do Parguo (da)	1509/L2D					
Ponta do Sol (da)	Ponta do Soll (da)	1470-2/L1A					
Ponte (de)	Ponte (de)	1485-6/L1A	Ponte (da)	1501/- - C			
Ponte de Lima (de)	Ponte de Lima (de)	1505-6/L1D					
Porras (de)	Poras (de)	1509/L2D	Porras (de)	1524/L3D			
Portel	Portel	1558/L1E					
Porto (do)	Porto (do)	1470-2/L1A	Portos (dos)	1485-6/L1A			
Póvoas (das)	Pouoas (das)	1558/L1E					
Praça (da)	Praça (da)	1470-2/L1A					
Prado (do)	Prado (do)	Prado (de)	1470-2/L1A				
Pratas (de)	Pratas (de)	1509/L2D					
Pratel	Pratel	1538-53/L1E					

Quadro nº 3

Segundos Nomes-Geográficos e Étnicos

Proença (de)	Proença (de)	1517/L4D						
Quadros (de)	Quadros (de)	1495-6/L1A						
Quintal (de)	Quintal (<de>)	1598/L1F						
Ras (de)	Ras (de)	1538-53/L1E						
Rego (do)	Rego (do)	1476/ - C	Rego (do)	1524/L3D	Rego		1553/L7F	
Rêgua (da)	Regua (da)	1524/L3D						
Reinoso (de)	Reinoso (de)	Reynoso (de)	1517/L4D					
Renhobre (de)	Renhobre (de)	1485-6/L1A	Ranhobre (de)	1488-9/L1A				
Resende (de)	Resende (de)	1495-6/L1A						
Ribeira (da)	Ribeira (da)	Rybeira	1485-6/L1A					
Ribeira Brava (da)	Ribeira Brava (da)	1470-2/L1A						
Ribeira Funda (da)	Ribeira Funda (da)	1534/L2D						
Ribeira Grande (da)	Ribeira Grande (da)	1530/L3D						
Ribeiro (do)	Ribeiro (do)	1495-6/L1A	Rybeyro	1496-7/L1A	Rybeiro	1494/ - B	Ribeyro	1536/L4D
Rocha (da)	Rocha (da)	1509/L2D	Rocha (de)	1584/L1F	Crocha	1494/L1B		
Romano	Romano	1509/L2D						
Romão	Romão	1526/L5D						
Romial (de)	Romial (de)	1488-9/L1A						
Sã (de)	Saa (de)	1498/ - C	Sa (de)	1536/L4D	deça/Caa (de)	1545/ - C	Sa	1589/L1F
Safim (do)	Caflm (do)	1517/L4D						
Salamanca (de)	Salamanca (de)	1488-9/L1A						
Salas (de)	Salas (de)	1509/L2D						
Santarem (de)	Santarem (de)	1495-6/L1A						
Saraiva	Sarayva	1504-5/L1D						
	Seraiva	1522/ - C						
[Segóvia] (de)	Segouea (de)	1509/L2D						
Segura (de)	Segura (de)	1513-4/L2D						
Sequeira (da)	Sequeyra (da)	1487/ - C	Sequera (de)	1534/L2D				
Serra (da)	Serã (da)	1494/ - B	Serra (da)	1542/ - C	Serra			
Serradas	Serradas	1522-3/L3D						
Serra de Água (da)	Serra daGua (da)	1534/L2D						
Silva (da)	Sillua (da)	1491-2/L1A	Silua (da)	1495-6/L1A	Syllua (da)			
Silveira (da)	Silveira (<da>)	1581/L1F						
Sintra (de)	Syntra (de)	1470-2/L1A						
Sousa (de)	Sousa (de)	1495-6/L1A	Soussa (de)	1538/ - C	Sousa			
Sousel (de)	Sousel (de)	1495-6/L1A						
Souto (do)	Souto (do)	1538-53/L1E						

Quadro nº 3

Segundos Nomes-Geográficos e Étnicos

Soveral (do)	Souerral (do)	1488-9/L1A	Souerral (do)	1494/L1B	Soverall (do)	1516/ - C	
Tábua (da)	Tabua (da)	1485-6/L1A					
Tanque (do)	Tanque (do)	1534/L2D					
Tarouca	Tarouqua	1509/L2D					
Tavares	Tauares	1491-2/L1A	Tavares	1530/L1D	Tauaeres	1538-53/L1E	
Taveira	Tavera	Tauayra	1516/ - C	Tauera	1517/L1C	Tauetra	1538-53/L1E
Tavil (de)	Tauill (de)	1494/ - B					
Tavira (de)	Tauira (de)	1481-2/L1A	Tauilla (de)	1485-6/L1A	Tauyra (de)	1495-6/L1A	
Teive (de)	deiteue	1452/ - C	Teue (de)	1468/L1C	Teue (de)	Teuee (de)	1470-2/L1A
	Teves (de)	1509/L4D	Teves (de)	1517/L4D	Treives (de)	1536/L4D	Teues (de)
	Teives	1539/L4F					Teues (de)
Teixeira	Teixeira	Teyxeira	Teyxeira	1470-2/L1A	Texeyra	Teyxera	1491/L1C
Terra Nova (da)	Terra Noua (de, da)	1488-9/L1A					
Timor	Timor	1470-2/L1A	Tymor	1481-2/L1A	Thimor	1488-9/L1A	
Tomar (de)	Tomar (de)	1496-7/L1A					
Torre (da)	Torre (da)	1496-7/L1A					
Toscana	Toscana	1538-53/L1E					
Tovar (de)	Tovar (de)	1534/L2D					
Travassos/Travaços (de)	Trayaços (de)	1538-53/L1E	Trauassos (de)	1563/ - C	Travassos	1597/L1F	
[Trujillo] (de)							
Tuim	Tohym	1509/L2D	Toym	1523/L1D	Tuim	1538-53/L1E	
Valadares (de)	Valladares (de)	1484/ - C					
Valdavesso (de)	Valladaveso (de)	1530/L1D	Valdeveso (de)	1534/L2D	Valdauesso (de)	1538-53/L1E	
Vale (do)	Valle (do)	1538-53/L1E					
Valenciano	Valenciano	1491-2/L1A					
Vares (de)	Vares (de)	1501/ - C	Varas (de)	1538-53/L1E			
Vasconcelos (de)	Vasconcellos (de)	1485-6/L1A	Vasconcellos (de)	1487/ - C	Vasconcellos (de)	1488-9/L1A	Vascomçellos (de)
	Uasconçegos (de)	1494/L1B	Vasconçellos (de)	Vascomçellos (de)	1495-6/L1A	Vasconçellos (de)	Vascomçellos (de)
	Vascomçellos (de)	1523/L1D	Vascomçellos (de)	1530/L1D	Vascomçellos	1538-53/L1E	1496-7/L1A
Veiga (da)	Veiga (da)	1485-6/L1A	Veyga (da)	1491-2/L1A			
Velosa (da) > Avelosa	Velloso (da)	1470-2/L1A	Velosa (de)	1485-6/L1A	Auellosa (de)	1488-9/L1A	Auellosa (d')
	Avellossa (d')	1494/L1B	Vellosa (de)	1495-6/L1A	Avellossa (de)	1530/L1D	Velosa
Viana (de)	Uyana (de)	1494/L1B	Vyana (de)	1496-7/L1A	Viana (de)	1505-6/L1D	Uiana (de)
	Viane (de)	1557/L7F	Viana	1586/L7F			
Vieira	Vieira	1481-2/L1A	Vieyra	1485-6/L1A	Vyeyra	1513-4/L2D	Vieria
	Vyeira	1530/L1D					
Vila (da)	Villa (da)	1485-6/L1A	Ylla	1491-2/L1A	Vila (da)	1496-7/L1A	

Quadro nº 3

Segundos Nomes-Geográficos e Étnicos

Vila do Conde (de)	Villa do Comde (de)	1524/L3D			
Vila Lobos (de)	Vilha Lobos (de)	1538-53/L1E			
Vila Nova	Villa Nova	1523/ - C			
Vila Real (de)	Villa Real (de)	1485-6/L1A	Uyfa Reall (de)	1532/ - C	
Vila Viçosa (de)	Villa Viçosa (de)	1496-7/L1A			
Vilela	Villella	1502/ - C	Villela	1509/L4D	Vyilela
[Vilhena] (de)	Vilhana (de)	1504-S/L1D			Vylela
Viveiros (de)	Viveiros (de)	1538-53/L1E	Viveiros	1574/L1F	1536/L4D

Quadro nº 4
Segundos Nomes-Alcunhas

Abrea	Abrea	1591/L1F						
Adargeyro	Adargeyro	1496-7/L1A						
[Advogada]	Vogada	1597/L1F						
[Advogado]	Vogado	1485-6/L1A						
Afiador	Afiador	1491-2/L1A						
Agosto	Agosto	1509/L2D	1509/L2D	Agosto	1530/L3D			
Albardeira	Albardeira	1494/L1B						
Albardeiro	Albardeiro	1509/L2D						
Alcoforado	Alcoforado	1470-2/L1A	Alcoforado	1470-2/L1A				
Alcaldador	Alcaldador	1495-6/L1A	Alcaldador	1496-7/L1A				
Allealdeiro	Allealdeiro	1491-2/L1A						
Alfaiate	Alfaiate	1470-2/L1A	Alfaiate	1488-9/L1A				
Almotacé	Almotace	1481-2/L1A	1481-2/L1A					
Almoxarife	Almoxarife	1470-2/L1A	Almoxarife	1491-2/L1A				
Amado	Amado	1470-2/L1A						
Amo	Amo (<ho, o>)	1470-2/L1A	Amoo	1495-6/L1A				
Anrrulho	Anrullo	Anrullo	Rullo	Rulho	Anrrulho	Anrrulho	1470-2/L1A	Anrrulho
	1488-9/L1A	Anrulli	1496-7/L1A	Amrrulho	1515/- C			
Aranha	Aranha	1509/L2D						
Arrais	Arraiz	1538-53/L1E	Arraes	Arraes	1485-6/L1A	Arroez	1495-6/L1A	Arrais
Arrulha	Arrulha	1470-2/L1A						s.d./L3D
Avaro	Auaro	Baldaia	1485-6/L1A	Balldaia	1536/L4D			
Baldaia	Baldaya	1538-53/L1E						
Balmeidão	Balmeidão	1509/L2D						
Banhos (dos)	Banhos (dos)	1481-2/L1A	Barba	1509/L2D				
Barba	Barbas	1470-2/L1A	Barbeyro	1481-2/L1A				
Barbeiro	Barbeiro	1530/L1D						
Barboso	Barboso	1494/L1B	Barbusano	1534/L2D				
Barbusano	Barbusano	1470-2/L1A						
Barreto	Barreto	1494/L1B						
Barzuegas	Barzuegas	1495-6/L1A						
Basantes	Basantes	1539/L4F						
Bastardo	Bastardo	1481-2/L1A	Belo	1485-6/L1A				
Belo	Bello	Bixigoso	1485-6/L1A	Bexigoso	1505/- C			

Quadro nº 4

Segundos Nomes-Alcunhas

Bicudo	Bicudo	1504-5/L1D			
Bigode	Bigode	1530/L1D			
Bocarro	Bocarro	1530/L1D	Bocaro	1536/L4D	
Bois (dos)	Bois (dos)	1494/- B			
Bom Vinho (do)	Boom Vinho (do)	1488-9/L1A			
Burio / Bório	Borio	1505-6/L1D			
Borrvalho	Borrvalho	1538-53/L1E	1495-6/L1A		
Botelha	Botelha	1481-2/L1A			
Botelho	Botelho	1481-2/L1A			
[Boticário]	Boticario	Botycayro	1485-6/L1A	Botyquayro	1509/L2D
Branco	Branco	1530/L1D			
Brava	Braua	1530/L1D	1538-53/L1E		
Bulhefre (<Bico de>)	Bulhefre (<Byco de>)	1494/L1B			
Burzigueiro	Burzigueiro	1495-6/L1A			
Buscarruído	Buscarruido	1517/L4D	Buscaarroido	1522-3/L3D	
Cã	Cãa	1538-53/L1E			
Caiada	Caiada	1541/L1F			
Caiado	Caiado	Cayado	1481-2/L1A		
Cais	Cais	1581/L1F			
Caixeiro	Cayxeiro	1509/L2D			
Calafate	Callafate	1495-6/L1A			
Calçadas (<Brita>)	Calçadas (<Brita>)	1494/L1B	Calçadas (das)	1495-6/L1A	
Calçado	Calçados	Calcados	1509/L1D	Calçado	1534/L2D
Calçeteiro	Callçeteiro	1524/L3D			
Caldeira	Calleyra	1498/- C	Caldeira	1509/L1D	Caldeira
Caldeireiro	Caldeyreiro	1485-6/L1A	Caldeireiro	1495-6/L1A	Caldeira
Calvo	Caluo	1509/L2D			1509/L2D
Cambalacho	Cambalacho	1534/L2D			
Camela	Camela	1574/L1F			
Camelo	Camello	Camelo	Camelo	1470-2/L1A	
Canaveiro	Canaveiro	1517/L4D			
Cão	Cão	1505-6/L1D	Cão	1513/- C	Cão
Carcereiro	Carçereiro	1495-6/L1A			
Carniceiro	Carnyceiro	1495-6/L1A	1495-6/L1A		1515/- C
Carpinteiro	Carpenteiro	1495-6/L1A			

Quadro nº 4
Segundos Nomes-Alcunhas

Carasco	Carasco	1509/L2D						
Carreiro	Carreiro	1537/L5D						
Carreiro	Carreiro	1496-7/L1A						
Carriho	Carriho	1538-53/L1E						
Casado	Casado	1485-6/L1A	Casado	1488-9/L1A	Casados		1526/L5D	
Casca	Casca	1538-53/L1E						
Casco	Casco	1470-2/L1A	Casca	1494/- B				
Castanheiro	Castanheiro	1597/L1F						
Castanho	Castanho	1538-53/L1E						
Casto	Casto	1494/- B						
Cerejo	Çereyo	Çereyo	1495-6/L1A					
Çerleiro	Çirleiro	Çirleiro	1491-2/L1A	Çerleyrro (ho)	1494/L1B	Cerleyro	1495-6/L1A	Çerleiro 1497/L1A
Çarniço	Çarniço	1534/L2D						
Çamorra	Çamorra	1538-53/L1E						
Çamorro	Çamorro	1517/L4D						
[Çidrão]	Çidram	1470-2/L1A	Cidrom				1485-6/L1A	Cidram 1495-6/L1A
Cintas	Cintaz	1538-53/L1E						
[Çirurgião]	Çelorgiam	Çelorgiom	Solorgiam	Sorlugiam	1485-6/L1A	Çolorgiam	1488-9/L1A	Cellorgiam 1494/L1B
[Çisne]	Cyrne	1513-4/L2D	Çirne	1522-3/L3D				
Clerigo	Crelligo	Crelligo	1470-2/L1A	Clerigo				
Cochinho	Cochinho (<0>)	Cochynho	1485-6/L1A					
Coelha	Coelha	1491-2/L1A	Goelha					
Coelho	Coelho	1470-2/L1A						
Colaça	Collaça	Colaça	1538-53/L1E					
Colação	Colaco	1485-6/L1A	Collaço	1491-2/L1A	Colaco		1504-5/L1D	Colaso 1536/L4D
[Columbreiro]	Combrombeiro	1494/- B	Cobrombeyro	1495-6/L1A				
Confeitoiro	Confiteiro	1488-9/L1A	Confeyteiro	1491-2/L1A	Comffeteiro		1495-6/L1A	
Cordeira	Cordeira	1538-53/L1E						
Cordeiro	Cordeiro	Cordeyro	1481-2/L1A					
Cortês	Cortez	1593/L6F						
Cotiço	Cutisso	Cotisso	1495-6/L1A					
Coxo	Coxo	1470-2/L1A	Coyxo	1494/- B	Colxoo		1496-7/L1A	
Cré	Cree	1538-53/L1E						
Delgada	Delgada	1509/L2D						
Delgado	Delgado	1495-6/L1A						

Quadro nº 4

Segundos Nomes-Alcunhas

Doceiro	Doceyro	1530/L1D						
Dourado	Dourado	1485-6/L1A						
Escoreio	Escoreio	1580/L1F						
Escrivão	Espruam	Sepruam	1470-2/L1A	Espruão	Spruam	1485-6/L1A	Escrivam	1495-6/L1A
	1534/L2D	Spruão	1538-53/L1E					
Escumeiro	Escumeiro	1513-4/L2D						
Esmeralda	Esmeralda	1547/L5F						
[Evangelho]	Auangelho	1485-6/L1A						
Façanha	Facanha	1501/- C						
Falcoa	Falcoa	1538-53/L1E						
Farinha	Farynha	1509/L2D	Farinha	1573/L12F				
Favela	Fauella	Fauela	1511/L1C	Favella	1519/- C			
Favila	Favila	1569/L1F						
[Feia]	Fea	1538-53/L1E						
Feijó	Feyjoo	Feyjo	1513-4/L2D	Feijoo	1538-53/L1E	Feijó		1585/L1F
[Feio]	Feo	1536/L4D						
Ferrado	Ferrado	1494/L1B						
Ferrador	Ferrador	1491-2/L1A	Ferrador	1513-4/L2D				
Ferreiro	Ferreiro	1485-6/L1A	Ferreiro	1536/L4D				
Fidalga	Fidalga	1574/L1F						
Fidalgo	Fidalgo	1538-53/L1E						
Fogaça	Fogaca	1494/- B						
Folgado	Folgado	1530/L1D						
Forrão	Forrão	1597/L6F						
Frazão	Farzam	1530/L1D	Frazão	1538-53/L1E				
Freire	Freyre	1485-6/L1A						
Furtada	Furtada (da)	1495-6/L1A	Furtada	1538-53/L1E				
Furtado	Furtado	1485-6/L1A						
Gago	Gago (<ho, o>)	1494/- B	Gaguo	1509/L2D	Guago			1523/L1D
Galharda	Galharda	1530/L1D						
Galharde	Galharde	1538-53/L1E						
Garro	Garro	1538-53/L1E						
Gavião	Gavião	1523/L1D	Gavião	1538-53/L1E	Gavião			1559/L7F
Gramacho/Gramaxo	Gramaxo (<o>)	1490/L1A	Gramaxo	Gramaxo	Garamayxo	Garamaixxo		
Grande	Grande (<ho, o>)	1494/- B						1495-6/L1A

Quadro nº 4
Segundos Nomes-Alcunhas

Grilo	Grilho	1505-6/L1D						
Guerreiro	Gerreyro	1506/ - C	Guerreiro	1536/L4D	Guerreiro	Gerreiro	1555/ - C	
Guisado	Guisado	1481-2/L1A						
Homem	Omen	Homem	1470-2/L1A	Omen	1481-2/L1A			
Infante (do)	ffante (do)	1491-2/L1A	Iffante (do)	Imfante (do)	1495-6/L1A			
Jaras	Jaras	1470-2/L1A						
Landeira	Landeira	1538-53/L1E						
Landeiro	Landeiro	1524/L3D						
Lapa	Lapa	1573/L8F						
Latada	Latada	1585/L1F						
Leal	Leal	1536/L4D						
Leão	Liam	1488-9/L1A	Lyam	1494/L1B	Lião	Leão	1575/L1F	
Ledo	Ledo	1488-9/L1A						
Leitão	Leytam	Leitam	1488-9/L1A	Leitom	Leytom	1491-2/L1A	Leytão	1534/L2D
		1538-53/L1E						Leitão
Leite	Leite	1530/L1D						
Leitoa	Leitoa	Leytoa	1538-53/L1E					
Leoa	Lyoa	1538-53/L1E						
Libraleão	Libralião	1529/L1F						
Limoeiro	Limoeiro	1572/L6F						
Lobo	Lobo	1470-2/L1A						
Loução	Loução	1538-53/L1E						
Louvado	Louvado	1470-2/L1A						
Machada	Machada	1538-53/L1E						
Machado	Machado	1495-6/L1A						
Magro	Magro	1505-6/L1D						
Maior	Mayo	1495-6/L1A						
Maiuto	Mayuto	1534/L2D						
Malheiro	Malheiro	1522-3/L3D						
Manco	Manco	1526/L5D						
Mansinho	Mansynho	1494/ - B						
Marante	Marante	1538-53/L1E						
Marinha	Marinha	1538-53/L1E	Merinha	1558/L1E				
Marinho	Marinho	1558/L1E						
Massa	Masa	1509/L2D						

Quadro nº 4

Segundos Nomes-Alcunhas

Mata Sete	Matassete	1488-9/L1A	Mata Sete	1495-6/L1A				
Matoso	Matoso	Matoso	1481-2/L1A	Matosos	1485-6/L1A	Matozo	1491-2/L1A	
Maosinho	Maosinho	1504-5/L1D						
Mealheira	Mialheira	1536/L4D						
Mealheiro	Mialheyro	1516/- C	Mialheiro	1517/L4D	Mealheiro	1538-53/L1E		
Mexas	Mexia	Mixias	Mixia	1495-6/L1A				
Migalho	Migalho	1513-4/L2D						
Milheiro	Mileiro	Milheiro	1470-2/L1A					
Mirate	Mirate	1485-6/L1A						
Moço	Moço (<ho, o>)	1481-2/L1A						
Moleiro	Moleiro	1470-2/L1A	Molleyro	1494/- B				
Monteiro	Monteiro	1530/L1D						
Morena	Morena	1549/L1F						
Moreno	Moreno	1495-6/L1A						
Mourata	Mourata	1538-53/L1E						
Mourato	Mourato	1488-9/L1A						
Moutinho	Moutinho	s.d./L3D						
Mulata	Mulata (<da>)	1526/L5D						
Mulato	Mulato	1577/L1F						
Nabo	Nabo	1509/L2D						
Negro	Negro (o)	1485-6/L1A						
Neta (da)	Neta (da)	1491-2/L1A						
Neto	Neto	1481-2/L1A						
Novo	Novo	1523/L1D						
Orelha (de)	Orelha (de)	1491-2/L1A						
[Orfão]	Orfoom	1494/L1B						
[Ourives]	Oryues	Ouriuez	Oriuez	1470-2/L1A	Hortuiz	1496-7/L1A		
Pacheca	Pacheca	1538-53/L1E						
Pacheco	Pacheco	1485-6/L1A	Pachequo	1491-2/L1A				
Paginho	Paginho (ho)	1470-2/L1A						
Pardo	Pardo	1509/L2D	Parde	1526/L5D				
Parente	Parente	1485-6/L1A						
Patarra	Patarra	1599/L1F						
Pedreiro	Pedreiro	1488-9/L1A						
Peixoto	Peixoto	1481-2/L1A	Peixote	1485-6/L1A	Peixoto	Peixoto	1488-9/L1A	

Quadro nº 4

Segundos Nomes-Alcunhas

Penteado	Penteado	1481-2/L1A	Penteado	1485/- C		
Pequeno	Pequeno	1526/LSD				
Pestana	Pestana	1470-2/L1A	Pastana	1505-6/L1D		
Picheleiro	Picheleiro	1485-6/L1A	Pichaleiro	1517/L4D		
Pigarro	Pigarro	1495-6/L1A				
Pimenta	Pimenta	1524/L3D				
Pimentel	Pimentel	1495-6/L1A	Pymnetel	1496-7/L1A	Pimntel	1538-53/L1E
Pinta	Pinta	1545/L1F				
Pinto	Pynto	Pinto	1496-7/L1A	Pinto	Pynto	1530/L1D
Pita	Pita	1538-53/L1E				
Porqueiro	Porqueiro	1517/L4D				
Povo (do)	Povo (do)	1495-6/L1A				
Prazeira	Prazeira	1579/L1F				
Prego	Prego	1488-9/L1A				
Preta	Preta (<a>)	1513-4/L2D				
Preto	Preto	1470-2/L1A	Creto	1508/L1C		
[Quadrilheiro]	Cadryleiro	1493/- C	1491-2/L1A			
[Quaresma]	Coresma	1470-2/L1A				
Raposo	Raposo	1485-6/L1A	Rascom	1494/L1B		
[Rascão]	Rascam	1572/L1F				
Rebela	Rebela	1494/- C	Rebello	1517/L4D	Rebelo	1545/L1F
Rebello	Rabello	1495-6/L1A				
Reinell	Reinell	1485-6/L1A				
Reol	Reoll	1488-9/L1A				
[Rico]	Riquo (ho)	1573/L4F				
Riscado	Riscado	1470-2/L1A	Rosa (da) (<o>)	1495-6/L1A	Rossa (da)	1508/L1C
Rosa (da)	Rosa (della)	1585/L4F				
Rosado	Rosado	1491-2/L1A				
[Roxo]	Roixo	1534/L2D				
Ruivo	Ruyvo	Ruiales	1538-53/L1E			
Ruivales	Ruivales	1576/L1F				
Sacota	Sacota	1557/L1F	Cacoto	1577/L1F		
[Sacoto]	Cacoto	1580/L1F				
Salgado	Salgado	1558/L1E				
Sapata	Çapata					

Quadro nº 4

Segundos Nomes-Alcunhas

Sapateiro	Çapateiro	1470-2/L1A	Capateiro	1481-2/L1A	Sapateyro	1536/L4D	
Sardinha	Sardinha	Sardynha	1513-4/L2D				
Sardo	Sardo (o)	1485-6/L1A					
[Sarrão]	Sarrom	1485-6/L1A					
[Selvagem]	Saluage	1538-53/L1E					
Sengo	Sengo	1538-53/L1E					
Serrador	Serrador	1509/L2D					
Serralheiro	Cerralheiro	1485-6/L1A	Serralheyro	Saralheiro	1491-2/L1A	Sarralheiro	1497-8/L1A
Serrão	Serrão	1470-2/L1A	Serrão	1485/- C	Serrão	1485-6/L1A	Serão
	1494/- B	Serram	Serraom	1513-4/L2D	Serraam	1538-53/L1E	1491-2/L1A
Sobrinho	Sobrynho	1470-2/L1A	Sobrinho	1485-6/L1A			Serãao
[Tabelião]	Tabellam	Taballam	1470-2/L1A				
Taborda	Taborda	1538-53/L1E					
[Tacão]	Tacom	1509/L2D	Tacam	1511/- C	Taquãa	1523/- C	Tacon
Tanoeiro	Tanoeiro	1495-6/L1A					1541/L1F
[Tecelão]	Tecelam	Tegelam	Teçellam	1470-2/L1A	Teselam	1495-6/L1A	
[Tenório]	Tenoiro	1534/L2D					
Testa	Testa	1495-6/L1A					
Tirtiro	Tyrytyro	1509/L2D					
[Toião]	Toiam	1511/- C					
Tosador	Tosador	1495-6/L1A					
[Trato] (do)	Ttrauto (do)	Ttrauto (do)	Contrauto (do)	1470-2/L1A			
Vacas (das)	Vacas (das)	1495-6/L1A					
Velha	Velha (ha)	1494/L1B					
Velho	Velho (<o>)	1470-2/L1A	Belho	1481-2/L1A	Uelho (<ho>)	1494/L1B	
Velloso	Velloso	1511/L1C	Velloso	1519/- C			
Vinagre	Vynagre	Vynagre	Vinhagre	1485-6/L1A	Vijnagre	1488-9/L1A	
Vinhateiro	Vinhateiro	1491-2/L1A					
Vinhos (dos)	Vinhos (dos)	1494/L1B					
Vitória	Vitória	1598/L1F					
Zuguegues	Zuguegues	1470-2/L1A					

Quadro nº 5
Segundos Nomes-Religiosos

Anjos (dos)	Anjos (dos)	1538/ - E		
Conceição (da)	Conceição (da)	1538/ - E		
Cruz (da)	Cruz (da)	1538/ - E		
Deus (de)	Deus (de)	1488-9/L1A		
Espírito Santo (do)	Spiritu Santo (do)	1538/ - E		
Luz (da)	dalluz	dallux	1517/ - C	Luz (da) 1538/L1E
Paz (da)	Paz (de, da)	1491-2/L1A		
Purificação (da)	Porificação (da)	1538/ - E		
Santa Luzia (de)	Sancta Luzia (de)	Santa Luzia (de)	1494/L1B	
Santa Maria (de)	Santa Maria (de)	1538/ - E		
Santiago (de)	Santiago (de)	1488-9/L1A		
Santos (dos)	Santos (<dos>)	1538/L1E		
São João (de)	Sam Joam (de)	1538/L1E		
São Jorge (de)	Sam Jorge (de)	1522-3/L3D		
São Pedro (de)	Sam Pero (de)	1538/L1E		
São Sebastião (de)	Sam Sebastian (de)	1491-2/L1A		
São Tomás (de)	Sam Tomas (de)	1538/ - E		
Visitação (da)	Visitação (da)	1538/ - E		

Quadro nº 6

Estrangeiros

[Acciaiuoli] (Simão e Zenóbio)	florentinos	Amxyolle Chiole Chiolli Achalioly	Amxyolly Chyole 1530/L1D 1542/ - C	Amxioli 1509/L2D Achlioli Acioili	Amcheolly Cheoly 1534/L2D 1580/L1F	Amchially Cheolli Chiolle	Amxiolly Chiolly 1538-53/L1E	1509/L1D Caxioli Chioili	Chyolle 1523/L1D 1539/L1F
Afonso (Martim)	galego								
Alcaia (João de)	castelhano								
Alcãmãç (Jorge e Gregório)	alemães								
Alvaras (Armão)	alemão								
[Amatori] (Benoco)	florentino	Amador	Amadori	1505-6/L1D					
[Antonelle] (Mateu)	florentino	Amtonolle	1488-9/L1A						
Antônio (Viviam)	francês								
Aragão (Henrique de)	castelhano								
Aranda (André de)	castelhano								
Arêvalo (Sancho Fernandes de)	castelhano								
[Astorga] (Antônio de)	castelhano								
Ávila (Garcia de)	castelhano								
Baena (Diogo de)	castelhano								
Balo (Menchude de)	castelhano								
Banhos (Pero dos)									
Barboso (Pero)	francês								
Barrada (Alonso de)	castelhano	Berrede (de)	Barreda (de)	1517/L4D	Barredo (de)	1538-53/L1E			
Barzone (Boyno)	cremonês	Barzone	1504-5/L1D						
Beacar (Abrão e Isaque)	judeus	Beacar	1494/ - B						
Belloens (Martim de)	francês	Beloens (de)	Belloens (de)	Balloas (de)	1530/L1D				
Benafaçom ([Mosen])	judeu	Benafaçom	1494/ - B						
Benavente (Pero de)	atalão								
[Berenguer] (Pero de)	atalão								
[Bethencourt] (Francisco de)	francês	Birnguel (de)	1538-53/L1E	Beatencor (de)	1494/ - B	Betancor (de)	1517/L4D	Betamcor (de)	Betemcor (de)
		Betencor (de)	1470-2/L1A	Bitancort (de)	1536/L4D	Bitancor (de)	1538-53/L1E		
		Betancour (de)							
Bicudo (Janim)	flamengo	Bocollo	Bocollo	1509/L3D					
Bocollo (Cristovão)	cremonês	Bondynar	1530/L1D						
Bondinar (Leonardo)									
Branco (Marim)	francês								
Bretão (João)	breião								
Bruges (João de)	flamengo								
[Bruyn] (Guilherme de)	flamengo	Brum (de)	1517/L4D	Brum (de)	1538-53/L1E				
Zueca (Estevão de)	castelhano ?								

Quadro n° 6

Estrangeiros

Calvino (João)	corso ?							
Calvo (Francisco)	genovês							
Capellani ([Capellano di])	italiano	Capelany (de)	15177/L4D	Capelane	1523/L1D	Capelani	1530/L1D	Capellanis
Caraçam (Antônio)		Caraçam	15177/L4D	Coraçam	1523/L1D			1538-53/L1E
Caradas (Antônio)	francês	Caradas	1509/L2D					
[Carducci] (Francisco)	italiano	Carducho	1505-6/L1D					
Castela (João de)	castelhano							
[Castigliani] (João Rodrigues)	genovês	Castelhano	1491-2/L1A	Castilhano	1495-6/L1A	Castylhano	1513-4/L2D	
[Cattaneo] (Quirio e Rafael)	genoveses	Catanho	Canho	1504-5/L1D				
César (João e Lucas)	genoveses	Cezar	Çezar	Çezar	Cesar	1485-6/L1A	Çez	1494/L1B
Coiros (Antônio de)	francês							
Coquet (João)	francês	Quoquetes	1513-4/L2D	Quoqueta	15177/L4D	Coquet	1530/L1D	
[Cornwall] (Henrique)	inglês	Cronoalha	1530/L3D					
Curlo (Jácome)		Curlo	1505-6/L1D					
Daldamar (Maria)		Daldamar	1538-53/L1E					
Dias (João)	flamengo							
Dizee (Nicolaú)	francês	Dizee	Dyzee	1513-4/L2D				
Dorato (Gonçalo do)	genovês							
Doria (Luís)	genovês	Douria	1522-3/L3D	Doria	1523/L1D	Dorea	1561/L1F	
Drummond (Belchior)	escocês	Doromondo	1550/L1F	Doromonde	1538-53/L1E	Doromondo	Drumom (de)	1538/- C
		Drumond	15177/L4D	Dromundo	Dromundo	Doromond	1588/L1F	Doromundo
Duram (Pero)	francês	Duram	15177/L4D					
Dutra (Antônio)		Dutra	1536/L4D	Dutra	1538-53/L1E			
[Escobar] (Pedro de)	castelhano	Escouar (d')	1494/L1B	Descouar	1511/L1C	Escovar (d')	1519/- C	
Escorcio (João)	escocês							
[Esmeraut] (João)	picardo	Esmeralido	Esmeraldo	1485-6/L1A				
Fernandes (Cristovão)	castelhano							
Flamengo (Henrique)	flamengo							
Flamengo (Martinho)	flamengo							
Flamengo (Nicolau)	flamengo							
Florença (João de)	florentino							
Foquet (André)	francês	Foquet	1530/L1D					
França (João de)	francês							
Francês (Antônio)	francês							
Francês (Archelem)	francês							
Francês (Bastião)	francês							
Francês (Bigode)	francês							

Quadro nº 6

Estrangeiros

Francês (Daniel)	francês					
Francês (Gabriel)	francês					
Francês (Guilherme)	francês					
Francês (Henrique)	francês					
Francês (Ivam)	francês					
Francês (Juliano)	francês					
Francês (Martim)	francês					
Francês (Miguel)	francês					
Francês (Nicolau)	francês					
Francês (Oliveiros)	francês					
Froil (João)	inglês	Froil	1509/L2D			
Galego (João)	galego					
Galego (Martim)	galego					
Gani (Ambrósio de)						
Gato (Janes)	genovês	Gany (de)	Gani (de)	1495-6/L1A		
Genovês (André)	genovês	Gato	1485-6/L1A			
Genovês (Anequim)	genovês					
[Gent] (Pedro)	flamengo	Gante	Gante	1496-7/L1A		
[Gentile] (João Baptista)	genovês	Gentill	1517/L4D	1496-7/L1A		
[Giacomo] (João)	italiano	Iacome	1494/L1B	Jacome	1495-6/L1A	
Gotees (João)	inglês	Gotees	Gote	1513-4/L2D		
Grillo (Luciam)	genovês					
Hana (Diogo de)	flamengo					
Hultre (João)	inglês	Hultre	1496-7/L1A			
[Imperiali] (Belchior e Nicoloso)	genoveses	Imperiali	1494/- B	Impiryall	1513-4/L2D	Emperriall
Joany (Giraldos)		Joany	1470-2/L1A			1534/L2D
João (Pity)	francês	Joam	1509/L2D			
Justinhom (Nicoloso)	genovês	Gustynham	1509/L2D	Justynhom	1513-4/L2D	
Lamaroto (Feducho de)	fiorentino	Lamaroto (de)	1504-5/L1D	Lamaroto	s.d./ - D	
Lapi (Francisco)	fiorentino	Lapy	1523/L1D	Lape	1530/L1D	
Larca (Jerónimo)	genovês	Larquua	Larca	1517/L4D		
Leão (Diogo de)						
Ledo (João)						
[Lems] (António)	flamengo	Leme	1481-2/L1A			
Leonardo (António)	flamengo	Lyonardo	1509/L2D			
Lido (Francisco)	francês	Lydoo	1509/L2D	Lidoo	1513-4/L2D	

Quadro nº 6

Estrangeiros

Liminhana (Pero e Vitória de)	catalães	Luminana 1513-4/L2D	Liminhãna Liminhiana	1495-6/L1A 1538-53/L1E	Leminhham (de)	Liminhana (de)	1509/L2D	Lyminhana (de)	Leminhana (de)
Lombardo (João) [Lomellinij] (Jorge e Sisto)	lombardo genoveses	Lomelilm Lomillim	1472/L1C 1519/- C	Lomillim Lomelin	1481-2/L1A 1530/L1D	Lomellim	1483/- C	Lomelym	1509/L2D
Lugo (Álvaro de)	galego	Manardy	Manardi	1517/L4D					
Manardi (Matias)	castelhano								
Marchena (Gonçalo de)	genovês								
Marim (João Baptista de)	romano								
Marne (Pero de)	italiano ?	Maximo	1523/L1D						
[Massimo] (Valério)	castelhano								
Medina (Diogo de)	francês	Minyxom	Myrixam	1509/L2D					
Minixam (João)	castelhano ?	Miralles	1534/L2D						
Miralles	castelhana florentino	Moreli	Morelly	1509/L1D	Morelle	1509/L2D	Morely	1509/L3D	
Mondragão (Jareia de)	castelhano								
Morelli (Benedito)									
Motloa (Francisco de)									
[Muñoz] (Afonso)	castelhano	Monhoz	1485-6/L1A						
Nardi (Francisco)	florentino	Nardy	1504-5/L1D	Narde	1509/L2D				
Negro (Antonio di)	italiano ?	Negro (de)	1505-6/L1D						
Nicolas (João)		Nicollas	1494/- B						
Noblet (Pedro)	bretão	Noblet	Nobre	1509/L2D					
Oberim (Isaque)	judeu	Oberim	1536/L4D						
Olivares (Nicolaou de)									
Ousel (João Vaz)	catalão	Ousell	Ousel	1490/L1A	Houzell	1520/- C	Uzel	1548/L1F	
Pardo (Baltasar)									
Paris (Francisco)									
Parrera (Gilles)									
Pelequim (João)	francês	Pelequim	1509/L2D						
Petel (João)	francês	Petell	1513-4/L2D						
Pires (Jácome)	flamengo								
Pisano (João Francisco)	pisano								
[Placencia] (Gaspar de)	castelhano								
Portes (João)	catalão	Portes	Portez	1543/- C					
Rodrigues (Deloquarde)	castelhano								
Romano (Cristiano e Julião)	romanos								

Quadro nº 6

Estrangeiros

[Ruggeri] ([Maffei])	cremonês	Rogery Rangill	1504-5/L1D 1511/- C	Rogeri Rogueill	1509/L1D Rogueill	Regel 1513-4/L2D	Regell	Rogell	1509/L2D
Salamanca (Francisco de) Salvago (Lucas)	castelhano genovês	Saluago 1524/L3D	1504-5/L1D Salvago	Saluaguo 1581/L4F	1505/L1C	Salluaguo	Salluago	1522-3/L3D	Sallvaguo
[Sernigi] (Dinis)	florentino	Sernise	Sernyse	1494/- B	Sernige	1498/- C	Cernisse	1505-6/L1D	Espimdola (d')
[Spinola] (Leonardo e Lucano)	genoveses	Espindolla (d')	1481-2/L1A	Spindolla (de)	Espindolla (de)	1491-2/L1A	Espindola (de)	1495-6/L1A	
Stallone (Fernão de)	italiano ?	Stalone (de)	Espymdolla	1513-4/L2D	Spindola (de)	1538-53/L1E	Espimdolla	s.d./L3D	
[Stockdall] (Richard)	inglês	Estoqueadalla	Estalone Estoqueadal	1485-6/L1A	1513-4/L2D				
Timor (James)				Estoque					
Toscana (Constança)	toscana	Trozilho (de)	Trosyilho	1530/L1D	Trogilho	1538-53/L1E			
[Trujillo] (Diogo de)	castelhano francês	Tujbaxa	1513-4/L2D						
Tuibaxa (João)	genovesas ?	Usademar	Usadamar	1538-53/L1E					
[Usadimare] (Limbanha e Perina)	castelhano								
Valdavesso (João de)	castelhano								
[Van Duren] (Henrique)	flamengo	Bandurem	1526/L5D						

Quadro nº 7
Localização Geográfica

Nomes Geográficos	Concelhos	Distritos
Abrantes	Abrantes Guimarães	Santarém Braga
Abreu	Monção Portalegre Valença	Viana do Castelo Portalegre Viana do Castelo
Agrela	Arcos de Valdevez Barcelos Cabeceiras de Basto Celorico de Basto Chaves Fafe Guimarães Lousada Maia Marco de Canaveses Santo Tirso	Viana do Castelo Braga Braga Braga Vila Real Braga Braga Porto Porto Porto Porto
Aguiar	Aguiar da Beira Barcelos Viana do Alentejo	Guarda Braga Évora
Agulha	Penafiel	Porto
Além	Amarante Amares Arcos de Valdevez Armamar Barcelos Braga Celorico de Basto	Porto Braga Viana do Castelo Viseu Braga Braga Braga
Alhandra	Agueda Vila Franca de Xira	Aveiro Lisboa
Almada	Almada	Setúbal
Almecega	Ponte do Lima	Viana do Castelo
Almeida	Almeida Celorico de Basto Lousada	Guarda Braga Porto
Alpoim	Mangualde Vila Nova de Famalicão	Viseu Braga
Alvelos	Amarante Barcelos Lamego Viseu	Porto Braga Viseu Viseu
Amaral	Barcelos Elvas Lamego Paredes S. Pedro do Sul	Braga Portalegre Viseu Porto Viseu
Amorim	Barcelos Feira	Braga Aveiro

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Ponte do Lima Póvoa do Varzim	Viana do Castelo Porto
Araújo	Marco de Canaveses Monção Vila Verde	Porto Viana do Castelo Braga
Arcas	Castro Daire Feira Guimarães Lousada Macedo de Cavaleiros Penedono Póvoa de Lanhoso Sever do Vouga Viana do Castelo	Viseu Viseu Braga Porto Bragança Viseu Braga Aveiro Viana do Castelo
Arcos	Amarante Anadia Braga Celorico de Basto Estremoz Maia Moimenta da Beira Montalegre Oliveira de Azemeis Ponte do Lima Póvoa de Lanhoso Tabuaço Viana do Castelo Vila do Conde	Porto Aveiro Braga Braga Évora Porto Viseu Vila Real Aveiro Viana do Castelo Braga Viseu Viana do Castelo Porto
Ataíde	Amarante Amares	Porto Braga
Atouguia	Figueira da Foz Vila Nova de Ourém	Coimbra Santarém
Aveiro	Aveiro	Aveiro
Azevedo	Arcos de Valdevez Barcelos Braga Caminha Castelo de Paiva Esposende Feira Guimarães Maia Monção Montalegre Ovar Paredes Vila do Conde	Viana do Castelo Braga Braga Viana do Castelo Aveiro Braga Aveiro Braga Porto Viana do Castelo Vila Real Aveiro Porto Porto
Azinhai	Alcoutim Aljustrel	Faro Beja

Quadro n.º 7
Localização Geográfica

	Almeida Borba Castro Marim Estremoz Fundão Odemira S. Tiago de Cacém	Guarda Évora Faro Évora Castelo Branco Beja Lisboa
Baião	Arcos de Valdevez Baião	Viana do Castelo Porto
Barbosa	Arcos de Valdevez Fafe Melgaço Penafiel Pombal	Viana do Castelo Braga Viana do Castelo Porto Leiria
Barcelos	Barcelos	Braga
Barcos	Tabuaço	Viseu
Barradas	Barcelos Lagos Portalegre S. Tiago de Cacém Silves	Braga Faro Portalegre Lisboa Faro
Barral	Amarante Amares Arcos de Valdevez Arouca Barcelos Braga Castelo de Paiva Esposende Guimarães Lousada Marco de Canaveses Melgaço Monção Montalegre Oliveira de Azemeis Penafiel Ponte da Barca Ponte do Lima Póvoa de Lanhoso Resende Sinfães Terras do Bouro Valença Viana do Castelo Vila Nova da Cerveira Vila Verde	Porto Braga Viana do Castelo Aveiro Braga Braga Aveiro Braga Braga Porto Porto Viana do Castelo Viana do Castelo Vila Real Aveiro Porto Viana do Castelo Viana do Castelo Braga Viseu Viseu Braga Viana do Castelo Viana do Castelo Viana do Castelo Braga
Barrocas	Amarante Caldas da Rainha	Porto Leiria

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Constância Ferreira do Zézere Figueiró dos vinhos Lamego Leiria Marco de Canaveses Monção Paredes Paredes de Coura Penafiel Pombal S. Pedro do Sul Tondela Torres Vedras Vila Nova de Famalicão	Santarém Santarém Leiria Viseu Leiria Porto Viana do Castelo Porto Viana do Castelo Porto Leiria Viseu Viseu Lisboa Braga
Barros	Arcos de Valdevez Braga Esposende Faro Grândola Lousada Monção Pombal Ponte do Lima Póvoa do Varzim Vila Verde	Viana do Castelo Braga Braga Faro Setúbal Porto Viana do Castelo Leiria Viana do Castelo Porto Braga
Beja	Beja	Beja
Borges	Vila Verde	Braga
Braga	Amarante Braga	Porto Braga
Brito	Guimarães Vila Nova de Gaia Vinhais	Braga Porto Bragança
Buarcos	Figueira da Foz	Coimbra
Cadilhe	Póvoa do Varzim Vila Nova de Famalicão	Porto Braga
Cairos > Caires	Amares	Braga
Calaça	Arronches	Portalegre
Caminha	Caminha	Viana do Castelo
Campo	Albergaria-a-Velha Amarante Arcos de Valdevez Arganil Baião Barcelos Braga Caldas da Rainha Caminha Celorico de Basto	Aveiro Porto Viana do Castelo Coimbra Porto Braga Braga Leiria Viana do Castelo Braga

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Fafe Felgueiras Guimarães Lousada Marco de Canaveses Meigaço Monção Oliveira do Hospital Ovar Paredes Penafiel Ponte da Barca Ponte do Lima Porto Reguengos de Monsaraz Santo Tirso Tábua Terras do Bouro Valongo Viana do Castelo Vila Nova de Famalicão Vila Nova de Gaia Vila Pouca de Aguiar Vila Real Vila Verde Viseu	Braga Porto Braga Porto Porto Viana do Castelo Viana do Castelo Coimbra Aveiro Porto Porto Viana do Castelo Viana do Castelo Porto Évora Porto Coimbra Braga Porto Viana do Castelo Braga Porto Vila Real Vila Real Braga Viseu
Canha	Anadia Feira Montijo	Aveiro Aveiro Setúbal
Canto	Águeda Baião Barcelos Castelo Branco Celorico de Basto Fafe Faro Figueira da Foz Guimarães Lousada Mesão Frio Oliveira de Azeméis	Aveiro Porto Braga Castelo Branco Braga Braga Faro Coimbra Braga Porto Vila Real Aveiro
Cardoso	Braga Celorico de Basto Póvoa do Varzim Resende	Braga Braga Porto Viseu
Caria	Belmonte Guimarães Moimenta da Beira Montalegre	Castelo Branco Braga Viseu Vila Real

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Vouzela	Viseu
Carnide	Braga Lisboa Peniche Sever do Vouga Vila Nova de Famalicão	Braga Lisboa Leiria Aveiro Braga
Carreira	Abrantes Amarante Arcos de Valdevez Armamar Barcelos Braga Castelo de Paiva Celorico de Basto Felgueiras Guimarães Leiria Lousada Maia Marco de Canaveses Mealhada Melgaço Oliveira de Azeméis Paredes Paredes de Coura Penafiel Ponte da Barca Ponte do Lima Portalegre Póvoa de Lanhoso S. Pedro do Sul Santo Tirso Sinfães Tábua Terras do Bouro Trancoso Viana do Castelo Vila Nova da Cerveira Vila Nova de Famalicão Vila Nova de Gaia Vila Verde	Santarém Porto Viana do Castelo Viseu Braga Braga Aveiro Braga Porto Braga Leiria Porto Porto Porto Aveiro Viana do Castelo Aveiro Porto Viana do Castelo Porto Viana do Castelo Viana do Castelo Portalegre Braga Viseu Porto Viseu Coimbra Braga Guarda Viana do Castelo Viana do Castelo Braga Porto Braga
Cartas	Felgueiras Guimarães Monção Ponte da Barca Vila Nova da Cerveira Vila Verde	Porto Braga Viana do Castelo Viana do Castelo Viana do Castelo Braga
Carvalho	Abrantes Águeda	Santarém Aveiro

Quadro nº 7
Localização Geográfica

Albergaria-a-Velha	Aveiro
Alcobaça	Leiria
Alenquer	Lisboa
Alvaiazere	Leiria
Amarante	Porto
Amares	Braga
Ancião	Leiria
Arcos de Valdevez	Viana do Castelo
Arganil	Coimbra
Arouca	Aveiro
Arruda dos Vinhos	Lisboa
Baião	Porto
Barcelos	Braga
Beja	Beja
Belmonte	Castelo Branco
Bombarral	Leiria
Braga	Braga
Cabeceiras de Basto	Braga
Castro Daire	Viseu
Celorico de Basto	Braga
Coimbra	Coimbra
Esposende	Braga
Fafe	Braga
Felgueiras	Porto
Ferreira do Zézere	Santarém
Figueira da Foz	Coimbra
Góis	Coimbra
Grândola	Setúbal
Guarda	Guarda
Guimarães	Braga
Lamego	Viseu
Loulé	Faro
Lousada	Porto
Maia	Porto
Meda	Guarda
Melgaço	Viana do Castelo
Mesão Frio	Vila Real
Mirandela	Bragança
Odemira	Beja
Oliveira de Azeméis	Aveiro
Oliveira do Hospital	Coimbra
Ovar	Aveiro
Paços de Ferreira	Porto
Paredes	Porto
Penacova	Coimbra
Penafiel	Porto
Poiares	Coimbra
Ponte do Lima	Viana do Castelo
Portalegre	Portalegre

Quadro II 7
Localização Geográfica

	Porto Póvoa de Lanhoso Proença-a-Nova Resende S. Pedro do Sul Santarém Santo Tirso Sertã Setúbal Sever do Vouga Tavira Tomar Tondela Valença Viana do Castelo Vila do Conde Vila Nova da Cerveira Vila Nova de Famalicão Vila Nova de Ourém Vila Verde Viseu	Porto Braga Castelo Branco Viseu Viseu Santarém Porto Castelo Branco Setúbal Aveiro Faro Santarém Viseu Viana do Castelo Viana do Castelo Porto Viana do Castelo Braga Santarém Braga Viseu
Carvalho	Águeda Amarante Amares Arouca Arronches Baião Barcelos Boticas Braga Cabeceiras de Basto Castelo de Paiva Celorico de Basto Coimbra Fafe Feira Felgueiras Grândola Guarda Guimarães Lamego Lousada Maia Marco de Canaveses Monção Montalegre Oliveira do Hospital Paredes Penacova	Aveiro Porto Braga Aveiro Portalegre Porto Braga Vila Real Braga Braga Aveiro Braga Coimbra Braga Aveiro Porto Setúbal Guarda Braga Viseu Porto Porto Porto Viana do Castelo Vila Real Coimbra Porto Coimbra

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Penafiel Peso da Régua Poiares Ponte da Barca Ponte do Lima Póvoa de Lanhoso Santo Tirso Viana do Castelo Vila do Conde Vila Nova de Famalicão Vila Nova de Gaia Vila Real Vila Verde Vila Viçosa	Porto Vila Real Coimbra Viana do Castelo Viana do Castelo Braga Porto Viana do Castelo Porto Braga Porto Vila Real Braga Évora
Cascais	Cascais Vila Nova de Famalicão	Lisboa Braga
Castanheira	Albergaria-a-Velha Alcobaça Amarante Amares Arcos de Valdevez Arganil Arouca Barcelos Bragança Caminha Coimbra Fafe Feira Felgueiras Figueiró dos Vinhos Guarda Guimarães Marco de Canaveses Mogadouro Monção Montalegre Oliveira de Azeméis Paredes de Coura Peso da Régua Ponte da Barca Ponte do Lima Póvoa de Lanhoso Proença-a-Nova Resende S. Pedro do Sul Santiago de Cacém Sinfães Tábua	Aveiro Leiria Porto Braga Viana do Castelo Coimbra Aveiro Braga Bragança Viana do Castelo Coimbra Braga Aveiro Porto Leiria Guarda Braga Porto Bragança Viana do Castelo Vila Real Aveiro Viana do Castelo Vila Real Viana do Castelo Viana do Castelo Braga Castelo Branco Viseu Viseu Setúbal Viseu Coimbra

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Trancoso Vila Nova de Famalicão	Guarda Braga
Castro/Crasto	Arcos de Valdevez Barcelos Braga Cabeceiras de Basto Castelo de Paiva Castro Daire Fafe Felgueiras Penafiel Ponte da Barca Porto Póvoa de Lanhoso Santarém Vila Nova de Gaia Vila Verde Vinhais	Viana do Castelo Braga Braga Braga Aveiro Viseu Braga Porto Porto Viana do Castelo Porto Braga Santarém Porto Braga Bragança
Cerveira	Braga Tondela Vila Nova da Cerveira	Braga Viseu Viana do Castelo
Chaves	Amarante Arcos de Valdevez Chaves Penafiel Vila Nova de Gaia	Porto Viana do Castelo Vila Real Porto Porto
Correia	Braga Celorico de Basto	Braga Braga
Corte	Alcoutim Aljustrel Amarante Felgueiras Grândola Monchique Odemira Santiago de Cacém Silves Tavira Tondela Vila Real de S. António	Faro Beja Porto Porto Setúbal Faro Beja Setúbal Faro Faro Viseu Faro
Cortes	Arcos de Valdevez Arouca Barcelos Cabeceiras de Basto Fafe Felgueiras Góis Guimarães Leiria	Viana do Castelo Aveiro Braga Braga Braga Porto Coimbra Braga Leiria

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Marco de Canaveses	Porto
	Miranda do Corvo	Coimbra
	Monção	Viana do Castelo
	Odemira	Beja
	Ponte da Barca	Viana do Castelo
	Ponte do Lima	Viana do Castelo
	Portalegre	Portalegre
	Póvoa de Lanhoso	Braga
	Resende	Viseu
	Silves	Faro
	Sinfães	Viseu
	Tondela	Viseu
	Vila Nova da Cerveira	Viana do Castelo
	Vila Nova de Ourém	Santarém
Costa	Alcobaça	Leiria
	Amarante	Porto
	Amares	Braga
	Arcos de Valdevez	Viana do Castelo
	Arouca	Aveiro
	Aveiro	Aveiro
	Baião	Porto
	Barcelos	Braga
	Braga	Braga
	Castelo de Paiva	Aveiro
	Celorico de Basto	Braga
	Coimbra	Coimbra
	Fafe	Braga
	Feira	Aveiro
	Felgueiras	Porto
	Góis	Coimbra
	Gondomar	Porto
	Guimarães	Braga
	Lamego	Viseu
	Loulé	Faro
	Lousada	Porto
	Maia	Porto
	Mangualde	Viseu
	Marco de Canaveses	Porto
	Melgaço	Viana do Castelo
	Mesão Frio	Vila Real
	Monção	Viana do Castelo
	Mondim de Basto	Vila Real
	Montemor-o-Velho	Coimbra
	Oliveira de Azeméis	Aveiro
	Oliveira do Hospital	Coimbra
	Ovar	Aveiro
	Paços de Ferreira	Porto
	Paredes	Porto
	Paredes de Coura	Viana do Castelo

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Penafiel	Porto
	Peso da Régua	Vila Real
	Ponte da Barca	Viana do Castelo
	Ponte do Lima	Viana do Castelo
	Póvoa de Lanhoso	Braga
	Resende	Viseu
	S. Pedro do Sul	Viseu
	Santo Tirso	Porto
	Sever do Vouga	Aveiro
	Sinfães	Viseu
	St ^a . Marta de Penaguião	Vila Real
	Terras do Bouro	Braga
	Tondela	Viseu
	Torres Vedras	Lisboa
	Trancoso	Guarda
	Valença	Viana do Castelo
	Valongo	Porto
	Viana do Castelo	Viana do Castelo
	Vieira do Minho	Braga
	Vila do Conde	Porto
	Vila Nova de Cerveira	Viana do Castelo
	Vila Nova de Famalicão	Braga
	Vila Nova de Gaia	Porto
	Vila Verde	Braga
	Viseu	Viseu
Couto	Alcoutim	Faro
	Arcos de Valdevez	Viana do Castelo
	Arganil	Coimbra
	Arouca	Aveiro
	Baião	Porto
	Barcelos	Braga
	Braga	Braga
	Caminha	Viana do Castelo
	Castelo de Paiva	Aveiro
	Chaves	Vila Real
	Fafe	Braga
	Felgueiras	Porto
	Figueira da Foz	Coimbra
	Gouveia	Guarda
	Guimarães	Braga
	Lamego	Viseu
	Marco de Canaveses	Porto
	Melgaço	Viana do Castelo
	Monção	Viana do Castelo
	Oliveira de Azeméis	Aveiro
	Paços de Ferreira	Porto
	Paredes	Porto
	Paredes de Coura	Viana do Castelo
	Penafiel	Porto

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Peso da Régua Ponte da Barca Ponte do Lima Póvoa de Lanhoso Resende Santo Tirso Sinfães Stº. Marta de Penaguião Tábua Tarouca Tondela Vila Nova de Cerveira Vila Nova de Famalicão Vila Nova de Gaia Vila Real Vila Verde Viseu	Vila Real Viana do Castelo Viana do Castelo Braga Viseu Porto Viseu Vila Real Coimbra Viseu Viseu Viana do Castelo Braga Porto Vila Real Braga Viseu
Cova	Abrantes Águeda Arcos de Valdevez Arouca Barcelos Celorico de Basto Fafe Feira Felgueiras Gondomar Guimarães Monção Paredes Penafiel Póvoa de Lanhoso Resende Terras de Bouro Tondela Viana do Castelo Vieira do Minho Vila Nova de Famalicão Vila Verde	Santarém Aveiro Viana do Castelo Aveiro Braga Braga Braga Aveiro Porto Porto Braga Viana do Castelo Porto Porto Braga Viseu Braga Viseu Viana do Castelo Braga Braga Braga
Cunha	Braga Paredes Paredes de Coura Ponte da Barca Ponte do Lima Sinfães Tondela Vila do Conde Vila Nova de Cerveira Vila Nova de Gaia	Braga Porto Viana do Castelo Viana do Castelo Viana do Castelo Viseu Viseu Porto Viana do Castelo Porto

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Vila Verde	Braga
Donas	Fundão Gondomar	Castelo Branco Porto
Dornelas > Ornelas	Aguiar da Beira Amares Arcos de Valdevez Boticas Sever do Vouga Vila Real Viseu	Guarda Braga Viana do Castelo Vila Real Aveiro Vila Real Viseu
Elvas	Elvas	Portalegre
Évora	Évora	Évora
Faria	Barcelos	Braga
Felgueira	Águeda Amares Arouca Braga Carrazeda de Anciães Castelo de Paiva Fafe Gondomar Guimarães Oliveira de Azeméis Oliveira do Hospital Ponte do Lima Resende Santo Tirso Terras do Bouro Valença Valongo Viana do Castelo Vila do Conde Vila Real	Aveiro Braga Aveiro Braga Bragança Aveiro Braga Porto Braga Aveiro Coimbra Viana do Castelo Viseu Porto Braga Viana do Castelo Porto Viana do Castelo Porto Vila Real
Ferreira	Arcos de Valdevez Barcelos Braga Felgueiras Macedo de Cavaleiros Melgaço Mesão Frio Paços de Ferreira Paredes de Coura Poiaras Ponte da Barca Ponte do Lima Resende Valongo Vila Real	Viana do Castelo Braga Braga Porto Bragança Viana do Castelo Vila Real Porto Viana do Castelo Coimbra Viana do Castelo Viana do Castelo Viseu Porto Vila Real

Quadro nº 7
Localização Geográfica

Figueira	Amarante Braga Castelo de Paiva Celorico de Basto Coruche Évora Fafe Guimarães Lamego Marco de Canaveses Mogadouro Paredes Paredes de Coura Penacova Penafiel Portimão Póvoa de Lanhoso Resende Sinfães Vieira do Minho	Porto Braga Aveiro Braga Santarém Évora Braga Braga Viseu Porto Bragança Porto Viana do Castelo Coimbra Porto Faro Braga Viseu Viseu Braga
Fonseca	Baião Peso da Régua Resende	Porto Vila Real Viseu
Fontes	Abrantes Albergaria-a-Velha Amares Bragança Guimarães Leiria Marco de Canaveses Melgaço Paredes Ponte do Lima Portimão Silves Sinfães Stª. Marta de Penaguião Viana do Castelo Vila Nova de Famalicão Vila Nova de Gaia Vila Pouca de Aguiar Vila Verde	Santarém Aveiro Braga Bragança Braga Leiria Porto Viana do Castelo Porto Viana do Castelo Faro Faro Viseu Vila Real Viana do Castelo Braga Porto Vila Real Braga
Fraga	Amarante Arcos de Valdevez Arouca Baião Barcelos Celorico de Basto Felgueiras	Porto Viana do Castelo Aveiro Porto Braga Braga Porto

Quadro n.º 7
Localização Geográfica

	Guimarães Lamego Marco de Canaveses Mesão Frio Monção Mondim de Basto Paredes de Coura Resende Stª. Marta de Penaguião Viana do Castelo Vila Nova de Cerveira Vila Verde	Braga Viseu Porto Vila Real Viana do Castelo Vila Real Viana do Castelo Viseu Vila Real Viana do Castelo Viana do castelo Braga
França	Bragança Lousada	Bragança Porto
Freitas	Amarante Arcos de Valdevez Barcelos Fafe Guimarães Lousada Ponte do Lima Santo Tirso Terras do Bouro Vila Verde	Porto Viana do Castelo Braga Braga Braga Porto Viana do Castelo Porto Braga Braga
Frias	Albergaria-a-Velha	Aveiro
Gaia	Baião Fafe Marco de Canaveses Melgaço Paços de Ferreira Paredes Vila Nova de Gaia	Porto Braga Porto Viana do Castelo Porto Porto Porto
Gama	Arruda dos Vinhos	Lisboa
Gândara	Águeda Amarante Amares Arcos de Valdevez Barcelos Braga Bragança Castelo de Paiva Celorico de Basto Esposende Fafe Feira Felgueiras Gondomar Guimarães Lousada	Aveiro Porto Braga Viana do Castelo Braga Braga Bragança Aveiro Braga Braga Braga Aveiro Porto Porto Braga Porto

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Maia Marco de Canaveses Monção Oliveira de Azeméis Paredes Paredes de Coura Penafiel Ponte do Lima Póvoa de Varzim Sever do Vouga Sinfães Terras do Bouro Tondela Valença Valongo Viana do Castelo Vieira do Minho Vila do Conde Vila Nova de Cerveira Vila Nova de Famalicão Vila Nova de Gaia Vila Verde	Porto Porto Viana do Castelo Aveiro Porto Viana do Castelo Porto Viana do Castelo Porto Aveiro Viseu Braga Viseu Viana do Castelo Porto Viana do Castelo Braga Porto Viana do Castelo Braga Porto Braga
Gave	Melgaço Vila Nova da Cerveira	Viana do Castelo Viana do Castelo
Góis	Arganil	Coimbra
Gouveia	Alfândega da Fé Amarante Gouveia	Bragança Porto Guarda
Guimarães	Amarante Guimarães Vila Nova de Gaia Viseu	Porto Braga Porto Viseu
Horta	Alcácer do Sal Arouca Faro Loures Monchique Oliveira de Azeméis Ponte de Lima Porto Torre de Moncorvo Vila Nova de Cerveira Vila Nova de Fozcoa Vila Nova de Gaia Vila Verde	Setúbal Aveiro Faro Lisboa Faro Aveiro Viana do Castelo Porto Bragança Viana do Castelo Guarda Porto Braga
Lagos	Alvaizere Lagos Oliveira de Azeméis Ponte de Lima	Leiria Faro Aveiro Viana do Castelo

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Porto Vila Nova de Cerveira Vila Nova de Gaia Vila Verde	Porto Viana do Castelo Porto Braga
Lamego	Lamego	Viseu
Leiria	Guimarães Leiria	Braga Leiria
Lemos	Guimarães Leiria Montemor-o-Velho	Braga Leiria Coimbra
Lima	Ponte do Lima	Viana do Castelo
Linhares	Arcos de Valdevez Arganil Braga Carrazeda de Anciais Castelo de Paiva Celorico da Beira Celorico de Basto Fafe Guimarães Lousada Maia Marco de Canaveses Mogadouro Monção Oliveira do Hospital Paredes de Coura Peso da Régua Ponte do Lima Póvoa de Lanhoso Santo Tirso Tábua Vila Nova de Cerveira Vila Nova de Famalicão Vila Real Vila Verde	Viana do Castelo Coimbra Braga Bragança Aveiro Guarda Braga Braga Braga Porto Porto Porto Bragança Viana do Castelo Coimbra Viana do Castelo Vila Real Viana do Castelo Braga Porto Coimbra Viana do Castelo Braga Vila Real Braga
Lisboa	Lisboa	Lisboa
Lordelo	Amares Arcos de Valdevez Baião Barcelos Celorico de Basto Fafe Feira Felgueiras Guimarães Marco de Canaveses Monção Paredes	Braga Viana do Castelo Porto Braga Braga Braga Aveiro Porto Braga Porto Viana do Castelo Porto

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Penafiel Valença Vila Nova de Famalicão Vila Real Vila Verde	Porto Viana do Castelo Braga Vila Real Braga
Loredo	Lousada	Porto
Macedo	Barcelos Bragança Macedo de Cavaleiros Mogadouro	Braga Bragança Bragança Bragança
Magalhães	Ponte da Barca Póvoa de Lanhoso	Viana do Castelo Braga
Maia	Felgueiras Guimarães Maia Mondim de Basto Paredes Póvoa de Lanhoso Vila do Conde Vila Nova de Famalicão Vila Nova de Ourém	Porto Braga Porto Vila Real Porto Braga Porto Braga Santarém
Mascarenhas	Mirandela	Bragança
Mata	Alenquer Alvaizere Arouca Arruda dos Vinhos Baião Barcelos Braga Caldas da Rainha Castelo Branco Castelo de Paiva Coimbra Fafe Feira Fundão Guimarães Lamego Leiria Marco de Canaveses Ponte da Barca Ponte do Lima Resende Sinfães Tondela Valença Vila do Conde Vila Nova de Famalicão Vila Nova de Gaia	Lisboa Leiria Aveiro Lisboa Porto Braga Braga Leiria Castelo Branco Aveiro Coimbra Braga Aveiro Castelo Branco Braga Viseu Leiria Porto Viana do Castelo Viana do Castelo Viseu Viseu Viseu Viana do Castelo Porto Braga Porto

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Vila Nova de Ourém Vila Verde Viseu	Santarém Braga Viseu
Matos	Alandroal Alvaizere Arouca Arruda dos Vinhos Baião Barcelos Feira Ferreira do Zézere Guimarães Leiria Marco de Canaveses Marinha Grande Mesão Frio Monchique Paredes Penafiel Porto Póvoa de Lanhoso Resende Santarém Santo Tirso St ^a . Marta de Penaguião Viana do Castelo Vila Nova de Ourém	Évora Leiria Aveiro Lisboa Porto Braga Aveiro Santarém Braga Leiria Porto Leiria Vila Real Faro Porto Porto Porto Braga Viseu Santarém Porto Vila Real Viana do Castelo Santarém
Medeiros	Montalegre Vila Nova de Gaia	Vila Real Porto
Meireles	Mirandela Vila Flor	Bragança Bragança
Melgaço	Melgaço	Viana do Castelo
Melim	Valença	Viana do Castelo
Melo	Gouveia	Guarda
Mendonça	Portalegre	Portalegre
Menezes	Vila Nova de Gaia Vila Real	Porto Vila Real
Miranda	Arcos de Valdevez Guimarães Miranda do Corvo Miranda do Douro	Viana do Castelo Braga Coimbra Bragança
Morais	Macedo de Cavaleiros Ponte do Lima Sinfães	Bragança Viana do Castelo Viseu
Moreira	Aguiar da Beira Arcos de Valdevez Baião Cabeceiras de Basto Castelo de Paiva	Guarda Viana do Castelo Porto Braga Aveiro

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Celorico de Basto Fafe Gondomar Guimarães Lamego Maia Monção Paredes Peso da Régua Ponte do Lima S. Pedro do Sul Santo Tirso Viana do Castelo Vila Nova da Cerveira Vila Pouca de Aguiar Viseu	Braga Braga Porto Braga Viseu Porto Viana do Castelo Porto Vila Real Viana do Castelo Viseu Porto Viana do Castelo Viana do Castelo Vila Real Viseu
Mota	Amarante Barcelos Braga Celorico de Basto Feira Guimarães Ponte da Barca Ponte do Lima Póvoa de Lanhoso S. Pedro do Sul Terras de Bouro Vila Nova da Cerveira	Porto Braga Braga Braga Aveiro Braga Viana do Castelo Viana do Castelo Braga Viseu Braga Viana do Castelo
Moura	Guarda Guimarães Marco de Canaveses Moura Oliveira do Hospital	Guarda Braga Porto Beja Coimbra
Nabais	Amarante Barcelos Cartaxo Gouveia Ponte do Lima	Porto Braga Santarém Guarda Viana do Castelo
Nóbrega	Penafiel	Porto
Nogueira	Amarante Arcos de Valdevez Arganil Arouca Baião Barcelos Boticas Braga Bragança Cabeceiras de Basto	Porto Viana do Castelo Coimbra Aveiro Porto Braga Vila Real Braga Bragança Braga

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Castelo de Paiva Celorico de Basto Fafe Felgueiras Guimarães Lousada Macedo de Cavaleiros Maia Marco de Canaveses Melgaço Monção Oliveira de Azeméis Paredes de Coura Penafiel Peso da Régua Ponte da Barca Ponte do Lima Resende Sever do Vouga Sinfães Stª. Marta de Penaguião Tábua Viana do Castelo Vila Nova da Cerveira Vila Verde Viseu	Aveiro Braga Braga Porto Braga Porto Bragança Porto Porto Viana do Castelo Viana do Castelo Aveiro Viana do Castelo Porto Vila Real Viana do Castelo Viana do Castelo Viseu Aveiro Viseu Vila Real Coimbra Viana do Castelo Viana do Castelo Braga Viseu
Novais	Amarante Arcos de Valdevez Arouca Baião Barcelos Cabeceiras de Basto Castelo de Paiva Guimarães Lamego Ponte da Barca Póvoa de Lanhoso Resende S. Pedro do Sul Santo Tirso Sinfães Vila Nova da Cerveira Vila Nova de Famalicão	Porto Viana do Castelo Aveiro Porto Braga Braga Aveiro Braga Viseu Viana do Castelo Braga Viseu Viseu Porto Viseu Viana do Castelo Braga
Oeiras	Oeiras	Lisboa
Olival	Amarante Arcos de Valdevez Arouca Baião Barcelos	Porto Viana do Castelo Aveiro Porto Braga

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Ferreira do Zézere Figueiró dos Vinhos Guimarães Lousada Marco de Canaveses Pombal Resende Viana do Castelo Vila Nova de Famalicão Vila Nova de Gaia Vila Nova de Ourém Vila Verde	Santarém Leiria Braga Porto Porto Leiria Viseu Viana do Castelo Braga Porto Santarém Braga
Oliveira	Amarante Arcos de Valdevez Arronches Barcelos Braga Castelo de Paiva Feira Guimarães Marco de Canaveses Melgaço Mesão Frio Monchique Paredes de Coura Penafiel Póvoa de Lanhoso Póvoa de Varzim S. Pedro do Sul Santo Tirso Sinfães Viana do Castelo Vila do Conde Vila Nova de Famalicão Vila Nova de Gaia Vila Verde	Porto Viana do Castelo Portalegre Braga Braga Aveiro Aveiro Braga Porto Viana do Castelo Vila Real Faro Viana do Castelo Porto Braga Porto Viseu Porto Viseu Viana do Castelo Porto Braga Porto Braga
Paiva	Lousada Vila Nova de Paiva	Porto Viseu
Palma	Alcácer do Sal Ponte do Lima Resende Vila Viçosa	Setúbal Viana do Castelo Viseu Évora
Palme	Barcelos	Braga
Parada	Alfândega da Fé Almeida Amarante Arcos de Valdevez Arouca Baíão	Bragança Guarda Porto Viana do Castelo Aveiro Porto

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Braga Cabeceiras de Basto Castelo de Paiva Chaves Feira Lamego Melgaço Monção Mondim de Basto Paços de Ferreira Paredes de Coura Ponte da Barca Ponte do Lima Santo Tirso Sever do Vouga Terras de Bouro Vila do Conde Vila Nova de Famalicão Vila Real	Braga Braga Aveiro Vila Real Aveiro Viseu Viana do Castelo Viana do Castelo Vila Real Porto Viana do Castelo Viana do Castelo Viana do Castelo Porto Aveiro Braga Porto Braga Vila Real
Pedroso	Braga Celorico de Basto Felgueiras Guimarães Lousada Póvoa de Varzim Vila Nova de Gaia	Braga Braga Porto Braga Porto Porto Porto
Pera	Almada Castanheira de Pera Silves	Setúbal Leiria Faro
Peral	Alportel Cadaval Proença-a-Nova Torres Novas	Faro Lisboa Castelo Branco Santarém
Pereira	Alvaizere Amarante Amares Arcos de Valdevez Arouca Baião Barcelos Beja Braga Caminha Castelo de Paiva Castro Daire Celorico de Basto Esposende Fafe Feira	Leiria Porto Braga Viana do Castelo Aveiro Porto Braga Beja Braga Viana do Castelo Aveiro Viseu Braga Braga Braga Aveiro

Quadro nº 7

Localização Geográfica

	Felgueiras	Porto
	Guarda	Guarda
	Guimarães	Braga
	Lamego	Viseu
	Lousada	Porto
	Marco de Canaveses	Porto
	Melgaço	Viana do Castelo
	Mesão Frio	Vila Real
	Miranda do Corvo	Coimbra
	Mirandela	Bragança
	Monção	Viana do Castelo
	Montalegre	Vila Real
	Montemor-o-Velho	Coimbra
	Oliveira de Azeméis	Aveiro
	Paredes de Coura	Viana do Castelo
	Peso da Régua	Vila Real
	Ponte da Barca	Viana do Castelo
	Ponte do Lima	Viana do Castelo
	Póvoa de Lanhoso	Braga
	Silves	Faro
	Sinfães	Viseu
	Tábua	Coimbra
	Valença	Viana do Castelo
	Viana do Castelo	Viana do Castelo
	Vieira do Minho	Braga
	Vila do Conde	Porto
	Vila Nova de Famalicão	Braga
	Vila Real	Vila Real
Pinheiro	Abrantes	Santarém
	Aguiar da Beira	Guarda
	Albergaria-a-Velha	Aveiro
	Amarante	Porto
	Amares	Braga
	Arcos de Valdevez	Viana do Castelo
	Arganil	Coimbra
	Arouca	Aveiro
	Arruda dos Vinhos	Lisboa
	Baião	Porto
	Barcelos	Braga
	Braga	Braga
	Cabeceiras de Basto	Braga
	Castelo de Paiva	Aveiro
	Castro Daire	Viseu
	Celorico de Basto	Braga
	Fafe	Braga
	Feira	Aveiro
	Felgueiras	Porto
	Ferreira do Alentejo	Beja
	Ferreira do Zézere	Santarém

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Gondomar Guimarães Lamego Leiria Lousada Marco de Canaveses Melgaço Mértola Monção Odemira Oliveira de Azeméis Oliveira de Frades Paredes Paredes de Coura Penafiel Peso da Régua Ponte de Lima Portalegre Resende Santarém Tavira Tondela Valença Viana do Castelo Vieira do Minho Vila do Conde Vila Nova de Famalicão Vila Nova de Gaia Vila Nova de Ourém Vila Real de S. António Vila Verde Viseu	Porto Braga Viseu Leiria Porto Porto Viana do Castelo Beja Viana do Castelo Beja Aveiro Viseu Porto Viana do Castelo Porto Vila Real Viana do Castelo Portalegre Viseu Santarém Faro Viseu Viana do Castelo Viana do Castelo Braga Porto Braga Porto Santarém Faro Braga Viseu
Pó	Amarante Bombarral	Porto Leiria
Poiares	Freixe de Espada-à-Cinta Lousã Peso da Régua Poiares Ponte do Lima Sertã Vieira do Minho	Bragança Coimbra Vila Real Coimbra Viana do Castelo Castelo Branco Braga
Ponte	Abrantes Águeda Albergaria-a-Velha Amarante Amares Arcos de Valdevez Baião Barcelos	Santarém Aveiro Aveiro Porto Braga Viana do Castelo Porto Braga

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Braga	Braga
	Cabeceiras de Basto	Braga
	Caminha	Viana do Castelo
	Castelo de Paiva	Aveiro
	Castro Daire	Viseu
	Celorico de Basto	Braga
	Esposende	Braga
	Fafe	Braga
	Feira	Aveiro
	Felgueiras	Porto
	Gondomar	Porto
	Guimarães	Braga
	Lagos	Faro
	Lousã	Coimbra
	Marco de Canaveses	Porto
	Melgaço	Viana do Castelo
	Monção	Viana do Castelo
	Montalegre	Vila Real
	Oliveira de Azeméis	Aveiro
	Paços de Ferreira	Porto
	Paredes	Porto
	Paredes de Coura	Viana do Castelo
	Penacova	Coimbra
	Penafiel	Porto
	Ponte de Lima	Viana do Castelo
	Póvoa de Lanhoso	Braga
	Resende	Viseu
	S. Pedro do Sul	Viseu
	Santo Tirso	Porto
	Seia	Guarda
	Sertã	Castelo Branco
	Sever do Vouga	Aveiro
	Stª. Marta de Penaguião	Vila Real
	Tomar	Santarém
	Tondela	Viseu
	Valença	Viana do Castelo
	Viana do Castelo	Viana do Castelo
	Vieira do Minho	Braga
	Vila Nova de Cerveira	Viana do Castelo
	Vila Nova de Famalicão	Braga
	Vila Real	Vila Real
	Vila Real de S. António	Faro
	Vila Verde	Braga
	Vouzela	Viseu
Ponte de Lima	Ponte do Lima	Viana do Castelo
Portel	Portel	Évora
Porto	Arcos de Valdevez	Viana do Castelo
	Arganil	Coimbra
	Braga	Braga

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Celorico de Basto Fafe Felgueiras Lousada Melgaço Monção Porto Santo Tirso Viana do Castelo Vila Verde	Braga Braga Porto Porto Viana do Castelo Viana do Castelo Porto Porto Viana do Castelo Braga
Póvoas	Feira Guimarães Póvoa de Varzim Sinfães Valongo Vila do Conde	Aveiro Braga Porto Viseu Porto Porto
Praça	Amarante Cabeceiras de Basto Celorico de Basto Feira Guimarães Lamego Mesão Frio Mondim de Basto Oliveira de Azeméis Paços de Ferreira Póvoa de Varzim Torres Novas Vila Nova de Famalicão Vila Nova de Paiva	Porto Braga Braga Aveiro Braga Viseu Vila Real Vila Real Aveiro Porto Porto Santarém Braga Viseu
Prado	Aguiar da Beira Amarante Armamar Baião Cabeceiras de Basto Caminha Celorico de Basto Fafe Felgueiras Guarda Guimarães Lamego Marco de Canaveses Matosinhos Melgaço Moimenta da Beira Paredes Ponte de Lima Resende	Guarda Porto Viseu Porto Braga Viana do Castelo Braga Braga Porto Guarda Braga Viseu Porto Porto Viana do Castelo Viseu Porto Viana do Castelo Viseu

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Santarém Santo Tirso Seia Sinfães Tomar Tondela Valença Vila do Conde Vila Nova de Cerveira Vila Nova de Famalicão Vila Real Vila Verde	Santarém Porto Guarda Viseu Santarém Viseu Viana do Castelo Porto Viana do Castelo Braga Vila Real Braga
Pratas	Arronches Cartaxo	Portalegre Santarém
Proença	Proença-a-Nova Proença-a-Velha	Castelo Branco Castelo Branco
Quadros	Sever do Vouga	Aveiro
Quintal	Braga Celorico de Basto Guimarães Mafra Tondela Viana do Castelo	Braga Braga Braga Lisboa Viseu Viana do Castelo
Rego	Águeda Amarante Arcos de Valdevez Barcelos Braga Caminha Celorico de Basto Elvas Fafe Feira Felgueiras Figueiró dos Vinhos Guimarães Lamego Marco de Canaveses Marinha Grande Melgaço Monção Oliveira de Azeméis Ovar Paços de Ferreira Ponte de Lima Póvoa de Lanhoso Santo Tirso Seia Viana do Castelo	Aveiro Porto Viana do Castelo Braga Braga Viana do Castelo Braga Portalegre Braga Aveiro Porto Leiria Braga Viseu Porto Leiria Viana do Castelo Viana do Castelo Aveiro Aveiro Porto Viana do Castelo Braga Porto Guarda Viana do Castelo

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Vieira do Minho Vila Nova de Cerveira Vila Nova de Famalicão Vila Verde Viseu	Braga Viana do Castelo Braga Braga Viseu
Régua	Monção Peso da Régua	Viana do Castelo Vila Real
Renhobre	Lousada	Porto
Resende	Braga Felgueiras Guimarães Paredes de Coura Ponte de Lima Resende	Braga Porto Braga Viana do Castelo Viana do Castelo Viseu
Ribeira	Abrantes Alcobaça Alvaiazere Amarante Amares Arcos de Valdevez Armamar Arouca Baião Barcelos Braga Cabeceiras de Basto Cartaxo Castelo de Paiva Castro Daire Celorico da Beira Celorico de Basto Coimbra Fafe Faro Feira Felgueiras Gondomar Gouveia Guimarães Lousada Macedo de Cavaleiros Maia Marco de Canaveses Mesão Frio Monchique Odemira Oliveira de Azeméis Oliveira do Hospital Paços de Ferreira	Santarém Leiria Leiria Porto Braga Viana do Castelo Viseu Aveiro Porto Braga Braga Braga Santarém Aveiro Viseu Guarda Braga Coimbra Braga Faro Aveiro Porto Porto Guarda Braga Porto Bragança Porto Porto Vila Real Faro Beja Aveiro Coimbra Porto

Quadro nº 7

Localização Geográfica

	Paredes	Porto
	Penafiel	Porto
	Peso da Régua	Vila Real
	Ponte da Barca	Viana do Castelo
	Ponte do Lima	Viana do Castelo
	Portalegre	Portalegre
	Póvoa de Lanhoso	Braga
	Póvoa de Varzim	Porto
	Santo Tirso	Porto
	Seia	Guarda
	Sever do Vouga	Aveiro
	Sousel	Portalegre
	Tarouca	Viseu
	Terras de Bouro	Braga
	Valongo	Porto
	Viana do Castelo	Viana do Castelo
	Vila do Conde	Porto
	Vila Flor	Bragança
	Vila Nova de Famalicão	Braga
	Vila Nova de Ourém	Santarém
	Vila Nova de Paiva	Viseu
	Vila Real	Vila Real
	Vila Verde	Braga
Ribeiro	Águeda	Aveiro
	Albergaria-a-Velha	Aveiro
	Alportel	Faro
	Amarante	Porto
	Amares	Braga
	Arcos de Valdevez	Viana do Castelo
	Arganil	Coimbra
	Arouca	Aveiro
	Baião	Porto
	Barcelos	Braga
	Braga	Braga
	Cabeceiras de Basto	Braga
	Caminha	Viana do Castelo
	Castelo de Paiva	Aveiro
	Celorico de Basto	Braga
	Coimbra	Coimbra
	Esposende	Braga
	Fafe	Braga
	Feira	Aveiro
	Felgueiras	Porto
	Guimarães	Braga
	Lamego	Viseu
	Leiria	Leiria
	Lousada	Porto
	Maia	Porto
	Marco de Canaveses	Porto

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	<p>Mesão Frio Monção Montemor-o-Velho Oliveira de Azeméis Paços de Ferreira Paredes Paredes de Coura Portalegre Póvoa de Lanhoso Resende Santo Tirso St^a. Marta de Penaguião Tondela Viana do Castelo Vieira do Minho Vila do Conde Vila Nova de Cerveira Vila Nova de Famalicão Vila Real Vila Verde</p>	<p>Vila Real Viana do Castelo Coimbra Aveiro Porto Porto Viana do Castelo Portalegre Braga Viseu Porto Vila Real Viseu Viana do Castelo Braga Porto Viana do Castelo Braga Vila Real Braga</p>
Rocha	<p>Alvaiazere Cabeceiras de Basto Caminha Gouveia Guimarães Monchique Paços de Ferreira Ponte de Lima Portimão S. Pedro do Sul Viana do Castelo</p>	<p>Leiria Braga Viana do Castelo Guarda Braga Faro Porto Viana do Castelo Faro Viseu Viana do Castelo</p>
Sá	<p>Amarante Arcos de Valdevez Arouca Baião Barcelos Braga Castelo de Paiva Fafe Feira Felgueiras Guimarães Lousada Maia Melgaço Monção Oliveira de Azeméis Paredes Penafiel</p>	<p>Porto Viana do Castelo Aveiro Porto Braga Braga Aveiro Braga Aveiro Porto Braga Porto Porto Viana do Castelo Viana do Castelo Aveiro Porto Porto</p>

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Peso da Régua Ponte do Lima Póvoa de Lanhoso Santo Tirso Sinfães Terras de Bouro Valongo Vila Nova de Famalicão Vila Nova de Gaia Vila Verde	Vila Real Viana do Castelo Braga Porto Viseu Braga Porto Braga Porto Braga
Salas	Coimbra	Coimbra
Santarém	Castro Daire Figueiró dos Vinhos Guimarães Santarém	Viseu Leiria Braga Santarém
Saraiva	Castelo Branco Coimbra	Castelo Branco Coimbra
Segura	Idanha-a-Nova	Castelo Branco
Sequeira	Braga Celorico da Beira Valença	Braga Guarda Viana do Castelo
Serra	Aguiar da Beira Amarante Ancião Arronches Barcelos Braga Cabeceiras de Basto Celorico da Beira Coimbra Felgueiras Figueira da Foz Freixo de Espada-à-Cinta Gondomar Lamego Loulé Lousada Melgaço Odemira Paredes Penafiel Póvoa de Varzim Sabrosa Santo Tirso Sever do Vouga Tomar Vila Nova de Cerveira Vila Nova de Famalicão	Guarda Porto Leiria Portalegre Braga Braga Braga Guarda Coimbra Porto Coimbra Bragança Porto Viseu Faro Porto Viana do Castelo Beja Porto Porto Porto Vila Real Porto Aveiro Santarém Viana do Castelo Braga

Quadro nº 7
Localização Geográfica

Serradas	Alcobaça Figueiró dos Vinhos	Leiria Leiria
Silva	Barcelos Cabeceiras de Basto Feira Guarda Guimarães Miranda do Douro Paços de Ferreira Resende Valença Valpaços Vila Verde Viseu	Braga Braga Aveiro Guarda Braga Bragança Porto Viseu Viana do Castelo Vila Real Braga Viseu
Silveira	Alenquer Almada Arcos de Valdevez Armamar Braga Castelo de Paiva Castro Marim Feira Felgueiras Guimarães Mangualde Marco de Canaveses Ponte de Lima Sever do Vouga Silves St ^a . Marta de Penaguião Torres Vedras Vila do Conde Vila Verde	Lisboa Setúbal Viana do Castelo Viseu Braga Aveiro Faro Aveiro Porto Braga Viseu Porto Viana do Castelo Aveiro Faro Vila Real Lisboa Porto Braga
Sintra	Sintra	Lisboa
Sousa	Celorico de Basto Felgueiras Gondomar Lousada Paredes Penafiel Ponte de Lima Viana do Castelo Vouzela	Braga Porto Porto Porto Porto Porto Viana do Castelo Viana do Castelo Viseu
Sousel	Sousel	Portalegre
Souto	Abrantes Aguiar da Beira Albergaria-a-Velha Alenquer Amarante	Santarém Guarda Aveiro Lisboa Porto

Quadro nº 7
Localização Geográfica

Amares	Braga
Arcos de valdevez	Viana do Castelo
Arouca	Aveiro
Baião	Porto
Barcelos	Porto
Braga	Braga
Cabeceiras de Basto	Braga
Caminha	Viana do Castelo
Castelo de Paiva	Aveiro
Celorico de Basto	Braga
Esposende	Braga
Fafe	Braga
Feira	Aveiro
Felgueiras	Porto
Gondomar	Porto
Guimarães	Braga
Lamego	Viseu
Lousada	Porto
Maia	Porto
Marco de Canaveses	Porto
Matosinhos	Porto
Melgaço	Viana do Castelo
Mogadouro	Bragança
Monção	Viana do Castelo
Oliveira de Azeméis	Aveiro
Paços de Ferreira	Porto
Paredes	Porto
Paredes de Coura	Viana do Castelo
Penafiel	Porto
Peso da Régua	Vila Real
Poiares	Coimbra
Ponte de Lima	Viana do Castelo
Póvoa de Lanhoso	Braga
Resende	Viseu
S. Pedro do Sul	Viseu
Sabugal	Guarda
Santo Tirso	Porto
Sever do Vouga	Aveiro
St ^a . Marta de Penaguião	Vila Real
Terras de Bouro	Braga
Tondela	Viseu
Valença	Viana do Castelo
Valongo	Porto
Viana do Castelo	Viana do Castelo
Vieira do Minho	Braga
Vila do Conde	Porto
Vila Nova de Cerveira	Viana do Castelo
Vila Nova de Famalicão	Braga
Vila Nova de Gaia	Porto

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Vila Pouca de Aguiar Vila Real Vila Verde Vinhais Viseu	Vila Real Vila Real Braga Bragança Viseu
Soveral > Sobral	Alcácer do Sal Ancião Arouca Caminha Carregal do Sal Coimbra Covilhã Feira Ferreira do Zézere Figueira da Foz Góis Guarda Leiria Lousã Melgaço Mortágua Oleiros Oliveira de Azeméis Ovar Paredes de Coura Penacova Pombal Ponte de Lima Portalegre S. Pedro do Sul Santarém Santo Tirso Seia Sertã Sever do Vouga Silves Torres Vedras Viana do Castelo Vila Franca de Xira Vila Nova de Cerveira Vila Nova de Gaia Vila Nova de Ourém Vila Real de S. António Vila Verde	Setúbal Leiria Aveiro Viana do Castelo Viseu Coimbra Castelo Branco Aveiro Santarém Coimbra Coimbra Guarda Leiria Coimbra Viana do Castelo Viseu Castelo Branco Aveiro Aveiro Viana do Castelo Coimbra Leiria Viana do Castelo Portalegre Viseu Santarém Porto Guarda Castelo Branco Aveiro Faro Lisboa Viana do Castelo Lisboa Viana do Castelo Porto Santarém Faro Braga
Tanque	Alcobaça Barcelos Braga Celorico de Basto Lousada	Leiria Braga Braga Braga Porto

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Marco de Canaveses Paredes Ponte de Lima Vila Verde	Porto Porto Viana do Castelo Braga
Tarouca	Ancião Tábua Tarouca	Leiria Coimbra Viseu
Tavares	Arcos de Valdevez Guarda Viseu	Viana do Castelo Guarda Viseu
Taveira	Condeixa-a-Nova Tomar	Coimbra Santarém
Tavira	Tavira	Faro
Teive	Felgueiras	Porto
Teixeira	Amarante Arganil Baião Braga Caldas da Rainha Felgueiras Guimarães Miranda do Douro Sabrosa Seia	Porto Coimbra Porto Braga Leiria Porto Braga Bragança Vila Real Guarda
Terra Nova	Monção Resende Stª. Marta de Penaguião	Viana do Castelo Viseu Vila Real
Tomar	Tomar	Santarém
Torre	Alcácer do Sal Amarante Amares Ancião Arcos de Valdevez Arronches Barcelos Braga Cabeceiras de Basto Caldas da Rainha Caminha Castelo Branco Castelo de Paiva Celorico de Basto Chaves Coimbra Esposende Fafe Feira Felgueiras Guarda	Setúbal Porto Braga Leiria Viana do Castelo Portalegre Braga Braga Braga Leiria Viana do Castelo Castelo Branco Aveiro Braga Vila Real Coimbra Braga Aveiro Porto Guarda

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Guimarães	Braga
	Idanha-a-Nova	Castelo Branco
	Lagos	Faro
	Lamego	Viseu
	Lousada	Porto
	Mangualde	Viseu
	Marco de Canaveses	Porto
	Melgaço	Viana do Castelo
	Montemor-o-Velho	Coimbra
	Oliveira de Azeméis	Aveiro
	Oliveira de Frades	Viseu
	Ovar	Aveiro
	Paços de Ferreira	Porto
	Paredes	Porto
	Paredes de Coura	Viana do Castelo
	Penafiel	Porto
	Peso da Régua	Vila Real
	Ponte da Barca	Viana do Castelo
	Ponte de Lima	Viana do Castelo
	Portalegre	Portalegre
	Portimão	Faro
	Póvoa de Lanhoso	Braga
	Resende	Viseu
	S. Pedro do Sul	Viseu
	Santarém	Santarém
	Santo Tirso	Porto
	Silves	Faro
	Sinfães	Viseu
	Tábua	Coimbra
	Terras de Bouro	Braga
	Tomar	Santarém
	Valença	Viana do Castelo
	Viana do Castelo	Viana do Castelo
	Vieira do Minho	Braga
	Vila do Conde	Porto
	Vila Nova de Famalicão	Braga
	Vila Nova de Gaia	Porto
	Vila Verde	Braga
	Viseu	Viseu
Travassos/Travaços	Arcos de Valdevez	Viana do Castelo
	Barcelos	Braga
	Castelo de Paiva	Aveiro
	Fafe	Braga
	Felgueiras	Porto
	Guimarães	Braga
	Lousã	Coimbra
	Marco de Canaveses	Porto
	Monção	Viana do Castelo
	Mondim de Basto	Vila Real

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Oliveira de Frades	Viseu
	Penafiel	Porto
	Peso da Régua	Vila Real
	Póvoa de Lanhoso	Braga
	Póvoa de Varzim	Porto
	Santo Tirso	Porto
	Sinfães	Viseu
	Stª. Marta de Penaguião	Vila Real
	Terras de Bouro	Braga
	Vieira do Minho	Braga
	Vila Nova de Famalicão	Braga
	Vila Verde	Braga
	Viseu	Viseu
Valadares	Baião	Porto
	Marco de Canaveses	Porto
	Monção	Viana do Castelo
	S. Pedro do Sul	Viseu
	Viana do Castelo	Viana do Castelo
	Vila Nova de Gaia	Porto
Vale	Abrantes	Santarém
	Águeda	Aveiro
	Albergaria-a-Velha	Aveiro
	Alcobaça	Leiria
	Amarante	Porto
	Amares	Braga
	Ancião	Leiria
	Arcos de Valdevez	Viana do Castelo
	Arouca	Aveiro
	Baião	Porto
	Barcelos	Braga
	Braga	Braga
	Cabeceiras de Basto	Braga
	Caldas da Rainha	Leiria
	Caminha	Viana do Castelo
	Castelo de Paiva	Aveiro
	Celorico de Basto	Braga
	Fafe	Braga
	Feira	Aveiro
	Felgueiras	Porto
	Ferreira do Zézere	Santarém
	Guimarães	Braga
	Lamego	Viseu
	Loulé	Faro
	Lousã	Coimbra
	Lousada	Porto
	Maia	Porto
	Mangualde	Viseu
	Marco de Canaveses	Porto
	Monção	Viana do Castelo

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Paços de Ferreira	Porto
	Paredes	Porto
	Paredes de Coura	Viana do Castelo
	Ponte da Barca	Viana do Castelo
	Ponte do Lima	Viana do Castelo
	Portimão	Faro
	Resende	Viseu
	Santo Tirso	Porto
	Silves	Faro
	Terras de Bouro	Braga
	Valongo	Porto
	Viana do Castelo	Viana do Castelo
	Vieira do Minho	Braga
	Vila Nova de Cerveira	Viana do Castelo
	Vila Nova de Famalicão	Braga
	Vila Nova de Gaia	Porto
	Vila Verde	Braga
	Viseu	Viseu
Vares > Varas	Abrantes	Santarém
Vasconcelos	Amares	Braga
Veiga	Águeda	Aveiro
	Amares	Braga
	Arcos de Valdevez	Viana do Castelo
	Barcelos	Braga
	Braga	Braga
	Cabeceiras de Basto	Braga
	Celorico de Basto	Braga
	Esposende	Braga
	Fafe	Braga
	Felgueiras	Porto
	Guimarães	Braga
	Marco de Canaveses	Porto
	Melgaço	Viana do Castelo
	Mesão Frio	Vila Real
	Monção	Viana do Castelo
	Mondim de Basto	Vila Real
	Paredes de Coura	Viana do Castelo
	Ponte da Barca	Viana do Castelo
	Ponte do Lima	Viana do Castelo
	Póvoa de Lanhoso	Braga
	Seia	Guarda
	Sinfães	Viseu
	St ^a . Marta de Penaguião	Vila Real
	Vieira do Minho	Braga
	Vila Nova de Cerveira	Viana do Castelo
	Vila Nova de Famalicão	Braga
	Vila Verde	Braga
Velosa	Celorico da Beira	Guarda

Quadro nº 7
Localização Geográfica

Viana	Marco de Canaveses Viana do Alentejo Viana do Castelo	Porto Évora Viana do Castelo
Vieira	Fafe Guimarães Paredes de Coura Ponte da Barca Vieira de Leiria Vieira do Minho	Braga Braga Viana do Castelo Viana do Castelo Leiria Braga
Vila	Águeda Alvaizere Amarante Amares Arcos de Valdevez Arouca Baião Barcelos Braga Castelo de Paiva Castro Daire Celorico de Basto Fafe Felgueiras Figueiró dos Vinhos Guimarães Lousã Lousada Marco de Canaveses Melgaço Monção Mondim de Basto Montalegre Odemira Paços de Ferreira Paredes Paredes de Coura Penafiel Poiães Ponte da Barca Ponte de Lima Póvoa de Lanhoso Póvoa de Varzim Resende S. Pedro do Sul Santo Tirso Sever do Vouga Sinfães Stª. Marta de Penaguião Terras de Bouro	Aveiro Leiria Porto Braga Viana do Castelo Aveiro Porto Braga Braga Aveiro Viseu Braga Braga Porto Leiria Braga Coimbra Porto Porto Viana do Castelo Viana do Castelo Vila Real Vila Real Beja Porto Porto Viana do Castelo Porto Coimbra Viana do Castelo Viana do Castelo Braga Porto Viseu Viseu Porto Aveiro Viseu Vila Real Braga

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Tondela Vieira do Minho Vila Nova de Famalicão Vila Verde	Viseu Braga Braga Braga
Vila do Conde	Melgaço Vila do Conde Vila Pouca de Aguiar	Viana do Castelo Porto Vila Real
Vila Lobos	Cabeceiras de Basto Lamego	Braga Viseu
Vila Nova	Alfândega da Fé Alvaiazere Amarante Amares Ancião Arcos de Valdevez Arouca Baião Barcelos Braga Caldas da Rainha Castelo de Paiva Castro Daire Celorico de Basto Chaves Coimbra Elvas Esposende Fafe Feira Felgueiras Gondomar Guimarães Lamego Lousada Marco de Canaveses Mesão Frio Miranda do Corvo Monção Oliveira de Azeméis Paços de Ferreira Peso da Régua Ponte de Lima Portalegre Póvoa de Varzim Resende S. Pedro do Sul Santarém Sever do Vouga Sinfães	Bragança Leiria Porto Braga Leiria Viana do Castelo Aveiro Porto Braga Braga Leiria Aveiro Viseu Braga Vila Real Coimbra Portalegre Braga Braga Aveiro Porto Porto Braga Viseu Porto Porto Braga Vila Real Coimbra Viana do Castelo Aveiro Porto Vila Real Viana do Castelo Portalegre Porto Viseu Aveiro Santarém Aveiro Viseu

Quadro nº 7
Localização Geográfica

	Sousel Tomar Tondela Valpaços Vila Real Vila Real de S. António Vila Verde Viseu Vouzela	Portalegre Santarém Viseu Vila Real Vila Real Faro Braga Viseu Viseu
Vila Real	Vila Real	Vila Real
Vila Viçosa	Vila Viçosa	Évora
Vilela	Amarante Amares Arcos de Valdevez Barcelos Cabeceiras de Basto Coimbra Fafe Felgueiras Guimarães Lousada Paredes Penafiel Ponte de Lima Póvoa de Lanhoso Sabrosa Santo Tirso Sinfães Viana do Castelo Vieira do Minho Vila Pouca de Aguiar Vila Verde Viseu	Porto Braga Viana do Castelo Braga Braga Coimbra Braga Porto Braga Porto Porto Porto Viana do Castelo Braga Vila Real Porto Viseu Viana do Castelo Braga Vila Real Braga Viseu
Viveiros	Almeirim Boticas	Santarém Vila Real

Bibliografia

1. Fontes documentais directas e indirectas

COSTA, J. Pereira da e PEREIRA, F. Jasmins. 1985. *Livros de Contas da ilha da Madeira 1504-1537. I - Almoxarifados e Alfândegas*. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade.

COSTA, J. Pereira da e PEREIRA, F. Jasmins. 1989. *Livros de Contas da Ilha da Madeira 1504-1537. II - Registo da produção de açúcar*. Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.

COSTA, José Pereira da. 1994. *Livros de Matrícula do Cabido da Sé do Funchal 1538-1558*. Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.

COSTA, José Pereira da. 1995. *Vereações da Câmara Municipal do Funchal. Século XV*. Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.

MELO, L. F. Cardoso de Sousa. 1972-1990. *Arquivo Histórico da Madeira*, 5 vols. Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

RAU, Virgínia e MACEDO, Jorge de. 1962. "Livro dos estimos do ano de 1494", *O açúcar da Madeira nos fins do Século XV. Problemas de produção e comércio*. Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal: 47-98.

VIEIRA, Alberto. 1991. "Anexos: Escravos e libertos nos registos de baptismo. Escravos e libertos nos registos de crismas. Os escravos segundo os testamentos. Proprietários de escravos", *Os escravos no arquipélago da Madeira. Séculos XV a XVII*. Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico: 237-392.

2. Estudos históricos

ALBUQUERQUE, Luís de e VIEIRA, Alberto. 1987. *O Arquipélago da Madeira no século XV*. Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.

ALBUQUERQUE, Luís de (dir.). 1994. "Madeira, Arquipélago da", *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, vol. II. Lisboa, Caminho: 637-639.

ARAGÃO, António. 1987. *Para a História do Funchal*. Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

CARITA, Rui. 1989. *História da Madeira (1420-1566) Povoamento e produção açucareira*, vol. I. Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

CASTRO, J. Manuel de. 1975. *Descobrimento da ilha da Madeira ano 1420: Epanáfora Amorosa de Francisco Manuel de Melo*. Lisboa, Livraria Ler.

CLODE, L. Peter. 1952. *Registo Genealógico de Famílias que passaram à Madeira*. Funchal, Tipografia Comercial.

CLODE, L. Peter. 1977. *Genealogia da Família Andrada ou Andrade*. Funchal, Secretaria Regional da Educação e Cultura.

CORDEIRO, Pe. António. 1866. *História insulana das ilhas a Portugal sujeitas n o Oceano Ocidental*, vol. I. Lisboa, Typografia do Panorama.

CORREA, M. de Jácome. 1926. *História da descoberta das ilhas*. Coimbra, Imprensa da Universidade.

CRUZ, Visconde do Porto da. 1949. *Notas e comentários para a história literária da Madeira*, vol. I. Funchal, Eco do Funchal.

DIAS, Jorge. 1952. "Nótulas de etnografia madeirense: contribuição para o estudo das origens étnico-culturais da população da ilha da Madeira", *Biblos*, vol. 28: 179-201.

FERRAZ, M. L. de Freitas. 1962. "A ilha da Madeira na época quatrocentista (elementos para o seu estudo)", *Studia*, nº 9: 143-198.

FERRAZ, M. L. de Freitas. 1986. *A ilha da Madeira sob o domínio da casa senhorial do Infante D. Henrique e seus descendentes*. Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura.

FERREIRA, M. J. Pita. 1959. *O Arquipélago da Madeira, terra do Senhor Infante (de 1420 a 1460)*. Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.

FERREIRA, M. J. Pita. 1960. *O infante D. Henrique e a descoberta e povoamento do Arquipélago da Madeira*. Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.

FREITAS, E. A. Cunha. 1949. "Um tição de famílias madeirenses", *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. VII, nº 4: 219-229.

FRUTUOSO, Gaspar. 1873. *As Saudades da Terra. História das ilhas do Porto Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens* (Manuscripto do século XVI anotado por Álvaro Rodrigues de Azevedo). Funchal, Tipografia Funchalense.

FRUTUOSO, Gaspar. 1979. *Livro segundo das Saudades da Terra*. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada.

GAYO, M. J. da Costa Felgueiras. 1990-1992. *Nobiliário de famílias de Portugal*, XII vols. Braga, Carvalhos de Basto.

- GODINHO, Vitorino Magalhães. 1943. *Documentos sobre a expansão portuguesa*, vol. I. Lisboa, Editorial Gleba.
- GODINHO, Vitorino Magalhães. 1963-1971. *Os descobrimentos e a economia mundial*, vol. IV. Lisboa, Editorial Presença. 2ª edição.
- GOMES, J. L. de Brito. 1932. "Reçençamento dos foguos almas fregesias e mais igrejas que tem a ilha da Madeira, tirado pellos rois das confições, assi em geral como em particular", *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. II, nº 1: 28-35.
- GONÇALVES, Ernesto. 1992. *Portugal e a ilha: colectânea de estudos históricos e literários*. Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.
- GONÇALVES, Iria. 1988. "Amostra de antroponímia alentejana do século XV", *Imagens do mundo medieval*. Lisboa, Livros Horizonte: 69-104.
- IRIA, Alberto. 1974. *O Algarve e a ilha da Madeira no século XV (documentos inéditos)*. Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
- LEITE, Jerónimo Dias. 1947. *Descobrimento da ilha da Madeira e Discurso da vida e feitos dos Capitães da dita ilha* (tratado composto em 1579 e agora publicado com introdução e notas de João Franco Machado). Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos.
- MACHADO, João Franco. 1937. Artigos "O conhecimento dos arquipélagos atlânticos no século XIV" e "Descobrimento e colonização do Arquipélago da Madeira", *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, vol. I, livro I, parte II, cap. IV e V. Lisboa, Editora Ática: 269-290.
- MARQUES, José. 1987. "O norte de Portugal no século XV: sociedade e instituições", *Revista de Ciências Históricas*, vol. II: 161-177.
- MARQUES, J. Martins da Silva. 1988. *Descobrimientos Portugueses: documentos para a sua história*, 5 vols. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MELO, L. F. Cardoso de Sousa. 1979. "A imigração na Madeira. Paróquia da Sé. 1539-1600", *História e Sociedade*, nº6: 39-57.
- MELO, L. F. Cardoso de Sousa. 1986. "O texto Alcoforado". *Atlântico: Revista de temas culturais*, nº 5: 18-25.
- MELO, L. F. Cardoso de Sousa. 1988. "O problema da origem geográfica do povoamento". *Revista Islenha*, nº 3: 19-34.
- MIGUEL, Carlos Montenegro. 1958. "O comércio na ilha da Madeira nas centúrias de 500 e 600", *Das Artes e da História da Madeira*, nº28: 19-21.

NASCIMENTO, João Cabral do. 1937. "Italianos na Madeira", *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. V: 63.

NASCIMENTO, João Cabral do. 1949. "Nomes e apelidos", *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. VII: 230.

NORONHA, Henrique Henriques de. 1948. *Nobiliário genealógico das famílias que passarão a viver a essa ilha da Madeira depois do seu descobrimento que foi no ano de 1420*, 3 vols. São Paulo, Revista Genealógica Brasileira (escrito em 1700).

PEREIRA, Eduardo. 1989. *Ilhas de Zargo*, vol. II. Funchal, Câmara Municipal do Funchal. 4ª edição.

PEREIRA, F. Jasmins. 1990. *Documentos sobre a Madeira no século XVI, existentes no corpo cronológico, análise documental*, 2 vols. Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

PEREIRA, F. Jasmins. 1991. *Estudos sobre História da Madeira*. Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.

PINTO, Rocha e RODRIGUES, F. 1993. "Aspectos do povoamento das ilhas da Madeira e Porto Santo nos séculos XV e XVI", *Actas: III Colóquio Internacional de História da Madeira*. Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico: 403-471.

PITA, Ferreira. 1956. "Notas para a História da ilha da Madeira. Descoberta e início do povoamento", *Das Artes e da História da Madeira*, nº 22: 1-16, nº 23: 11-25, nº 24: 9-17.

PITA, Ferreira. 1957. "O caso de Machim à face dos documentos", *Das Artes e da História da Madeira*, nº 25: 1-18, nº 26: 9-23, nº 27: 17-33.

RAU, Virgínia. 1956. "Uma família de mercadores italianos em Portugal no século XV: os Lomellini", *Revista da Faculdade de Letras*, tomo XXII, II série, nº 2. Universidade de Lisboa. (Separata).

RAU, Virgínia e MACEDO, Jorge de. 1962. *O açúcar da Madeira nos fins do século XV. Problemas de produção e comércio*. Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.

RIBEIRO, Orlando. 1962. *Aspectos e problemas da expansão portuguesa*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.

RODRIGUES, Miguel Jasmins. 1988. "Madeira: colonização e estruturas de poder (do início até ao reinado de D. Manuel, antigo Duque)", *Revista Islenha*, nº3: 46-59.

- SARMENTO, Alberto Artur. 1939. *Ensaio Históricos da minha terra (ilha da Madeira)*. Funchal, Diário de Notícias.
- SERRÃO, Joel. 1975-1978. Artigo "Madeira, Arquipélago da", *Dicionário da História de Portugal*, vol. II. Lisboa, Iniciativas Editoriais: 874-880.
- SERRÃO, Joel. 1989. *Emigração Portuguesa*. Lisboa, Livros Horizonte.
- SERRÃO, Joel. 1992. *Temas Históricos Madeirenses*. Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.
- SILVA, F. Augusto da e MENESES, C. Azevedo de. 1946. "Povoamento e Colonização", *Elucidário Madeirense*, vol. III. Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal: 131-136.
- SILVA, F. Augusto da. 1957. "Começo do povoamento madeirense 1425-1450", *Das Artes e da História da Madeira*, nº 25: 29-54.
- SILVEIRA, Enzo da. 1956. *A ilha da Madeira nos destinos do Brasil e de Portugal*. Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.
- SOUSA, João José de. 1987. "Capitães Donatários do Funchal séculos XV a XIX", *Revista Islenha*, nº 1: 66-85.
- SOUSA, João Silva de. 1989. "A casa do Infante D. Henrique e o Arquipélago da Madeira (Algumas notas para o seu estudo)", *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira 1986*, vol. I. Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais: 108-127.
- VAZ, Fernando de Menezes. 1964. *Famílias da Madeira e Porto Santo*, vol. I. Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.
- VERLINDEN, Charles. 1960. "Formes féodales et domaniales de la colonisation portugaise dans la zone atlantique aux XIV et XV siècles et spécialement sous Henri le Navigateur", *Revista Portuguesa de História*, tomo IX: 1-44.
- VERLINDEN, Charles. 1993. "A Madeira e a expansão atlântica no século XV uma interpretação", *Actas: III Colóquio Internacional de História da Madeira*. Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.
- VIEIRA, Alberto. 1987. *O comércio inter-insular nos séculos XV e XVI Madeira, Açores e Canárias (Alguns elementos para o seu estudo)*. Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.
- VIEIRA, Alberto. 1988. "A Madeira na rota dos descobrimentos e expansão atlântica", *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXXIV: 571-580.

VIEIRA, Alberto e RODRIGUES, L. G. Victor. 1990. "A administração do Município do Funchal (1470-1489)", *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*. Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.

VIEIRA, Alberto. 1990. "Antroponímia madeirense. Ontem e hoje", *Diário de Notícias*, 29 de Abril. Funchal.

VIEIRA, Alberto. 1991. *Os escravos no Arquipélago da Madeira: séculos XV a XVII*. Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.

VIEIRA, Alberto. "O folclore e a investigação histórica: algumas notas soltas"; "Falares do norte" e "Colombo e a comunidade das cidades italianas na Madeira" (três estudos inéditos).

3. Estudos linguísticos

ALI, M. Said. 1964. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (3ª edição melhorada e aumentada de Lexeologia e formação de palavras e sintaxe do português histórico). São Paulo, Edições Melhoramentos.

AZEVEDO, Pedro de. 1900-1901. "Nomes de pessoas e nomes de logares", *Revista Lusitana*, vol. VI: 47.

AZEVEDO, Pedro de. 1906. "Appellidos italianos em Portugal", *Revista Lusitana*, vol. IX: 179.

BARROS, João de. 1971. *Gramática da Língua Portuguesa* (Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu). Lisboa, Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 1ª edição 1540.

BOLÉO, Manuel de Paiva. 1955. "Os nomes étnico-geográficos e as alcunhas colectivas. Seu interesse linguístico, histórico e psicológico", *Biblos*, vol. XXXI: 1-19.

BOLÉO, Manuel de Paiva. 1980-1986. "A língua portuguesa do continente, dos Açores e do Brasil (Problemas de colonização e povoamento)", *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVIII: 591-625.

BRATTO, Olof. 1958. *Filipe, Henrique e outros nomes próprios em Portugal e na Europa*. Lisboa, Instituto Ibero-Americano.

BRUDT, Kate. 1937. "Madeira, estudo linguístico-etnográfico", *Boletim de Filologia*, tomo V, fasc 1-2: 59-91.

- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. 1976-77. "A ortografia de Duarte Nunes do Lião", *Revista da Faculdade de Letras*, IV série, nº 1: 253-260.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. 1978. *Gramáticos portugueses do século XVI*. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa.
- CARVALHO, José G. Herculano de. 1984. "Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas E e O em sílaba átona", *Estudos Linguísticos*, vol. II. Coimbra, Coimbra Editora: 75-103.
- CASTRO, Ivo (ed.). 1988. *Sete ensaios sobre a obra de J. M. Piel*. Lisboa, Publicações do Instituto de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa.
- CASTRO, Ivo. 1991a. *Curso de História da Língua Portuguesa* (com a colaboração de Rita Marquilhas e J. León Acosta). Lisboa, Universidade Aberta.
- CASTRO, Ivo. 1991b. "A língua portuguesa no tempo e no espaço", *Falar melhor, escrever melhor*. Lisboa, Selecções do Reader's Digest: 53-89.
- CASTRO, Ivo. 1994-95. "A isoglossa de Tordesillas", *Revista de Filologia Romanica*, 11-12: 51-62.
- CINTRA, L. F. Lindley. 1958. "Alguns estudos de fonética com base no Atlas linguístico da Península Ibérica", *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura: 186-195.
- CINTRA, L. F. Lindley. 1959. *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.
- CINTRA, L. F. Lindley. 1963. "Observations sur l'orthographe et la langue de quelques textes non littéraires galicien-portugais de la seconde moitié du XIII siècle", *Revue de Linguistique Romane*, vol. XXVII: 59-77.
- CINTRA, L. F. Lindley. 1970. "Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses", *Boletim de Filologia*, vol. XXII: 81-116.
- CINTRA, L. F. Lindley. 1983. *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa Editora.
- CINTRA, L. F. Lindley e CUNHA, Celso. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Sá da Costa Editora.
- CINTRA, L. F. Lindley. 1990. "Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses" (texto inédito, comunicação apresentada no II Congresso de Cultura Madeirense em 1990).

- COSTA, A. Carvalho. 1982. *Antropónimos*. Braga, Bastos e Almeida.
- DIAS, A. Epiphânio da Silva. 1970. *Sintaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa, Livraria Clássica Editora. 5ª edição.
- FERREIRA, M. Barros. 1992. "Dialectologia da área galego-portuguesa", *Atlas da língua portuguesa na história e no mundo*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda: 30-38.
- FERREIRA, José de Azevedo. 1987. *Afonso X. Foro Real (Edição e estudo linguístico)*, vol. I. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- HUBER, Joseph. 1986. *Gramática do português antigo*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. 1ª edição 1933.
- KREMER, Dieter. 1992. "Spanisch: Anthroponomastik", *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. VI, 1. Tübingen, Niemeyer: 457-474.
- LEÃO, Duarte Nunes de. 1576. *Ortographia da lingua portuguesa*. Lisboa, João de Barreira.
- LEBEL, Paul. 1946. *Les Noms de Personnes*. Paris, Presses Universitaires de France.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. 1986. *História do galego-português. Estudo linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MATTOS E SILVA, R. Virgínia. 1973. "O estudo linguístico de um texto português do século XIV", *Boletim de Filologia*, tomo XXII: 263-280.
- MATTOS E SILVA, R. Virgínia. 1989. *Estruturas trecentistas; elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MATTOS E SILVA, R. Virgínia. 1991. *O português arcaico. Fonologia*. São Paulo, Editora Contexto.
- MATTOS E SILVA, R. Virgínia. 1994. *O português arcaico. Morfologia e sintaxe*. São Paulo, Editora Contexto.
- NETO, Serafim da Silva. 1957. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Dinalivro/Presença.
- NUNES, J. J. 1919. *Compêndio de gramática histórica portuguesa. Fonética e morfologia*. Lisboa, Clássica Editora.

- OLIVEIRA, Fernão de. 1975. *A gramática da linguagem portuguesa* (Introdução, leitura actualizada e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu). Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1ª edição 1536.
- PIEL, Joseph-Maria. 1965. "Sobre os apelidos portugueses do tipo patronímico e m -ici/-es (Rodrigues)", *Boletim de Filologia*, Tomo XXI: 167-175.
- PIEL, Joseph-Maria. 1975. "Vestígios da onomástica pessoal visigoda, medieval, na toponímia menor das terras de Bragança", *Biblos*, vol. LI: 529-546.
- PIEL, Joseph-Maria. 1989. *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- PRISTA, Luís. 1994. "Tentativa de cenário para $tʃ > ʃ$ ", *Variação linguística n o espaço, no tempo e na sociedade*. Lisboa, Edições Colibri: 183-226.
- SERRA, Pedro Cunha. 1965. "Estudos toponímicos (XIV-XVI)", *Boletim de Filologia*, tomo XXI: 99-116.
- SERRA, Pedro Cunha. 1967. *Contribuição topo-antroponímica para o estudo do povoamento do noroeste peninsular*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos.
- SILVA, M. P. M. Freitas. 1994. *O falar de S. Vicente: descrição do sistema vocálico*. Funchal, Câmara Municipal de São Vicente.
- TEYSSIER, Paul. 1959. *La Langue de Gil Vicente*. Paris, Librairie Klincksieck.
- TEYSSIER, Paul. 1982. *História da língua portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa Editora.
- VASCONCELLOS, J. Leite de. 1928. *Antroponímia Portuguesa. Tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a Idade-Média até hoje*. Lisboa, Imprensa Nacional.
- VASCONCELLOS, J. Leite de. 1931. *Opúsculos: Onomatologia*, vol. III. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- VASCONCELLOS, J. Leite de. 1959. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal. 3ª edição.
- VASCONCELLOS, J. Leite de. 1987. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. 3ª edição.
- VROONEN, Eugène. 1967. *Les noms des personnes dans le monde: anthroponymie universelle comparée*. Bruxelles, Librairie Encyclopédique.

WILLIAMS, Edwin. 1975. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

4. Dicionários

ANDRADE, A. Sampaio de. 1944. *Dicionário Corográfico de Portugal Contemporâneo (Continente, ilhas adjacentes e colónias)*. Porto, Livraria Figueirinhas.

DAUZAT, Albert. 1951. *Dictionnaire Etymologique des noms de famille et prénoms de France*. Paris, Librairie Larousse.

DUBOIS, Jean et al. 1993. *Dicionário de Linguística*. São Paulo, Editora Cultrix. 9ª edição.

COSTA, Américo. 1929-1949. *Diccionario chorographico de Portugal continental e insular*, XII vols. Porto e Vila do Conde, Livraria Civilização.

MACHADO, José Pedro. 1984. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, 3 vols. Lisboa, Horizonte/Confluência.

NASCENTES, Antenor. 1952. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa: Nomes Próprios*, vol. II. Rio de Janeiro, Livraria São José.

VASCONCELLOS, J. Leite de. 1902. *Diccionario Chorographico de Portugal*. Porto, Livraria Portuense. 2ª edição.

